Romanos

Exposição sobre Capítulos 3:20 a 4:25

A EXPIAÇÃO E A JUSTIFICAÇÃO

D. M. Lloyd-Jones

PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS
Caixa Postal 1287
01059-970 – São Paulo – SP

Título original:
Atonement and Justification

Editora:
The Banner of Truth Trust

Primeira edição em inglês:
1970

Copyright:
D. M. Lloyd-Jones

Tradução do inglês:
Odayr Olivetti

Revisão:
Antonio Poccinelli

Capa:
Sergio Luiz Menga
Permissão gentilmente concedida pela Banner of Truth Trust para usar a sobrecapa da edição inglesa

Primeira edição em português:
2000

Impressão:
Imprensa da Fé

ÍNDICE

Prefácio 9

1. *Lançando o Alicerce* 13
Declaração sobre o tema principal – justificação – impiedade e injustiça – a ira de Deus sobre judeus e gentios – toda boca fechada – a função da lei.

2. *O Grande Ponto Divisório – "Mas agora"* 38
O único meio de salvação – "mas agora" em nossa experiência e em nossa história – análise dos versículos 21 a 31 – o evangelho de Deus – a preparação do Velho Testamento.

3. *Mais do que Perdão* 56
O evento histórico vitalmente importante da vinda de Cristo – uma justiça positiva – não pela observância da lei, mas pela fé – adquiridos por Cristo – a necessidade universal.

4. *Somente pela Graça* 74
A centralidade da justificação – a livre graça – o preço do resgate e a escravidão do pecado – ensinado por Cristo e também por todos os apóstolos.

5. *A Propiciação* 87
A doutrina essencial da expiação – o significado de "propiciação" – traduções modernas e modernas negações disso – "ira", a tese de vital importância – livramento providenciado pela parte ofendida.

6. *O Sangue de Jesus Cristo* 105
Outra palavra essencial – ódio e incompreensão – interpretações verdadeira e falsa – a morte sacrificial – o substituto – a nova aliança.

7. *A justificação de Deus* 120
A conciliação do amor e a justiça eterna – remissão e pretermissão – indulgência anterior – o pecado visto como merecedor de punição – a cruz proclama o amor e a justiça de Deus.

8. *Excluída a Jactância* 136
A necessidade de argumentação, principalmente polêmica – a primeira dedução do evangelho – a jactância excluída – a fé não é obra – Paulo e Tiago.

9. *Abolidas as Distinções* 155
Segunda dedução – nenhuma diferença entre judeus e gentios no plano da salvação – "por" e "por meio de" – nenhum compromisso com outras religiões – o evangelho é a única base da comunhão.

10. *Estabelecida a Lei* 171
Terceira dedução – o sentido de "lei" – rejeitados conceitos errôneos – sete maneiras pelas quais o evangelho, especialmente a cruz, honra a lei; conclusão do capítulo três –razões para a moderna rejeição deste ensino.

11. *Abraão Justificado pela Fé* 188
Objeção concernente ao caso de Abraão – uma única aliança da graça em todas as eras – Abraão não podia jactar-se – exposição de Gênesis 15:16 – o significado de "fé" e "imputação".

12. *Justificando o Ímpio* 204
Graça e débito – justificando o ímpio – o manto da justiça – a experiência de Davi como se vê no Salmo 32 – a salvação inteiramente nas mãos de Deus – a prova definitiva.

13. *Somente a Fé* 218
Mais duas objeções respondidas – a fé e a circuncisão – o selo da justificação – a fé e a lei – a lei e a promessa – "a semente".

14. *Salvação Garantida pela Graça Onipotente* 239
A natureza da lei é contrária à promessa – a graça e a fé entrosam bem – salvação para toda a "semente", quer judeus quer gentios – salvação certa e segura porque é pela graça de Deus.

15. *A Natureza da Fé* 247
Uma ilustração da fé – os elementos da verdadeira fé, em toda e qualquer aplicação – Abraão e suas realizações pela fé – fortalecido pela fé.

16. *A Fé Glorificando a Deus* 261
A fé glorifica a Deus em Seu ser e em Seus atributos – a fé fraca e a fé genuína – diferença entre conhecimento e prática – distinção entre fé e temeridade – o meio de tornar-se forte na fé.

17. *Ressuscitado para a Nossa Justificação* 280
A fé que caracterizava Abraão aplicada a nós – fé centralizada em Deus – a significação da ressurreição de Cristo – como a ressurreição justifica – aplicação prática da comparação com Abraão.

PREFÁCIO

Este é o primeiro volume do que esperamos venha a ser uma série de volumes de sermões sobre a mais grandiosa das Epístolas paulinas. São sermões pregados regularmente, semana após semana, na Capela de Westminster, Londres, nas sextas-feiras à noite. Essas reuniões semanais eram realizadas anualmente, do começo de outubro ao fim de maio, com breves interrupções no Natal e na Páscoa. A série sobre Romanos, começando no capítulo primeiro, foi desde outubro de 1955 até março de 1968, quando tínhamos chegado ao capítulo 14, versículo 17.

Há algumas questões às quais eu gostaria de chamar a atenção e que desejo explicar.

Esta série de volumes começa no versículo 20 do capítulo três, e alguns poderiam perguntar: por que começar aí e não no capítulo primeiro? A resposta é que estou ansioso por ir logo ao que se pode chamar o "âmago" da Epístola. Isso não significa que eu considere o restante como sem importância e que não possa publicar as minhas exposições dos capítulos 1:1 a 3:20 posteriormente. Na verdade, tentei mostrar no capítulo primeiro deste livro que a parte inicial da Epístola aos Romanos é essencial para o entendimento da doutrina da justificação pela fé. Mas há um sentido em que as questões cruciais – e também as dificuldades – surgem no ponto em que começa este volume. Por isso resumi o argumento dos dois primeiros capítulos e meio no início deste volume, a fim de podermos ir diretamente à consideração das grandes doutrinas da justificação pela fé e da expiação.

Os sermões que constam neste volume, à parte do primeiro, foram pregados durante as noites de sexta-feira do período de fevereiro a outubro de 1957.

Isso me leva a dizer algo sobre a forma. Estes sermões são expositivos e, a não ser ligeiras correções, foram pregados como estão impressos aqui. Não são palestras, nem um comentário de versículos ou passagens feito às pressas. São exposições que tomaram a forma de sermões.

Sempre foi minha opinião que é assim que se deve manejar as Escrituras. Os comentários são de grande valor para se chegar a um acurado entendimento do texto. Todavia, no melhor dos casos, só têm valor como andaimes na construção de um edifício. Além disso, é importante que entendamos que uma Epístola como a de Romanos é apenas um sumário do que o apóstolo pregava. Ele explica isso no capítulo primeiro, versículos 11 a 15. Ele escreveu a Epístola porque não pôde visitar os cristãos de Roma. Se tivesse estado com eles, não lhes teria dado meramente o que ele diz nesta carta, pois esta não é mais que uma sinopse. Ter-lhes-ia pregado uma interminável série de sermões, como fez diariamente na escola de Tirano (Atos 19:9), e provavelmente por vezes iria até à meia-noite (Atos 20:7). O dever do pregador e mestre é abrir e expandir o que o apóstolo nos dá aqui na forma de um sumário.

Não somente isso; sempre devemos lembrar-nos de que, embora primariamente a verdade de Deus vise à mente, visa também apreender e influenciar toda a personalidade. Sempre se deve aplicar a verdade, e manusear uma porção das Escrituras como se pode manusear uma peça de Shakespeare, de maneira puramente intelectual e analítica, é abusar dela. Muitas vezes as pessoas se queixam de que os comentários são "áridos como o pó". Certamente haverá algo gravemente errôneo, se for esse o caso. Nenhuma exposição do "glorioso evangelho do Deus bendito" jamais deveria causar tal impressão. Minha opinião é que temos tido comentários e

estudos das Escrituras por demais breves. A maior necessidade atual é de retornarmos à pregação expositiva. Foi isso que aconteceu nos tempos da Reforma, do Avivamento Puritano e do Despertamento Evangélico do Século 18. Somente quando voltarmos a isso é que seremos capazes de mostrar ao povo a grandeza, a glória e a majestade das Escrituras e da sua mensagem.

Isso envolve muita repetição, é claro. O próprio apóstolo, como acentuei em muitos destes sermões, fazia freqüentes repetições; de fato ele se deleitava em fazê-las. Ele se comovia tanto com os diversos aspectos da verdade que os expunha vez após vez. Segue-se, pois, que falta alguma coisa à condição do cristão que diz: "Ah, sim, eu sei isso, já passei por essa parte", e que impacientemente quer passar a algo novo. Essa era a mentalidade dos atenienses (Atos 17:21), e, infelizmente, há muito dessa atitude hoje em dia.

Procurei seguir o método e o modo do apóstolo, e nada me dava maior alegria e alento quando pregava estes sermões do que o fato de que de 1000 a 1200 pessoas vinham regularmente ouvi-los, emboracada um deles durasse cerca de quarenta e cinco minutos.

Minha esperança é que este volume e os que se lhe seguirão, querendo Deus, não somente ajudem os cristãos a entenderem mais claramente as grandes e centrais doutrinas da nossa fé, mas também que os encham de uma alegria "indizível e cheia de glória" e os levem a uma condição na qual se sintam "Arrebatado pelo encantamento, pelo amor e pelo louvor".

O fato destes sermões poderem ser impressos agora deve-se principalmente ao incansável e sacrificial labor da Sra. E. Burney, que através dos anos transcreveu das gravações o que eu pregara extemporaneamente, fazendo uso de anotações. Sirvo-me desta oportunidade para agradecer-lhe.

O Sr. S. M. Houghton poupou-me infindáveis dissabores ajudando-me com o preparo dos originais para a publicação.

O meu trabalho pessoal nos originais datilografados foi feito mormente em Cincinnati, Ohio, E.U.A., durante o verão de 1969, quando eu e minha esposa desfrutávamos o companheirismo e a mais generosa hospitalidade do Sr. e da Sra. M. Kinney, amplamente conhecidos em toda parte nos Estados Unidos por seu zelo na obra de Deus. Como sempre, a maior ajuda e o melhor incentivo vieram da "minha melhor crítica".

Julho de 1970 D. M. Lloyd-Jones

1

LANÇANDO O ALICERCE

"Ora, nós sabemos que tudo o que a lei diz, aos que estão debaixo da lei o diz, para que toda boca esteja fechada e todo o mundo seja condenável diante de Deus. Por isso nenhuma carne será justificada diante dele pelas obras da lei, porque pela lei vem o conhecimento do pecado." – Romanos 3:19-20

Nenhum livro ou passagem das Escrituras desempenhou papel mais importante na história da Igreja e de alguns dos seus líderes mais notáveis do que a Epístola de Paulo aos Romanos. Foi pela leitura de alguns versículos do fim do capítulo treze dessa Epístola que o grande Agostinho foi convertido. Seu vulto majestoso sobressai na história da Igreja do século quinto em diante. Foi graças à iluminação que recebeu quanto ao real sentido do versículo dezessete do capítulo primeiro, com o seu ensino sobre a justificação somente pela fé, que Martinho Lutero foi liberto da sua escravidão e veio a ser o líder da Reforma Protestante. A mesma doutrina, exposta por Lutero, levou à conversão de João Bunyan, o "Imortal Funileiro de Bedford", e assim nos deu os livros *O Peregrino* e *Graça Abundante* (*The Pilgrim's Progress* e *Grace Abounding*). Foi quando ouviu um homem ler o prefácio do comentário de Romanos, de autoria de Lutero, que o coração de João Wesley foi "estranhamente aquecido" na noite de 24 de maio de 1738. Testemunho igual tem sido dado por incontáveis outros cristãos conhecidos. Por certo não há

necessidade de apresentar mais motivos para um estudo bem cuidadoso do conteúdo dessa Epístola.

Qual é o tema da *Epístola aos Romanos*? O apóstolo o diz claramente nos versículos 16 e 17 do capítulo primeiro. São as boas novas do plano divino de salvação no Senhor Jesus Cristo. Esse é, naturalmente, o grande tema da Bíblia inteira, mas em nenhum outro lugar ele é exposto com maior clareza, nem discutido de maneira mais magistral, do que nesta Epístola. Nela temos o mais extenso tratamento, em toda a gama de passagens das Escrituras, da crucial e vitalmente importante doutrina da "justificação pela fé". Esse é o tema que veremos o apóstolo desenvolver em detalhe na parte que vai do capítulo 3, versículo 19, ao capítulo 5, versículo 11.

Qual é o ensino? Que significa justificação pela fé? À medida que prosseguirmos em nossa minuciosa exposição, a resposta se tornará progressivamente mais clara; mas devemos começar com uma breve definição. Esta é a doutrina que nos diz que Deus providenciou um meio pelo qual os homens e as mulheres podem ser salvos e reconciliados com Ele. É tudo graças à Sua ação. Diz-nos ela que Deus, com base no que Ele realizou mediante Seu Filho, nosso bendito Senhor e Salvador, gratuitamente perdoa todos os que crêem no evangelho e os absolve de todo o seu pecado. Mas a doutrina não pára aí; eles são, ademais, "revestidos da justiça de Jesus Cristo" e declarados justos e retos perante Deus. Não só apresenta aspecto negativo; há também este aspecto positivo. Somos revestidos da justiça de Cristo, a qual nos é "imputada", é "posta em nossa conta", e assim ficamos na posição de aceitos diante de Deus. Nos termos de Romanos 5:19, somos "feitos" (VA: "constituídos") pessoas justas na presença deste Deus santo e justo.

Pois bem, essa é a essência da doutrina da justificação pela fé; e, tendo-a definido, permitam-me mostrar-lhes que ela se deriva unicamente das Escrituras. Portanto, quem não concorda com esta doutrina, com este ensino, não está concordando com as Escrituras. Não é uma teoria ou uma idéia de homens, não

se assemelha a nenhuma filosofia humana; é algo que os homens "encontraram" nas Escrituras. Isso é importante pela seguinte razão: há doutrinas ensinadas por segmentos da Igreja Cristã – concedemos-lhes o nome por enquanto – que não podem ser encontradas nas Escrituras. Dizem que as derivaram da tradição, de revelações posteriores que lhes foram feitas; mas a nossa posição como protestantes é que submetemos todo ensino e toda doutrina à prova da Palavra. É por isso que é essencial que procedamos assim agora.

Mas, como é natural, isso levanta imediatamente outro ponto. Se você não gosta da doutrina da justificação somente pela fé e dela discorda, você não está discordando meramente do ensino da Igreja, está discordando das próprias Escrituras. Essa é a situação de todos os que rejeitam esta doutrina. Há muitos que a rejeitam; isso porque, em vez de se deixarem guiar pelas Escrituras e de se submeterem a elas, são governados pelo ensino da filosofia, isto é, pelo pensamento e pelas idéias dos homens. Essa é a situação da imensa maioria na atualidade, até, infelizmente, dentro do que se chama Igreja Cristã. Sua sanção suprema não vem das Escrituras, vem da filosofia, das idéias que os homens fazem de Deus e da verdade, e não daquilo que foi revelado.

Deixem-me tratar também doutra objeção preliminar. Há os que têm rejeitado esta doutrina alegando que só é doutrina de Paulo, o fariseu típico. Portanto, dizem eles, é ensino tipicamente rabínico. Não se ouve tanto essa objeção hoje em dia, como se ouvia no período inicial deste século, quando a idéia popular consistia em contrastar o ensino do "Jesus da história" com o ensino e a teologia do apóstolo Paulo. Mas há muitos que inconscientemente ainda subscrevem esse ponto de vista. Eles crêem, é o que declaram, no simples "evangelho de Jesus", no evangelho do amor, e acham que foi uma grande calamidade que esse judeu legalista, Paulo – esse homem cuja mente é obviamente legalista –surgiu e inseriu as suas idéias e opiniões nesse evangelho prazerosamente simples. Dizem eles

que Paulo modificou a essência da mensagem cristã e a transformou numa coisa diferente.

A resposta singela a tudo isso é que esta mensagem concernente à justificação se acha do começo ao fim das Escrituras. O próprio apóstolo deixa isso perfeitamente claro neste mesmo capítulo três, onde, no versículo 21, ele diz: "Mas agora se manifestou sem a lei a justiça de Deus, tendo o testemunho da lei e dos profetas". Noutras palavras, ele afirma que isto era algo que tinha sido obscuramente apresentado, algo que poderia ser encontrado em insinuação e em embrião em todo o Velho Testamento. Ela é de fato a mensagem coesa da Bíblia toda, e os que estão familiarizados com o Velho Testamento concordarão com Agostinho, quando ele disse que "O Novo Testamento está oculto no Velho Testamento, e o Velho Testamento está explícito no Novo", ou "O Novo Testamento está latente no Velho Testamento, e o Velho Testamento está patente no Novo". Essa é simples matéria de fato.

Vê-se o mesmo ponto no ensino pessoal do nosso Senhor. Por que Ele tinha vindo ao mundo? Eis a Sua resposta: "O Filho do homem veio buscar e salvar o que se havia perdido" (Lucas 19:10). Foi por isso que Ele veio. Seu ensino na parábola do fariseu e do publicano que foram orar no templo (Lucas 18:9-14) trata deste mesmo assunto, como tantas de Suas parábolas e tão grande parte do Seu ensino. Mas é especialmente claro quando Ele passa a falar da Sua morte: "Bem como o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e para dar a sua vida em resgate de muitos" (Mateus 20:28).

Portanto, a idéia de que esta doutrina é uma coisa peculiar a este judeu rabínico, legalista, o apóstolo Paulo, não passa de fantasia ociosa; não resiste à prova dos fatos. Vocês encontram também o mesmo ensino na Epístola aos Hebreus, e a encontram igualmente na Primeira Epístola de João, como ainda, de fato, no Evangelho Segundo João em muitos textos, e no livro do Apocalipse. É mensagem comum à Bíblia toda.

Conquanto, pelas razões já explicadas no Prefácio, não vamos considerar em detalhe agora a grande declaração que começa no capítulo primeiro, versículo 16, e termina no capítulo 3, versículo 20, é essencial que captemos e entendamos o seu argumento. Nele o apóstolo nos está preparando para o "Mas agora" do versículo 21 e para as coisas gloriosas que se lhe seguem.

Eis aqui, então, o sumário do argumento do apóstolo. Ele começa fazendo uma ousada e sonora asseveração: "Não me envergonho do evangelho de Cristo". Com isso ele quer dizer, naturalmente, que se ufana muito do evangelho. Ele faz uso de litotes, a figura de linguagem na qual, para dar ênfase ao que se diz, fala-se negativamente. É um bom modo de assinalar uma ênfase. É particularmente um modo inglês de fazê-lo. "Não me envergonho do evangelho de Cristo." O que ele quer dizer é: "Glorio-me nele", "Exulto nele", "Vibro de entusiasmo toda vez que penso nele". Ele está pronto a ir para Roma para pregar ao imperador ou aos escravos – a quem quer que seja. "Eu sou devedor, tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes" (1:14). Por que ele se sente assim? Porque o evangelho "é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê; primeiro do judeu, e também do grego. Porque nele se descobre a justiça de Deus de fé em fé, como está escrito: mas o justo viverá da fé".

Esse é o tema de toda esta Epístola, mas é especialmente o tema desta parte que expõe extensamente a doutrina da justificação somente pela fé. Ele se ufana do evangelho. Por quê? Porque "é o poder de Deus"; isso é indubitável; ele não pode falhar. Não é do homem, é de Deus.

Sempre me interessei pela técnica do apóstolo. Seu método de abordagem me fascina. A construção das suas Epístolas é invariavelmente fascinante. Nunca leio estas Epístolas sem pensar numa composição musical, numa grande sinfonia por exemplo. Geralmente há uma introdução, uma abertura, um

prelúdio, em que os "leitmotifs"* são lançados à maneira de sugestão. Então o compositor os toma um a um, desenvolve o primeiro, depois desenvolve o segundo, e o seguinte, e assim por diante; depois de os desenvolver todos, junta-os num vigoroso clímax e conclusão.

Pois é o que Paulo faz aqui. Nestes dois versículos ele lança a insinuação da sua idéia dizendo-nos por que se jacta tanto do evangelho e por que está disposto a ir pregar em Roma. É porque o evangelho é o poder de Deus. O apóstolo não é um filósofo desejoso de ir a Roma para propor mais uma teoria, ou outro projeto de uma utopia. Sua mensagem não vem do homem, vem de Deus. E é para todos, é abrangente – "...para salvação de todo aquele que crê; primeiro do judeu, e também do grego" (1:17). Mas, ainda mais, é porque este, e unicamente este, é o meio de salvação, o único, seguro e infalível meio de salvação.

Todavia isso logo impele Paulo a encarar esta questão: por que tal coisa é necessária, afinal? Essa é a pergunta que em decorrência se faz. E ele dá a resposta no versículo dezoito: "Porque do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda a impiedade e injustiça dos homens, que detêm a verdade em injustiça".

Aí temos o tema que ele vai desenvolver daquele ponto em diante, até o versículo vinte do capítulo três. Há um duplo problema relacionado com a salvação dos homens, diz ele, e é porque este evangelho, e unicamente ele, é a resposta a esse duplo problema, que ele se jacta tanto dele e se comove tanto com ele. A primeira parte diz: "a ira de Deus ... sobre toda a impiedade e injustiça dos homens". A segunda é a real e concreta condição ímpia e injusta do homem.

---

* No singular, tema central, motivo dominante numa composição, tema característico que se repete no transcurso da composição musical. Palavra de origem alemã (*leitmotiv*, plural: *leitmotive*). Nota do tradutor.

Quero ressaltar a ordem em que o apóstolo coloca estas duas coisas, pois não somente esta ordem não é observada hoje em dia, mas também ela está sendo violada, e isso deliberadamente. Notem que o apóstolo coloca "impiedade" primeiro e que, em seu pensamento, a "injustiça" somente vem em seguida à impiedade. Para ele o grande fator, o fator importante, é a "impiedade".

Isso é particularmente importante hoje, pois na Igreja, e obviamente no mundo, a abordagem moderna consiste em dizer que o real problema é o da injustiça, e somente dela. Não se menciona a impiedade. O grande problema, dizem-nos, é o problema do homem, e, particularmente, o problema do homem em sociedade. O que nos é dito é que a grande necessidade hoje é a de reconciliar os homens uns com os outros, e que fazer isso é a tarefa da Igreja. O mundo está cortado e dividido sobre questões raciais, questões de cor, questões políticas; é um mundo marcado por várias espécies de cortinas – de ferro, de bambu e outras – e a grande necessidade, dizem-nos, é reconciliar os homens uns com os outros. Essa, dizem, é a grande tarefa da Igreja. É aí que eles começam, e é aí que eles terminam. Alguém resumiu isso dizendo que a grande necessidade do homem é encontrar "um próximo bondoso", que essa á a tarefa que se nos antepõe. E, em acréscimo, e com essa finalidade, é-nos dito que o que precisamos é ser curados das nossas doenças e enfermidades. O pecado é considerado como doença, como moléstia, da qual precisamos ser curados. Mas, vocês podem notar, o tempo todo isso é em termos do homem e das relações entre os homens. Não se menciona o que o apóstolo coloca em primeiro lugar – a impiedade, o homem em sua relação com Deus.

Essa é a essência da referida atitude moderna. Deparei-me com um notável exemplo disso há um ano ou dois. Estava em andamento uma conferência religiosa na cidade de Glasgow, na Escócia; e, como os seus promotores costumam fazer por alguma razão extraordinária quando realizam uma conferência

religiosa, convidaram o Presidente da Câmara da cidade para comparecer à reunião inaugural. Sempre importa ter presentes esses altos dignitários cívicos, quer sejam cristãos quer não! Assim, pediram a este homem, Presidente da Câmara de Glasgow, que falasse à conferência e, durante o discurso, ele fez uma declaração típica: Disse ele: "Pois bem, todos os senhores são doutos teólogos; eu não. Sou apenas um homem simples e franco. Sou homem de negócios e não entendo de teologia e destas coisas todas. De fato, não me interesso por sua teologia, e creio que os senhores estão perdendo muito tempo com teologia". E ele continuou: "O que eu quero saber é isto: como posso amar o meu próximo? É o que eu quero saber dos senhores. Não estamos interessados em sua grande teologia. Eu quero saber, e o homem comum o quer também, como posso amar o meu próximo?". Com isso ele revelou sua total ignorância da doutrina da salvação completa, ensinada pessoalmente pelo nosso Senhor e pelo apóstolo, como exposto no texto que estamos estudando. A primeira necessidade do homem é a necessidade de conhecer a Deus, de encontrar, como disse Lutero, "um Deus gracioso", não um próximo gracioso.

Essa é a necessidade principal. A "impiedade" vem antes da "injustiça", pois a injustica é apenas uma conseqüencia da impiedade. A incompreensão disso é a grande tragédia do mundo moderno. O mundo está medicando os sintomas e esquecendo a doença. Está tratando das manifestações particulares do problema, em vez de tratar da raiz do problema. É por isso que o mundo desperdiça tanto tempo e tanta energia. Com todas as suas atividades políticas, sociais e educacionais, não está encarando o problema real e essencial. Como o nosso Senhor respondeu quando um escriba Lhe perguntou qual era o primeiro de todos os mandamentos: "Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças: este é o primeiro mandamento". "E o segundo" (que o Presidente da Câmara de Glasgow pôs em primeiro lugar) é: "Amarás o teu próximo

como a ti mesmo" (Marcos 12:28-31). Mas ninguém jamais "amará o seu próximo como a si mesmo" enquanto não amar primeiramente a Deus. O homem não conhece a verdade acerca de si próprio. Você não poderá amar o seu próximo como a si mesmo, se não souber a verdade acerca de si próprio. Portanto, por todas as razões, o fato de o mundo negligenciar completamente "a impiedade" redunda numa falácia total e completa.

Devemos começar onde o apóstolo começa. Qual o grande problema? É o da "ira de Deus". Esse é o ponto de partida. Não há como afirmar isso vezes demais. A evangelização não começa nem mesmo com o Senhor Jesus Cristo; começa com Deus. Não há sentido numa evangelização que não inclua Deus, e a ira de Deus. Em nenhuma outra coisa há sentido, há razão de ser. Não devemos convidar as pessoas para "virem a Jesus" como amigo, ou como alguém que cura o corpo, ou que dá algum consolo, etc. Não; Ele é "o Salvador". Ele "veio buscar e salvar o que se havia perdido". Mas por que precisamos da salvação? A resposta é: por causa da "ira de Deus sobre toda a impiedade e injustiça dos homens", e nos diz o apóstolo que isso já tinha sido revelado. É à luz desse fato revelado que ele se regozija nesse evangelho no qual ele veio a crer e que agora tem o privilégio de proclamar.

Mas esta é a doutrina que causa completo aborrecimento ao homem moderno. Ele tem franca aversão por toda e qualquer noção da ira de Deus. Na verdade, ele tem aversão por toda e qualquer noção de retidão e justiça. Não gosta de disciplina, não gosta da lei, e é por isso que o nosso mundo está como está. Esta é, torno a dizer, a tragédia do homem moderno. Ele se afastou destes princípios básicos e, portanto, está confuso; ele se opõe à única coisa que pode endireitá-lo.

Ele se opõe à idéia de justiça, de retidão e de retribuição; e depois fica surpreso ao ver que há falta de respeito às normas em seu próprio lar, nos colégios, nas faculdades, nas universidades, nas ruas e nas diferentes camadas da sociedade. Isso se deve inteiramente ao fato de que ele abandonou toda a

noção do que seja a lei, e de que ele a odeia e a detesta. Mas o que nos compete é pregar isso; e é parte essencial da nossa mensagem.

Naturalmente, com "ira de Deus" não queremos dizer capricho ou uma emoção descontrolada, ou ira arbitrária, e perda do domínio próprio. O que significa é a completa ojeriza de Deus pelo pecado e pelo mal.

Essa verdade é revelada em toda parte nas Escrituras. Qual é o significado dos Dez Mandamentos senão esse? Eles constituem uma revelação do santo caráter de Deus. Deus diz a Seu povo: "Sede santos, porque eu sou santo". O motivo pelo qual devemos ser santos não é que o pecado nos causa dano, ou que o pecado é mau em si e por si; é porque ele ofende a Deus, é uma ofensa a Deus; e porque Deus o odeia. Deus não pode senão odiar o pecado. Deus não seria Deus, se não odiasse o pecado. "Tu és tão puro de olhos", diz Habacuque a Deus, "que não podes ver o mal" (1:13). "Deus é luz, e não há nele trevas nenhumas." Deus é santo, e santos são todos os atributos de Deus.

Não seria esse precisamente o ponto em que a Igreja se tem desviado – às vezes até o segmento evangélico da Igreja? Esquecem-se de Deus. Essa é a tragédia da situação. Oram a "Jesus"; começam com "Jesus"; concluem com "Jesus". Nunca mencionam Deus o Pai, o santo Deus com quem lidamos, Deus em Sua perfeita justiça e absoluta santidade, o Deus que se revelou e revelou o Seu caráter aos filhos de Israel. Essa é a grande mensagem que percorre todo o Velho Testamento.

Vocês poderão ver a mesma ênfase no ensino pessoal do nosso bendito Senhor. Ele ensinou os homens a orar. Estes Lhe pediram: "Senhor, ensina-nos a orar como também João (Batista) ensinou aos seus discípulos". Muito bem, disse Ele, vou ensinar-lhes. Quando vocês orarem, digam: "Pai nosso". E então, para não suceder que alguém se referisse a Deus chamando-lhe "Paizinho" ou "Paizinho Querido", Jesus disse: "Pai nosso, que estás nos céus". Ele é completamente diferente

de todos os outros pais que a humanidade jamais conheceu: "que estás nos céus". A vulgar familiaridade com Deus que parece estar se insinuando sorrateiramente é estranha ao ensino do nosso Senhor. Deus é totalmente Outro. Devemos dirigir-nos a Ele dizendo: "Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome". Foi assim que Ele ensinou os homens a orar. E quando Ele mesmo se entregava à oração – Ele, o Filho eterno de Deus – eis como se dirigia a Deus: "Pai santo". É esse, pois, o ensino do Senhor Jesus Cristo, que é o amor de Deus encarnado, a expressão por excelência do amor de Deus. Era desse modo que Ele se dirigia a Deus.

Pois bem, esta é toda a argumentação do apóstolo. Ele se ufana do evangelho por ele pregado porque o evangelho, e somente ele, pode lidar com a questão da ira de Deus contra "toda a impiedade e injustiça dos homens". Se não pudesse fazer isso, não seria o evangelho, e deixaria de haver uma mensagem de boas novas. Esse é o seu objetivo, o seu propósito principal; não é, primariamente, fazer-nos algo de forma subjetiva, mas colocar-nos na correta relação com Deus.

Paulo prossegue e diz que "do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda a impiedade e injustiça dos homens". Onde ela se manifestou, ou se revelou (VA)? No Velho Testamento. O Velho Testamento está repleto desta revelação. A ira de Deus foi revelada no Jardim do Éden. Eis aí o homem, criado perfeito, recebendo uma auxiliadora à altura dele e igualmente perfeita; e aí estão eles, desfrutando uma vida de comunhão com Deus. O homem é o apogeu, o ponto culminante da perfeita obra de criação realizada por Deus, e Ele coloca o homem e a mulher no Paraíso. Mas eles Lhe desobedeceram, rebelaram-se contra Ele e deram ouvidos ao tentador. Veio então Deus e lhes falou em Sua ira contra o pecado, e os expulsou do Jardim do Éden e lhes falou das conseqüências que iriam sofrer.

Essa é a mais espantosa demonstração da ira de Deus de que se tem conhecimento. Começou lá, e de lá foi adiante.

Leiam o Velho Testamento; vejam aqueles homens que parecem "favoritos" de Deus, por assim dizer, e observem como, quando eles pecavam, Deus os punia. Vejam um homem como Moisés. Que homem magnífico Deus fez de Moisés! Todavia, por causa da desobediência de Moisés, nunca lhe foi permitido entrar na terra da promessa. Essa é uma manifestação da ira de Deus.

A ira de Deus foi "revelada". Ele disse que "A alma que pecar, essa morrerá". Ele deixou isso perfeitamente claro e explícito. Estamos sem absolutamente nenhuma desculpa. A ignorância não desculpa ninguém. Deus disse que, se alguém pecar, sofrerá as conseqüências, e terá que ser punido.

Precisamos ter isto bem claro, e especialmente na hora presente, porque um erudito da qualidade do Professor C. H. Dodd, em seu Comentário da Epístola aos Romanos, o nega totalmente. Ele não crê na ira de Deus contra o pecado. Ele ensina que o que isto significa realmente é que o pecado sempre traz consigo a sua própria punição. Se você puser o dedo no fogo, você sofrerá dor, você se queimará. Dodd não acredita que Deus, em acréscimo às conseqüências imediatas, faça aplicação de castigo numa "ira vindoura". Mas o que Deus diz é que fará isso, e, nalguns casos, já o fez. A ira de Deus é isso, e ela se manifestou.

Mas depois, nesta parte da sua Epístola, o apóstolo oferece-nos uma exposição particular do modo pelo qual a ira de Deus foi revelada. Inicia-se no versículo 24 do capítulo primeiro: "Pelo que também Deus os entregou às concupiscências de seus corações, à imundícia, para desonrarem seus corpos entre si; pois mudaram a verdade de Deus em mentira, e honraram e serviram mais a criatura do que o Criador, que é bendito eternamente. Amém. Pelo que Deus os abandonou às paixões infames. Porque até as suas mulheres mudaram o uso natural, no contrário à natureza. E, semelhantemente, também os varões, deixando o uso natural da mulher, se inflamaram em sua sensualidade uns para com os outros, varão com varão,

cometendo torpeza e recebendo em si mesmos a recompensa que convinha ao seu erro. E, como eles não se importaram de ter conhecimento de Deus, assim Deus os entregou a um sentimento perverso, para fazerem coisas que não convêm". E então vem aquela terrível lista de pecados que eles estavam cometendo. Mas devemos ter o cuidado de observar o que exatamente o apóstolo está dizendo. "Isso", diz ele, "é uma manifestação, uma revelação, da ira de Deus contra toda a impiedade e injustiça dos homens."

Seria isso só história antiga? Não, é história moderna também. Temos aí a única explicação do mundo moderno. Vocês já tinham percebido isso? Muitas vezes as pessoas nos perguntam, na qualidade de cristãos que somos: "Como vocês explicam o século vinte, com as suas duas terríveis guerras mundiais? Que dizer da imoralidade, da libertinagem e da amoralidade que são tão ostensivas hoje? Que dizer das perversões sexuais e dos horrores que estão sendo praticados?" A explicação deste século vinte e da vida atual é que isso não passa de outro caso em que Deus entrega a humanidade a uma mente reprovada. É como Deus age, e o apóstolo afirma que isso vinha acontecendo na história, tinha acontecido antes da sua época. Procurem ter uma visão real da história, diz ele, e é isso que vocês encontrarão. Quando as pessoas se recusam a ouvir a Deus, rejeitam Suas leis e dizem que podem gerenciar suas vidas sem Ele, primeiro Deus lhes dirige o Seu apelo. Deus lhes envia Seus mensageiros para tentar refreá-los; mas, se persistirem em seus maus caminhos e em sua rebelião, chegará o dia, diz o apóstolo, em que Ele simplesmente os abandonará. Ele "os deixará entregues a si mesmos", por assim dizer. "Muito bem", Ele diz, com efeito, "se vocês dizem que podem viver sem Mim, vivam, e vejam o que conseguirão com isso."

É isso que está acontecendo hoje em dia. A explicação das condições morais do mundo é simplesmente esta: por cem anos, e mais, a humanidade, com a sua inteligência e a sua

sofisticação, tem dado as costas a Deus, tem sido culpada de "impiedade". Mesmo os que dizem que crêem em Deus não crêem no Deus das Escrituras, que Se revelou. Eles engendraram um deus por seu engenho e arte, um deus que se ajusta às suas idéias minúsculas. São primariamente culpados de impiedade, a qual foi seguida pela injustiça. Deus os abandonou, deixando-os entregues a isso. Essa é a única explicação do estado em que o mundo se encontra hoje. Esta é uma manifestação da ira de Deus. Ele retirou as Suas forças restringentes; Ele os entregou a si mesmos.

O ensino bíblico é que, quando o homem caiu em pecado, Deus impôs certos limites ao pecado, Ele o restringiu. Se Deus não tivesse restringido o pecado por meio dos governos e de outras instituições, o mundo teria se deteriorado e teria sido reduzido a nada há muito tempo. Todavia Deus impôs restrições ao pecado e o mantém dentro de limites. Mas, periodicamente, diz Paulo, para manifestar a Sua ira contra o estado geral de coisas, para manifestar o Seu ódio e a Sua aversão a isso tudo, Ele retira as restrições por Ele impostas e o homem é abandonado, sendo deixado entregue às suas próprias artimanhas. Assim temos o homem sem Deus, e podemos ver o resultado.

Pois bem, essa é a maneira pela qual o apóstolo introduz esta doutrina da justificação somente pela fé. Deus entrega o homem a este "sentimento perverso, a esta "mente reprovada" (VA), para que bata com a cabeça na parede, por assim dizer, e ele seja ferido, e perceba a sua loucura e se humilhe. Esse é o grande argumento de Paulo. É isso que podemos dizer da condição do homem.

Já salientei, e torno a fazê-lo, a ordem destas duas coisas – a "impiedade" antes da "injustiça". Jamais nos esqueçamos disso. Como diz o Breve Catecismo, respondendo à sua primeira pergunta, "Qual é o fim principal do homem?" "O fim principal do homem é glorificar a Deus e gozá-lO para sempre".

Então, o homem deu as costas a Deus; como o apóstolo diz aqui, o homem prefere a criatura ao Criador. Coloca o homem antes de Deus. É isso que os homens estão fazendo agora. Eles estão cultuando a ciência e a tecnologia, a criação realizada pelo homem, criatura que é, "mais a criatura do que o Criador, que é bendito eternamente". Por isso foram entregues a uma mente reprovada. Estas coisas são apenas sintomas daquela doença original que continua existindo.

A seguir Paulo desenvolve o tema em detalhe. Ele nos fala sobre os gentios e o seu fracasso, e sobre as deploráveis profundezas em que eles tinham se afundado. E a condenação suprema desses gentios é exposta claramente. Certamente nem todos eles eram culpados de todos aqueles pecados; havia bons homens entre eles. Alguns filósofos gregos estavam tentando melhorar as coisas, elevar a humanidade com o seu ensino. Assim, alguém poderia perguntar: "Acaso a ira de Deus é contra isso?". A resposta é que a ira de Deus é contra isso, a não ser quando o objetivo do ensino é fazer o homem retroceder à posição de submissão e obediência a Deus.

Noutras palavras, como Paulo se expressa no versículo quatro do capítulo dois, "Desprezas tu as riquezas da sua benignidade, ignorando que a benignidade de Deus te leva ao arrependimento?" Portanto, não importa quão elevado moralmente um homem seja, ou quão idealista, ou quão filantrópico; se ele não se arrependeu no sentido de se voltar para Deus e reconhecer a sua rebelião, o seu pecado e a sua loucura, tudo aquilo é inútil, não tem valor. Ele está insultando a bondade e a benignidade de Deus, buscando os seus próprios fins em vez de permitir que elas o conduzam a ver a bondade de Deus. Não devemos demorar-nos nestes argumentos minuciosos, mas mesmo no capítulo primeiro o apóstolo afirma que os sinais de Deus na natureza deveriam ter levado o homem de volta a Deus. Deus deixou Suas marcas, Seus sinais impressos nela. "As suas coisas invisíveis, desde a criação do mundo, tanto o seu eterno poder, como a sua divindade, se entendem, e

claramente se vêem pelas coisas que estão criadas, para que eles fiquem inescusáveis." Assim, seja o que for que o homem possa descobrir, por mais que progrida, por mais que ele possa introduzir melhoramento social e mitigar os males e as injustiças, nada disso terá valor à vista de Deus, se não levar o homem a arrepender-se e a reconhecer a sua loucura em afastar-se de Deus.

Tendo tratado dessa maneira com os gentios, Paulo se volta para os judeus. Este é o principal tema do capítulo dois; porque, afinal de contas, o judeu estava numa posição especial. O judeu sabia disso; sua tragédia era que ele se fiava nisso. O judeu achava que tudo estava bem com ele porque tinha a Lei, nessa forma externa e explícita, nos termos em que fora dada por Deus a Moisés, mediante a ministração de anjos. Depois, acima desse fato, ele tinha o sinal da circuncisão. Toda a dificuldade dos judeus era que eles pensavam que essas coisas os punham de bem com Deus. Por isso é preciso que o apóstolo interfira e lhes mostre que a simples posse da Lei não os endireita em nada. Mas nisso consistia toda a tragédia dos judeus. Achavam que, porque tinham sido circuncidados, eram necessariamente filhos de Deus e não tinham que se preocupar com coisa alguma. No capítulo 2, versículo 25, Paulo lhes mostra a loucura dessa posição: "Porque circuncisão é, na verdade, proveitosa, se tu guardares a lei; mas, se tu és transgressor da lei, a tua circuncisão se torna em incircuncisão. Se, pois, a incircuncisão guardar os preceitos da lei, porventura a incircuncisão não será reputada como circuncisão?" Noutras palavras, o principal não é a circuncisão; o principal é a observância da Lei. "E a incircuncisão que por natureza o é, se cumpre a lei, não te julgará porventura a ti, que pela letra e circuncisão és transgressor da lei?" E então, explicitamente: "Porque não é judeu o que o é exteriormente, nem é circuncisão a que o é exteriormente na carne". Esta é uma das idéias determinantes de Paulo. E ele continua: "Mas é judeu o que o é no interior, e circuncisão a que é do coração, no espírito, não

na letra: cujo louvor não provém dos homens, mas de Deus".

Dessa maneira Paulo demoliu toda a argumentação do judeu que confiava na sua circuncisão. Ao mesmo tempo ele demoliu a posição de todos quantos pensam que, porque nasceram na Grã-Bretanha ou na América, são cristãos, ao passo que, se tivessem nascido em países como o Japão ou a Índia, seriam pagãos. Tudo isso é demolido em termos do argumento sobre a circuncisão. A mesma coisa aplica-se ao caso do homem que diz: "Meus pais eram cristãos; logo, eu sou cristão". Tal confiança na nacionalidade ou nalguma associação humana é inteiramente excluída por este argumento sobre a circuncisão.

Mas, que dizer da Lei? Ele se ocupa disso também. A declaração crucial está no versículo treze do capítulo dois: "Porque os que ouvem a lei não são justos diante de Deus; mas os que praticam a lei hão de ser justificados".

Paulo retorna a isso no capítulo dez, versículo 5. Diz ele: "O homem que fizer estas coisas viverá por elas". Isso quer dizer que quando a Lei foi dada por meio de Moisés, Deus disse: "Se você puder cumprir isso, isso o salvará; o homem que fizer estas coisas viverá por elas". Assim, não se trata apenas da posse da Lei, ou de ouvir a Lei, ou de conhecer bem a Lei. O judeu escondia-se por trás dessa fachada. Ele dizia: "Claro, estes gentios nada sabem da Lei, a Lei não lhes foi dada; eles não têm a Lei, são cães, estão sem Deus, estão fora das alianças, não são ninguém, não têm esperança; nós, porém, temos a Lei, conhecemos bem a Lei". Em seu modo de pensar, era isso que os salvava. Nesta passagem o apóstolo prova que não é assim. "Eis que tu que tens por sobrenome judeu", diz ele no versículo dezessete, "e repousas na lei, e te glorias em Deus; e sabes a sua vontade e aprovas as coisas excelentes, sendo instruído na lei; e confias que és guia dos cegos, luz dos que estão em trevas, instruidor dos néscios, mestre de crianças, que tens a forma da ciência e da verdade na lei."

Era assim que os judeus pensavam de si mesmos. Essa é

também a situação atual de todos os que confiam na sua moralidade pessoal e que não são cristãos: é precisamente isso que eles dizem em seu próprio favor. Não vêem nenhuma necessidade de Cristo e de Seu sangue; eles se opõem a isso e o ridicularizam. Por quê? Porque eles dizem que estão fazendo todo o bem que podem e que estão procurando conseguir que outros façam o mesmo. São boas pessoas, são nobres, são mestres de outros. Mas ouçam as perguntas feitas pelo apóstolo: "Tu, pois, que ensinas a outro, não te ensinas a ti mesmo? Tu, que pregas que não se deve furtar, furtas? Tu, que dizes que não se deve adulterar, adulteras? Tu, que abominas os ídolos, cometes sacrilégio? Tu, que te glorias na lei, desonras a Deus pela transgressão da lei? Porque, como está escrito, o nome de Deus é blasfemado entre os gentios por causa de vós" – e assim por diante.

Que é que significa tudo isso? Permitam-me sumariá-lo da seguinte maneira: qual era a dificuldade com os judeus, particularmente com os seus líderes, com os seus líderes religiosos, os fariseus? Eles pensavam, como o próprio apóstolo pensava antes da sua conversão, que eram peritos na Lei; e, todavia, o seu real problema era que eles ignoravam a Lei. Em quais aspectos? Eis alguns deles: Eles achavam que a mera posse da Lei os salvava; mas não é assim. Você pode conhecer a lei do seu estado ou do seu município, mas, se você a infringir, o fato de você conhecê-la não o ajudará no tribunal. Os judeus punham a sua confiança em sua posse da Lei e em seu conhecimento dela. Não se davam conta de que é preciso cumprir a Lei e praticá-la.

Em segundo lugar, eles tinham a impressão de que, contanto que cumprissem a maioria das leis, a principal parte da Lei, tudo estaria bem com eles. Tiago os corrige neste ponto com as palavras: "Qualquer que guardar toda a lei, e tropeçar em um só ponto, tornou-se culpado de todos" (Tiago 2:10). Não adianta dizer que você guardou noventa e nove por cento dela; se falhou em um por cento, você quebrou a Lei toda, e é

transgressor da Lei. Eles não tinham consciência disso.

Mas, ainda mais grave, eles eram peritos e corretos unicamente na letra da Lei, não no espírito. Este é, naturalmente, o ponto que o nosso Senhor expõe com muita clareza no Sermão do Monte. O fariseu orgulhoso se levantaria e diria: "Nunca fui culpado de homicídio". "Espere um minuto", diz o nosso Senhor – e temos aí a verdadeira exposição daquelas perguntas feitas por Paulo em Romanos, capítulo 2 – "Você diz que jamais cometeu assassinato, mas eu lhe digo que qualquer que, sem motivo, se zangar contra o seu irmão, estará sujeito a julgamento; e qualquer que disser a seu irmão: Raca, será julgado pelo sinédrio; e qualquer que lhe disser: louco, estará sujeito ao fogo do inferno". Se você chamar de louco um irmão, você o terá assassinado no coração, será culpado de homicídio perante a Lei.

Ele diz a mesma coisa a respeito do adultério. Muitas dessas pessoas alegavam inocência quanto a estas acusações particulares. Mas o nosso Senhor centraliza o mesmo holofote nisso também, e diz: "Ouvistes que foi dito aos antigos: não cometerás adultério". O fariseu dizia: "Jamais cometi adultério", porque só pensava na letra e no ato externo. "Eu, porém, vos digo", declara o nosso Senhor, "que qualquer que atentar numa mulher para a cobiçar, já em seu coração cometeu adultério com ela." Sim", diz o apóstolo Paulo, "tu, que ensinas a outro, não te ensinas a ti mesmo? Tu, que dizes que não se deve adulterar, adulteras?" Essa é a diferença entre a letra e o espírito; e, se você é culpado de transgressão no espírito, você é culpado de adultério à vista de Deus. O fariseu não se dava conta disso; essa era toda a dificuldade com os judeus, como Paulo lhes mostra aqui.

Depois, outro ponto muito importante que ele apresenta é o seguinte: a terrível questão da "cobiça". Isso vai ser tratado extensamente no capítulo 7, como veremos. Qual era o problema? Nem Paulo nem os fariseus tinham percebido o significado da cobiça. "Eu não conheceria a concupiscência,

se a lei não dissesse: Não cobiçarás." A tragédia do judeu era que ele pensava que, contanto que não praticasse o ato, era inocente. Mas, como o Senhor tinha mostrado, e como Paulo chegara a ver, nesta esfera cobiçar é tão repreensível como cometer o ato, e o desejo é tão condenável como o ato consumado. O judeu nunca tinha compreendido o real significado da Lei; e é por isso que ele pensava que estava justificado diante de Deus por ser possuidor da Lei.

A seguir, no início do capítulo 3, Paulo imagina alguém que diz: "Você está nos dizendo que não há nenhuma vantagem em ser judeu, e que não há nenhuma utilidade na circuncisão?" "Ora, não", responde Paulo, "não estou dizendo coisa nenhuma desse tipo. "Muita, em toda maneira, porque, primeiramente, as palavras de Deus lhe foram confiadas (ao judeu)." O judeu foi colocado numa posição especial e devia ter tirado proveito desse fato; a ele, em distinção contrastante com relação aos gentios, fora dada esta explícita apresentação da Lei. Paulo já dissera no versículo catorze do capítulo dois: "Porque, quando os gentios, que não têm lei, fazem naturalmente as coisas que são da lei, não tendo eles lei, para si mesmos são lei; os quais mostram a obra da lei escrita em seus corações, testificando juntamente a sua consciência, e os seus pensamentos, quer acusando-os, quer defendendo-os" (NVI: "...os gentios, que não têm a lei... tornam-se lei para si mesmos, embora não possuam a lei...). Os gentios não tinham recebido a apresentação explícita da Lei, mas ela estava em seus corações, por serem seres humanos.

Noutras palavras, a situação é esta: a humanidade toda sabe da Lei de Deus; ela está nos corações de toda a raça humana. A vantagem dos judeus é que ela lhes fora dada externamente por Deus; mais que isso e acima disso, lhes fora dada explicitamente, nesta forma escrita. Era uma grande vantagem. Mas essa vantagem os ajudou? O restante do capítulo três, até o versículo 20, tem por fim provar que, por causa da sua depravação inata, essa vantagem não

os tinha ajudado em nada.

Chegamos assim à tremenda conclusão e sumário nos versículos 19 e 20 deste capítulo três, e à introdução essencial da doutrina da justificação pela fé. Neste contexto estes são os versículos incomparavelmente mais importantes. "Ora, nós sabemos que tudo o que a lei diz, aos que estão debaixo da lei o diz, para que toda boca esteja fechada e todo o mundo seja condenável diante de Deus. Por isso nenhuma carne será justificada diante dele pelas obras da lei, porque pela lei vem o conhecimento do pecado."

Que é que significa isso? Esse é o grande sumário da argumentação toda; Paulo está concluindo o que começara a dizer no versículo 16 do capítulo primeiro. Ele se ufana do evangelho. Por quê? "Pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê; primeiro do judeu, e também do grego." Ele começara dizendo que o evangelho é totalmente inclusivo, e conclui com o mesmo ponto – "todo o mundo". Ele estivera mostrando que o mundo inteiro está sob a Lei de Deus. Há apenas esta diferença entre o gentio e o judeu: que ela estava só no coração do primeiro, mas tinha sido exposta explicitamente ao segundo. Em muitos aspectos esta é uma grande e importante diferença, mas em termos finais não faz diferença nenhuma. Os judeus achavam que a entendiam completamente e se gabavam do seu conhecimento. Mas Paulo lhes mostra que quando uma pessoa compreende o que a Lei lhe está dizendo verdadeiramente, o resultado é que "toda boca será fechada". A pessoa será emudecida. Se você não foi emudecido, você não é cristão! Como você pode saber se é cristão ou não? É se você "pára de falar". O problema do não cristão é que ele fica sempre falando. Ele diz: "Não entendo isto, não entendo aquilo. Afinal de contas, estou fazendo isto e aquilo". Não pára de falar.

Como seria possível saber se tal homem é cristão? A resposta é que a boca dele está "fechada". Eu gosto da franqueza do evangelho. As pessoas não têm a boca fechada, "detida".

Estão sempre falando sobre Deus, criticando Deus, pontificando sobre o que Deus devia ou não fazer, e perguntando: "Por que Deus permite isto e aquilo?" Você não começa a ser cristão até que sua boca esteja fechada, "detida", e você se cale, sem nada a dizer. Você pavoneia os seus argumentos e apresenta toda a sua justiça própria; então a Lei fala, e tudo aquilo se desvanece – tudo se torna "trapos imundos" e "esterco", e você fica sem o que dizer. É isso que a Lei faz: "para que toda boca esteja fechada e todo o mundo seja condenável diante de Deus". Paulo repete isso mais adiante. Diz ele: "Todos pecaram" – sem uma única exceção – "e destituídos estão da glória de Deus". O fariseu, com sua justiça própria, o homem moderno, que se arroga alta moralidade e que não vê a necessidade da expiação, apresenta-se e nos conta o que ele fez e o que não fez; mas a Lei lhe levanta esta questão: você alcançou a glória de Deus? Não alcançou; ninguém o faz. "Todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus"* "Todo o mundo é condenável diante de Deus." Cada qual deve avaliar estas coisas, não primariamente em termos de ações, mas em termos de sua total atitude para com Deus, de sua relação com Deus e da sua situação sob a ira de Deus.

Noutras palavras, essa é a conclusão. O problema todo surge do erro quanto à função e ao propósito da Lei. Por que Deus teria dado esta Lei? Refiro-me à lei escrita em nossos corações, e à Lei explícita dada por meio de Moisés. A primeira resposta a essa pergunta é que a Lei nunca foi dada com a finalidade de salvar-nos. Essa foi a falaz suposição do judeu, como também a de muitos atualmente. Muitos pensam que Deus deu a Lei ao povo e disse: "Agora, tudo o que vocês têm que fazer é cumprir a Lei, e estarão salvos diante de mim". A Lei não foi dada por esse motivo, porque o homem em pecado

---

* Em inglês (VA): "...come short of the glory..." – literalmente: "...ficam aquém da glória...". Nota do tradutor.

não tinha nem tem a mínima possibilidade de cumpri-la. Por que nessas condições o homem não pode cumpri-la o apóstolo nos diz no versículo três do capítulo 8: "Porquanto, o que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne, Deus, enviando o seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne". Aí está a perfeita declaração da doutrina. Deus sabia que a Lei não poderia salvar--nos. Ele nunca no-la deu para por ela nos salvar.

Outra falácia, uma falácia popular nos círculos evangélicos, é que, nesta questão da salvação, Deus, antes de mais nada, experimentou a Lei e, vendo que ela não funcionava, planejou e introduziu toda a idéia da cruz. A cruz como um plano elaborado posteriormente! Que concepção mais antibíblica! É característica do tipo de ensino que divide a Bíblia em numerosas seções ou dispensações e deixa de ver a unidade essencial de todas as suas partes.

Não. Aqui o apóstolo nos diz, uma vez por todas, por que foi dada a Lei. Eis por que: "Por isso nenhuma carne será justificada diante dele pelas obras da lei, porque pela lei vem o conhecimento do pecado". Aí está a razão pela qual a Lei foi dada por intermédio de Moisés, para dar-nos "o conhecimento do pecado". Não para livrar-nos do pecado, mas para dar-nos o conhecimento do seu caráter terrível.

Em muitos lugares o apóstolo volta a este ponto. Uma das afirmações mais claras a respeito é a que se acha no capítulo 5, versículo 20: "Além disso a lei adentrou" (VA) – "entrou pelo lado", por assim dizer. Essa é de fato a frase que ele emprega. Por que a lei entrou? "Para que a transgressão fosse ressaltada."A Lei não foi introduzida para lidar com a transgressão, mas para que esta "fosse ressaltada". Mas ele acrescenta: graças a Deus que "onde aumentou o pecado, transbordou a graça" (NVI). Ou também vocês poderão encontrá-lo no capítulo 7, versículos 7 e seguinte: "Que diremos, pois? É a lei pecado?" Ele dissera no versículo 5 que o maior efeito da Lei era fazê-lo pecar muito mais: "Porque, quando vivíamos

segundo a carne, as paixões pecaminosas postas em realce pela lei – quer dizer, "que eram energizadas pela lei" – operavam em nossos membros a fim de frutificarem para a morte" (ARA). O que Paulo diz é que estamos em condições tão terríveis que a própria Lei, que nos foi dada para advertir-nos contra o pecado, leva-nos a pecar ainda mais. Por isso ele diz no versículo 7: "É a lei pecado? De modo nenhum. Mas eu não teria conhecido o pecado, senão por intermédio da lei; pois não teria eu conhecido a cobiça, se a lei não dissera: não cobiçarás". Essa é a função da Lei. "Mas o pecado, tomando ocasião pelo mandamento, despertou em mim toda sorte de concupiscência; porque, sem lei, está morto o pecado. Outrora, sem a lei, eu vivia; mas, sobrevindo o preceito, reviveu o pecado, e eu morri" – e assim por diante. Noutras palavras, toda a função da Lei consiste em definir o pecado, revelar a sua natureza; e é por isso que estamos totalmente sem desculpa. A lei está em nossos corações; mas essa lei não é suficientemente clara, pelo que Deus a tornou explícita. Ele a definiu, Ele a sublinhou, Ele a mostrou claramente na Lei escrita dada aos judeus.

Mas há ainda outra função da Lei. Eis uma das mais grandiosas declarações – versículo 13 do capítulo 7: "Acaso o bom se me tornou em morte? De modo nenhum; pelo contrário, o pecado, para revelar-se como pecado, por meio de uma coisa boa causou-me a morte; a fim de que pelo mandamento se mostrasse sobremaneira maligno" (ARA). Foi isso que a Lei fez. A Lei foi dada para estabelecer com precisão o que o pecado é, para defini-lo, para tirá-lo do seu esconderijo e mostrar o seu caráter sobremaneira iníquo. O pecado no homem é assim tão profundo que a própria Lei de Deus, que deveria ajudar o pecador o torna pior, afunda-o no pecado, faz deste um meio de destruição e morte. Não há o que mostre a enorme malignidade do pecado como a Lei o faz; e, tão logo o homem vê o real significado da Lei, vê quão asquerosa e vil é a sua própria natureza. Vê que tem "um coração mau e infiel" (Hebreus 3:12), um coração cheio de cobiça, um coração torpe

e vil – "Vil e cheio de pecado eu sou". Nada, senão a Lei, leva o homem a enxergar isso.

Assim é que, finalmente, podemos expressar-nos desta maneira: a Lei nunca foi dada para salvar o homem, mas foi dada como um "preceptor" (Gálatas 3:24, VA) para conduzi-lo ao Salvador. Todo o objetivo e propósito da Lei é mostrar ao homem que ele nunca poderá salvar-se por si mesmo. Assim que ele entende a Lei e o seu sentido e conteúdo espiritual, ele fica sabendo que não pode cumpri-la. Ele se desmonta. O nosso Senhor nos mostrou que o ensino da Lei não é apenas que você não deve beber ou fumar ou cometer adultério ou fazer isto ou aquilo. Qual é o sumário da Lei? É: "Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças"; e: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Marcos 12:30,31). Alguém fez isso e, portanto, cumpriu a Lei? Não. "Todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus." É isso que a Lei diz. Ela mostra a nossa condição de total desamparo e desespero, e, com isso, torna-se "o nosso preceptor, para conduzir-nos a Cristo", o único que, pela graça de Deus, pode salvar-nos, libertar-nos, reconciliar-nos com Deus e dar-nos segurança por toda a eternidade. Paulo se gloria no evangelho que proclama que "o justo viverá pela fé", porque "nenhuma carne será justificada diante dele pelas obras da lei, porque pela lei vem o conhecimento do pecado".

2

O GRANDE PONTO DIVISÓRIO – "MAS AGORA"

"Mas agora se manifestou sem a lei a justiça de Deus, tendo o testemunho da lei e dos profetas; isto é, a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo para todos e sobre todos os que crêem; porque não há diferença. Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus; sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus, ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue, para demonstrar a sua justiça pela remissão dos pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus; para demonstração da sua justiça neste tempo presente, para que ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus."

"Onde está logo a jactância? É excluída. Por qual lei? Das obras? Não; mas pela lei da fé; concluímos, pois, que o homem é justificado pela fé sem as obras da lei. É porventura Deus somente dos judeus? E não o é também dos gentios? Também dos gentios, certamente. Se Deus é um só, que justifica pela fé a circuncisão, e por meio da fé a incircuncisão. Anulamos, pois, a lei pela fé? De maneira nenhuma, antes estabelecemos a lei." – Romanos 3:21-31

Passamos agora a estudar esta parte muito importante do capítulo três desta Epístola, que começa no versículo 21 e vai até o fim do capítulo. Inicia com as palavras: "Mas agora se manifestou sem a lei a justiça de Deus, tendo o testemunho da lei e dos profetas; isto e, a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo para todos e sobre todos os que crêem; porque não há

diferença. Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus".

Isso marca o início de uma nova parte desta grande Epístola, uma nova parte do capítulo três. Obviamente, este capítulo pode ser dividido convenientemente em três partes. A primeira parte vai do versículo primeiro até o fim do versículo oito; segue-se, então, a parte composta de citações, que se inicia no versículo 9 e vai até o fim do versículo 20; e aí chegamos à terceira parte, que começa no versículo 21. O versículo 21 é o ponto de partida de uma nova seção, em dois sentidos. Um é que se trata de uma nova parte do capítulo três; mas, ainda mais importante, e na verdade da máxima importância, é o início de uma das principais partes da Epístola toda.

O versículo 20 conclui uma parte iniciada no capítulo primeiro, ou seja, no versículo dezoito do capítulo primeiro, ou, de fato, quase se pode dizer que no versículo dezesseis do capítulo primeiro. Mas talvez seja mais prudente considerar os versículos 16 e 17 do capítulo primeiro como uma apresentação do evangelho e da razão pela qual o apóstolo estava tão alegre e tão ancho dele, e tão contente por pregá-lo. Depois, começando no versículo dezoito desse capítulo, há aquela tremenda declaração acerca da ira de Deus que foi revelada contra toda a impiedade e injustiça dos homens. Então o apóstolo prossegue, no restante desse capítulo, no capítulo 2 e na parte inicial do capítulo 3, para provar que essa verdade é aplicável aos judeus como o é aos gentios. Depois de elaborar essa questão em detalhe, considerando todos os argumentos contrários, ele conclui no versículo 20 do capítulo três, dizendo: "Por isso nenhuma carne será justificada diante dele pelas obras da lei, porque pela lei vem o conhecimento do pecado". Ele estabeleceu além de toda questão, de toda dúvida, de todo sofisma, que nenhum homem jamais pôde nem poderá justificar-se na presença de Deus. Homem nenhum jamais pôde nem poderá providenciar uma justiça que satisfaça a

Deus e às exigências da Sua santíssima Lei. Isso está claro e definido; Paulo o provou de todos os ângulos concebíveis.

Tendo estabelecido essa verdade, agora ele passa a mostrar que há somente um meio de salvação. Mas, graças a Deus, há um. O fim do versículo vinte deste capítulo três nos deixa numa situação bastante lamentável. É sempre essencial e de vital importância que nos vejamos assim. Ninguém poderá ser cristão se não se der conta da sua falência espiritual. Não adianta falar em "vir a Cristo", se a pessoa não enxerga a sua desesperança e o seu desamparo. Você não pode vir a Cristo apenas em busca de algo – de auxílio ou de alguma outra coisa; há uma única razão para ir a Cristo: é você compreender que nenhuma carne pode ser justificada pela Lei perante Deus. "Toda boca foi fechada e todo o mundo está condenado diante de Deus."

Tendo chegado a esse ponto, a pergunta que obviamente fazemos é: "E então, não há nenhuma esperança para nós? Estamos irremediavelmente condenados?". O apóstolo agora passa a responder a essa pergunta. Ele o faz, notem vocês, com duas pequenas palavras – "Mas agora". Em todas as Escrituras não há palavras mais maravilhosas que estas – "Mas agora". Quão vitalmente importantes são elas! São as palavras com as quais o apóstolo introduz o evangelho. Primeiro ele pinta este quadro sombrio e marcado pela falência espiritual – e isso não diz respeito somente a este apóstolo, mas também aos demais apóstolos; mas especialmente ao apóstolo Paulo e ao seu estilo peculiar. Primeiro ele pinta este seu quadro de negror, de sombras e de desesperança. Depois de fazer isso, ele diz: "Mas agora".

Foi porque entenderam este ensino e esta maneira de ser e de agir que os puritanos, e muitos dos seus sucessores, até um tempo relativamente recente, sempre ensinaram que na verdadeira evangelização sempre se deve começar pela "obra da lei". Eles diziam que é preciso haver sempre uma obra da lei, antes da apresentação do evangelho. Leiam as biografias

de alguns dos maiores evangelistas que o mundo já conheceu, e vocês verão que todos eles faziam isso; não somente os puritanos, mas também os homens do século dezoito que aprenderam muito dos puritanos e que estavam familiarizados com a obra realizada por eles. Eles sempre partiam da convicção de pecado. Esta é a verdade a respeito de João Wesley, bem como de George Whitefield; é a verdade a respeito de Jonathan Edwards, como também de Robert Murray McCheyne e de outros homens do século dezenove. Esses homens sempre diziam que se deve começar pela obra da lei.

Até o presente ponto, o apóstolo estivera fazendo precisamente isso, e só depois de fazê-lo é que ele diz: "Mas agora". Tendo-o seguido através de tudo isso em detalhe, tendo considerado cada uma das afirmações feitas por ele acerca do homem sob pecado, e em pecado, e tendo-nos visto, a nós mesmos, como somos por natureza e como descendentes de Adão, pergunto: poderia existir duas palavras mais benditas e mais maravilhosas para nós do que estas duas, "Mas agora"? Em minha opinião, elas propiciam uma prova muito sutil e abrangente da nossa posição como cristãos. Você gostaria de saber com certeza, neste momento, se você é cristão ou não? Opino que este é um dos melhores testes. Quando eu repito estas duas palavras, "Mas agora", há dentro de você algo que o leve a dizer: "Graças a Deus!"? Há em sua experiência um "Mas agora"? Tudo isso transluz extraordinariamente no conhecido hino de Matson –

Senhor, eu era cego; não podia ver
Em Teu desfigurado semblante a Tua graça.
Mas agora a beleza e o fulgor de Tua face
Em radiosa visão raiam sobre o meu ser.

Senhor, eu era surdo; não podia ouvir
A emocionante música de Tua voz.

Mas agora eu Te ouço, e não como um algoz;
Todas as Tuas palavras são preciosas para mim.

Senhor, eu era mudo; não podia falar
Da graça e glória do Teu nome, e da sua fama.
Mas agora, tocados por divina chama,
Meus lábios Teu louvor já podem entoar.

Senhor, eu estava morto; não podia ao Teu lado
Fazer chegar minha alma morta e destruída.
Mas agora que Tu me concedeste vida,
Eu saio da sombria tumba do pecado.

Senhor, fizeste ver o cego por inteiro,
O surdo ouvir, o mudo falar – que emoção!
Viver fizeste o morto! E alegre eu quebro, então,
Os grilhões do meu triste e duro cativeiro!

– porque fica insistindo nesse ponto. Vocês notaram? Observem que no terceiro verso de todas as estrofes, menos da última, vemos este "Mas agora". O autor insiste em dizê-lo. Ele diz: "...não podia a Teu lado fazer chegar minha alma morta e destruída..."; "Mas agora...". Tudo mudou – por quê? Bem, porque o evangelho veio a ele. Ele estava "morto", era "cego", era "surdo", MAS AGORA não é mais nada disso.

Estas palavras chegam a nós duplamente. Como introdução do evangelho, porém, ao mesmo tempo, como palavras que nos provam. Para mim isso é tão importante que não posso deixá-lo sem mais nem menos. Examinemos as nossas experiências.

Quando o diabo o ataca e lhe sugere que você não é cristão e que nunca foi cristão pelo que você ainda tem no coração, ou pelo que você continua fazendo, ou por alguma coisa que fez outrora – quando ele vem e o acusa dessa forma, que é que você lhe diz? Você concorda com ele? Ou lhe diz: "Sim, isso

era verdade, mas agora...". Você põe estas palavras contra ele? Ou, talvez, quando você se sente condenado quando lê as Escrituras, quando lê a Lei no Velho Testamento, quando lê o Sermão do Monte e quando se sente desmantelado, você fica estendido no chão em desespero, ou levanta a cabeça e diz: "Mas agora"? Esta é a essência da posição cristã; é assim que a fé responde às acusações da Lei, às acusações da consciência e a tudo quanto se preste para nos condenar e nos deprimir. Estas palavras são de fato maravilhosas, e é muito importante que lancemos mão delas e que nos apercebamos da sua tremenda importância.

Há um aspecto da fé a respeito do qual se pode dizer com verdade que a fé é uma espécie de protesto. Todas as coisas parecem estar contra nós. Muito bem, você é ou não é um homem de fé? Essa é a indagação vital, e a sua resposta proclama o que você é. Tendo ouvido tudo o que se pode dizer contra você, e nas circunstâncias mais dolorosas, acaso você diz: "Mas agora"? Isso faz parte do combate da fé. Não imagine que, por ser cristão, você estará imune às investidas de satanás ou aos ataques da dúvida. Isso certamente acontecerá. Mas todo o segredo da fé está na capacidade de resistir com estas duas palavras contra todas essas coisas – "andamos por fé, e não por vista" (2 Coríntios 5:7). Há um sentido segundo o qual o que Browning disse acerca da fé é verdade. Não é uma declaração exaustiva acerca da fé, porém há este aspecto. "Para mim", disse ele, "a fé é manter quieta a incredulidade perpétua, como a serpente "debaixo do pé de Miguel". Ele descreve o quadro de Miguel com o pé sobre a cabeça de uma serpente. A serpente se contorce e faz tudo para pegá-lo e picá-lo; mas, enquanto Miguel mantiver pressão sobre o pescoço da serpente, essa não poderá feri-lo. Por cima de todas as contorções da dúvida, da incredulidade e da negação, e de todas estas acusações, a fé mantém seu pé firmemente sobre isso tudo, e diz: "Mas agora".

Estou expondo dessa maneira o tipo de coisa que Martinho Lutero nunca deixou de dizer, desde o momento em que

realmente enxergou esta verdade da "justificação somente pela fé". Essa é de fato uma espécie de sinopse de toda a sua grandiosa pregação e ensino. É exatamente isso que a fé realiza; é este protesto, é esta firme resistência a despeito de tudo o que se possa dizer contra nós na terra ou no inferno. Dizemos: "Não, ninguém pode fazer de mim um réu convicto em termos finais, graças à minha nova posição em Cristo Jesus. – "Mas agora" não estou mais na condenação; antes eu estava lá, todavia não estou mais".

Ao deixar este ponto, faço mais uma vez a pergunta: você vê que se mantém pela fé? Será inútil prosseguirmos se você ainda estiver apegado a algum tipo de idéia de que você pode tornar-se cristão por sua conta, de que, tendo uma vida respeitável, ou fazendo isto, isso ou aquilo, você vai melhorar a sua posição perante Deus. Ficou-lhe claro que não importaria se você vivesse tanto como Metuselá, ou mesmo se vivesse um milhão de anos, nunca poderia colocar-se como justo diante de Deus? O tempo não o ajudará, nada poderá ajudá-lo. Todos nós estamos sob condenação, todos nós estamos debaixo da ira de Deus. Nunca poderemos apresentar uma justiça que resista ao olhar perscrutador de Deus, ao Seu exame e à Sua investigação. Estamos na mais completa desesperança. Isso estaria claro para você? Se estiver, você está pronto para regozijar-se nas palavras, "Mas agora".

Qual será, então, o seu significado e a sua envolvência? Elas têm duas coisas importantes. Primeiramente e acima de tudo, elas nos propiciam um contraste com tudo o que o apóstolo vinha dizendo antes, um contraste com toda a antiga posição da Lei, com o estarmos sob a Lei desta ou daquela maneira. Contudo, em acréscimo, claro, o "mas agora" introduz o fator tempo. Eis o que o apóstolo está realmente dizendo: "Mas agora se manifestou sem a lei a justiça de Deus" – a justiça havia apenas acabado de manifestar-se. Paulo estava pregando e escrevendo dentro de um tempo relativamente curto depois de terem ocorrido os eventos associados ao nome do

Senhor Jesus Cristo – Sua encarnação, Sua vida, Sua morte, Sua ressurreição, tudo. O que ele está dizendo é: "AGORA" este fato que se deu mudou tudo. E ele continua a falar-lhes sobre isso. Tinha acontecido algo, ele lembra a estes romanos, algo absolutamente novo e que constitui as mais maravilhosas boas novas que jamais tinham vindo a uma raça humana pecadora. É por isso que no capítulo primeiro ele dissera: "Não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê... Porque nele se descobre a justiça de Deus de fé em fé, como está escrito: Mas o justo viverá da fé" (versículos 16 e 17). O apóstolo não pode pensar nestas coisas sem emocionar-se até ao âmago do seu ser. Ele está ansioso para ir a Roma para lhes falar mais sobre isso e tornar a fruí-lo com eles. A totalidade da sua vida está agora dominada por isto – por esta coisa tremenda que lhe acontecera. Levou tempo para ele enxergar a verdade e crer nela. Ele tivera que passar por aquela experiência ocorrida na estrada de Damasco; fora-lhe necessário ver o Senhor ressurreto. Mas, uma vez que O tinha visto, e uma vez que ele tinha entendido a verdade concernente a Cristo, tudo mais se transformara em nada. Toda a sua "justiça" era esterco e refugo, tudo se reduziu a uma insignificância – esta realidade é o que importa.

Examinemos, então, esta realidade maravilhosa que agora ele está prestes a desvendar para estes romanos, estas magníficas boas novas. Como eu já disse, ele nos dá um sumário disso nesta parte, que vai do versículo 21 ao 31. Comecemos com uma análise geral desta grande declaração, antes de focalizarmos os seus elementos particulares. Tão grandiosa é esta passagem, que não devemos limitar-nos a lê-la e a dizer: "Bem, ela soa deveras maravilhosamente, mas não estou bem certo do que diz e do que significa". Há bom número de análises possíveis, mas permitam que eu lhes sugira a análise que, para mim, por si mesma se recomenda como a melhor. Eu dividiria esta parte em dois trechos principais, em duas declarações principais. Sugiro-lhes que do versículo 21 ao fim do versículo 24 ele

descreve o plano da salvação; e que do versículo 25 ao fim do capítulo ele nos fala sobre as características do plano da salvação. Ambos estes aspectos são muito importantes.

Permitam-me ampliar a divisão desta maneira: a primeira parte, que se compõe dos versículos 21 a 24, é uma descrição do plano da salvação. Que é que o apóstolo diz? A primeira coisa que ele diz é esta: Deus providenciara uma justiça, e agora a revelou. Ele a tinha prometido antes, mas agora a tornou manifesta. Ele a providenciou. A segunda coisa é a seguinte: esta justiça passa a ser nossa, não como resultado das nossas ações ou da nossa conformidade a algum tipo de lei, e sim, única e inteiramente pela fé. A terceira coisa é que isso está à disposição de todos – "porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus". Está igualmente à disposição de gentios e judeus. Como vocês podem ver, o apóstolo põe em curso o tempo todo este grande argumento que ele acaba de concluir em sua mente. Até este ponto ele vinha tratando disso negativamente; agora o está tratando positivamente. É igual para todos. Está à disposição de todos, de judeus e de gentios – não há diferença. O próximo ponto da sua argumentação, o quarto, é que o evangelho é inteiramente da graça de Deus. É um presente de Deus, dado livremente. Depois, o último ponto e, em muitos aspectos, o mais importante, é o seguinte: esta salvação foi feita possível e acessível mediante a obra redentora do Senhor Jesus Cristo. Aí está a primeira parte da nossa divisão. Que declaração tremenda! Aí está a essência do evangelho. Este vem exposto ali de maneira muito geral, e não há necessidade de acrescentar-lhe coisa alguma; está tudo ali. Voltaremos a isto, para um exame minucioso.

Prossigamos, porém, para fazermos uma análise da segunda subdivisão – as características desta grande salvação. Estas são descritas do versículo 25 ao 31. O primeiro ponto é que este método de salvação é coerente com o caráter de Deus. Isso está nos versículos 25 e 26. Em segundo lugar, este método dá toda a glória a Deus, e nenhuma ao homem. Em terceiro

lugar, é um método que mostra que Deus é Deus do mundo inteiro, e não somente de um segmento da humanidade. Ele não é somente Deus dos judeus, mas o é também dos gentios. Ele é o Deus do mundo inteiro, de modo que a justiça que Ele providenciou está igualmente acessível ao mundo inteiro. Isso está nos versículos 29 e 30. E então, a última verdade acerca da qual ele nos fala é que este método honra e confirma a Lei. Esta é uma das mais admiráveis declarações jamais feitas, mesmo por este grande apóstolo. Vocês podem notar que o tempo todo ele continua pensando na parte que termina no versículo 20. Lá a declaração foi negativa; aqui é positiva. Este método de salvação não menospreza nem repudia a Lei de Deus; estabelece-a, presta-lhe a maior homenagem, em certo sentido. O tempo todo ele salvaguarda as suas declarações e mostra a coerência delas.

Aí está a análise geral dessa parte. Não é exagero dizer que é uma das mais grandiosas e mais importantes passagens das Escrituras. Segue-se, pois, que as idéias que fazemos da salvação sempre devem ser fiéis a esta porção das Escrituras, e devem ser postas à prova sob ela. De igual modo, jamais devemos expor o plano da salvação de molde a negar qualquer destes textos-provas, ou que deixe de dar satisfação e o devido valor a qualquer deles.

Observem que estou dando ênfase a estas coisas, e o faço por causa da situação em que nos vemos atualmente. Parece que temos exagerada pressa em levar pessoas a Cristo, de qualquer jeito. Vivemos ansiosos por conseguir resultados. Mas, tanto em nossos métodos como em nossa mensagem, devemos ser governados pela Palavra de Deus. Esta é a exposição do plano divino da salvação, e este deve ser o nosso plano. Não devemos deixar nada fora, e tudo quanto dissermos deverá corresponder satisfatoriamente a estas provas. Não devemos dizer menos; não devemos dizer mais – mas isto devemos dizer: aí está, pois, o grande padrão, principalmente para a ação evangelística; a esse padrão deve amoldar-se a nossa

mensagem. "Ah", dirá você, "mas isso não atrai as pessoas hoje em dia; elas não estão interessadas em teologia." A resposta é que elas terão que interessar-se por teologia, se pretendem tornar-se cristãs; é preciso que elas ouçam a verdade e que creiam nela. Os homens nunca se interessaram por teologia, e nunca se interessarão, enquanto o Espírito Santo não operar neles. Assim, o que nos cabe é pregar-lhes a verdade, confiando ao Espírito Santo a abertura dos olhos e do entendimento deles, e a aplicação da verdade a eles, com poder. Temos aí, então, reitero, uma destas passagens cruciais que de fato governam a nossa pregação, em todos os seus aspectos. A nossa pregação deve estar dentro dos limites da tremenda declaração que temos na passagem que estamos estudando.

Comecemos agora a examiná-la em detalhe. Vejamos a primeira parte: o plano da salvação. Não sei se vocês se sentem como eu me sinto quando vocês lêem o apóstolo Paulo. Sua mente e sua maneira de fazer as coisas me fascina cada vez mais, e tenho tremendo interesse pelo modo como ele introduz esta grande passagem, esta grande declaração. Seu procedimento consiste em repetir quase cada palavra que dissera no início desta sua Epístola. Voltemos aos versículos 1 e 2 do capítulo primeiro: "Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para apóstolo, separado para o evangelho de Deus, o qual antes havia prometido pelos seus profetas nas Santas Escrituras, acerca de seu Filho, que nasceu da descendência de Davi segundo a carne", etc. É quase uma repetição disso. E, da mesma maneira, é claro, ele virtualmente volta e torna a dizer o que dissera nos versículos 16 e 17 do capítulo primeiro.

Sempre há lições para serem aprendidas, quando se observa um mestre como este, e uma lição que necessariamente devemos aprender neste ponto é que sempre precisamos ter um esquema para a nossa apresentação da verdade. Paulo não escreve ao acaso, não diz o que lhe dá na cabeça. Não! Ele estabelece uma tese. Tem uma introdução geral, depois anuncia o evangelho, depois mostra a absoluta necessidade que se tem

do evangelho. Feito isso, ele retorna ao ponto, e passa a tratá-lo mais minuciosamente.

A que pontos principais ele dá ênfase? Eis o primeiro: o evangelho é inteiramente de Deus. "Mas agora se manifestou sem a lei a justiça de Deus." A expressão "a justiça de Deus", já empregada em 1:17, significa uma justiça providenciada por Deus, uma justiça preparada por Deus, uma justiça tornada acessível por Deus. Portanto, o evangelho é inteiramente de Deus. Vocês podem notar que ele de fato empregara essa frase no primeiro versículo da Epístola: "Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para apóstolo, separado para o evangelho de Deus". Talvez vocês esperassem que Paulo dissesse: "o evangelho do Senhor Jesus Cristo". Mas ele diz: "o evangelho de Deus". Essa espécie de coisa não é acidental; é algo que o apóstolo sempre diz e sempre salienta.

Estou chamando a atenção para isso por causa da tendência atual, tão evidente, de quase se deixar Deus completamente de lado e de se falar quase exclusivamente sobre o Senhor Jesus Cristo e em função dEle. Em nosso zelo evangélico, nos concentramos tanto no Filho, que quase ignoramos o Pai! As pessoas até parecem orar sempre ao Senhor Jesus Cristo, e é sobre Ele que sempre falam; e assim, esquecem-se de Deus, o Pai, e O negligenciam e O ignoram. Certamente, isso é algo terrível e gravíssimo.

Mas aqui o apóstolo nos faz lembrar que o evangelho é de Deus; Deus é o planejador deste evangelho, Deus é o iniciador deste evangelho. Na verdade, tudo quanto diz respeito ao evangelho deve ser sempre, primordialmente, em termos de Deus, por esta razão: afinal de contas, o pecado é rebelião contra Deus. O pecado não é apenas algo que significa que eu e você falhamos e que nós nos rebaixamos e rebaixamos o nosso padrão; o pecado não é apenas algo que nos põe num estado miserável e nos torna infelizes. A essência do pecado é rebelião contra Deus, o que leva a um alheamento do pecador com relação a Deus; e se não concebemos o pecado sempre em

referência a Deus e à nossa relação com Ele, temos um inadequado conceito de pecado. Esse é, então, o ponto de partida da evangelização, o ponto de partida do evangelho. O homem é um rebelde contra Deus, é alguém alheio a Deus; e, portanto, a nossa necessidade central é a de sermos reconciliados com Deus. Não vamos somente ao Senhor Jesus Cristo; o nosso objetivo é ir a Deus. É disso que precisamos. Como o nosso pecado é separação de Deus, a salvação é reconciliação com Ele.

A próxima verdade, apresentada com muita objetividade e clareza, é que é Deus quem providencia este método, este plano de salvação, é Deus quem providencia tudo o que está em nosso Senhor Jesus Cristo. Foi Deus quem O enviou, foi Deus quem O incumbiu da Sua missão. A ação é toda de Deus. Foi Deus que "amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito" – e, todavia, há essa tendência de esquecer isso, de deixar isso de lado, e de sermos tão Cristocêntricos que no fazemos culpados de esquecer e ignorar Deus, o Pai, a primeira Pessoa da Trindade santa e bendita. Como nos lembra a Primeira Epístola de Pedro, todo o objetivo e toda a intenção da obra realizada pelo Senhor Jesus Cristo é levar-nos a Deus (1 Pedro 3:18). Cremos em Deus por meio dEle, diz Pedro, e tudo o que Ele fez, o fez para levar-nos a Deus, não para glorificar-Se, mas para glorificar o Pai e levar-nos ao Pai. O Senhor Jesus Cristo não nos diz que devemos deter-nos nEle; Ele nos leva ao Pai. "Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo" (2 Coríntios 5:19). A salvação pertence a Deus, do princípio ao fim. O apóstolo nos lembra isso aqui, logo no início; é uma justiça providenciada por Deus, agora feita acessível a nós.

Depois, a próxima verdade é a seguinte: a salvação, o evangelho, é algo que foi planejado na eternidade, antes da fundação do mundo. Ele coloca isso no versículo 21, quando diz: "Ma agora se manifestou sem a lei a justiça de Deus, tendo o testemunho da lei e dos profetas". O evangelho de Jesus

Cristo não é um pensamento ulterior; não é algo em que Deus pensou depois que a Lei tinha fracassado na tentativa de redimir os homens. Quantas vezes vemos isto ensinado! Mas o versículo 20 já nos ensinara claramente que nunca o propósito da Lei fora salvar alguém – "pela lei vem o conhecimento do pecado". É um erro total dizer que primeiramente foi dada à Lei a oportunidade de salvar os homens e que, quando ela falhou, Deus pensou no evangelho. Isso está completamente errado. O evangelho foi planejado antes da fundação do mundo, e foi porque Deus o planejou antes da fundação do mundo que Ele o pôde revelar "na lei" e "nos profetas". É por isso que temos no Velho Testamento todas estas profecias do evangelho e do que ele ia realizar. Temo-lo na Lei, temo-lo nos Profetas – "tendo o testemunho da lei e dos profetas", diz o apóstolo.

Que quer dizer isso? Pela expressão "a lei" ele obviamente se refere aos cinco livros de Moisés, os cinco primeiros livros do Velho Testamento. Não vou considerar todos os elementos de prova; seria extenso demais. Eis uma pequena parte deles: temos essa verdade em Gênesis 3:15, na promessa acerca da semente da mulher que haveria de esmagar a cabeça da serpente. Aí está um "testemunho da lei". Dizem alguns que a encontram na história de Caim e Abel – especialmente na aceitação da oferta de Abel. Certamente se encontra no chamamento de Abraão. Disse o nosso Senhor: "Abraão... exultou por ver o meu dia" (João 8:56). O que aconteceu com Abraão, segundo o registro feito em Gênesis, capítulo 17, é uma espécie de tênue representação do evangelho e a obra realizada pelo Senhor Jesus Cristo; seu oferecimento de Isaque pode ser uma diminuta sugestão desse fato. Isso está especialmente claro na promessa de que por meio dele e da sua semente todas as nações seriam abençoadas. Também se acha em toda a lei cerimonial, que se vê desde o início do livro de Êxodo e elaborada mais extensamente no livro de Levítico. Que será isso tudo? Que serão todas essas ofertas queimadas e sacrifícios, ofertas de carne, ofertas de aroma suave e ofertas

pacíficas? Que significa tudo isso? Nada mais é que uma prefiguração do Senhor Jesus Cristo e de tudo o que Ele já realizou; é a Lei dando testemunho desta realização de Deus, uma vez por todas, na Pessoa do Seu Filho unigênito.

Passemos da Lei aos Profetas. O livro de Salmos está incluído aí, porquanto há muitas profecias no livro de Salmos. O Salmo vinte e dois é uma perfeita descrição da crucificação e morte do nosso Senhor. E há muitos outros Salmos chamados messiânicos. Voltemo-nos, então, para as profecias. Certamente vocês se lembram da profecia que fala de uma virgem tendo um filho, no capítulo 7 de Isaías. Lembram-se das profecias que constam nos capítulos 9 e 11 de Isaías. Lembram-se do grandioso capítulo quarenta: "Consolai, consolai o meu povo, diz o vosso Deus": Deus se dispõe a realizar esta maravilha, e há a profecia de João Batista preparando o caminho para este grande Personagem que há de vir; e também para os resultados da Sua vinda. Tudo está à espera dEle – é o "testemunho dos profetas". Em Jeremias 23:6 lemos: "Este será o seu nome, com que o nomearão: O Senhor Justiça Nossa" – "a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo". Os profetas estavam dando testemunho disso, e o estavam predizendo.

Depois, pensem em Daniel, com as suas profecias, principalmente no capítulo 9. Ele nos fala do tempo exato da vinda do Messias, e que Ele ia ser "tirado... e não seria mais" (VA; Tradução Brasileira: "será extirpado o ungido, e não terá nada"). Nada mais nada menos é senão um prenúncio, um testemunho de tudo quanto sabemos que aconteceu. Vocês o têm na profecia – na verdade o têm em toda parte.

Permitam-me lembrar-lhes que no capítulo vinte e quatro do Evangelho Segundo Lucas nos é dito que o Senhor, após a Sua ressurreição, conduziu os "incrédulos" apóstolos através dos livros de Moisés, dos Salmos e dos Profetas, e lhes mostrou que todas aquelas coisas diziam respeito a Ele. Tudo fora previsto e predito no Velho Testamento – Sua morte, Sua ressurreição; tudo está lá. Pedro igualmente o diz no capítulo

primeiro da sua Primeira Epístola. Diz ele que os profetas não entendiam perfeitamente as coisas das quais escreveram – não sabiam quando ocorreriam – não sabiam quando essas coisas aconteceriam. Escreveram a respeito do quê? Diz ele que eles profetizaram acerca dos "sofrimentos que a Cristo haviam de vir" e da "glória que se lhes havia de seguir" (versículos 10-12). O ponto é que tudo o que aconteceu com o nosso Senhor fora predito no Velho Testamento. Isso nos lembra a importância de se tomar sempre juntas as duas partes da Bíblia, a importância do estudo dos dois Testamentos. Vocês percebem como são absolutamente vitais os dois Testamentos, mesmo para os cristãos? Conheço cristãos que adotaram o conceito de que eles, é claro, não precisam incomodar-se com o Velho Testamento. Por isso levam no bolso um exemplar do Novo Testamento. Acham que não necessitam do Velho Testamento. Que trágico engano! Você precisa da Bíblia toda. Se você realmente quer entender a verdade em sua plenitude, veja quão vitalmente importante é ter o Velho Testamento bem como o Novo. Sem dúvida foi o Espírito Santo que induziu a Igreja Primitiva, que naquele tempo se tornara mormente gentílica, a apegar-se ao Velho Testamento, as Escrituras dos judeus, e a incorporá-lo num só Livro com a sua nova literatura, seus Evangelhos, seus "Atos" e suas Epístolas. Deveu-se isso à direção do Espírito Santo. Se eles fossem deixados entregues a si mesmos, sem dúvida diriam, como muitos de nós: "Bem, não precisamos mais conhecer isso tudo. Cristo veio, e nós conhecemos o Evangelho". Mas, oh, que "evangelho" truncado você tem, se pensa assim, e quão incompleto é o seu entendimento!

Isso é muito importante por esta razão: qualquer maneira de explicar a salvação que não mostre que o evangelho do Novo Testamento é cumprimento da profecia do Velho Testamento, é seriamente defeituosa – e há muito disso hoje em dia. Os homens negam e criticam muito o Velho Testamento. "Ah", dizem eles, "só nos interessa o evangelho." Aqui o apóstolo

estabelece com muita franqueza e com muita clareza, e vocês poderão ver isso noutros lugares do Novo Testamento, que, se a explicação do plano da salvação não disser que é um claro cumprimento da profecia do Velho Testamento, não é uma fiel exposição do plano da salvação. Ou, para dizê-lo doutra maneira, um modo de expor o evangelho que o coloque em completo contraste com o Velho Testamento, é inteiramente errôneo. Há muitos que fazem isso. "Ah", dizem eles, "aquele Velho Testamento tinha uma noção muito inadequada de Deus e do Seu amor. É por isso que vemos lá todo aquele ensino sacrificial e toda aquela prosa sobre sangue – isso é legalismo, isso é judaísmo. Não estamos interessados em nada disso." Eles o negam, o rejeitam, e põem o evangelho em completo contraste com o Velho Testamento. Isso porque eles não gostam de pregar sobre o sangue de Cristo; isso porque eles não gostam da doutrina da ira de Deus. Se negarmos as doutrinas da ira de Deus e do sangue de Cristo, teremos que rejeitar o Velho Testamento, e é isso que eles fazem. São perfeitamente coerentes consigo mesmos. Sim, mas negam o ensino do apóstolo, que afirma que a Lei e os Profetas "testemunharam em prol" desta justiça de Deus. "Latente no Velho Testamento, patente no Novo", dizia Agostinho. A justiça está no Velho Testamento, bastando que você tenha olhos para enxergá-la. A tragédia dos judeus foi que não puderam enxergá-la, apesar dela estar lá o tempo todo. Mas agora foi revelada e manifestada de maneira muito mais grandiosa e mais completa, e muito mais gloriosa.

Essa parte das Escrituras é de grande autoridade para a pregação e a apresentação do evangelho. O homem deixa ver qual é o seu conceito do evangelho assim que declara o seu conceito do Velho Testamento. Se os homens eliminam toda a lei sacrificial e a idéia da necessidade de apaziguar a Deus, e o ensino concernente à "propiciação" – vocábulo ao qual chegaremos no versículo 25 – se odeiam esse ensino e se recusam a aceitá-lo dizendo que é um conceito inadequado e indigno

de Deus, sem o perceberem estão ao mesmo tempo negando também o Novo Testamento. Pois o Novo Testamento é o cumprimento do Velho Testamento. O que lá foi profetizado, agora veio a realizar-se de fato, e está plenamente evidenciado diante de nós. Não se pode forçar uma cunha entre o Novo Testamento e o Velho Testamento. Foi o Espírito Santo que levou a Igreja Primitiva a juntar ao Velho Testamento a nova literatura. Portanto, se não nos lembrarmos de nada mais, lembremo-nos disso. "A lei é o nosso aio para nos conduzir a Cristo." A Lei nos mostra a nossa desesperada necessidade e, ao mesmo tempo, aponta para a vinda de Cristo. Que preceptor perfeito, é a Lei! Ela realiza as duas coisas que eram essenciais: convence de pecado, e indica o caminho da salvação. E toda idéia de salvação que deixe fora a obra da lei é seriamente defeituosa, porque foi para salvar-nos da condenação da Lei e da ira de Deus que o Filho de Deus veio e fez tudo o que fez, para o nosso bem.

3

MAIS DO QUE PERDÃO

"Mas agora se manifestou sem a lei a justiça de Deus, tendo o testemunho da lei e dos profetas; isto é, a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo para todos e sobre todos os que crêem; porque não há diferença. Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus; sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus, ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue, para demonstrar a sua justiça pela remissão dos pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus; para demonstração da sua justiça neste tempo presente, para que ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus.

"Onde está logo a jactância? É excluída. Por qual lei? Das obras? Não; mas pela lei da fé; concluímos, pois, que o homem é justificado pela fé sem as obras da lei. É porventura Deus somente dos judeus? E não o é também dos gentios? Também dos gentios, certamente. Se Deus é um só, que justifica pela fé a circuncisão, e por meio da fé a incircuncisão. Anulamos, pois, a lei pela fé? De maneira nenhuma, antes estabelecemos a lei." – Romanos 3:21-31

A próxima verdade que devemos ressaltar é que o apóstolo se emociona com o fato de que esta salvação agora foi manifestada. É isso que realmente ele está dizendo – "Mas agora se manifestou sem a lei a justiça de Deus". É isso que ele salienta. Foi revelada, agora foi mostrada claramente. Anteriormente só fora sugerida, fora dada a entender, colocada em tipos e sombras – mas agora chegou a revelação, ocorreu a

manifestação plena. Quem quer que conheça bem esta Epístola terá notado que esta palavra é muito importante no pensamento do apóstolo, em todo o seu raciocínio e em toda a sua argumentação. No capítulo primeiro diz ele que não se envergonha do evangelho "Porque nele *se descobre* (se revela) a justiça de Deus de fé em fé, como está escrito: Mas o justo viverá da fé" (capítulo primeiro, versículos 16 e 17). Depois ele passa a dizer que tem mais um motivo para regozijar-se nele, "Porque", diz ele no versículo 18: "do céu *se manifesta* (se revela) a ira de Deus sobre toda a impiedade e injustiça dos homens". Na passagem que estamos estudando, a expressão é exatamente a mesma.* Ele está repetindo o que dissera no capítulo primeiro, isto é, que devido a ira de Deus já ter sido revelada, ele agora se regozija no fato de que foi revelado também o plano da justiça de Deus.

Devemos dar ênfase à palavra "agora", e por esta razão: não foi simplesmente inserida aí como uma espécie de conexão gramatical. Não é que o apóstolo esteja apenas dizendo: bem, vimos que nenhuma tentativa do homem de justificar-se por meio da lei pode ter possibilidade de sucesso, "mas agora", em contraste, há este outro meio. Isso está incluído. Mas eu acredito que a palavra "agora" é empregada pelo apóstolo para ele poder salientar também o aspecto histórico desta questão. O que ele está dizendo é que recentemente acontecera algo que abrira uma nova possibilidade para nós – "agora". Vimos como foram as coisas através dos séculos, qual era a situação sob a Lei e sob os Profetas; porém agora não é mais assim. Algo de novo aconteceu – "agora". O grande marco divisório da história acontecera: a vinda do Filho de Deus ao mundo. Assim é que estamos vivendo numa nova era – no "agora". Já

---

* Certamente o autor está dizendo que as expressões de Rom. 1:17,18 têm "exatamente" o mesmo sentido da expressão que lemos em Rom. 3:21, apesar de que, no grego, o vocábulo empregado em Rom. 1:17,18 é diferente do que consta em 3:21 (os termos são diferentes, mas sinônimos). Nota do tradutor.

não é mais a antiga era, é a nova. Essa chegou. Estamos vivendo nos "fins dos séculos", como ele diz noutro lugar. Portanto, é muito importante observar essa palavra quando lemos o Novo Testamento; há este contraste entre o que foi no passado e o que é agora. O Velho Testamento olhava para o futuro, para esta era; mas esta era já chegou, e estamos vivendo nela. O "agora" dá ênfase ao aspecto histórico.

Ou, para colocar a questão doutra maneira: a fé cristã não é uma filosofia, não é mero ensino. Ela se baseia numa série de eventos históricos. O ensino deriva-se de eventos históricos e está fundamentado neles. Não há como exagerar na ênfase a isso porque é nesse ponto que a nossa fé difere de todas as religiões, assim chamadas. Todas as religiões consistem em ensinos; na fé cristã o evento, o acontecimento histórico precede ao ensino; é uma proclamação de eventos, de ações e de fatos. Esta palavra "agora" lembra-nos isso. Agora estou em condições, diz praticamente o apóstolo, de poder dizer-lhes que Deus revelou isto, e o fez nos eventos históricos relacionados com a vida, a obra, o ministério, a morte, a ressurreição e a ascensão do Filho de Deus, e com a descida do Espírito Santo no dia de Pentecoste.

Este é um princípio fundamental que nunca devemos perder de vista. É particularmente importante na hora presente. Os que têm algum tipo de interesse teológico sabem exatamente o que eu tenho em mente. Há uma escola de pensamento, uma escola teológica, que está em voga no continente europeu atualmente, e em menor extensão na Inglaterra. Muito se fala sobre ela no "Terceiro Programa" do rádio, e livros e artigos estão sendo escritos a seu respeito. Essa escola ensina que no Novo Testamento não há realmente nada importante, exceto o ensino; que os fatos absolutamente não importam.

Esse é o ensino de Bultmann, na Alemanha. Ele fala da necessidade de "desmitologizar" o evangelho. Diz ele que o homem moderno tem bom grau de educação, especialmente

quanto ao aspecto científico, e que, portanto, não se pode esperar que ele acredite em milagres e em manifestações do sobrenatural. De maneira nenhuma ele pode crer no nascimento virginal de Jesus e nos milagres. Nem dá para pedir-lhe que acredite em algo como à idéia vicária da expiação, e numa ressurreição literalmente física. De acordo com esse ensino, todas essas questões não passam de infelizes agregações e acréscimos ocorridos no século primeiro. É a verdade que importa, é a idéia do perdão de Deus e da salvação que realmente conta, pelo que devemos lançar ao mar os fatos e não perturbar mais as pessoas com eles. Eles são uma ofensa e um estorvo para o homem moderno, e se interpõem entre ele e a mensagem. Vocês vêem o perigo! Tal ensino não é somente uma total contradição desta pequena palavra "agora"; é uma contradição de todo o ensino do Novo Testamento. "Se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados", diz o apóstolo em 1 Coríntios, capítulo 15. É tão vital a importância dessa questão.

Não, jamais devemos perder de vista os fatos, ou deixá-los passar ao largo. O "agora" é a declaração destes eventos, destes fatos, que ocorreram – a vinda do Filho de Deus ao mundo e tudo quanto está registrado nos quatro Evangelhos. O que o apóstolo está dizendo aqui é que o Senhor Jesus Cristo não veio ao mundo meramente para dizer-nos que "Deus é amor" e que Deus está disposto a perdoar o pecador. Sabia-se disso no Velho Testamento. Ele veio a este mundo a fim de construir este caminho da salvação que nos habilita a sermos justificados pela fé. O que importa são os fatos. Veremos que o apóstolo continua salientando isso em toda esta parte até chegarmos ao fim do capítulo. Toda essa porção foi introduzida pela palavra "agora". Devemos ater-nos aos fatos e nunca deixar que eles nos escapem.

Tendo ressaltado isso, quero repetir algo que já vimos, a saber, que a salvação não consiste apenas em recebermos o perdão dos pecados. O que o apóstolo salienta é que nos é dada

uma justiça positiva. "Mas agora", diz ele, "...a justiça de Deus." O que o homem estivera tentando produzir, e especialmente os judeus, era uma justiça que satisfizesse a Deus. Os judeus pensavam que estavam conseguindo isso por meio da Lei; outros achavam que o estavam conseguindo com a sua moralidade e com a sua filosofia. Paulo tinha provado que tudo isso fora inútil. "Mas agora", diz ele, há uma situação inteiramente nova – uma justiça provinda de Deus está à disposição. Esse é o elemento grandioso da salvação; não meramente que os nossos pecados estão perdoados. Isso nunca poderia ser suficiente; só termos os nossos pecados perdoados não nos admite no céu. Antes de podermos ser admitidos no céu, precisamos ser revestidos de justiça. Se não formos, nos veremos na situação do homem que o nosso Senhor retrata numa de Suas parábolas – o homem que entrou na festa de casamento sem as vestes nupciais. Esse homem foi lançado fora (Mateus 22:1-14), e essa é a situação de todos os que pensam que só o perdão já é a salvação. Temos necessidade de uma justiça positiva; e esta grande doutrina da justificação pela fé nos ensina que Deus não somente nos perdoa, mas também credita em nossa conta a justiça de Jesus Cristo. Ele no-la veste. Uma justiça de Deus, ou procedente de Deus, está agora à disposição por causa do que Cristo fez quando veio ao mundo e que Ele completou por Seu regresso ao Pai. É assim que esta justiça vem a ser nossa.

Precisamos passar agora à segunda questão que o apóstolo considera nesta primeira subdivisão. Talvez seja melhor colocar isso na forma de pergunta: como é que esta justiça pode vir a ser nossa? Se esta justiça está disponível, como a posso receber, como posso revestir-me dela? O apóstolo responde. Não há nada que seja mais vitalmente importante do que isto. A Versão Autorizada (inglesa) diz: "Mas agora a justiça de Deus sem a lei se manifestou". Todavia o que de fato o apóstolo escreveu foi: "Mas agora sem a lei a justiça de Deus se manifestou". Ele colocou "sem a lei" antes da "justiça de Deus"; e o fez, é

claro, porque estava desejoso de salientar que essa é a grande coisa em questão. Diz ele que esse modo de justiça que Deus está oferecendo agora é algo independente da Lei, é sem a Lei.

Que quer dizer ele quando emprega as palavras "sem a lei", "independente da lei"? Esse é um ponto muito importante porque algumas vezes tem sido mal entendido e mal interpretado. Há os que dizem que significa que Deus liquidou completamente Sua Lei, que a Lei deixou de existir de vez, que Deus ab-rogou a Lei, e que, desde a vinda de Jesus Cristo a este mundo, a Lei deixou de ter qualquer significado e importância, e não se aplica a ninguém. Dizem eles que, enquanto Cristo não veio e não realizou a Sua obra, a Lei era pregada aos homens e eles eram julgados de acordo com a sua conformidade ou falta de conformidade com a Lei, mas a situação já não é essa. O que agora julga os homens não é a Lei de Deus, mas a reação deles ao Senhor Jesus Cristo. A Lei não entra mais em lugar nenhum, dizem eles; ela foi posta fora de ação – "sem a lei". Agora a questão se reduz a "Você crê ou não crê no Senhor Jesus Cristo?" De fato, as pessoas que sustentam essa opinião chegam ao ponto de dizer que, uma vez que a humanidade falhou no cumprimento da Lei de Deus, Deus, por assim dizer, introduziu algo mais simples e mais fácil. Agora é apenas uma questão de se crer no Senhor Jesus Cristo, dizem eles – nada mais, além de crer. A Lei não se aplica a nós em nada.

Pois bem, quero mostrar-lhes que isso é uma falsa interpretação, e muito grave. Quem alguma vez leu o versículo trinta e um (o último versículo) deste capítulo jamais deveria cair nessa armadilha, nesse erro particular, porque ali nós lemos: "Anulamos, pois, a lei pela fé? De maneira nenhuma, antes estabelecemos a lei". Assim, seja qual for a sua interpretação da expressão "sem a lei", jamais deverá dizer que a Lei desapareceu, desvaneceu-se, ou foi para sempre lançada para longe da vista de Deus. Não é esse o caso. Não é isso que significa.

Que significa, então? Significa que a nossa tentativa de cumprir, pessoalmente, a Lei de Deus perfeitamente como o meio de salvação foi posta de lado por completo, não por que a Lei não mais se nos aplique, mas porque Outrem prestou esta perfeita obediência à Lei em nosso favor. Noutras palavras, o apóstolo está dizendo que ninguém mais precisa pensar em salvar-se a si mesmo, ou em achar ou realizar a salvação em termos da sua vida, do seu modo de viver, das suas atividades e da sua moralidade. Este plano de salvação que agora Deus mantém diante de nós não deixa conosco o dever de satisfazer à Lei, porque "nenhuma carne será justificada diante dele pelas obras da lei, porque pela lei vem o conhecimento do pecado". Mais adiante veremos quão importante é que compreendamos que o Senhor Jesus Cristo nos salva guardando e honrando a Lei por nós. A Lei não foi retirada; Deus não deu cabo da Lei. O Senhor Jesus Cristo a satisfez e a cumpriu, e nós recebemos o fruto e os resultados do que Ele fez.

Vocês poderão dizer que essa é uma distinção sem diferença; mas, quando a examinarem melhor, verão que está longe de ser isso. A Lei de Deus continua a existir, e continua sendo o instrumento do julgamento; e é inconcebível que se possa permanecer na presença de Deus sem uma justiça que atenda às exigências da Lei, a satisfaça e se conforme com ela. Jamais deveremos ter um conceito da salvação que dispense a Lei; deve ser um conceito que "estabeleça" a Lei. O que o apóstolo está dizendo é que o judeu e o gentio não devem continuar pensando que o que eles puderem fazer, afinal satisfará a Deus, porque isso seria colocar-se debaixo da Lei, seria colocar-se debaixo da condenação.

Como será, então, que me vem a justiça de Deus? Paulo responde dizendo, no versículo 22, que ela vem a mim "pela fé em Jesus Cristo para todos e sobre todos os que crêem". Um melhor modo de traduzir esse versículo seria: "Pela fé em Jesus Cristo e pela confiança nele". Ora, todas estas palavras são importantes. Que significa "fé"? A fé inclui estes três

aspectos ou elementos: significa um conhecimento da verdade, significa um assentimento à verdade, significa uma confiança na verdade. Há sempre esses três elementos na fé, na fé verdadeira – conhecimento da verdade, assentimento e uma confiante entrega de si mesmo à verdade. Nunca devemos pensar na fé em termos que omitem qualquer um desses três elementos. A fé, noutras palavras, não é mero conhecimento intelectual da verdade, e nem mesmo uma aceitação intelectual da verdade. Vocês podem ter isso, e ainda estar sem fé. A fé é uma verdadeira confiança em Cristo e no que Ele fez por nós e pela nossa salvação. Esse, de acordo com o apóstolo, é o meio pelo qual se pode obter esta justiça.

Podemos expressá-lo da seguinte maneira: o homem que tem fé é o homem que não mais se examina a si mesmo e não mais se olha a si mesmo. Não olha para o que ele é agora. Não olha para o que ele espera ser, como resultado dos seus esforços pessoais. Ele olha inteiramente para o Senhor Jesus Cristo e para a Sua obra já consumada, e descansa unicamente nisso. Ele parou de dizer: "Ah, sim, eu cometi pecados terríveis, mas fiz isto e aquilo...". Não diz mais isso. Se continuar dizendo isso, é sinal de que não tem fé. Ou se ele disser: "Ah, ainda há dentro de mim este negror terrível, e ainda vejo pecado dentro de mim; como posso dizer que estou salvo?" ele continua errado. Ele não deve falar desse jeito, porque falar assim é estar ainda olhando para si mesmo. A fé fala de maneira inteiramente diversa, e leva o homem a dizer: "Sim, pequei gravemente, tive uma vida de pecado. Fui blasfemo, injurioso, fui vil, dificilmente haverá um pecado que eu não tenha cometido, e sei que ainda há pecado dentro de mim; todavia, sei que sou filho de Deus porque não estou confiando em nenhuma justiça minha; minha justiça é a que está em Jesus Cristo, e Deus a pôs na minha conta". Ele já não olha para si mesmo; olha única, completa e exclusivamente para o Senhor Jesus Cristo.

Vocês vêem a importância disto? Há alguns que pensam

que a pessoa condenar-se e apontar os seus próprios pecados é sinal de grande espiritualidade. Entendo o que eles querem dizer, num sentido; mas noutro sentido é uma negação da fé. Se de um modo ou de outro você não tem certeza, não tem segurança, por causa de algo existente em você, significa que você não está exercendo a fé. A fé repousa inteira e exclusivamente no Senhor Jesus Cristo e no que Ele fez.

Descanso a minha fé tão-somente naquele
Que morreu para expiar as minhas transgressões.

Jamais deveríamos ter dificuldade com relação a isso. É nesse ponto que o Velho Testamento é de tão grande valor. Retrocedam ao livro de Levítico e leiam as instruções ali dadas acerca das diversas oferendas e sacrifícios. Verão coisas como esta – os sacerdotes tinham que pôr suas mãos sobre o animal que devia ser sacrificado em favor deles. Por que isso? Bem, era a maneira simbólica pela qual os seus pecados eram lançados sobre esse animal que ia ser sacrificado em seu lugar. Assim eis o que diz a fé:

Eu lanço os meus pecados sobre Jesus,
O imaculado Cordeiro de Deus.

Tome os seus pecados, encare-os, reconheça-os todos, envergonhe-se deles; mas não fique nisso. Prossiga e diga: "Eu os lanço sobre Jesus". Essa é a palavra da fé. Seja o que for que se possa dizer verdadeiramente a nosso respeito, não importa. Todos nós somos pecadores, e nesse sentido continuaremos sendo; mas o que nos habilita a sabermos que fomos perdoados e justificados, e que permanecemos justos à vista de Deus, é que nos é outorgada a justiça de Jesus Cristo. É esse o sentido. Fé é você ver essa verdade, dar-lhe assentimento, lançar-se confiantemente sobre ela exatamente assim como você está:

Apenas como estou, sem nada para alegar,
Senão que o Teu sangue derramaste por mim,
E que me convidas para a Ti achegar-me,
Ó Cordeiro de Deus, eu venho a Ti.

É isso! Apenas como você está!

Apenas como estou, sem mais esperar,
Para às manchas de minha alma dar logo fim,
A Ti, cujo sangue as pode limpar,
Ó Cordeiro de Deus, eu venho, sim! *

"Toda a aptidão que Ele requer é você ver a necessidade que dEle tem." "Não os justos; pecadores Jesus veio salvar." Que tragédia, alguém ser mantido preso à escravidão do legalismo, alguém ver-se roubado pelo diabo da alegria da salvação pelo fato de olhar para si mesmo em qualquer sentido! Fé é a que olha unicamente para Jesus.

O próximo comentário que desejo fazer sobre o lugar da fé é o seguinte: jamais devemos dizer que é a fé que nos salva. Acredito que é o que muitos querem dizer, e nisso acreditam. Eles declaram: sob a antiga dispensação eram as obras da Lei que salvavam. Agora não é assim; a Lei foi ab-rogada; agora o que nos salva é crer em Cristo. Nada disso! Não é a nossa fé que nos salva. Observem novamente as palavras: "Mas agora se manifestou sem a lei a justiça de Deus, tendo o testemunho da lei e dos profetas; isto é, a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo para todos e sobre todos os que crêem". Isso significaria que é a minha fé que me salva? Não. Quem salva você é o Senhor Jesus Cristo. Se você disser que a sua fé o salva, sua fé tornou-se obra, e você tem algo do que se gloriar. Você pode

---

* Tradução quanto possível literal. Para uma versão um pouco mais livre, ver o hinário *Salmos e Hinos*, Nº. 318. Nota do tradutor da presente obra.

dizer: "Eu cri, esse outro não creu, e, portanto, eu mereço a salvação, e ele não". Você está se salvando a si próprio. É justamente isso que o apóstolo está denunciando. A fé não nos salva; é por meio da fé que somos salvos. A fé é tão-somente o instrumento, não a causa, da minha justificação. A causa da minha justificação é o Senhor Jesus Cristo e tudo o que Ele fez, e eu não devo interpor ali coisa alguma, nem mesmo a fé. Esse lugar cabe a Ele, e somente a Ele. Se eu não agir assim, vejam vocês, não poderei encarar o versículo vinte e sete, onde lemos: "Onde está logo a jactância? É excluída". Não há lugar para jactância na vida cristã; mas, se você diz que sua fé o salvou, você está se jactando da sua fé. Muitos dizem isso, não dizem? Praticamente o que eles dizem é: "Ah, sim, o evangelho é pregado a todos; eu escolhi crer, o outro escolheu não crer; portanto, é o meu ato de crer que me salva". Mas isso não pode estar certo porque, se fosse assim, seria algo que há nos que são salvos e que não está nos outros, e os salvos teriam do que jactar-se. Mas aqui não há nenhum lugar para jactância. Por isso nunca devemos referir-nos à fé como a causa da nossa salvação, ou da nossa justiça. A fé é mero instrumento pelo qual a salvação é recebida.

Não vou entrar aqui na questão concernente à origem da nossa fé, porquanto não se apresenta neste contexto. Estou simplesmente interessado em acentuar isto – que não é a nossa fé que nos salva; ela é apenas o canal pelo qual a justiça passa a ser minha.

Assim o apóstolo declara que este é o método maravilhoso que Deus providenciou. É tudo em Jesus Cristo. Jesus Cristo "para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção" (1 Coríntios 1:30). Ele é "tudo em todos", "o princípio e o fim", e nós estamos "completos nele" (Colossenses 2:10, VA). É tudo nele, e a Ele pertence toda a glória. O apóstolo repetirá isso, e vamos vê-lo quando chegarmos ao versículo vinte e quatro: "Sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus".

Tendo visto que esta é a maneira pela qual a justiça se torna minha, devo ir adiante e fazer a próxima pergunta: para quem, então, isso está acessível, esta salvação, esta justiça de Jesus Cristo que nos vem pela fé? A quem ela vem? O apóstolo responde dizendo que ela vem a todos os que crêem – "para todos e sobre todos os que crêem". Há uma pequena dificuldade quanto à expressão "sobre todos". Não consta nalguns manuscritos mais antigos e mais confiáveis. Realmente isso não importa. O que o apóstolo está dizendo é que ela vem a todos os que crêem; e, obviamente, no que ele está pensando é, mais uma vez, no ponto sobre o qual ele vem argumentando extensivamente, na segunda metade do capítulo primeiro, em todo o capítulo dois e na primeira metade (na realidade, mais que na primeira metade) do capítulo três. Ele continua pensando nisto, continua com isto em mente, esta distinção que os judeus estavam traçando entre eles e os gentios. Por isso ele lhes responde de imediato, dizendo: "Não há diferença. Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus". Como eu disse, ele já declarara isso extensamente. Foi esse o clímax do seu grande argumento na primeira parte deste capítulo três, onde ele provou que "toda boca está (esteja) fechada e todo o mundo é condenável diante de Deus" – que não há diferença entre o judeu e o gentio porque todos estão na mesma situação. "Já dantes demonstramos que, tanto judeus como gregos, todos estão debaixo do pecado." E, ainda assim, ele o diz aqui, neste versículo vinte e três, de maneira a mais extraordinária e admirável, na verdade de maneira sumamente gloriosa. Ele afirma esta verdade aqui de um modo mais maravilhoso do que em qualquer outro lugar desta epístola até este ponto. Vocês percebem como ele o faz? Não há diferença, diz ele, estamos todos exatamente nas mesmas condições, estamos todos em idêntica situação. A que situação ele se refere? "Todos pecaram", diz ele, "e destituídos estão da glória de Deus".

Observem estas duas maneiras de descrever a condição

em que o homem se encontra em conseqüência da Queda. Todos pecaram, diz ele. Aqui ele descreve o pecado em si mesmo e em seu caráter ativo. Foi isso que a queda do homem fez com a raça humana. Significa que todos pecaram. E que significa pecado? Permitam-me oferecer-lhes algumas definições de pecado. É "errar o alvo"; em vez de chegar ao alvo, você está num lado ou no outro dele. Significa isto – fracasso em não atingir o padrão divino ou em não estar à altura dele. Segundo, pecado é "anomia", é estar sem lei ou fora da lei. Terceiro, é "falta de retidão", "falta de justiça" – não ser reto, direito, íntegro, veraz. Quarto, pecado é "transgressão". Esses termos você encontra por toda parte na Bíblia, e o seu objetivo é trazer à luz a significação do pecado. Transgressão é você seguir a sua própria vontade, e não a de Deus. Pecado significa também "iniqüidade"; iniqüidade é tudo o que em si mesmo é errado, é algo patente, inerente e essencialmente mau. E por último, em sexto lugar, pecado é, como no-lo relembra João em sua Primeira Epístola, "a transgressão da lei", quebrando a lei (1 João 3:4, VA e ARA). Pois bem, diz o apóstolo que todos nós somos culpados disso tudo. Ele o explica amplamente nos versículos 10 a 18. E o resume com esta palavra: "pecado".

Mas há outro ponto interessante acerca do modo como ele se expressa aqui. O apóstolo empregou deliberadamente o aoristo do verbo "pecar", significando "algo feito uma vez por todas". Devemos traduzir este versículo assim: "Pois todos pecaram e estão sendo destituídos da glória de Deus". Ele empregou dois tempos verbais diferentes, primeiro o aoristo, expressando algo completo, uma ação realizada uma vez por todas; depois, em segundo lugar, uma ação que está continuando no presente. Que sugere Paulo com isso? Diz ele: "todos pecaram". Quando foi que todos pecaram? A resposta, que ele nos dará mais adiante, no capítulo cinco, é: "em Adão". Vocês a verão no versículo doze do capítulo cinco. Agora só a menciono de passagem; mas voltaremos a ela e lhe daremos

trato minucioso. Mas aqui ele ensina, como ensina no capítulo 5 e noutras passagens, que todos nós pecamos em Adão. Todos nós morremos em Adão, em conseqüência do seu pecado. Adão era o chefe, o cabeça federal da humanidade, e quando ele pecou, todos nós pecamos. Ele nos representava. Todos nós estávamos nele. "Todos pecaram" – uma vez por todas. Assim é que, em acréscimo aos pecados, aos pecados individuais, que eu e você cometemos, todos nós pecamos em Adão. É por isso que "a morte reinou desde Adão até Moisés", é por isso que a morte entrou em cena e todos morrem. Mesmo um bebê recém-nascido pode morrer. É conseqüência do pecado no qual todos participamos em Adão – "todos pecaram".

Mas eu quero salientar especialmente esta outra declaração que o apóstolo faz na passagem que estamos estudando. "Todos pecaram" e "estão tendo falta" ou "estão carecendo da glória de Deus". Esta é uma declaração notável. Que quer ele dizer com isso? Ele quer dizer que todos carecemos, que todos temos necessidade da glória de Deus. A palavra que ele emprega aqui é exatamente a mesma que o nosso bendito Senhor empregou na parábola do filho pródigo quando, a respeito do jovem que estava numa terra distante, diz Ele que o jovem começou a "padecer necessidades". Não tinha mais dinheiro, não tinha alimento suficiente, "começou a padecer necessidades" (VA: "a ter falta (de tudo)"). É o que nos é dito aqui; estamos tendo necessidade, carecemos da glória de Deus, ficamos aquém, temos falta da glória de Deus.

Que será que ele quer dizer com isso? Certamente se trata de uma das coisas mais estupendas. A maneira de responder à pergunta consiste em examinar outras declarações sobre o mesmo assunto. Nos versículos 7 e 10 do capítulo dois o encontraremos. Lemos no versículo 7 que é dada a "vida eterna aos que, com perseverança em fazer (o) bem, procuram glória, e honra e incorrupção"; e de igual modo vemos no versículo 10 que "Glória, porém, e honra e paz (são dadas) a qualquer que obra o bem; primeiramente ao judeu e também ao grego".

Há outra referência ao ponto nos versículos um e dois do capítulo cinco, onde lemos: "Sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo; pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça na qual estamos firmes, e nos gloriamos na esperança da glória de Deus". A seguir, passem ao capítulo oito, e o verão várias vezes. Vejam o versículo dezoito: "Porque para mim tenho por certo que as aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada". Também no versículo vinte e um: "Na esperança de que também a mesma criatura será libertada da servidão da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus". Sigam adiante, aos versículos 29 e 30: "Porque os que dantes conheceu também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho; a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou a estes também chamou; e aos que chamou a estes também justificou; e aos que justificou a estes também glorificou".

Que é que ele quer dizer? Que é que ele quer dizer em 2 Coríntios 3:18: "Mas todos nós, com cara descoberta, refletindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor"? Que quer dizer ele em 2 Coríntios 4:6, quando declara: "Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo"? Que é que ele quer dizer em 2 Coríntios 4:17, quando afirma: "A nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória muito excelente"? Que quis dizer o Senhor Jesus Cristo em João 17:22, quando declarou: "Eu dei-lhes a glória que a mim me deste"?

Que significa isto: "Todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus"? Esta é a única interpretação adequada de todos esses versículos; significa: contemplem a glória de Deus e regozijem-se nela! "Deus, que disse que das trevas

resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em nossos corações." Para quê? "Para iluminação (ou revelação) do conhecimento da glória de Deus." O incrédulo nada sabe da glória. Ele odeia a Deus, dá as costas a Deus. Por quê? Porque nunca viu e não conhece "a glória". Mas o cristão é alguém a quem a glória foi revelada; ele tem algum conhecimento da glória de Deus, e se regozija nela. Ela é tudo para ele. É o que há de mais glorioso.

Ah, mas não é sòmente conhecer algo da glória de Deus; alguns dos versículos que citei nos dizem que, na qualidade de cristãos, não somente conhecemos algo a respeito da glória de Deus, mas também temos parte nela. Somos participantes dela. "Todos nós, com cara descoberta, refletindo como um espelho a glória do Senhor." Vocês decerto se lembram de Moisés no alto de um monte com Deus, recebendo a Lei. Ele desceu e ia falar com o povo, mas quando o viram recuaram alarmados. Que aconteceu? A glória fulgente de Deus se irradiava do rosto de Moisés! Algo semelhante acontece com todo cristão verdadeiro. Com o incrédulo isso não acontece. Falta-lhe a glória de Deus; não a vê; não participa dela. Mas para o cristão isso é um glorioso fato.

Nunca o apóstolo expôs as ruínas causadas pelo pecado e pela Queda de maneira mais maravilhosa do que neste versículo vinte e três do capítulo três da Epístola aos Romanos. O pecado não somente torna ímpio o homem; também o priva da glória de Deus. E se vocês entenderem isso, perceberão quão fútil é pensar que pelas suas obras ou atividades, poderão habilitar-se para estar na presença de Deus. Antes de podermos conhecê-lo verdadeiramente e ter comunhão com Ele, para não falar em podermos estar diante da glória da Sua presença, precisamos ter algo da Sua glória. Por mais bondade que haja em nós, e por mais alto que seja o nível da nossa moralidade, nunca desenvolveremos, nunca poderemos desenvolver uma glória divina. Sem esta, porém, jamais poderemos ver a Deus, jamais poderemos permanecer em Sua presença. Mas, como no-lo faz lembrar o apóstolo Pedro no capítulo primeiro da

sua Segunda Epístola, os cristãos são feitos "participantes da natureza divina". Seria isso verdade a meu respeito como cristão? Sim, é! Não significa que seja visível e evidente para todas as pessoas. Mesmo a glória presente no Senhor Jesus Cristo não era visível para todos, quando Ele estava na carne. Crucificaram-no. Diziam: "Quem é este? É um impostor". A carne velava a glória, e, não obstante, os olhos da fé podiam vê-la, porque, como diz João no prólogo do seu evangelho, "e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade". A glória está em nós em certa medida, se somos cristãos, embora nem sempre seja visível. A seguinte estrofe de um hino expressa bem essa verdade:

Oculta como ainda esta honra está
Ignorada por este mundo tenebroso,
Mundo que ignorou quando Ele veio
O Filho eterno do eterno Deus.

Eles não vêem a glória de Deus. E, infelizmente, por vezes nós mesmos não a vemos, e não a vemos uns nos outros; mas, se estamos em Cristo, essa verdade nos diz respeito – "Aos que justificou a estes também glorificou". Como sou cristão, há em mim um novo homem, que é glorioso e que vai sendo transformado "de glória em glória". Mais maravilhoso ainda, chegará o dia em que até o meu corpo será feito glorioso. "Mas a nossa cidade está nos céus, donde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo", diz Paulo aos filipenses, "que transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o seu corpo glorioso" (Filipenses 3:20). Então serei glorificado completamente! Glorioso no espírito, glorioso no corpo – inteiramente glorificado.

Que coisa terrível é o pecado! Ele não somente nos priva da justiça; priva-nos da "glória de Deus". Que salvação gloriosa é esta! Não somente me dá perdão e justiça; dá-me glória: "Aos que justificou a estes também glorificou". Seja o que for

que tenhamos sido antes, se temos esta fé no Senhor Jesus Cristo e em Sua obra perfeita, estamos revestidos da Sua justiça, e algo da glória de Deus foi implantada dentro de nós. Somos feitos "participantes da natureza divina" (2 Pedro 1:4).

4

SOMENTE PELA GRAÇA

"Sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus." – Romanos 3:24

Neste importantíssimo versículo que agora vamos considerar, o apóstolo dá continuidade ao seu esboço geral do plano de salvação. Quero lembrar-lhes que ele estivera descrevendo as características desse plano no versículo 21 e na primeira parte do versículo 22. Depois, na segunda parte do versículo 22 e no versículo 23, ele fez uma digressão com o fim de salientar o escopo amplamente inclusivo deste evangelho com relação ao judeu e ao gentio, mas aqui ele retorna ao tema geral e o proclama de maneira deveras maravilhosa. Este é, indubitavelmente, um dos grandes versículos da Bíblia. É uma declaração comparável à de João 3:16. É uma perfeita sinopse da fé cristã, e, portanto, é importante que a entendamos bem.

Mas, em acréscimo à sua importância intrínseca, é de particular importância que entendamos que é uma declaração vital em conexão com o conteúdo global desta Epístola. Há, pois, um sentido em que é certo dizer que, a menos que captemos o sentido deste versículo, não há propósito, não vale a pena ir adiante. Em todo caso, algum entendimento deste versículo é indispensável, se queremos usufruir a liberdade que nos é oferecida no evangelho. É uma das declarações essenciais da fé cristã, e cada palavra dela é de grande importância.

O versículo e a sua declaração podem ser divididos sob três títulos principais: primeiro, uma descrição ou definição da salvação; segundo, como a salvação vem a ser nossa; e terceiro, como foi possível a Deus providenciar tal salvação para nós.

Consideremos primeiro a pergunta – Que é salvação? Diz-nos o apóstolo que é "ser justificado". Como esta é uma das grandes e cruciais declarações, devemos ter claro entendimento do seu significado. Mais adiante vamos aprofundar-nos nisto em detalhe, porém de imediato devemos afirmar que, primariamente, se trata de uma declaração feita por Deus. Significa que somos declarados justos por Deus. É um ato judicial ou forense. Não significa que somos feitos justos, mas, antes, que Deus nos considera justos e nos declara justos.

Com freqüência isso constitui dificuldade para muitos. Dizem eles que, visto que têm consciência do pecado que há neles, pode ser que não estejam na condição de justificados; mas quem fala dessa maneira mostra imediatamente que não entende nada desta grande e crucial doutrina da justificação. A justificação não produz nenhuma mudança fatual em nós; é uma declaração que Deus faz concernente a nós. Não é algo resultante de alguma coisa que nós fazemos, mas, antes, é algo que é feito para nós. Só nos tornamos justos no sentido de que Deus nos considera justos, e nos proclama justos.

Notemos a seguir que o apóstolo empregou a palavra "sendo". É verbo no tempo presente. Há também aqui algo maravilhoso, que devemos compreender bem. O Dia do Juízo virá, e nesse dia seremos declarados justos diante de Deus. Mas não é disso que o apóstolo está falando aqui. Ele está asseverando que agora, no presente, somos declarados justos, no momento em que exercemos a fé. Nesse exato momento Deus nos declara justos. Desde o instante em que cremos, isso passa a ser uma realidade a nosso respeito. É nisso que somos exortados a crer, e é uma grande fonte de regozijo para todos os cristãos verdadeiros.

Veremos que no versículo primeiro do capítulo cinco o apóstolo diz: "Sendo justificados", mas ali o sentido é diferente, pois nessa passagem ele emprega o pretérito, e na verdade esse versículo deveria ser traduzido "Tendo sido justificados". Ali o apóstolo está olhando retrospectivamente para algo que já tinha acontecido, porém aqui o seu objetivo é dizer-nos que se trata de uma coisa que pode acontecer imediatamente no presente.

A grande importância desta ênfase ao presente transparece claramente na história de Martinho Lutero. Ele fora criado no catolicismo romano e lhe tinham ensinado que isso de certeza da salvação não existe. Como católico romano, ele tinha que depender da igreja e das suas diversas atividades. Mas, quando brilhou aquela esplêndida luz sobre Lutero e lhe foi dado entender esta doutrina da justificação pela fé, ele foi despertado para a percepção de que esta bênção é possível agora, no presente imediato. O resultado foi que ele se encheu de um espírito de regozijo, e teve certeza da sua salvação. De muitas maneiras, pois, vemos que este versículo constitui uma das grandes declarações que levaram à Reforma Protestante e que a explicam.

Passemos agora à segunda questão: como é que esta salvação se torna nossa? O apóstolo tem tão grande interesse em que entendamos este ponto que o declara duas vezes, com duas palavras – "gratuitamente" e "graça". Ele já dissera isso anteriormente na Epístola. Já havia dito no capítulo primeiro, versículo 16, que esse era o plano de salvação procedente de Deus. Paulo o repete aqui, mas vai além; diz-nos ele que a salvação nos vem gratuitamente e pela graça de Deus. Ele está desejoso de acentuar que é um dom, algo inteiramente gratuito. A salvação é um dom de Deus. É bênção que nos vem gratuitamente. Com essas palavras ele salienta a maneira pela qual ela nos vem, e declara que nós nada fizemos para merecê-la. Pode-se expor o ponto em foco lembrando que há uma declaração do nosso Senhor no Evangelho Segundo João

(15:25) na qual Ele diz: "Aborreceram-me sem causa". A palavra traduzida por "sem causa" é exatamente a mesma palavra que o apóstolo emprega no texto que estamos estudando. Ele ressalta o fato de que em nós não há nada que mereça este dom da salvação; no que nos diz respeito, não há nenhuma causa para isso. É algo que recebemos totalmente de graça.

Portanto, é importante fazer algumas perguntas nesta altura: estamos nós pondo a nossa confiança em nós mesmos, ou em nossa família, ou em nossa igreja, ou em nossa nacionalidade? Tudo isso é excluído. A salvação é um dom que nos vem gratuitamente de Deus, sem o nosso merecimento em nenhum aspecto, absolutamente.

Outro fato que emerge deste elemento de gratuidade, evidentemente, é que ela não tem nada a fazer com a Lei. Esta salvação, como o apóstolo já indicara no versículo 21, é "sem a lei" ou "independentemente da lei". A Lei nos impõe exigências que precisam ser satisfeitas, mas nesta salvação não há nada disso; é inteiramente de graça.

Depois o apóstolo prossegue para salientar esta verdade ainda mais pelo emprego da palavra "graça". O dom gratuito é resultante da graça de Deus. "Graça" é uma das grandes palavras do Novo Testamento. Não é de admirar que Philip Doddridge tenha escrito o seguinte, no século dezoito:

Graça! É som que encanta a gente,
Melodia harmoniosa:
O céu o ecoa candente
E toda a terra o ouve jubilosa.

Primeiro a graça inventou
Como o rebelde salvar,
E a graça os passos traçou
Do plano belo e sem par.

Não existe vocábulo mais maravilhoso que a palavra "graça". Significa favor imerecido, ou bondade mostrada a alguém que dela não tem nenhum merecimento. Aqui de novo é posto em destaque o caráter puramente gratuito da nossa salvação. É algo que resulta unicamente do exercício do amor espontâneo de Deus. Não é simplesmente um dom gratuito; é um dom gratuito dado aos que merecem exatamente o oposto, e nos é dado quando estamos "sem esperança e sem Deus no mundo".

Uma das melhores maneiras de entender esta grande doutrina da graça é contrastá-la com a Lei. Isso é feito no Evangelho Segundo João, capítulo primeiro, versículo 17: "Porque a lei foi dada por Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo". Todo o propósito do capítulo 4 desta Epístola é, como veremos, assinalar este mesmo contraste; e, na verdade, vê-se isso também nos capítulos 5 e 6.

O significado da graça, principalmente como contrastado com a Lei, é vitalmente importante para que se possa ter um verdadeiro entendimento do argumento da Epístola, e, na realidade, para que se possa entender qualquer dos Evangelhos. O que caracteriza a nova dispensação é que esta pertence à graça, não à Lei. Não significa que não havia nada da graça na Lei, mas a ampla distinção é feita constantemente no Novo Testamento. A diferença essencial é que a Lei revelou o pecado, porém não teve poder para removê-lo. Como o apóstolo dirá no capítulo 8, versículo 3: "O que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne...". Ele já nos fizera relembrar no versículo vinte do capítulo 3 que "pela lei vem o conhecimento do pecado" – que ela não tinha perdão para dar-nos. O máximo que a Lei podia fazer era dizer: "Olho por olho, dente por dente"; que não se podia esperar por recompensa mais do que "pessoa por pessoa"; e não podia ir mais longe. A Lei era mormente normativa, e seu objetivo era tornar manifesta a nossa pecaminosidade. Isso se verá pormenorizadamente nos capítulos 5, 6 e 7. Por ora o importante é que

na Lei não há nada gratuito, nada de graça. "Mas agora" – como o apóstolo diz com aquelas grandes palavras de júbilo no versículo 21 – há algo inteiramente novo, algo que a Lei não podia dar, embora o tenha prefigurado e nos tenha preparado para isso. Neste sentido, a graça é o oposto exato da Lei. É a expressão do grande amor de Deus, do grande amor do Seu coração. A graça provém unicamente do amor de Deus, sem absolutamente nada em nós que a produza; é, de fato, inteiramente apesar de nós.

Como você reage a esta palavra? Em muitos aspectos esta é a prova final de toda profissão de fé. O cristão é alguém que reage do mesmo modo que Philip Doddridge, nos versos que citei há pouco. O mesmo pensamento é também expresso por Charles Wesley:

Sua única justiça, ei-la, eu mostro!
Proclama a Sua graça salvadora.

Você sente que a palavra "graça" abre as portas do céu para você? É realmente isso que significa ser cristão.

Também devemos notar que o apóstolo diz: "sua graça" – "Somos justificados gratuitamente pela sua graça". A palavra "sua" refere-se, é claro, a Deus o Pai. É Deus que nos proclama justificados. É a justiça de Deus que é revelada durante todo o processo de salvação. É isso que faz do evangelho uma realidade que ultrapassa o entendimento e a compreensão do homem. É Deus, e unicamente Deus, que o providencia, Aquele a quem temos desafiado, desobedecido e provocado, contra quem nos rebelamos e pecamos. É Sua graça que nos reconcilia com Ele e, evidente, obvia e unicamente, é por ela que temos a salvação.

Tendo examinado a descrição do plano de salvação, e tendo visto como a salvação chega de fato a nós, devemos passar agora a considerar a terceira questão de que trata a passagem que estamos focalizando. Que é que torna tudo isso possível? Com reverência fazemos a pergunta: em que base Deus o faz? A

resposta do apóstolo é dada imediata e diretamente pelo emprego da palavra "pela" – "pela redenção que há em Cristo Jesus". É uma palavra da maior importância. Significa "por meio de", ou "em conexão com". É importante compreender que, embora a salvação nos seja dada como um dom gratuito, como de fato é, isso não acontece meramente como resultado de uma declaração feita por Deus, ou de uma palavra proferida por Ele. É nisso que a nossa salvação difere inteiramente da Criação. Nos atos de criação Deus tinha apenas que fazer uma declaração, isto é, proferir um *fiat*. Ele disse: "Haja luz. E houve luz". Entretanto a salvação não é possível desse modo. Alguma coisa mais era necessário fazer, e mais adiante veremos ampla-mente o que era isso.

Este é um ponto sumamente importante; é na verdade um ponto vital, porquanto muitos, principalmente neste século, têm defendido a idéia de que, uma vez que Deus é amor, basta que Ele diga que nos perdoa. Todavia a própria essência do evangelho no Novo Testamento consiste em mostrar que não é assim, mas que, por causa da justiça eterna, alguma outra coisa tinha que acontecer antes que se tornasse possível o nosso perdão. É um erro total pensar que o nosso Senhor veio a este mundo apenas para nos dizer que Deus é amor e que, por Seu amor, Ele nos perdoa todos os nossos pecados. Há de fato os que até diriam que Deus já fez isso, que o nosso maior problema é que não temos ciência disso, e que, portanto, o dever da pregação é simplesmente proclamar a toda a humanidade que Deus, por Seu amor, já perdoou todos os nossos delitos e pecados. Na passagem que estamos estudando vemos quão completamente erradas são essas idéias. A palavra "pela" indica de maneira inequívoca que é somente por meio de tudo o que aconteceu com o nosso Senhor e por meio dEle – Sua vida de perfeita obediência, Sua morte sacrificial e Sua ressurreição; tudo o que em Cristo Deus realizou – que a salvação é possível. É preciso, pois, que vejamos isto com a maior clareza – que mesmo Deus não poderia justificar o ímpio simplesmente

proferindo uma palavra de perdão. Isso ficará ainda mais claro para nós quando examinarmos os versículos 25 e 26.

Certamente a Igreja e a Palavra de Deus são instrumentos do plano divino de salvação, mas o ponto vital é que o Senhor Jesus Cristo não veio ao mundo simplesmente para anunciar o plano de salvação. Veio para realizar o plano de salvação. Noutras palavras, nesta altura vemos claramente que o evangelho todo pende da palavra "pela", neste contexto; e não há como exagerar na ênfase a esta verdade.

A próxima palavra importante desta declaração é "redenção". Esta é também uma das grandes palavras do Novo Testamento. É uma palavra especial. É empregada dez vezes no Novo Testamento: sete nas Epístolas de Paulo, duas na Epístola aos Hebreus e uma no Evangelho Segundo Lucas. Houve grande controvérsia sobre esta palavra durante os cem anos passados, e muitos têm procurado esvaziá-la do seu pleno significado. Logo, precisamos estudar esta palavra com muita atenção.

A raiz da palavra, como empregada pelos gregos, relacionava-se com o ato de desatar a roupa ou de afrouxar a armadura, mas posteriormente passou a ser empregada para expressar a soltura de um animal, e também com referência à soltura das amarras e dos grilhões de um prisioneiro. Mais tarde ainda, empregava-se em alusão ao ato de soltar ou libertar um prisioneiro ou um escravo mediante o pagamento de um resgate. Na literatura grega clássica o vocábulo é sempre empregado nesse sentido. Vocês verão que no Velho Testamento a palavra que lhe corresponde também é empregada nesse sentido. Vejam, por exemplo, Números 18:15, onde se lê: "Tudo o que abrir a madre, e toda a carne que trouxerem ao Senhor, tanto de homens como de animais, será teu; porém os primogênitos dos animais imundos resgatarás". Ocasionalmente, porém, esta palavra grega era utilizada no sentido de "comprar" ou "adquirir" – campos ou alimentos, por exemplo.

Agora, se combinarmos estes dois sentidos, poderemos definir a palavra como "a obtenção de uma libertação mediante o pagamento do preço de resgate". A palavra "redenção" carrega consigo o sentido de "resgate", e é esta idéia de resgate ou de pagamento ou de substituição que, durante o século passado, muitos tentaram substituir pela idéia de libertação, somente.

Contudo, atualmente podemos afirmar que os especialistas estão de acordo quanto ao sentido, o qual é o que lhes dei. Esses especialistas não são conservadores. O Dr. James Moffat, por exemplo, em sua conhecida tradução da Bíblia – e ninguém poderia acusá-lo de conservador – traduz o versículo em foco desta maneira: "Eles são justificados gratuitamente, por sua graça, mediante o resgate providenciado em Cristo Jesus". A palavra grega empregada pelo apóstolo tem como prefixo uma palavra que significa "fora"; portanto, podemos traduzir o termo por "resgatados e libertos" ("postos fora, soltos mediante resgate"). Não me preocupo em argumentar no sentido de que a palavra não significa "libertados", porque de fato significa. O ponto é que não significa apenas isso, mas é uma palavra muito mais forte e poderosa. Contudo, a palavra "redenção" nos leva mais longe ainda. Se precisamos ser postos em liberdade mediante resgate, do que será? E a resposta bíblica é que é de uma escravidão e de um cativeiro. Em conseqüência do pecado, o homem não somente se tornou culpado diante de Deus, mas também se tornou escravo do pecado e do diabo. Nesta condição, ele está no mais completo desamparo, é um escravo consumado.

Pois bem, como vimos, "redenção" significa libertação resultante do pagamento de certo preço. Isso constitui uma parte essencial do sentido da palavra, e jamais deverá ser omitido. A verdade acerca de todos nós é que não temos nenhuma possibilidade de pagar o preço adequado, porém, graças a Deus, Outrem veio e pagou o preço por nós. Aqui temos a grande idéia de substituição. O Senhor Jesus Cristo

veio para nos resgatar, para nos libertar; Ele pagou o preço, e assim a prisão na qual fomos mantidos cativos pelo diabo foi aberta, e nós, que éramos escravos, fomos postos em liberdade. Essa é a doutrina ensinada com tanta clareza pelo apóstolo nesta passagem. O apóstolo se preocupa tanto com a nossa necessidade de entender bem este ponto que ele o descreve como "a redenção que há em Cristo Jesus". Toda a glória deve ser canalizada para Cristo. Ele é Aquele por cuja obra nos adquiriu e nos pôs em liberdade. Unicamente por Ele é que somos perdoados e libertos do poder de satanás.

Desse modo vemos, uma vez mais, o pleno conteúdo da expressão "Mas agora", no versículo 21. Foi a vinda do Senhor Jesus Cristo que fez toda a diferença – Sua perfeita obediência à Lei, o pagamento que Ele fez do preço do resgate. É Ele que torna possível a redenção. Por isso nos afanamos tanto para salientar a palavra "pela". O Senhor Jesus Cristo não veio só para nos falar do amor de Deus. É claro que Ele faz isso, mas são os fatos da Sua vinda, da Sua vida, da Sua morte e da Sua ressurreição que foram essenciais para a nossa libertação. Era o único caminho. É em Jesus Cristo e em Sua cruz – "Jesus Cristo, e Este crucificado" – que temos a nossa libertação. Não há cristianismo sem Ele, no entanto nem mesmo a Sua vinda e o Seu ensino seriam suficientes para salvar-nos. Tínhamos que ser resgatados, e Ele nos resgatou na cruz do Calvário.

O ponto que desejo salientar é que a palavra "redenção" é uma palavra maior do que a palavra "libertação", que tende a ser tomada por muitos em lugar de "redenção" nos dias atuais.

Antes de terminarmos o estudo desta grande declaração, há outra questão a que devemos referir-nos. Há aqueles que efetivamente dizem: "Concordo que aqui o sentido é este, mas, afinal de contas, este não seria apenas o modo como Paulo vê o assunto? Ele, como ex-fariseu, tinha uma perspectiva legalista; isso não seria um exemplo da maneira pela qual ele tende a

impingir as suas idéias legalistas no evangelho simples de Jesus?" Não há nenhuma dificuldade em responder a esta objeção; basta examinar as declarações feitas pelo nosso Senhor em Mateus, capítulo 20, versículo 28, e a declaração paralela que consta em Marcos, capítulo 10, versículo 45. Diz o nosso Senhor: "Bem como o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir, e para dar a sua vida em resgate de muitos". Ali vocês têm exatamente a mesma palavra grega (sem o prefixo), e em cada caso ela é traduzida por "resgate". Os escritores dos Evangelhos registraram as palavras proferidas pessoalmente pelo nosso Senhor Jesus Cristo. Naquela ocasião os apóstolos e outros seguidores não puderam captar o sentido das Suas palavras, mas posteriormente, quando Ele os esclareceu a respeito, após a ressurreição (ver Lucas 24, versículos 25, 26 etc.), e quando as suas mentes foram iluminadas pelo Espírito Santo após o Pentecoste, eles passaram a ver exatamente o que Ele quis dizer.

Temos precisamente o mesmo ensino na Epístola aos Hebreus, capítulo 9, versículos 11 e 12: "Mas, vindo Cristo, o sumo sacerdote dos bens futuros, por um maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, isto é, não desta criação, nem por sangue de bodes e bezerros, mas por seu próprio sangue, entrou uma vez no santuário, havendo efetuado uma eterna redenção". Mais uma vez, é exatamente a mesma palavra. E de novo a temos em 1 Pedro, capítulo 1, versículos 18 e 19: "Sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver que por tradição recebestes dos vossos pais, mas com o precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro imaculado e incontaminado, o qual", continua ele dizendo, "na verdade, em outro tempo foi conhecido, ainda antes da fundação do mundo, mas manifestado nestes últimos tempos por amor de vós".

Em todos esses casos a palavra empregada é exatamente a mesma. Assim, não há base nenhuma para dizer-se que

isso é simplesmente uma idéia paulina. Essa idéia faz parte da pregação universal de todos os apóstolos. Era no que criam os cristãos primitivos. Não há nada que seja mais importante para nós do que a clara compreensão do sentido deste grande versículo. Ele estaria claro para nós? Acaso vemos que é somente dessa maneira que o homem pode ser salvo? Você entende bem o fato de que não pode salvar-se? Você vê que foi feito todo o necessário em seu favor por Cristo Jesus? Você vê que a salvação é algo que obtemos gratuitamente pela graça de Deus? Se não entendemos claramente essa verdade, estamos perdendo a própria essência do evangelho cristão que o apóstolo expõe com as palavras: "Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus" (Efésios 2:8). Tudo quanto necessitamos acha-se no Senhor Jesus Cristo, e somente nEle. Quando olhamos para nós mesmos, nada vemos senão pecado e sua condenação e sua escravidão; mas quando olhamos para Ele e vemos o que Ele fez em nosso favor, vemos que tudo o que é necessário para a nossa reconciliação com Deus e para a nossa libertação da servidão do pecado e de satanás já foi realizado e aceito. O cristão é alguém que olha para Ele e diz:

Em nada menos firma-se minha esperança
Que no sangue de Cristo Jesus e em Sua justiça.

E com outro hinólogo dizemos:

Louva, minha alma, o Rei do céu;
Traze a Seus pés o teu tributo;
Resgatada, curada, restaurada, perdoada,
Quem como tu O louvará?
Louva-O! Louva-O!
Louva o sempiterno Rei!

Na Epístola aos Filipenses (3:3) Paulo nos diz que "a circuncisão somos nós, que servimos a Deus em espírito, e nos gloriamos em Jesus Cristo, e não confiamos na carne". Vemos a nossa completa nulidade e indignidade, e, nas palavras do apóstolo em 1 Coríntios, capítulo 1, versículos 30 e 31, gloriamo-nos no Senhor porque Ele "para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção". "Sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus."

5

A PROPICIAÇÃO

"Ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue, para demonstrar a sua justiça pela remissão dos pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus." – Romanos 3:25

Neste versículo chegamos ao princípio de uma nova subdivisão da grande declaração que vai do versículo vinte e cinco ao fim deste terceiro capítulo. Eu opinei que nos versículos 21 a 24 o apóstolo anuncia o plano de salvação, mas que do versículo 25 em diante ele trata de algumas das grandes características desta salvação. Há um sentido em que a divisão que estou fazendo não é absoluta. É óbvio que as duas partes são estreitamente interligadas, pois aqui, desde logo vocês podem notar que o apóstolo dá continuidade a uma declaração iniciada no versículo vinte e quatro. Lá ele nos diz que somos "justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus". Depois, aqui, "Ao qual Deus propôs". Assim é que, enquanto este é, do ponto de vista concludente, o início de uma nova subdivisão, não obstante é vitalmente importante que percebamos que a conexão com o anterior é muito estreita e íntima.

Noutras palavras, o apóstolo começa agora a descrever esta redenção que ele já dissera que o evangelho anuncia e declara em Cristo Jesus. Ele começa a explicar que somos redimidos dessa maneira pelo Senhor Jesus Cristo e, além disso, por que era preciso que acontecesse desse modo. Estamos vendo aqui

um dos versículos mais importantes de todas as Escrituras; sobre isso não há dúvida. Alguém descreveu este versículo como "a acrópole da Bíblia e da fé cristã". Toda esta parte de que estamos tratando, do versículo 21 ao 31 deste capítulo, é absolutamente crucial para um verdadeiro entendimento da doutrina cristã e do plano de salvação. Portanto, não conseguiremos examiná-la com exagerada profundidade e atenção. Agora, justamente porque é tão importante, é uma passagem – e este versículo em particular – que tem levado a muita discussão e a muita argumentação. Possivelmente tem havido mais discussão, debate e argumentação na Igreja Cristã, em toda a sua longa história, concernente ao plano de salvação, e especialmente concernente à morte do nosso Senhor e à expiação, do que concernente a qualquer outro assunto isoladamente considerado. Isso não deveria causar-nos surpresa. Como é a doutrina crucial, a doutrina central, a doutrina chave, não causa nenhuma surpresa que o inimigo, o diabo, tenha feito e faça o máximo que pode para confundir as pessoas a respeito dela, e que, portanto, tenha havido e haja toda essa discussão e esse debate, em vez de culto e adoração.

Seria fácil ocupar muitos capítulos com um relato histórico das maneiras pelas quais as pessoas têm discutido e debatido esta doutrina, e do que elas têm dito a respeito dela. Permitam-me oferecer-lhes apenas uma ilustração para mostrar o que estou querendo dizer. As diversas traduções mostram este ponto que estou tentando defender. Vejam, por exemplo, a Versão Revista Padrão Americana ("ARSV"), que se tornou muito popular nestes recentes anos. Essa versão coloca a frase nestes termos: "A quem Deus propôs como uma expiação pelo seu sangue". Notem que já não é "propiciação", mas "expiação". Pois bem, esse é apenas um exemplo das tendências a que estou me referindo e às quais vou ainda referir-me mais pormenorizadamente. Esse é um exemplo de tradução que já é explicação. Coloca uma palavra que tem sentido diferente no lugar da palavra empregada pelo apóstolo. Eu poderia

facilmente aduzir muitos outros exemplos do mesmo fato. Portanto, obviamente, ao passarmos a estudar este grande versículo, precisamos ser extraordinariamente precavidos.

Como descrever, então, esta declaração? A primeira coisa é que ela é lindamente clara. É a seguinte: "Ao qual Deus expôs" (VA). Agora, a palavra propriamente dita que é traduzida por "expôs" pode dar o sentido de nada mais que "propôs", ou, como é traduzida no capítulo primeiro desta Epístola, "propor-se". "Não quero, irmãos, que ignoreis que muitas vezes me propus ir ter convosco" (1:13, ARA). É a mesma palavra. Mas esse não é o único sentido dessa palavra; e há diminuta dúvida de que os tradutores da Versão Autorizada (inglesa) estavam certos quando a traduziram por "expôs". Todo o contexto requer isso. Certamente vocês se lembram de que no versículo 21 o apóstolo diz, "Mas agora" – este "algo novo" aconteceu, a saber, que "se manifestou sem a lei a justiça de Deus". "Foi exposta" de novo, vocês vêem; foi feita clara, revelada, manifesta. Essa é a ênfase que ele dá. De fato ele diz mais ou menos a mesma coisa no versículo 26: "Para declarar, digo eu, neste tempo a sua justiça" – algo foi "declarado". Esta tradução presente na VA está certa, e a entendemos como, "A quem Deus expôs" – expôs publicamente.

Essa é a maneira como Paulo descreve a cruz, a morte do nosso Senhor no Calvário. Deus ali O estava "expondo" em público, estava fazendo uma declaração pública, uma exibição pública. Vale observar que, escrevendo aos gálatas, o apóstolo também transmite a mesma idéia com outra palavra muito interessante. No versículo primeiro do capítulo três dessa Epístola ele escreve: "Ó insensatos gálatas! Quem vos fascinou para não obedecerdes à verdade, a vós, perante os olhos de quem Jesus Cristo foi já representado?" (VA: "...Jesus Cristo foi abertamente exposto?") Pois bem, o sentido real dessa expressão é, "foi divulgado em cartazes". Eu "o expus em cartazes", diz o apóstolo. É como ele descreve a sua pregação – que ele "expôs em público", em cartazes, a morte de Cristo na cruz. E o que

ele diz na passagem que estamos estudando é que Deus fez uma declaração pública por meio daquilo que aconteceu na cruz.

Mas eis aqui a questão de vital importância: que é que exatamente aconteceu no Calvário? Qual é o sentido da morte do Senhor Jesus Cristo na cruz? A resposta é dada neste grande versículo, e se vê em duas palavras absolutamente cruciais. A primeira é a palavra "propiciação"; a segunda é a palavra "sangue" – propiciação e sangue. Vamos examiná-las juntos. Tomemos a palavra "propiciação". Não se acha somente aqui. Temo-la na Primeira Epístola de João, capítulo dois, versículo dois; e também na mesma Epístola, no versículo dez do capítulo quatro. Mas devemos ser cautelosos quanto ao uso da palavra "propiciação" na Versão Autorizada. A palavra que o apóstolo empregou e que é traduzida por "propiciação" na VA (e na Versão de Almeida) não é a mesma que o apóstolo João empregou nos dois exemplos citados há pouco. O radical é o mesmo. Pertence à mesma família, porém não é idêntica. Isso introduziu certa porção de dificuldade com relação ao versículo que estamos examinando.

A palavra que Paulo empregou e que foi traduzida por "propiciação" é exatamente a mesma que vocês encontrarão em Hebreus, capítulo 9, versículo 5: "E sobre a arca os querubins da glória, que faziam sombra no propiciatório". O autor da Epístola aos Hebreus está descrevendo ali o antigo tabernáculo do culto. Diz ele: "Um tabernáculo estava preparado, o primeiro, em que havia o candeeiro, e a mesa, e os pães da proposição; ao que se chama o santuário. Mas depois do segundo véu estava o tabernáculo que se chama o santo dos santos, que tinha o incensário de ouro, e a arca do concerto, coberta de ouro toda em redor: em que estava um vaso de ouro, que continha o maná, e a vara de Aarão, que tinha florescido, e as tábuas do concerto; e sobre a arca os querubins da glória, que faziam sombra no propiciatório; das quais coisas não falaremos agora particularmente". A palavra traduzida por

"propiciação" na passagem de Romanos que estamos estudando é exatamente a palavra utilizada pelo autor de Hebreus e por ele corretamente traduzida por "propiciatório". É também a mesma palavra grega empregada na tradução do Velho Testamento conhecida pelo nome de Septuaginta para traduzir esta palavra "propiciatório". Não faltam, pois, aqueles que dizem que em Romanos esta palavra devia ser traduzida por "propiciatório". Que é que tal palavra nos diz? Ela envolve o sentido, a significação e o propósito do propiciatório. Ali estava ele, no lugar santíssimo, no santuário que ficava no ponto interior extremo do tabernáculo, separado do lugar santo por um véu que, por sua vez, estava separado do átrio externo, e assim por diante.

Pois bem, o fato significativo é este – somente um homem tinha permissão de entrar no lugar santíssimo, e somente uma vez por ano; esse homem era o sumo sacerdote. O sumo sacerdote entrava no lugar santíssimo no grande dia da expiação. Levava sangue obtido do sacrifício de animais, e o espargia sobre o altar e diante dele. Com que objetivo? Era essa a maneira de fazer expiação pelos pecados do povo. Ele ia ao santuário levando sobre si os pecados da nação, e ia levando o sangue. O animal fora sacrificado. Ele levava o sangue do animal sacrificado e o oferecia dessa maneira a Deus; e Deus o aceitava. Depois o sumo sacerdote saía e o povo ficava ciente de que os seus pecados tinham sido expiados e cobertos por mais um ano.

Há aqueles que argumentam no sentido de que é isso que o apóstolo está dizendo aqui, que ele está dizendo que o Senhor Jesus Cristo é o propiciatório designado por Deus e no qual Ele Se encontra com o homem e lhe comunica que o perdoou e o absolveu. Vocês se lembram de que o propiciatório era uma chapa de ouro colocada como cobertura da arca e que continha o vaso de ouro com o maná, a vara de Arão que tinha florescido e as tábuas da Aliança. Pois bem, a tampa dessa caixa, da arca, era essa folha de ouro, com um querubim feito de ouro batido

em cada ponta – os querubins de frente um para o outro, fazendo sombra sobre o propiciatório e representando a presença de Deus. De cima os dois querubins olhavam para o propiciatório. Sob este estava a Lei, a Lei de Deus outorgada ao homem e que o homem deve cumprir. Eis aí – o propiciatório com a Lei embaixo, e, por assim dizer, Deus olhando de cima para ele. Quando o sumo sacerdote entrava e espargia o sangue, Deus anunciava que estava satisfeito, que a Lei tinha recebido a devida honra e que o povo estava perdoado.

Há, pois, muitos que afirmam que é exatamente isso que é ensinado na passagem que estamos estudando – que o Senhor Jesus Cristo é o novo propiciatório de Deus, onde Ele Se encontra com todos nós que cremos em Cristo, e desse modo nos diz que a Lei recebeu a devida honra, que os nossos pecados estão perdoados. Jesus Cristo como o propiciatório.

Mas me parece que, realmente, mais uma vez devemos concordar com aqueles tradutores da VA (e com Almeida), e com a imensa maioria dos comentadores através dos séculos – e especialmente com a imensa maioria dos comentaristas verdadeiramente evangélicos – que dizem que é melhor traduzir esta palavra no versículo 25 por "propiciação" ou por "sacrifício propiciatório". Por quê? Por esta razão: seria uma coisa muito estranha o apóstolo de repente introduzir um termo técnico como "propiciatório" sem dar nenhuma explicação a respeito. Nesta Epístola ele não faz uso do cerimonial levítico, e seria muito estranho que subitamente o introduzisse sem dizer nada sobre isso ou sem dar nenhuma explicação. Portanto, pouco se pode duvidar de que o sentido verdadeiro é comunicado melhor por esta idéia de propiciação ou de sacrifício propiciatório. É certo que, no fim, vem a dar quase na mesma. O sacrifício propiciatório, o sangue do sacrifício propiciatório, é espargido no local da propiciação, que é o propiciatório. Mas não há nenhum lugar em todas as Escrituras em que se faça referência ao Senhor Jesus Cristo como o propiciatório. Há muitos lugares em que o texto se refere a Ele como a

"propiciação", ou como a "expiação", etc., mas não há um só caso em que Ele é descrito como o propiciatório. Logo, ao que me parece, isso constitui base suficiente para aceitarmos esta tradução empregando a expressão "meio de propiciação" ou "sacrifício propiciatório".

E o que significa propiciação? Que é propiciar? Significa apaziguar, aplacar, afastar a ira. O Dr. John Owen, aquele grande puritano, dizia que há quatro coisas que são elementos essenciais de qualquer propiciação, e aqui estão elas:

1. Uma ofensa que deve ser eliminada,
2. Uma pessoa ofendida que precisa ser pacificada,
3. Um ofensor; uma pessoa culpada de praticar ofensa,
4. Um sacrifício ou algum outro meio de se fazer expiação pela ofensa.

Esses quatro pontos são sumamente importantes e têm sido geralmente aceitos. Toda a idéia de propiciação implica essas quatro coisas. O que o apóstolo está ensinando na passagem em foco é que o que o nosso Senhor fez mediante Sua morte na cruz foi aplacar a ira de Deus. É uma declaração que significa que a ira de Deus foi aplacada e que Deus foi apaziguado como resultado da obra que o nosso Senhor realizou morrendo na cruz.

Estou fazendo uma exposição positiva. Contudo, devo ir adiante e dizer que esta é uma exposição ardorosamente controvertida hoje, e que vem sendo contestada por algum tempo. Alguém poderia dizer: "Bem, por que você se incomoda em tratar disso? Por que não se contenta em fazer-nos uma exposição positiva? Por que se preocupa em falar de gente que não concorda com isso?" Permitam-me dizer-lhes por que me sinto compelido a fazê-lo. Já lhes disse que há algumas traduções da Bíblia que rejeitam a exposição que acabo de fazer. Muitos evangélicos usam essas traduções e imaginam que elas são mais acuradas. Devido serem mais fáceis de ler, eles acham

que elas só podem ser muito melhores. Mas o que deveria ser uma tradução, por vezes se torna uma interpretação determinada pelas opiniões teológicas do tradutor. O simples fato de que uma tradução facilita a leitura não significa, necessariamente, que seja uma boa tradução ou uma tradução fiel. Os preconceitos do tradutor podem interferir, sua interpretação pode interferir. E é esse indubitavelmente o caso das traduções modernas neste ponto. Por essa razão temos que tratar desta questão.

Não somente isso; tenho mais uma razão para proceder assim. Recentemente li num conhecido periódico resenhas de livros próprios para ler por ocasião da quaresma, e vi que um dos livros foi muito elogiado. Disse o resenhista que "recomendava calorosamente" essa obra para leitura própria para devoção. Devo confessar que fiquei surpreso, porque eu tinha algum conhecimento dos pontos de vista do autor do livro. Era um livro a respeito da cruz. O passo subseqüente foi que eu vi uma resenha do mesmo livro numa publicação que, não somente não é verdadeiramente evangélica, mas também se opõe à doutrina evangélica e é franca e declaradamente liberal em sua teologia. Essa resenha também fez grande elogio ao livro. Depois, quase que por acidente, o livro caiu em minhas mãos, e eu o li e vi que aquele livro, tão calorosamente elogiado pelo periódico evangélico, não somente não apregoa a fé na propiciação como também faz ataques a essa idéia, e, na verdade, ataca a concepção evangélica geralmente aceita da obra realizada pelo nosso Senhor na cruz. Por isso me sinto constrangido a tratar desta questão em detalhe. Desafortunadamente, as pessoas ainda tendem a crer em tudo quanto lêem em periódicos ou jornais; e, se vêem alguma coisa em publicações supostamente evangélicas, acham que isso está certo.

Posteriormente, de maneira ainda mais interessante, há apenas uma semana descobri um artigo sobre este mesmo assunto noutra publicação não evangélica. Eis o que diz o

referido artigo: "Propiciar geralmente se entende no sentido de aplacar ou pacificar uma pessoa irada, de apaziguar alguém que foi ofendido. São muitos os que supõem que esse tipo de raciocínio pode ser aplicado à nossa relação com Deus. Ele foi ofendido pelos nossos pecados, e é preciso fazer algo para afastar a ira. E, desde que o homem não pode realizar isso por si mesmo, Cristo, dizem, aplacou a ira de Deus por meio da morte na cruz. É justamente neste sentido que muitos entendem os textos que dizem, "Ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue" (Romanos 3:25), e, "E ele é a propiciação pelos nossos pecados" (1 João 2:2)". O autor prossegue e diz: "Não posso pensar que esta seja uma explicação satisfatória do que aqueles textos querem dizer"; ele de fato chega a sugerir que essa explicação é quase blasfema.

Vivemos numa época em que não basta simplesmente aceitar uma interpretação que é posta diante de nós. Devemos saber por que a aceitamos. Devemos ser capazes de defendê-la, devemos ser capazes de compreendê-la, de captá-la bem. Em que base as pessoas rejeitam o termo "propiciação" e querem substituí-lo pela palavra "expiação"? O autor do artigo que citei faz precisamente isso. Diz ele que devíamos descartar-nos da palavra "propiciação" e colocar "expiação" em seu lugar. Por que ele e outros dizem isso? Aqui estão os seus dois principais motivos: primeiramente, eles dizem que têm argumentos baseados na linguagem, argumentos filológicos, lingüísticos. Eles concedem que, no sentido em que a palavra era empregada por escritores não bíblicos e pagãos, ela sempre dava a idéia de aplacar e de apaziguar uma divindade irada; mas dizem que quando se vai à tradução grega do Velho Testamento, à Septuaginta, o termo já não tem aquele sentido. E, como o apóstolo geralmente cita a Versão dos Setenta (a Septuaginta), é óbvio que ele, igualmente, não pretendia dar-lhe essa conotação particular. Esse é o primeiro motivo deles.

O segundo é o seguinte – e este é o mais importante – que

toda essa idéia de ira de Deus, não somente é errada e deve ser completamente rejeitada, mas também é quase blasfema. Eles não hesitam em dizer isso. Eles afirmam que essa idéia transforma Deus numa espécie de monstro ou de ogro, algo totalmente indigno. Alguns a repudiam julgando-a apenas o conceito que os judeus tinham de Deus no Velho Testamento. Um pregador popular disse recentemente, num sermão, que ele não acredita "naquele Deus que se assentou no alto do Monte Sinai e dali ficou expedindo a Sua ira e o Seu furor". Ele acredita "no Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo". Toda a idéia de ira de Deus é considerada completamente repulsiva.

Como, então, eles interpretam a Bíblia quando ela fala sobre a ira? Replicam eles dizendo que a ira nada é senão uma conseqüência inevitável do pecado. Se eu puser meu dedo no fogo, sentirei dor, queimarei o meu dedo. Dizem eles que a ira é mais ou menos isso; no momento em que um homem faz algo que não devia fazer contra Deus, sofre por isso. Eles negam que haja alguma ira em Deus; a ira é a conseqüência inevitável do mau agir. Se um homem faz algo mau, está obrigado a sofrer por isso – é inevitável, é automático. Nada tem que ver com Deus. Está apenas na natureza da prática do que é mau. Assim eles argumentam que para reconciliar-se o homem com Deus não foi necessário que algo fosse feito da parte de Deus. Deus é amor, dizem eles, Deus está perdoando sempre, e sempre está pronto a perdoar. Na verdade Deus já perdoou. O problema é que o homem em pecado não sabe disso; é cego para essa verdade; o pecado o cega. Tudo o que é necessário é que os olhos do homem precisam ser abertos para o fato de que Deus é amor. Da parte de Deus, nada é necessário.

Essa é a posição, esse é o ensino comumente aceito. Portanto, coerentemente, os nossos críticos dizem que tudo o que é necessário é o que se chama "expiação". Que é isso? Expiação significa que é preciso remover do pecador a culpa do pecado. Expiação é o processo pelo qual se cancela a culpa

do pecado e o pecador é purificado dele. Assim, em suas traduções e em seus comentários, eles põem "expiação" em lugar de "propiciação" – "Ao qual Deus propôs para expiação". Dizem eles que não devemos fazer uso da outra palavra, que sugere que Deus está irado contra o pecado e contra o pecador, e que há certo elemento de apaziguamento envolvido. Isso é um insulto a Deus, é quase blasfemo. Precisa-se é de expiação. É necessário que o pecado seja extirpado do pecador; então tudo ficará bem.

Essa é uma questão que certamente precisamos encarar. Qual será a nossa resposta a essa posição? Podemos enfrentá-la por ambos os aspectos, por ambas as acusações. Primeiro, do ponto de vista da filologia. Existem autoridades eruditas do lado da propiciação tão poderosas como as do outro lado. Há sempre o perigo de seguir-se algum especialista em línguas. Essa tem sido a maldição destes últimos cem anos. Os homens se fixavam em palavras particulares, traziam-nas a reboque através da literatura clássica e depois procuravam ligar um novo significado às declarações escriturísticas. Eles ignoravam o contexto, ignoravam todo o teor do ensino bíblico, tinham decisivas, determinadas e vitais questões sobre o sentido estranho ou sobre nuanças do sentido de uma palavra. No entanto, eu lhes asseguro que, puramente em termos de lingüística, o argumento segundo o qual propiciação deve ser substituída por expiação, pode ser respondido exaustivamente.

O grande expoente, ou proponente, da teoria de que deveríamos eliminar a palavra propiciação e falar em expiação, é o conhecido erudito bíblico, Dr. C. H. Dodd, que certamente é um grande perito em língua grega. Mas há outros que se opõem a seu ensino. O finado Dr. James Moffatt, que não era verdadeiramente evangélico, opunha-se a isso e propugnava o emprego de propiciação. E uma resposta atualizada à posição do Dr. C. H. Dodd acha-se na obra intitulada *A Pregação Apostólica sobre a Cruz* (*The Apostolic Preaching of the Cross*), de autoria do Dr. Leon Morris. Deixem-me explicar que o livro

de Morris não é popular; é o que se chama livro erudito. Nele os argumentos do Dr. C. H. Dodd são tomados ponto por ponto e respondidos em seu próprio nível. Como é de se esperar de um livro dessa natureza, ele faz referência a muitos outros livros e escritores. Portanto, que ninguém os ponha a franzir o sobrolho, ao dizer-lhes: "Ah, mas os especialistas em grego provaram que não é propiciação, e sim expiação". Simplesmente respondam que não é esse o caso. Os especialistas em grego, como não raro sucede com eles, estão divididos quase igualmente. De fato, raramente o filólogo define alguma questão!

O segundo ponto, muito mais importante, é a doutrina da ira de Deus. Esta já fora inicialmente introduzida no versículo dezoito do capítulo primeiro. Tratei disso de maneira exaustiva na obra, *A Triste Condição do Homem e o Poder de Deus* (*The Plight of Man and the Power of God*). Permitam-me fazer um breve sumário do ensino. É uma idéia, um ensino, que se acha em toda parte na Bíblia. Só no Velho Testamento são utilizadas mais de vinte diferentes vocábulos para descrever a ira de Deus. Os tais mestres modernos não crêem na ira de Deus; eles dizem que esse ensino deveria ser abolido. Mas no Velho Testamento esta idéia é posta diante de nós 580 vezes.

Vocês a encontrarão também no Novo Testamento. O nosso Senhor mesmo fala sobre isso, sobre a ira de Deus. Esta se vê repetidamente no Evangelho Segundo João, conhecido como o "evangelho do amor", como, por exemplo, "a ira de Deus sobre ele permanece" (João 3:36). O nosso Senhor a expõe também na parábola do rico e Lázaro. Ele fala sobre o lugar "onde o seu bicho não morre, e o fogo nunca se apaga" (Marcos 9:44 etc.). E ainda Ele contou aquelas três parábolas registradas no capítulo vinte e cinco do Evangelho Segundo Mateus, dando ênfase a esta doutrina. Esta aparece também no livro de Atos dos Apóstolos: Ele "tem determinado um dia em que com justiça há de julgar o mundo", diz o apóstolo Paulo em Atenas (Atos 17:31). Pedro a pregou em Jerusalém, no dia de

Pentecoste. Está em toda parte.

Nesta Epístola aos Romanos a doutrina da ira de Deus é mencionada dez vezes. No livro do Apocalipse vocês se defrontam com ela do princípio ao fim: "A ira do Cordeiro" e "todo olho o verá". Noutras palavras, se vocês percorrerem as páginas da Bíblia sem pensar em teorias e sem idéias preconcebidas, desde logo verão que a idéia de que Deus está irado contra o pecado, de que Deus odeia o pecado, de que a ira de Deus está sobre o pecado, é ensinada em toda parte e constitui a sua pressuposição básica.

Ao definirmos este ponto, devemos ser cautelosos. O autor do artigo que acabei de citar ridiculariza a posição realmente evangélica e faz uma caricatura dela, dizendo que nos puritanos Deus é representado como um potentado zangado, cheio de ira. Claro que não fazemos nada disso. A palavra "ira" tende a dar-nos essa impressão, tende a dar a idéia de paixão, de paixão descontrolada. Mas não é o que se capta nas Escrituras. As Escrituras não empregam a palavra "ira" para retratar Deus como Alguém em quem não se pode confiar, um Ser caprichoso e sempre prestes a explodir em ira. Esse elemento não está presente na passagem que estamos estudando, e não é essencial à idéia de ira.

Que significa "a ira de Deus"? Significa Sua firme oposição a tudo o que é mau, oposição nascida da Sua própria natureza. É porque "Deus é luz, e não há nele treva nenhuma" (1 João 1:5), que Ele Se mantém em firme oposição a tudo o que é mau. Sua natureza é tal que Ele abomina o mal, Ele odeia o mal. Sua santidade necessariamente leva a isso. Depois, em acréscimo, parece-me que esta outra idéia considera o pecado como se fosse uma espécie de substância, e se esquece de que o pecado é algo que está sempre ligado às pessoas. O problema é este: a relação pessoal entre Deus e o homem. O pecado não é uma coisa, não é uma substância. É a condição do ser humano, é a condição da alma. Não se pode separar das pessoas o pecado, de modo que, quando Deus trata com o pecado, ele tem que

tratar com pessoas. E Ele tem que tratar com o pecado. Assim, a Bíblia ensina em toda parte que Deus se opõe ao pecado e ao pecador. E nunca se deve esquecer essa relação pessoal.

O conceito que a Bíblia tem do pecado é que o pecado é aquilo que separa de Deus o homem; o pecado é aquilo que se põe entre o homem e Deus. Deus, diz-nos a Bíblia, "nem se cansa nem se fatiga" "Eis que a mão do Senhor não está encolhida...; nem o seu ouvido agravado, para não poder ouvir", mas o pecado introduziu-se entre nós e Ele (Isaías 40:28; 59:1,2). O pecado rompe esta relação pessoal, e sempre devemos pensar nele nesses termos.

Não somente isso, porém; facilmente se pode mostrar que os escritores acima referidos são incoerentes entre si. Anteriormente me referi a certos escritores modernos que dizem que a ira é apenas a conseqüência inevitável do pecado. Bem, então, para serem lógicos, deveriam dizer que a misericórdia é a conseqüência inevitável da bondade. Eles não gostam de dizer que a ira está em Deus; dizem que a ira é a conseqüência inevitável do pecado. E então nós temos o direito de inquirir: e a misericórdia, que é? Por que não dizer que, se eu for bom, a misericórdia virá automaticamente? Mas eles não querem saber disso, e insistem em que a misericórdia é algo inerente ao caráter de Deus. De um lado eles colocam algo no caráter de Deus, e de outro, tiram algo do caráter de Deus. Isso é ser incoerente. Ambos os atributos estão no caráter de Deus.

Mas, na realidade, eles são culpados de outra contradição também. Vejam toda a idéia da expiação. Esses críticos dizem que esta noção de expiação faz parte essencial do ensino bíblico. O pecado do homem, dizem eles, precisa ser cancelado, e o que Cristo fez foi cancelar o pecado do homem. Mas devemos perguntar: por que é preciso que o pecado do homem seja cancelado? Por que a necessidade de expiação? Qual seria a situação, se não tivesse sido providenciada nenhuma expiação? Se não houvesse expiação, isso faria alguma diferença para a atitude de Deus para com o pecado? Certamente a própria idéia

de expiação, em si e por si, leva à propiciação! Se é necessário que haja expiação, por que é necessário? Há somente uma resposta – que não pode haver uma verdadeira relação entre Deus e o homem enquanto o pecado não for expiado. contudo essa é apenas outra maneira de dizer propiciação. Não poderá haver uma feliz relação entre Deus e o homem enquanto houver pecado. É precisamente isso que a doutrina bíblica da ira de Deus diz. Logo, em última análise, depois de todos os protestos que eles fazem, o que parece é que eles voltam precisamente à mesma coisa.

O modo como o apóstolo João expressa essa verdade confirma isso. "Se alguém pecar", diz ele, não somente temos uma propiciação, que aqueles tais chamam expiação, "temos um Advogado para com o Pai" (*1 João 2:1,2*). *Por que eu tenho* necessidade de advogado? Que é que faz um advogado? Não seria algo ligado a esta relação entre Deus e o homem? João não diz tão-somente que precisamos ter expiados os nossos pecados, mas acrescenta que também precisamos de um Advogado. Isso imediatamente sugere que há algo errado na relação pessoal.

Espero que agora esteja claro que não estamos desperdiçando o nosso tempo. Essa outra idéia é tão comum que as pessoas acham que não importa se dizemos expiação ou propiciação. Mas o fato é que importa, e desta maneira: se vocês querem ver o que é o amor de Deus, devem sustentar esta idéia de propiciação. É uma idéia muito mais grandiosa e muito mais profunda que a de expiação. Em todo caso, é essencial ao argumento do apóstolo. Desde o capítulo primeiro, versículo 18, até este ponto, o apóstolo trata unicamente de uma coisa, a saber: "Do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda a impiedade e injustiça dos homens", tanto judeus como gentios. "Todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus." Todos estão sob o pecado, todos estão debaixo da ira de Deus. Essa é a sua tese. Entretanto aqui ele diz: agora uma notícia maravilhosa – "Mas agora". Bem, qual é essa boa notícia? "Foi

providenciada uma propiciação." Aconteceu uma coisa em resultado da qual a honra de Deus foi vindicada e a sua ira foi aplacada. Como é que isso foi feito?

Aqui, mais uma vez, os críticos tentam ridicularizar a nossa posição dizendo que o que estamos ensinando é uma idéia pagã. Quando os pagãos faziam alguma coisa má, diziam: "Os deuses vêm contra nós; o que podemos fazer? Faremos uma oferenda, levaremos um presente ao nosso deus, e procuraremos suborná-lo. Isso o agradará, e ele ficará tão contente com a nossa oferta que deixará de lado o nosso pecado e nos perdoará". Certamente, afirmam os críticos, vocês estão dizendo a mesma coisa. Vocês estão dizendo que, de algum modo, é possível ao homem exercer influência sobre Deus e mudar a opinião de Deus. Mas não é essa a nossa posição. Ela nada tem a ver com a mitologia pagã. Não é tomada dessa fonte, como facilmente posso provar. Não ensinamos sequer que o Senhor Jesus Cristo mudou a opinião de Deus. Sejamos sinceros e admitamos que alguns mestres evangélicos, em seu excesso de zelo, têm dito isso. No entanto nunca deveriam tê-lo dito. Há hinos que ensinam isso. Estão igualmente errados. Paulo não ensina que o Senhor Jesus Cristo, por Sua morte, persuadiu Deus a perdoar-nos. Notem o que Paulo diz concretamente: "Ao qual Deus propôs". É o próprio Deus Pai que está fazendo isso. Nem mesmo significa que o Senhor Jesus Cristo mudou a opinião e a atitude de Deus para com os pecadores. Foi Deus que providenciou a propiciação em Seu Filho e por Seu sangue. Foi Deus que planejou um meio pelo qual a Sua ira contra o pecado tivesse livre curso e, contudo, para que os pecadores fossem salvos. É isso que o apóstolo ensina na passagem que estamos estudando.

Ficou clara para vocês a diferença entre expiação e propiciação? A propiciação traz consigo esta idéia de que há Alguém que foi ofendido e alguém que fez a ofensa, de que há uma ofensa, e de que alguma coisa é necessária de ambas as partes. Algo precisa ser feito do lado de Quem foi ofendido,

como também do lado do ofensor; e esta grande e gloriosa doutrina nos ensina que o próprio Deus, a quem ofendemos, providenciou o meio pelo qual a ofensa recebeu o tratamento devido. A ira de Deus, Sua ira contra o pecado e contra o pecador, foi satisfeita, foi aplacada, e, portanto, Ele agora pode reconciliar dessa maneira o homem conSigo. Assim vocês vêem a importância de se manterem apegados à grande palavra "propiciação". Conforme avançarmos em nossa exposição, veremos isso ainda mais claramente. Veremos por que temos que lutar por esta verdade e apegar-nos a ela. A palavra "sangue" reforçará todos os argumentos.

Espero que algumas coisas sejam simples e claras. Não é que o homem pecador, ou mesmo que o Senhor Jesus Cristo, tenha persuadido Deus a realizar isso. Foi Deus que o fez; e o fez da maneira mais admirável e maravilhosa. Se tirarem da Bíblia esta idéia da ira de Deus contra o pecado, pouca coisa restará na Bíblia.

Mas por que as pessoas fazem objeção a este ensino concernente à ira de Deus? Há somente uma resposta; é que elas substituem a revelação bíblica pela filosofia grega. Os filósofos gregos não gostavam da idéia de ira. Consideravam-na uma coisa tola e desonrosa. Diziam que a ira é uma emoção indigna, e que atribuí-la a Deus é totalmente errado. Diziam que, mesmo no homem, a ira é uma coisa terrível, porém em Deus...! O deus dos filósofos gregos é impassível, não sente absolutamente nada, não pode ser afetado por nada do que acontece. Portanto, é incapaz de sentir ira contra o pecado e contra o pecador. Toda a argumentação dos cem anos recém-passados deve-se simplesmente a essa influência. Os eruditos dominados pelo pensamento e pela filosofia gregos dizem que os hebreus tinham uma idéia errônea de Deus, e que devemos livrar-nos dela. Deus é amor, e nada além de amor, dizem eles. Portanto, não há ira em Deus, e não há necessidade de propiciação. Alguns deles chegam ao ponto de dizer que nem mesmo de expiação há necessidade, e que tudo o que a morte

do nosso Senhor na cruz realiza é levar-me a dizer, quando olho para ela: "Se até isso Deus perdoa, só posso crer que Ele me ama". Uma vez ouvi um homem expressar esse pensamento, quando disse: "Deus não estava construindo um caminho para o perdão no Calvário; o que lá aconteceu foi que Deus estava proclamando que até o Calvário Ele perdoa".

Vocês vêem, pois, como é importante aceitar a autoridade das Escrituras. Se vocês partirem da sua idéia filosófica de Deus, em vez de partirem da idéia bíblica de Deus, poderão jogar fora a idéia de ira, poderão jogar fora o pecado, poderão jogar fora a propiciação, poderão jogar fora a expiação, poderão jogar fora o que quiserem. Mas já não será a Bíblia o que terão, não será a fé cristã. Vocês já não estarão crendo "no Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo", e, como espero mostrar-lhes, vocês terão aversão por toda a idéia de sangue e de sacrifício. Todos nós somos forçados a fazer esta escolha – ou me submeto à Bíblia e aceito a revelação que por ela me é dada de Deus em Seu Ser, em Seu caráter e em Sua atividade; ou então digo: "Pois bem, agora, eu acho...". Isso é filosofia; essa tem sido uma maldição. A Igreja de Deus está nas condições em que atualmente está porque, desde cerca de 1840, os homens têm posto a filosofia no lugar da revelação, idéias na frente do que Deus quis revelar por Seu beneplácito e por Sua graça. Isso afeta tudo; afeta, acima de tudo mais, a nossa maneira de ver o evento mais glorioso de toda a história – a morte do Filho de Deus na cruz do Calvário.

6

O SANGUE DE JESUS CRISTO

"Ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue, para demonstrar a sua justiça pela remissão dos pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus." – Romanos 3:25

Continuando o nosso estudo desta importantíssima declaração, lembro-lhes que a declaração fundamental do apóstolo é que somos "justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus". Como nos resgata o Senhor Jesus Cristo? Redenção significa resgate – como é que Ele nos resgata? A resposta é que "Deus o propôs para propiciação" – como sacrifício propiciatório – "pelos nossos pecados". Isso nos leva a estas perguntas: como foi que Deus fez isso? Em que sentido o Senhor Jesus Cristo é o sacrifício propiciatório? Ou, se vocês preferirem ver o ponto doutra maneira, como seria Ele o propiciatório, a sede da misericórdia? Como vimos, há muito que dizer a favor de ambos esses conceitos que, na realidade, quase se equivalem, dizendo a mesma coisa.

Assim, a questão que nos confronta é: em que sentido o Senhor Jesus Cristo é este sacrifício propiciatório? A resposta nos é dada na importante expressão que temos diante de nós: é "no seu sangue". É uma declaração sempre presente no Novo Testamento. "O sangue de Jesus Cristo", em conexão com a nossa redenção, é freqüentemente objeto de ênfase. Permitam-me dar-lhes alguns exemplos. Vejam um deles em

Atos 20:28. Nessa passagem repassada de lirismo lemos as palavras de despedida do apóstolo Paulo aos líderes da igreja de Éfeso. Faz-lhes advertências, dá-lhes conselhos. Mas, acima de tudo, mostra-se desejoso de que eles apascentem "a igreja de Deus, que ele resgatou com seu próprio sangue". Que declaração maravilhosa! A mesma coisa que temos em Romanos 3:25! Há de novo uma extraordinária declaração da mesma verdade no capítulo cinco desta Epístola, no versículo nove: "Logo, muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue...". Na Epístola aos Efésios vocês a encontrarão no capítulo primeiro, versículo sete: "Em quem temos a redenção pelo seu sangue, a remissão das ofensas...".

É evidente que o grande apóstolo gostava de escrever estas frases grandiosas. Em quase toda parte é a mesma coisa. No capítulo dois de Efésios, versículo 13, temos mais um exemplo delas. Lembra ele aos efésios que outrora eles estavam "sem Cristo, separados da comunidade de Israel, e estranhos aos concertos da promessa, não tendo esperança, e sem Deus no mundo"; "estavam longe". "Mas agora", diz ele, "pelo sangue de Cristo chegastes perto" – ainda a mesma coisa. Seja qual for a linha de aproximação, é sempre "pelo sangue de Cristo". Depois, na Epístola aos Hebreus, capítulo 9, versículo 12, lemos: "Nem por sangue de bodes e bezerros, mas por seu próprio sangue, entrou uma vez no santuário, havendo efetuado uma eterna redenção". O escritor contrasta aí o Senhor Jesus Cristo e a Sua obra com tudo o que dizia respeito ao Velho Testamento, ao sacerdócio levítico e a todas as suas ordenanças. Ele está contemplando este grande Sumo Sacerdote, o Filho de Deus, e diz: "Não foi pelo sangue de bodes e bezerros, mas por seu próprio sangue que ele entrou uma vez no santuário, havendo efetuado uma eterna redenção a nosso favor" – precisamente a mesma idéia. E no versículo catorze do mesmo capítulo ele diz: "Quanto mais o sangue de Cristo, que pelo Espírito eterno se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus, purificará as vossas consciências das obras mortas, para

servirdes ao Deus vivo?"

Ainda outro exemplo se vê em Hebreus 10:19, e da maior importância. "Tendo, pois, irmãos, ousadia para entrar no santuário, pelo sangue de Jesus...". Não há na Bíblia texto mais importante que este, penso eu às vezes. Esse é todo o segredo da oração; e não saberemos o que é oração, se não compreendermos o significado dessa grande declaração. Depois vocês poderão ver o mesmo ensino na Primeira Epístola de Pedro, capítulo primeiro, versículo 19. Pedro lembra aos crentes: "Sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver que por tradição recebestes dos vossos pais". Como terá sido, então? "Com o precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro imaculado e incontaminado". Passemos depois à Primeira Epístola de João (e estou fazendo estas citações apenas para responder à objeção que muitos estão sempre prontos a fazer, no sentido de que estas idéias são simplesmente noções judaicas de Paulo mais uma vez se impondo ao evangelho), 1 João 1:7: "Mas, se andarmos na luz, como ele na luz está, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo pecado". E então, finalmente, no livro do Apocalipse, capítulo primeiro, versículo cinco: "Àquele que nos ama, e em seu sangue nos lavou dos nossos pecados". Selecionei estes exemplos com a finalidade de mostrar que esta é a maneira característica pela qual o Novo Testamento descreve a nossa redenção e a nossa salvação. Como seria o Senhor Jesus Cristo o sacrifício propiciatório? A resposta é: "pelo seu sangue".

Eis agora uma coisa interessante que devemos observar: por que o apóstolo Paulo, e por que os outros escritores falam do Seu *sangue*, e não simplesmente da Sua *morte*? Por que dizem particularmente Seu *sangue*? Essa é uma questão vitalmente importante, porque é óbvio que se trata de uma coisa feita deliberadamente. E há uma resposta óbvia a essa questão. O termo *sangue* é empregado com preferência ao termo *morte* a

fim de ajustar este ensino concernente ao nosso Senhor, e a maneira pela qual Ele nos redime, ao ensino geral do Velho Testamento com relação aos sacrifícios.

Notem quão importante é que demos atenção a cada uma das declarações registradas nas Escrituras. Certamente vocês se lembram de como, no versículo vinte e um, o apóstolo teve o cuidado de dizer: "Mas agora se manifestou sem a lei a justiça de Deus" – e então – "tendo o testemunho da lei e dos profetas". Nós demos ênfase a essas palavras e extraímos delas algumas deduções. Uma destas foi que a nossa interpretação do Novo Testamento nunca deve contradizer o ensino do Velho Testamento. Se o fizer, estará errado, porque os dois se ajustam e se pertencem um ao outro, numa perfeita interação. Tudo o que temos no Novo Testamento foi predito no Velho Testamento. O Novo Testamento é o cumprimento do Velho Testamento. Assim, quando o apóstolo emprega o termo *sangue* na passagem que estamos focalizando, ele nos lembra que isso está em harmonia com o ensino do Velho Testamento. É o mesmo Deus, a salvação é a mesma. Aqui numa forma, ali noutra. As dispensações diferem, a salvação é sempre uma e a mesma. A doutrina do Novo Testamento acerca da morte do Senhor Jesus Cristo, como vocês verão, é sempre coberta e posta em termos da linguagem sacrificial do Velho Testamento.

Esse é um princípio fundamental de interpretação, e é porque muitos se afastam dele hoje em dia, em razão dos seus conceitos errôneos sobre o Velho Testamento, que eles têm que torcer e manipular a passagem que estamos estudando, e fazer dela algo que se adapte às suas idéias e teorias modernas. Mas, se vocês tomarem isso pelo seu valor objetivo, e se o interpretarem como deve ser interpretado, com relação àquele outro ensino, verão que não há dificuldade e que toda essa verdade se abre diante de nós de maneira perfeitamente simples.

Vê-se, pois, que o Novo Testamento sempre expressa esta doutrina em termos da doutrina dos sacrifícios ensinada no Velho Testamento. João Batista deu início a essa prática.

Estando com os seus discípulos, como certamente vocês se lembram, apontou para o nosso Senhor e disse: "Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo". Esse é, num sentido, o princípio do Novo Testamento. "Ei-lo", diz João. "Olhem para Ele." Quem e o que Ele é? Ele é "o Cordeiro de Deus". De imediato vocês são levados ao Velho Testamento e ao seu ensino sacrificial. E jamais devemos perder de vista isso. Na verdade, o nosso Senhor disse exatamente a mesma coisa. Vocês poderão ver isso no Sermão do Monte, no capítulo cinco de Mateus, versículos 17 e 18. Diz Ele: "Não vim destruir a lei ou os profetas: não vim ab-rogar, mas cumprir. Nem um jota ou um til se omitirá da lei, sem que tudo seja cumprido". Ele cumpriu completamente tudo o que é prefigurado, sugerido e profetizado no ensino levítico. Ele levou tudo aquilo à sua finalidade. Ele é o grande antítipo para o qual todos os tipos olhavam, vendo o futuro, e o qual eles estavam prenunciando. Assim vocês o têm lá. E, como já vimos, está em muitas das declarações do nosso Senhor, como por exemplo nesta: "O Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir, e para dar a sua vida em resgate de muitos" (Mateus 20:28). Que versículo importante! E, de novo, vocês verão que em Lucas 24:44 e 45 o Senhor Jesus Cristo repete o ensino. Ele conduziu aqueles Seus discípulos através da Lei, dos Profetas e do livro de Salmos: "...convinha que se cumprisse tudo o que de mim estava escrito na lei de Moisés, e nos profetas e nos Salmos... Assim está escrito, e assim convinha que o Cristo padecesse, e ao terceiro dia ressuscitasse dos mortos". Está tudo ali.

Aqui, na Epístola aos Romanos, vê-se a doutrina por outro ângulo. O apóstolo estava olhando para o passado, para o que acontecera, como o Velho Testamento olhava prospectivamente, para o que haveria de acontecer. Há uma maravilhosa declaração sobre isso, feita por este mesmo apóstolo, em sua Primeira Epístola aos Coríntios, capítulo 5, versículo 7: "Porque Cristo, nossa páscoa, foi sacrificado por nós". E depois João, no último livro da Bíblia, o livro do Apocalipse, diz:

"Àquele que nos ama, e em seu sangue nos lavou dos nossos pecados" (Apocalipse 1:5). Trata-se aí do típico, do característico ensino sacrificial do Velho Testamento; e, se havemos de compreender o significado da morte do nosso Senhor e Salvador, temos que abordá-la dessa maneira. Mas, desafortunadamente, de novo devo lembrar-lhes que tudo isso é objeto de debate e disputa nos dias atuais, e que há muita discussão e confusão acerca da palavra "sangue".

É com relutância que o faço, mas – como já argumentei – devido ao fato de que essas noções são correntes, e de que estão se insinuando nalgumas das novas traduções das Escrituras e se acham em livros que com freqüência são muito recomendados, considero meu dever fazer uma advertência. Tão-somente sigo o exemplo do apóstolo Paulo que, quando estava se despedindo dos presbíteros da igreja de Éfeso, julgou ser seu dever adverti-los contra o falso ensino e contra certos lobos que entrariam e procurariam destruir o rebanho. Tais lobos se multiplicam na hora presente; e faz parte do dever de quem pretende ser um mestre das Escrituras advertir os homens e as mulheres contra estas heresias sutis que subvertem a fé cristã. É por isso que eu chamo a atenção de vocês para duas atitudes para com a palavra *sangue*, atitudes bastante comuns hoje.

A primeira é a que simplesmente a rejeita *in toto*, absolutamente. Os que adotam essa atitude têm total aversão por ela e falam dela de maneira blasfema. Tenho ouvido homens falarem sobre "estes evangélicos que gostam de espojar-se no sangue". Falam com sarcasmo, com escárnio, com zombaria e com blasfêmia dessa maneira. Eles dizem que isso não passa de judaísmo; é o Velho Testamento, com o seu Deus tribal tão estreitamente ligado ao paganismo. Eles sustentam que isso não tem nada a ver com o cristianismo, e com o Senhor Jesus Cristo e Sua demonstração do amor de Deus. Dizem eles que chegou a hora de banir isso tudo, como também todos aqueles hinos que o mencionam e que se gloriam nisso. Eles ridicularizam a própria idéia de expiação; eles a odeiam e a

abominam. Toda a teologia do sangue é algo que eles detestam e, de fato, desprezam. Nada tenho para dizer a tais pessoas, exceto que não são cristãs. Não tenho mais nada para dizer sobre elas.

Mas devo falar um pouco mais acerca do segundo grupo, porque não pesa sobre os seus componentes a culpa de total desconsideração do termo. Eles fazem outra coisa que, do ponto de vista desta doutrina da expiação, é igualmente perigosa. De uns sessenta a setenta anos para cá, tem sido costume e prática dizer que o conceito que a Igreja tem sobre o sangue de Cristo – e, na verdade, todo o seu conceito sobre o sangue em sua conexão com os sacrifícios, mesmo no Velho Testamento – sempre foi completamente errado. No passado, dizem eles, a Igreja sempre considerou o sangue como representando a morte, mas eles afirmam que o sangue representa a vida. Não dizem as Escrituras que "a vida está no sangue"? Muito bem, dizem eles, quando aquela gente que estava sob o sistema levítico-mosaico ia ao templo ou ao tabernáculo e apresentava o sangue dos animais que tinham sido sacrificados – que é que os ofertantes estavam fazendo? Não estavam apresentando a morte; estavam apresentando a vida. "A vida está no sangue." Essa era a sua maneira de dizer que queriam dar-se de novo a Deus, e assim se davam através da vida do animal que estava no sangue do animal. Era um meio de autodedicação; eles estavam renovando um ato de dedicação de si mesmos a Deus. E por isso eles argumentam no sentido de que, quando o Senhor Jesus Cristo morreu na cruz, e quando o Novo Testamento se refere ao Seu sangue, o que realmente se quer dizer é que Ele estava oferecendo Sua vida a Deus. Não é a morte que importa; é a vida. Ele ofereceu Sua vida a Deus num ato final de dedicação. Ele Se havia dedicado a Deus, tinha sido obediente a Deus e à Sua santa lei em todos os aspectos. Ele obedeceu a este último mandamento sobre prosseguir até a morte. Ele deu Sua vida toda a Deus. O sangue, dizem eles, indica a vida, não a morte.

Pode bem ser que vocês perguntem: por que eles dizem tudo isso? Qual é o objetivo deles? Há somente uma resposta para essa pergunta – eles o fazem para evitar a doutrina da ira de Deus, que nós já consideramos. Eles não gostam dessa doutrina; de fato a abominam. Essa é a sua maneira de livrar-se da idéia de que Deus pune o pecado, de livrar-se da propiciação. É porque eles têm aversão por estas idéias fundamentais da ira de Deus sobre o pecado, da atitude penal e, portanto, da necessidade de propiciação, que eles torcem completamente estas palavras, e assim "o escândalo da cruz" passa a ser uma coisa positiva, bela, maravilhosa. O Senhor estava tão-somente apresentando a Sua vida, e, se cremos nEle, apresentamos as nossas vidas nEle e por meio dEle.

Posso acrescentar que eles fazem isso em termos da erudição, e que eles alegam que esta sua idéia se baseia num conhecimento e entendimento mais completo da língua. Outra vez, como anteriormente, há somente uma resposta para isso. Não se pode definir essa questão em termos de língua e de erudição. É um assunto que tem sido tratado muitas vezes. Há um opúsculo que faz isso adequadamente, obra escrita pelo Rev. A. M. Stibbs. Intitula-se *O Sentido de "Sangue" nas Escrituras* (*The Meaning of "Blood" in Scripture*). Ele toma esse argumento ponto por ponto; e há outros que fazem a mesma coisa. Leon Morris, em *A Pregação Apostólica da Cruz* (*The Apostolic Preaching of the Cross*), também faz isso, e o faz de maneira igualmente erudita e lingüística.

Só em termos de língua essa teoria não pode ser estabelecida – na verdade, o que se pode estabelecer é o inverso. Pode-se demonstrar claramente que, nas Escrituras, "sangue" significa "vida entregue na morte". Não "vida", mas "vida entregue na morte". O sangue é a prova final do fato de que se consumou a morte. A vida não é preservada, desiste-se dela, é vida que foi entregue. É muito interessante e importante lembrar que os hebreus, os judeus, nunca pensavam em vida sem o corpo; assim é que a idéia de que se pode ter vida no

sangue inteiramente separada, fora do corpo, é algo que o hebreu jamais conheceu. Ele sempre ligava, íntima e necessariamente, a vida ao corpo. Portanto, a idéia de que se pode ter vida fora do corpo, no sangue, é algo completamente falso e que está em contradição com a maneira básica de pensar do hebreu.

Sangue sempre significa vida derramada. Assim, nos sacrifícios de animais o sangue significa que tinha sido dada morte ao animal, fora-lhe tirada a vida, e o sangue era tomado como prova positiva disso – que o animal tinha sofrido a morte. A punição que deveria ser imposta aos judeus vinha sobre o animal como substituto deles. O sangue era apresentado a fim de provar o fato da morte. Portanto, "sangue" significa "morte sacrificial".

Qual era o propósito disso? Por que Deus ordenou estas mortes sacrificiais? Qual era o propósito da morte sacrificial de animais no Velho Testamento? Elas nos ensinam quatro verdades da maior importância. A primeira é que o seu objetivo era tornar Deus propício. Os sacrifícios de animais no Velho Testamento não tinham por objetivo afetar o homem; eram dirigidos a Deus. Não há sequer uma centelha de evidência em todo o Velho Testamento de que esses sacrifícios se destinavam a fazer algo às pessoas. Visavam, por assim dizer, afetar a Deus. Esse era todo o seu objetivo, todo o seu propósito. Sua intenção era tornar Deus propício.

O segundo princípio é que a propiciação era assegurada pela expiação, ou seja, pelo cancelamento da culpa do pecador. Como já vimos, a expiação leva necessariamente à propiciação; é por meio da expiação que se obtém a propiciação. O pecado é riscado, é cancelado, e, portanto, vai-se a Deus, que agora foi tornado propício.

O terceiro princípio é que a propiciação era efetuada pela punição vicária da vítima, que substitui o ofensor em favor dele. O pecador, o ofensor, tomava um cordeiro ou um touro ou um bode, e punha as mãos sobre ele, com isso lançando

simbolicamente os seus pecados sobre o animal; e depois o animal era imolado. O animal sofria vicariamente, levava vicariamente a punição. O pecador colocava o animal em seu lugar e em seu favor. Esse é um princípio muito importante, e não se poderá compreender o ensino do Velho Testamento nos livros de Êxodo e de Levítico, se não se compreender esse princípio – a punição vicária de uma vítima em lugar do ofensor e em favor do mesmo.

Em quarto lugar, o efeito das ofertas sarificiais era o perdão do ofensor e sua restauração ao favor de Deus e à comunhão com Ele.

Não devemos perder de vista esses quatro grandes princípios. Lembremo-nos de que sangue sempre estava envolvido. Não bastava que o animal fosse morto. Não; ele era sangrado; era preciso fazer correr sangue. É como se operava o sistema sacrificial.

Mas alguém poderia perguntar ainda, e isso com justiça e acertadamente: por que era necessário tudo isso? A resposta é dada numa grande declaração registrada em Hebreus 9:22: "Sem derramamento de sangue não há remissão". Por que não? A resposta a essa pergunta acha-se no último versículo do capítulo seis da Epístola aos Romanos. É porque "o salário do pecado é a morte". Esse é o princípio fundamental. Deus o deu a conhecer ao homem – "No dia em que dela comeres, certamente morrerás". "O salário do pecado é a morte." A pena decretada por Deus para o pecado é a morte. Portanto, nunca se pode tratar do pecado isoladamente da morte. Sem derramamento de sangue não há remissão de pecados.

Vejam vocês como este ensino escriturístico é coerente, do princípio ao fim. Deus estabeleceu isso antes mesmo da Queda, e logo que o homem caiu, foi posto em prática. Assim vocês podem ver este ensino em todo o Velho Testamento. Esse é o significado de todos aqueles sacrifícios e ofertas a respeito dos quais vocês podem ler, e que têm continuidade durante toda a dispensação do VelhoTestamento, e que, como vimos, o nosso

Senhor repetidamente nos diz que eram profecias a respeito dEle e do que Ele viria fazer.

Portanto, agora estamos em condições de dizer que o referido ensino é concernente ao sangue de Cristo. Que será que o apóstolo quer dizer aqui, quando afirma: "Ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue"? É, por certo, óbvio e inevitável que o sentido é que Cristo é o nosso Substituto. Os animais eram os substitutos tomados pelo pecador; mas o que nos é dito aqui é que o próprio Deus fez de Cristo o nosso Substituto. Foi Deus que O enviou como propiciação pelos nossos pecados. Essa é a maravilha e o encanto disso tudo. Não há nada que possamos oferecer; o homem não pode ir além da oferta de animais. Se ele se der, se ele entregar o seu ser, esse será o seu fim; será morto, estará morto, estará perdido por toda a eternidade. O homem não poderia conseguir um substituto; toda a glória e maravilha do evangelho é que o próprio Deus o fez; e é aqui que realmente começamos a ver o amor de Deus. O próprio Deus, a quem ofendemos, providenciou o Substituto. Ele expôs o Seu próprio Filho como a propiciação pelos nossos pecados.

Que é que significa isso, com relação ao nosso Senhor? Significa que Ele levou sobre Si os nossos pecados e a culpa deles. Deus "fez cair sobre ele a iniqüidade de nós todos" (Isaías 53:6). Sua alma, Sua vida foi feita oferta pelo pecado. Os nossos pecados foram lançados sobre Ele. É o que isso significa. Pedro, tornando a citar Isaías, capítulo 53, no fim do capítulo dois da sua Primeira Epístola, expressa-se nestes termos: "Levando ele mesmo em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro, para que, mortos para os pecados, pudéssemos viver para a justiça; e pelas suas feridas fostes sarados". "Deus", diz profeticamente Isaías, olhando prospectivamente para esse fato, "o feriu." "Nós o reputamos por aflito, ferido de Deus." Significa que, não somente os nossos pecados foram lançados sobre Ele, mas também que a ira de Deus foi derramada sobre Ele. O castigo que deveria vir sobre mim e sobre vocês, por

causa da malignidade dos nossos pecados, veio sobre Ele.

É por isso que temos estas tremendas declarações nos Evangelhos e em toda parte – João 3:16: "Deus amou o mundo de tal maneira que DEU...". Não é simplesmente que Ele O deu do céu para que viesse à terra. Não! Tudo está incluído. Ele O entregou à morte na cruz. Ele "deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê...". Vocês certamente se lembram de que o contexto desta passagem é: "Como Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do homem seja levantado, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna". Ele "deu". Ou vejam aquela grande frase que estudaremos nesta Epístola, no último versículo do capítulo quatro: "O qual por nossos pecados foi entregue". Dado, entregue. Para quê? Bem, não meramente entregue à morte na cruz, e sim à ira de Deus, que levou o pecador à morte, à punição do pecado. Deus "nem a seu próprio Filho poupou", diz também o apóstolo no capítulo oito, versículo 32, "antes o entregou por todos nós". Deus não O poupou. Não quer dizer que Ele apenas O deixou morrer. Não! Ele não Lhe poupou nada da punição que o pecado merecia e que tinha que ser aplicada. Não Lhe foi poupada a ira de Deus. Por isso o Filho bradou na cruz: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" Se vocês não crêem na doutrina da ira de Deus, e neste conceito sobre o sangue de Cristo, que sentido poderia haver nesse brado de abandono? E, igualmente, qual seria o sentido da agonia no Getsêmane? Por que foi que Ele suou gotas de sangue? Não foi apenas por medo da morte. Os mártires não se acovardaram ante a dor e a morte; enfrentaram-nas com alegria e com coragem. Mas o Filho de Deus clamou: "Se é possível, passe de mim este cálice". Por quê? Porque Ele sabia que ia sentir a ira de Deus contra o pecado que Ele devia levar sobre Si, e sabia que ia ser separado de Seu Pai. Essa é a única explicação possível.

Tomem as Escrituras como elas são, e tudo isso se encaixará perfeitamente. No entanto, se vocês não fizerem isso e puserem

em seu lugar as suas concepções filosóficas modernas, certas declarações ficarão simplesmente sem sentido e não poderão ser entendidas. Eis o sentido disso: Ele deu Sua vida, como Ele próprio diz, "em resgate de muitos". Depois, como Hebreus, capítulo 9, versículos doze e catorze, continua a dizer-nos, Ele foi ao mesmo tempo o sacrifício e o Sumo Sacerdote, Ele ofereceu o Seu próprio sangue. Não o sangue de novilhos e de bodes – isso não era suficiente. Era suficiente para cobrir por um tempo a corrupção da carne; porém não era suficiente para purificar a consciência destas obras mortas e dos pecados. Mas não é isso que Ele oferece. Ele leva "o seu sangue", passa pelos céus e entra, não num santuário terrestre, e sim no lugar Santíssimo, no "Santuário Celestial", purificado por Ele mediante algo melhor do que o sangue de touros e de bodes e de novilhos, e do que as cinzas de uma novilha – sim, mediante o Seu próprio sangue. Ele entrou ali "uma vez por todas", apresentou-o, e Seu sangue foi aceito. Sua morte foi suficiente, a ira de Deus contra o pecado fora derramada; a santidade, a retidão, a justiça e a Lei de Deus tinham sido satisfeitas plenamente.

É dessa maneira, diz o apóstolo na passagem que estamos estudando, que somos "justificados gratuitamente pela sua graça". É assim, e somente assim, que somos perdoados. É assim, como ele torna a dizê-lo naquela gloriosa frase de Efésios 2:13, que fomos trazidos para "perto" de Deus. É assim que os judeus e os gentios, por um só Espírito e mediante Cristo, têm este acesso ao Pai – pelo sangue. "Tendo, pois, irmãos, ousadia para entrar no santuário, pelo sangue de Jesus" (Hebreus 10:19). É assim que somos reconciliados com Deus. É assim, e somente assim, que temos companheirismo e comunhão com Deus. Estamos "andando com ele na luz", como diz João em sua Primeira Epístola, no capítulo primeiro. Quando fazemos isso, quando andamos juntos, "o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo pecado" e de toda injustiça.

Que lástima, continuamos caindo e estamos manchados, mas o sangue de Jesus Cristo, o Filho de Deus, continua a sua ação de limpeza, de purificação. É sempre "o sangue de Cristo". É isso que produz o companheirismo e a comunhão; é a única coisa que garante a persistência e a continuidade da comunhão e do companheirismo. "Se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo. E ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo." É sempre "o sangue de Cristo" que nos garante tudo.

Quem sou eu? Sou uma criatura que pertence à Nova Aliança. Em Cristo já não estamos mais debaixo da Antiga Aliança; há uma nova e melhor Aliança. Como sei disso? Que dizer do título de posse? Haveria um selo nele? Como posso ter certeza disso? Ah, sim, há um selo posto nele! Qual é? "O sangue de Cristo". Esse é o ensino de Hebreus, capítulo 9. Diz o seu autor que todo testamento, toda aliança, era sempre selada e ratificada com sangue. Foi assim que se deu no presente caso, diz ele. A Nova Aliança foi selada e ratificada pelo sangue de Cristo. Por isso, quando vou à Ceia do Senhor para receber o pão e o vinho, eis o que me é dito: "Este cálice é o novo testamento (a nova aliança) no meu sangue". O que fazemos juntos, estando à mesa, é lembrar-nos da Nova Aliança, e de que estamos nela; de que Cristo nos colocou nessa aliança e sob ela. Fomos cobertos pelo sangue. Tudo é coberto pelo sangue. E assim pertencemos à Nova Aliança e podemos ler o Testamento de Cristo, as coisas que Ele nos legou e toda a glória da nossa herança. E, como vocês podem ver, é tudo por Seu sangue.

Não me surpreende que os autores de hinos tenham escrito sobre a cruz e sobre o sangue como fizeram. Isaac Watts, William Cowper, John Newton – e como se deleitavam com isso!

Uma fonte há, cheia de sangue,
Das veias vem de Emanuel;
O pecador que nela imerge
Sua culpa perde, e suas manchas.

"Ele morreu para que fôssemos perdoados."

Não, Ele não estava oferecendo a Sua vida; Sua vida foi derramada na morte. Ele é o Cordeiro de Deus. Ele é o nosso Substituto. Ele morreu por nós e por nossos pecados. "Por suas feridas fomos sarados."

A quem se aplica isso? A todos os que têm fé nEle – e unicamente a estes – fé nAquele que "Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue". Isso não abrange todos; só se aplica aos que têm fé nEle, os quais viram a condenação de que se fala no capítulo três de Romanos e que disseram: "É verdade; é a verdade sobre mim. Não há um justo, nem um sequer. Não sou justo, sou vil, sou pecador – o veredicto está correto. Nada tenho, nada sou, e não tenho esperança senão em que o Filho de Deus "me amou e se deu por mim", entregou Sua vida à morte, amou-me até a morte, e morte na cruz". Ele é uma "propiciação pela fé no seu sangue". Esta grande expiação é nossa e se torna nossa unicamente pela fé. Esta é a verdade à qual o apóstolo vem dando ênfase o tempo todo. "Mas agora", diz ele no versículo 21, "se manifestou sem a lei a justiça de Deus." Que é isso? Bem, é o seguinte: "sendo justificados gratuitamente pela sua graça". Mas, como? "Isto é, a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo para todos e sobre todos os que crêem."

Que gloriosa salvação! Causaria surpresa que o inimigo, com todo o seu engenho e a sua malignidade, concentre todo o seu ataque contra esta verdade e queira tirar destes termos gloriosos o seu significado real e profundo? "Ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue."

7

A JUSTIFICAÇÃO DE DEUS

"Ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue, para demonstrar a sua justiça pela remissão dos pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus; para demonstração da sua justiça neste tempo presente, para que ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus." – Romanos 3:25-26

Ao chamar sua atenção uma vez mais para as grandes palavras que se acham na Epístola de Paulo aos Romanos, capítulo três, versículos 25 e 26, eu gostaria de lembrar-lhes de novo que em muitos sentidos não há versículos mais importantes que esses dois em toda a gama e em toda a esfera das Escrituras. Temos aí a exposição clara da grande e central doutrina da expiação. Por isso a estamos considerando de perto e cuidadosamente. Eu já lhes disse que alguém a denominou a "acrópole da fé cristã". Podemos estar certos de que não existe coisa alguma que a mente humana possa considerar que de algum modo seja mais importante que esses dois versículos. A história da Igreja Cristã mostra com muita clareza que eles têm sido o meio que Deus o Espírito Santo empregou para conduzir muitas almas das trevas para a luz, e para dar a muitos pecadores as primeiras noções da salvação e a sua incipiente certeza da salvação.

Permitam-me dar-lhes como ilustração um exemplo tirado da história, exemplo conhecido e notável. Refiro-me ao poeta William Cowper. Conta-nos ele que estava em seu quarto, com

a alma em agonia, sob intensa e terrível convicção de pecado. Não conseguia encontrar paz, e andava para lá e para cá, quase ao ponto de desespero, sentindo-se em completo desamparo, sem saber o que fazer. Subitamente, em puro desespero, sentou-se numa cadeira que estava perto da janela do quarto. Havia uma Bíblia ali, e ele a pegou, abriu-a, e aconteceu dar com esta passagem. Eis o que ele nos narra: "A passagem que atraiu o meu olhar foi o versículo vinte e cinco do capítulo três de Romanos. Lendo-a, recebi imediato poder para crer. Os raios do Sol da Justiça caíram sobre mim em toda a sua plenitude. Vi a completa suficiência da expiação realizada por Cristo para meu perdão e para a minha inteira justificação. Num instante cri e recebi a paz do evangelho. Se o braço do todo-poderoso Deus não me sustentasse, creio que eu seria esmagado pela gratidão e pela alegria. Meus olhos encheram-se de lágrimas. O arrebatamento me deixou sem fala. Só pude ficar contemplando o céu com silencioso temor, transbordando de amor e de encantamento". Foi isso que o versículo vinte e cinco fez pelo famoso poeta William Cowper. E fez a mesma coisa por muitos outros.

Deixem que lhes lembre de novo o que o versículo diz. É uma continuação do que o apóstolo estivera dizendo no versículo vinte e quatro. É a sua grande e boa notícia de que agora nos é possível sermos "justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus". Noutras palavras, existe agora um meio de salvação independente da Lei, um meio que não depende da nossa observância da Lei. É este meio gratuito que se acha em Cristo. Deus nos resgatou em Cristo, e estes versículos 25 e 26 explicam como se realizou esse resgate. Mas, por que teve que acontecer uma coisa dessas? Como acontece isso?

Já consideramos duas das grandes palavras que o explicam. São as duas grandes palavras "propiciação" e "sangue". Sabemos também que a redenção obtida dessa maneira nos vem mediante a instrumentalidade da fé.

O apóstolo, porém, não se detém nisso. Diz mais alguma coisa. Examinem de novo a declaração: "Ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue, para demonstrar a sua justiça pela remissão dos pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus; para demonstração da sua justiça neste tempo presente, para que ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus." Por que o apóstolo se estendeu e disse isso tudo? Por que não parou naquela primeira declaração?

O melhor que podemos fazer é considerar mais uma vez os termos aqui presentes. O primeiro é "propôs". O verbo significa "manifestar", "tornar claro". Obviamente, aqui está algo de vital interesse para nós; vê-se logo isso. A morte do Senhor Jesus Cristo na cruz do Calvário não foi acidental; foi obra realizada por Deus. Foi Deus que "o propôs:" ou que "o expôs" ali. Quantas vezes se perde toda a glória da cruz, quando os homens a sentimentalizam e dizem: "Ah, Ele era demasiado bom para o mundo, era tão puro! Seu ensino era por demais maravilhoso; e homens cruéis O crucificaram"! O resultado é que começamos a sentir tristeza por Ele, esquecidos de que Ele próprio voltou-Se para aquelas "filhas de Jerusalém" que se entristeceram por Ele, e lhes disse: "Não choreis por mim, chorai antes por vós mesmas" (Lucas 23:28). Se o nosso conceito da cruz é tal que nos leva a sentir-nos tristes pelo Senhor Jesus Cristo, significa simplesmente que nunca a vimos verdadeiramente. Foi Deus que "o propôs". Não foi um acidente, mas algo deliberado. De fato o apóstolo Pedro, pregando no dia de Pentecoste, disse que tudo aquilo acontecera "pelo determinado conselho e presciência de Deus" (Atos 2:23). "DEUS o propôs", "o expôs".

O termo salienta também o caráter público da ação. Foi um grande ato público de Deus. Deus fez algo aqui em público, no palco da história universal, para que o Seu ato fosse visto, contemplado e registrado uma vez e para sempre – a ação mais pública jamais realizada. Assim Deus publicamente o "propôs para propiciação pela fé no seu sangue".

Isso agora nos leva a esta questão de vital importância: por que Deus fez isso? Por que isso haveria de acontecer? Que foi que (se posso perguntar com reverência) levou Deus a fazer isso, que O levou a planejar fazê-lo? A melhor resposta ainda se deve buscar examinando os termos um por um. Depois os examinaremos como um todo e veremos exatamente por que o apóstolo achou que era tão importante e essencial acrescentar isso ao que já dissera.

Primeiro vejamos a expressão "para demonstrar" – "para demonstrar a sua justiça". Significa "mostrar", "manifestar", "dar um sinal evidente", "provar". Deus fez isso, diz Paulo, a fim de que Cristo nos resgatasse fazendo uma oferta propiciatória. Sim, mas em acréscimo, Deus está "declarando" algo aí, está mostrando algo, manifestando, dando um sinal evidente de algo. E do que seria? "Da sua justiça." Devemos ser cautelosos com essa expressão, com esse termo que estamos examinando desde o versículo 21. É uma pena que o mesmo termo seja utilizado para cobrir duas idéias ligeiramente diferentes. Até aqui, quando examinamos o termo "justiça", vimos que significa um "meio" ou um "modo de justiça". Voltemos ao versículo 21: "Mas agora", diz ele, "se manifestou sem a lei a justiça de Deus". Noutras palavras: "O modo de Deus de tornar justos os homens", "O modo de Deus de dar justiça aos homens", é o que significa. Todavia aqui não significa isso. Diz ele aqui que Deus fez uma coisa por meio da qual Ele declara a Sua justiça; não a justiça que Deus nos dá, mas, sim, um dos Seus gloriosos atributos; é a justiça judicial de Deus; é o caráter essencial de Deus, o Seu caráter moral, santo, justo e reto. Diz ele de novo no versículo seguinte (versículo 26): "Para que ele seja justo e justificador daquele que tem fé (ou que crê) em Jesus" – "para que ele seja justo". Na cruz Deus está demonstrando a Sua justiça, o Seu caráter reto, a Sua justiça e retidão inerente e essencial.

A próxima palavra é "por" (ARA). "Para manifestar a sua justiça POR ter Deus, na sua tolerância, deixado impunes os

pecados anteriormente cometidos." "Por", nesse texto, significa "em razão de", ou "por causa de". Ele está manifestando a Sua justiça por causa da remissão dos pecados cometidos no passado.

A palavra que vem a seguir é "remissão" (VA e ARC). Aí está uma palavra sumamente importante, e é uma pena que a tradução da Versão Autorizada (inglesa) (como acontece com Almeida, Edição Revista e Corrigida) é muito infeliz nesse ponto. Este é um dos casos em que a VA é inferior às versões revistas, a Versão Revista Padrão ("RSV") inclusive, as quais estão certas nesse ponto. A tradução da VA é infeliz por esta razão: façam uma busca da palavra "remissão" na Versão Autorizada, e verão que essa palavra é empregada várias vezes; porém, se vocês se derem ao trabalho de examinar a palavra realmente utilizada no grego, farão a interessante descoberta de que a palavra empregada aqui pelo apóstolo, e que é traduzida pelo termo "remissão", só é empregada aqui, em todo o Novo Testamento. O apóstolo não faz uso dela em nenhum outro lugar, e nenhum outro escritor a empregou uma só vez sequer. Há outra palavra que se traduz por "remissão", e, em suas várias formas, vocês a acharão dezessete vezes no Novo Testamento; mas a palavra que temos na passagem que estamos estudando é utilizada uma única vez, e realmente não significa "remissão". Significa "pretermissão".

É uma palavra importante, e devemos examiná-la. Que significa "pretermissão"? Que é que "pretermitir" pecados significa, em distinção de "remitir"? Trata-se de uma palavra que era utilizada no Direito Romano. Quando a encontramos no Direito Romano, geralmente é empregada neste sentido – refere-se a alguém que, tendo feito um testamento, deixou alguma pessoa fora dele. Imaginem um homem fazendo um testamento e legando algo a alguns dos seus amigos. Mas há um amigo a quem ele não deixa nada – isso é "pretermissão" (o mesmo que "preterição"). Ele o deixa fora do seu testamento; deixa-o fora da sua consideração. Significa, se vocês

quiserem, "passar por alto". O homem deu alguma coisa a todos os seus amigos e parentes, entretanto passou por alto aquela pessoa – isso é pretermitir. Essa é justamente a palavra empregada na passagem em foco – "passar por alto", "fazer vista grossa", "desconsiderar", "desatender intencionalmente". São esses os sentidos dados a essa importante palavra que o apóstolo escolheu deliberadamente nesse ponto.

Pois bem, quando o apóstolo faz isso, deve ter boa razão para fazê-lo. Ele não faz esse tipo de coisa acidentalmente. Por que não usou a palavra que tinha utilizado noutros lugares? Por que essa palavra aqui, e somente aqui? E por que essa palavra particular, que significa "passar por alto"? Vê-se logo que, obviamente, ele quer comunicar a idéia de passar por alto. Portanto, em vez de traduzir "pela remissão dos pecados do passado" deveríamos traduzir "por deixar passar por alto os pecados do passado", "por desconsiderar os pecados do passado". Podemos expressar-nos assim: a diferença que há entre "remissão" e "pretermissão" é a que existe entre "perdoar" e "não punir". Talvez vocês digam que isso é discutir ninharia, que essa é uma distinção sem diferença. Mas não é. É certo que no fim vem dar na mesma. Se eu não punir um homem, em certo sentido eu o perdoei; e, todavia, não o fiz plenamente. Se eu o perdoei, certamente não o puni; mas perdoar é mais que não punir. Assim o termo "pretermissão", "passar por alto", diz menos que "remissão"; e é por isso que é uma pena que a Versão Autorizada diga "remissão" na passagem que estamos examinando. Esta fala em "passar por alto", ou em "desconsideração dos pecados passados" (cf. ARA).

A próxima palavra que vamos abordar é: "passados" (VA). "Por passar por alto os pecados passados." De novo a tradução da Versão Autorizada não é tão boa como deveria ser. Por ela se poderia concluir que o apóstolo está dizendo que Deus passa por alto os pecados "passados", os pecados passados de toda e qualquer pessoa – os meus pecados passados, os seus pecados passados – "os pecados passados". Mas não era isso que o

apóstolo estava dizendo; não foi isso que ele quis dizer. Uma tradução melhor poderia ser: "pecados que foram cometidos anteriormente" (cf. Almeida). Ele estava se referindo a um período muito definido de tempo. É o período que ele põe em contraste com o mencionado no versículo subseqüente, onde ele diz: "neste tempo presente". Houve aquele tempo, e depois, este tempo. Diz ele: "Ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue, para demonstrar a sua justiça passando por alto os pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus; para demonstração da sua justiça neste tempo presente...". Para o que estaria ele olhando retrospectivamente? Para a antiga dispensação. Diz ele que Deus passou por alto os pecados cometidos sob a antiga dispensação, sob a Antiga Aliança, nos tempos do Velho Testamento. O ponto que ele defende é que Deus fez isso, e agora expõe Cristo para fazer algo acerca do que Ele tinha feito antes.

Isso nos leva à última palavra que nos cabe considerar, que é a palavra "paciência". É "tolerância", pela qual a pessoa "se reprime", "se contém". Que é exatamente que o apóstolo está dizendo aqui? "Ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue, para demonstrar a sua justiça passando por alto os pecados dantes cometidos, graças à tolerância auto-restritiva de Deus." Que é que isso quer dizer? O que Paulo nos está dizendo é que esse ato público que Deus executou no Calvário refere-se também à ação de Deus sob a dispensação do Velho Testamento, quando Ele passou por alto, desconsiderou, deixou de lado, os pecados do povo naquele tempo, em Sua auto-restrição e em Sua tolerância.

Mas o que significa tudo isso? De maneira muito interessante podemos responder a essa pergunta examinando a mesma espécie de declaração em outros dois lugares do Novo Testamento. Vocês se lembram de como o apóstolo Paulo se dirigiu ao grupo de estóicos, epicureus e outros em Atenas? A narrativa nos é feita no capítulo dezessete do livro de Atos dos Apóstolos, começando particularmente no versículo 30.

Elaborando o seu argumento, o apóstolo diz: "Deus, não tendo em conta os tempos da ignorância, notifica agora a todos os homens e em todo lugar, que se arrependam". Observem como ele desenvolve o seu argumento. Diz ele que Deus não Se deixou ficar sem testemunho através de todas estas gerações e de todos estes séculos. Deus deixou os Seus sinais. O objetivo era que "buscassem ao Senhor, se porventura, tateando, o pudessem achar; ainda que não está longe de cada um de nós. Porque nele vivemos, e nos movemos, e existimos; como também alguns dos vossos poetas disseram: pois somos também sua geração. Sendo nós pois geração de Deus, não havemos de cuidar que a divindade seja semelhante ao ouro, ou à prata, ou à pedra esculpida por artifício e imaginação dos homens. Mas Deus, não tendo em conta os tempos da ignorância, anuncia agora a todos os homens, e em todo lugar, que se arrependam; porquanto tem determinado um dia em que com justiça há de julgar o mundo, por meio do varão que destinou; e disso deu certeza a todos, ressuscitando-o dos mortos".

A outra passagem é o versículo 15 do capítulo nove da Epístola aos Hebreus: "E por isso (Cristo) é Mediador dum novo testamento, para que, intervindo a morte para remissão das transgressões que havia debaixo do primeiro testamento, os chamados recebam a promessa da herança eterna". Pois bem, é precisamente a mesma coisa. Hebreus 9:15 diz exatamente a mesma coisa que o apóstolo está dizendo na passagem que estamos estudando. Então, o correto comentário deste versículo acha-se naquela declaração de Hebreus. Aquele escritor estava desejoso de que os seus leitores entendessem claramente a Antiga Aliança e os sacrifícios e oferendas que o povo apresentava sob a Antiga Aliança. Era preciso que eles entendessem muito bem e vissem com toda a clareza que eles jamais foram capazes de produzir um pleno perdão de pecados; não serviam para expiar pecados. Eles podiam fazer algo, diz este homem; tinham valor para a "purificação da carne". "O

sangue dos touros e bodes, e a cinza duma novilha esparzida sobre os imundos, os santifica, quanto à purificação da carne" (Hebreus 9:13). Mas não podiam fazer mais nada. Não podiam fazer nada com a consciência. Essa é a dificuldade. E, todavia, todo o problema é relacionado com a consciência. Contudo, se o sangue de touros e de bodes podia purificar a carne, "quanto mais o sangue de Cristo, que pelo Espírito eterno se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus, purificará as vossas consciências das obras mortas, para servirdes ao Deus vivo?" E tudo isso "é uma alegoria para o tempo presente, em que se oferecem dons e sacrifícios que, quanto à consciência, não podem aperfeiçoar aquele que faz o serviço; consistindo somente em manjares, e bebidas, e várias abluções e justificações da carne, impostas *até* ao tempo da correção. Mas (agora), vindo Cristo, o sumo sacerdote dos bens futuros" e assim por diante.

Vocês acompanharam o argumento? O que ele está dizendo é que sob a Antiga Aliança, sob a antiga dispensação, não havia provisão para que os pecados fossem tratados num sentido radical. O que havia era, por assim dizer, simplesmente um meio de passá-los de largo, de cobri-los durante aquele período. Aqueles antigos sacrifícios e ofertas davam uma certa purificação da carne, davam uma pureza cerimonial, habilitavam as pessoas a continuar orando a Deus. Mas não havia, sob o Antiga Aliança, nenhum sacrifício que realmente pudesse dar ao pecado o devido tratamento. Tudo o que aqueles sacrifícios faziam era apontar para o futuro sacrifício que viria e que realmente poderia fazer isso, e que poderia purificar a consciência de obras mortas e reconciliar verdadeiramente o homem com Deus.

Com isso, perguntará alguém, você quer dizer que os santos do Velho Testamento não foram perdoados? Naturalmente que não é isso que estou dizendo. É óbvio que eles foram perdoados, e davam graças pelo perdão. Não se pode dizer, nem de passagem, que pessoas como Davi, Abraão, Isaque e Jacó não foram perdoadas. Certamente que foram. Mas não foram

perdoadas por causa dos sacrifícios que eram oferecidos naquele tempo. Foram perdoadas porque olhavam para Cristo. Não viam isso claramente, mas criam no ensino, e faziam as suas ofertas pela fé. Criam na Palavra de Deus, segundo a qual um dia Ele providenciaria um sacrifício, e se apegavam a isso com fé. Foi a sua fé em Cristo que salvou aquelas pessoas naquele tempo, exatamente como é a fé em Cristo que salva o pecador agora. Esse é o argumento.

Mas, em certo sentido, isso deixou um problema. Este era o problema: Deus sempre se havia revelado como um Deus que odiava o pecado. Ele tinha anunciado que puniria o pecado, e que a punição do pecado era a morte. Ele tinha anunciado que derramaria a Sua ira sobre o pecado e sobre os pecados. E, contudo , eis que, aparentemente, segundo todas as aparências, Deus estava, durante séculos, voltando atrás em Suas declarações e em Sua Palavra. Ao que parece, Ele não estava punindo o pecado. Passava-o por alto. Teria Deus deixado de preocupar-Se com estas coisas? Teria Deus passado a ser indiferente face ao mal moral? Como pôde Deus passar por alto o pecado dessa maneira? Aí está o problema. E era um problema real. Está claro que o sangue de touros e de bodes e as cinzas de uma novilha não podem resolver o problema do pecado. E, todavia, Deus passou por alto aqueles pecados. Como pôde fazer isso? Que é que justifica esta "paciência", esta "tolerância de Deus"? Pois bem, diz o apóstolo, Deus nos explicou tudo isso pelo que Ele fez em público, perante o mundo inteiro, no palco e no teatro do mundo todo, em Cristo, no Calvário. Ele reteve a Sua ira através de todos os séculos. No passado não a descerrou plenamente; mas agora a desvendou totalmente. Agora Ele a demonstrou. Paulo diz: "Vou repetir isso – "Para demonstração"...". Essa foi uma das coisas que estavam acontecendo na cruz. Na cruz do Calvário Deus estava dando uma explicação pública do que Ele estivera fazendo durante os séculos todos. Ao fazer isso, e ao mesmo tempo, Ele

reivindica o Seu caráter eterno de justiça e de santidade.

Como exatamente Ele o fez? Deixem que eu lhes responda; e quando eu o fizer vocês verão por que me afanei tanto para defender a palavra "propiciação" e que nos apeguemos a ela a todo custo, tão vitalmente importante ela é. Como Deus fez isso no Calvário? Como foi que Ele vindicou o Seu caráter? Como explicou Ele a Sua desconsideração daqueles pecados dos tempos passados em Sua auto-restrição e tolerância? Há somente uma maneira pela qual Ele poderia fazê-lo. Deus declarou que odeia o pecado, que puniria o pecado, que derramaria a sua ira sobre o pecado e sobre os culpados de pecado. Portanto, se Deus não pudesse provar que fez isso, Ele não seria justo. O que o apóstolo está dizendo é que no Calvário Deus fez isso. Ele demonstrou que ainda odeia o pecado, que vai puni-lo, que deve puni-lo necessariamente, que vai derramar a Sua ira sobre o pecado. Como foi que Ele demonstrou isso no Calvário? Fazendo justamente isso. O que Deus fez no Calvário foi derramar sobre o Seu amado Filho unigênito a Sua ira contra o pecado. A ira de Deus que deveria vir sobre mim e sobre vocês por causa dos nossos pecados, caiu sobre Ele. Deus sempre soube que ia fazer isso. Lemos nas Escrituras sobre "o Cordeiro morto desde a fundação do mundo". Trata-se de um plano que se originou na eternidade. Foi porque Deus sabia que ia fazer isso que Ele pôde passar por alto os pecados durante todos aqueles séculos passados. Dessa maneira, diz o apóstolo, vocês podem ver que Deus ao mesmo tempo permanece justo e pode justificar os injustos que crêem em Cristo. Esse era o tremendo problema – como Deus pode permanecer santo e justo, tratar o pecado como diz que vai tratá-lo, e ainda assim perdoar o pecador? A resposta só se pode achar no Calvário. É uma parte essencial daquilo que é demonstrado na cruz.

Essa, de acordo com o apóstolo, foi a primeira razão. Era preciso que Deus vindicasse o que fizera no passado, durante a vigência da Antiga Aliança. Mas também era preciso que

fizesse mais, diz-nos o apóstolo no versículo 26: "Para demonstração da sua justiça NESTE TEMPO PRESENTE". Agora Deus explicou por que pôde passar por alto todos aqueles pecados do passado. Mas como Ele trata o pecado atualmente? Como os tratará dos pecados no futuro? A resposta continua sendo a que está na cruz do Calvário. O ensino, noutras palavras, é o seguinte: a cruz do Calvário, a morte do Senhor Jesus Cristo, "é", como diz o apóstolo João em sua Primeira Epístola, capítulo 2, versículo 2, "a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo" – o mundo que em particular se tem em vista ali. Os pecados receberam tratamento definitivo na cruz, uma vez por todas. Na cruz é que todos os pecados cometidos sob a antiga dispensação foram passados por alto por Deus e foram, por assim dizer, pretermitidos – os pecados que Ele tinha perdoado a Abraão, a Isaque, a Jacó e a todos os crentes pertencentes à antiga dispensacão – na cruz é que foi feita provisão para que isso fosse realizado. Os pecados deles estão incluídos no Calvário. Sim, declara Paulo, e os pecados que estão sendo perdoados atualmente recebem também ali o devido tratamento. E todos os pecados que ainda serão cometidos também foram tratados ali.

Essa é a maravilha acerca do Cristo do Calvário – Ele morreu "uma vez por todas" (ARA). Esse é o grande argumento da Epístola aos Hebreus, vocês se lembram. Aqueles outros sacrifícios, diz ele, tinham que ser oferecidos dia após dia. Havia uma sucessão de sacerdotes, e eles tinham que fazer seguidamente renovados sacrifícios. "Mas este homem" fez um sacrifício "uma vez por todas". Ele fez ali o que era preciso fazer com os pecados. Não há mais necessidade de coisa alguma. Não há mais necessidade de novos sacrifícios. O de Cristo foi feito uma vez e para sempre. Na cruz Deus lançou todos os pecados sobre Ele – os pecados que eu e vocês ainda não cometemos já receberam o devido tratamento. Ali está o meio pelo qual obter perdão; e ali somente. No passado, os pecados

anteriormente cometidos, os pecados cometidos atualmente, os pecados cometidos em todos os tempos – aqui está a justificação de Deus por perdoar QUAISQUER pecados, sempre que foram ou forem cometidos.

É isso que o apóstolo está dizendo aqui. Todo pecado é perdoado sobre essa base, e unicamente sobre essa base. A cruz demonstra que Deus é "justo e justificador daquele que tem fé em Jesus". Deixem que eu o diga da seguinte maneira: a cruz do Calvário não somente mostra que Deus nos perdoa. Faz isso, graças a Deus, mas não fica nisso. Se só demonstrasse isso, o apóstolo poderia ter terminado o versículo 25 na palavra "sangue". Não havia necessidade de mais nada. Contudo, ele não pára aí; vai adiante; dá seqüência ao versículo 25 e acrescenta o versículo 26. Por quê? Porque a cruz não se limita a declarar que Deus está pronto a perdoar-nos.

Outro modo de dizê-lo é nestes termos: a cruz não visa tão-somente influenciar-nos. Mas é isso que nos diz o ensino popular. Diz esse ensino que o problema da humanidade é que ela não sabe que Deus é amor, não sabe que Deus já perdoou todo o mundo. Qual é o significado da cruz? Bem, dizem os tais mestres, é Deus dizer-nos que já nos perdoou; e por isso, quando vemos Cristo morrendo, isso deveria partir os nossos corações e levar-nos a enxergar essa verdade. Segundo eles, a cruz dirige-se unicamente a nós. É verdade, ela fala a nós; mas tem também um objetivo maior que esse; faz outra coisa também.

Recebermos o perdão é somente uma coisa; há algo que é infinitamente mais importante. Que será? É o caráter de Deus. Assim a cruz continua a falar-me, dizendo que este é o meio pelo qual Deus torna possível o perdão. O perdão não é coisa fácil para Deus. Digo isso com reverência. Por que o perdão não é fácil para Deus? Porque Deus não é somente amor; Deus é igualmente justo, reto e santo. Ele é "...luz, e não há nele trevas nenhumas". Tanto Ele é amor como é retidão e justiça. De modo algum eu ponho estes atributos um contra o outro.

Repito que Deus é todas estas coisas juntas, e não se deve deixar fora nenhuma delas.

Assim a cruz não nos diz meramente que Deus perdoa; ela nos diz também que esse é o único meio de tornar possível a Deus o perdão. É o meio pelo qual entendemos como Deus perdoa. Pergunto mais: como pode Deus perdoar e continuar sendo Deus? Essa é a questão. A cruz é a justificação de Deus. A cruz é a justificação do caráter de Deus. A cruz não somente mostra o amor de Deus mais gloriosamente do que qualquer outra coisa, mas também mostra a Sua retidão, a Sua justiça, a Sua santidade, e toda a glória dos Seus atributos eternos. Todos eles refulgem juntos na cruz. Se vocês não vêem todos eles, vocês não viram a cruz. É por isso que rejeitamos totalmente a teoria da expiação denominada "teoria da influência moral", a qual descrevi há pouco – a teoria que afirma que tudo o que cabe à cruz fazer é quebrantar os nossos corações e levar-nos a enxergar o amor de Deus.

Acima e além de tudo isso, Paulo afirma: "Ele está demonstrando a sua justiça para a remissão dos pecados passados". Por que isso, se não passa de uma declaração do Seu amor? Não, diz Paulo, é mais que isso. Se meramente proclamasse o Seu perdão, teríamos o direito de perguntar se podemos confiar na Palavra de Deus, e se Ele é reto e justo. Seria justo perguntar isso, porque Deus repetidamente afirmou no Velho Testamento que Ele odeia o pecado e que puniria o pecado, e que o salário do pecado é a morte. Está envolvido o caráter de Deus. Deus não é como os homens. Às vezes achamos maravilhoso as pessoas dizerem uma coisa e depois fazerem outra. O pai diz ao filho: "Se você fizer isso, não lhe darei as moedas para você comprar doces". O menino vai e faz aquilo, mas o pai diz: "Tudo bem", e lhe dá as moedas. Achamos que isso é amor e perdão verdadeiro. Mas Deus não se porta dessa maneira. Deus, se é que podemos dizê-lo, é eternamente coerente conSigo mesmo. Jamais há contradição nEle. Ele é "o Pai das luzes, em quem não há mudança nem

sombra de variação". Devemos ver todos estes gloriosos atributos rebrilhando como diamantes em Seu caráter eterno. E era preciso que todos eles se tornassem manifestos. Na cruz eles todos se tornaram manifestos.

Como pode Deus ser justo e justificar os injustos? A resposta é que Ele pode porque puniu os pecados dos pecadores injustos em Seu próprio Filho. Derramou Sua ira sobre Ele. "Ele levou sobre si o nosso castigo." "Por suas pisaduras fomos sarados." Deus fez o que disse que faria; puniu o pecado. Ele proclamou isso em toda parte no Velho Testamento; e fez o que disse que faria. Ele mostrou que é justo. Fez uma pública demonstração disso. Ele é justo, e pode justificar o pecador porque, tendo punido Outro em nosso lugar, pode perdoar-nos gratuitamente. E Ele faz isso. Essa é a mensagem do versículo 24: "Sendo justificados (sendo considerados, declarados, pronunciados justos) gratuitamente pela sua graça, pela redenção (pelo resgate) que há em Cristo Jesus; ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue". Desse modo Ele demonstra a Sua justiça por ter passado por alto os pecados cometidos durante o Seu tempo de auto-restrição. "Para demonstração" da Sua justiça naquele tempo, agora, e sempre, no perdão de pecados. Assim Ele é, ao mesmo tempo, justo e justificador daquele que crê em Jesus.

Essa é a grande, gloriosa e maravilhosa declaração. Certifique-se, cada um de vocês, de que o seu conceito, o seu entendimento da cruz, inclui a sua totalidade. Ponha à prova o seu conceito da cruz. Onde entraria em seu pensamento esta declaração acerca da "demonstração" da Sua justiça, etc.? É algo por cima do que você sempre pula e diz: "Bem, isso eu não sei o que significa. Tudo o que eu sei é que Deus é amor e que Ele perdoa". Mas você deve conhecer o significado disso. É parte essencial do glorioso evangelho. No Calvário Deus estava abrindo um caminho de salvação para que eu e você pudéssemos ser perdoados. No entanto era preciso que Ele o fizesse de um modo que mantivesse inviolável o Seu caráter,

que mantivesse inquebrantável a sua coerência eterna. Logo que você começar a ver com estes olhos, você verá que esta é a coisa mais tremenda, mais gloriosa e mais estupenda do universo e de toda a história. Deus está demonstrando na cruz o que Ele fez por nós e, ao mesmo tempo, está demonstrando a Sua grandeza e glória eterna, está demonstrando que Ele é "...luz, e não há nele trevas nenhumas". "Quando contemplo a cruz maravilhosa...", exclama Isaac Watts; mas você não verá a maravilha da cruz enquanto realmente não a contemplar à luz desta grande declaração do apóstolo. Deus estava declarando, estava demonstrando publicamente uma vez por todas a Sua justiça eterna e o Seu amor eterno. Não os separe nunca, pois ambos pertencem juntos ao caráter de Deus.

8

EXCLUÍDA A JACTÂNCIA

"Onde está logo a jactância? É excluída. Por qual lei? Das obras? Não; mas pela lei da fé. Concluímos pois que o homem é justificado pela fé sem as obras da lei. É porventura Deus somente dos judeus? E não o é também dos gentios? Também dos gentios, certamente. Se Deus é um só, que justifica pela fé a circuncisão, e por meio da fé a incircuncisão, anulamos, pois, a lei pela fé? De maneira nenhuma, antes estabelecemos a lei." – Romanos 3:27-31

Nestes versículos temos ainda uma série de outras conseqüências ou características da grande salvação sobre a qual o apóstolo está escrevendo nesta parte. Deus, diz ele, fez algo novo; há um plano de salvação, uma justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo. Ele nos explicou como esse plano foi realizado. Diz o apóstolo: "Somos justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus"; e essa redenção, esse resgate, ele nos diz, deu-se quando Deus O expôs como "propiciação pela fé no seu sangue". Mais um propósito atendido por aquele grande ato era "demonstrar a sua justiça pela remissão dos pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus; para demonstração da sua justiça neste tempo presente, para que ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus". Este grande plano de salvação não deve ser considerado somente do nosso ponto de vista, e sim, ainda mais do ponto de vista do próprio Deus; ele demonstra que Deus "é justo e justificador daquele que tem fé em Jesus".

A partir daqui vamos examinar mais outras características desta grande salvação. Para começar: jamais devemos descrever esta salvação em termos que ponham em dúvida a retidão e a justiça de Deus. Ou, para dizê-lo positivamente: a nossa exposição do plano de salvação sempre deve ser uma exposição que assevere a justiça de Deus, bem como o amor de Deus. Essa é a primeira característica. Mas Paulo vai adiante e considera mais outras três características. A primeira é, como vocês podem observar, que este é um plano de salvação que exclui toda a jactância. Em segundo lugar, é um plano que está igualmente acessível a judeus e a gentios – tais distinções são abolidas completamente. E, em terceiro lugar, é um plano de salvação que renova a afirmação da Lei e a estabelece.

Estas, reitero, são mais três características desta grande salvação. Temos igualmente o direito de dizer que estes três pontos defendidos nestes três versículos também são conseqüências inevitáveis da doutrina da expiação, que o apóstolo acabara de expor. Estes versículos fazem duas coisas ao mesmo tempo – exibem características da salvação, e também constituem corolários da maneira particular pela qual a nossa salvação foi concretizada. Ao examinarmos isso, certamente devemos sentir-nos como que prontos a perguntar por que o apóstolo segue adiante para dizer essas coisas. Por que ele não terminou com aquela magnífica declaração da doutrina da expiação e não ficou nisso? Que versículos fantásticos são aqueles! A que clímax ele chegou! Estivemos examinando os dois versículos em detalhe: "Sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus, ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue, para demonstrar a sua justiça pela remissão dos pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus; para demonstração da sua justiça neste tempo presente, para que ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus". Que declaração sublime! Que clímax glorioso! Por que ele acrescentou essas três coisas? Por que não se deu por satisfeito com

essa declaração positiva da doutrina da expiação que temos nos versículos 25 e 26?

Acho que a questão deve ser levantada, e que uma razão adicional para isso é o fato de que o apóstolo já dissera estas coisas diversas vezes durante os três primeiros capítulos. Apesar disso, ele as apresenta de novo, ele as diz mais uma vez. Por que vocês acham que ele o faz? Estou levantando a questão porque esta matéria é extremamente importante para mim. Este grande apóstolo não faz uma coisa dessas simplesmente por fazê-la; é óbvio que ele tem um motivo muito bom para a repetição. Por ora trato apenas da questão de como devemos ler as Escrituras. Isso é algo puramente mecânico, mas é uma questão muito importante na mecânica do estudo das Escrituras. Devemos sempre observar o que o apóstolo faz. Quando se lança a fazer uma coisa dessas devemos deter-nos e perguntar-nos a nós mesmos por que ele o terá feito. Por que ele não parou naquele grande clímax? Por que retoma estas três coisas das quais estivera falando tão freqüentemente? Da tendência dos judeus para a jactância ele já tratara no versículo dezessete do capítulo dois, "Eis que tu que tens por sobrenome judeu, e repousas na lei, e te glorias em Deus", e na circuncisão e na Lei – e também noutros lugares. Todavia, aqui ele retorna a isso. Por quê?

Segundo o meu parecer, há três respostas definidas a essas questões. A primeira é: ele faz isso por causa da grandeza do assunto. Este assunto é tão grandioso, tão importante, tão vitalmente significativo que é preciso que não haja nenhum mal entendido a seu respeito. O apóstolo estava muito mais preocupado com isso do que com a mera forma ou estilo literário. Do ponto de vista literário é sempre ruim continuar depois de se ter atingido o clímax. Paulo não era um homem literário, era um pregador do evangelho, um evangelista e mestre, um embaixador de Cristo. Seu interesse não estava na forma literária de suas cartas. O que ele estava desejoso de saber era se as pessoas a quem se dirigia tinham de fato visto esta

verdade e a tinham apreendido. Elas a teriam entendido claramente? Ele não queria correr nenhum risco em relação a elas. Tendo-a dito muitas vezes, e arriscando-se a produzir uma espécie de anticlímax, ele retornou ao ponto a fim de torná-lo absolutamente definido. Esta verdade é tão central e crucial que era preciso que não houvesse nenhum engano a seu respeito. Essa é a primeira razão.

A segunda é a seguinte: em vista do nosso estado pecaminoso, é essencial que a verdade seja exposta tanto negativa como positivamente. Se o homem não tivesse caído em pecado, seria suficiente dar-lhe a verdade positivamente, mas, devido ter pecado, isso nunca é suficiente. E assim vocês verão em toda parte nas Escrituras, nas partes em que há ensinamentos, que estes vêm em termos negativos bem como em termos positivos. Não basta dizer às pessoas o que a verdade positivamente é; é preciso assinalar também que a verdade não é isso, não é aquilo. Isso porque somos pecadores. A colocação negativa ajuda a focalizar a atenção no ensino; ajuda a sublinhá-lo; ajuda a defini-lo. Não devo repisar este ponto, porém o estou salientando porque tenho a impressão de que esta moderna geração de cristãos não gosta de negativas. Dizem eles: "Tudo o que queremos é a verdade positiva; você não precisa se incomodar com essas negativas". Mas o próprio fato de dizerem isso mostra que eles precisam desesperadamente das negativas. Eles estão pondo à mostra a sua ignorância, estão na situação descrita pelo apóstolo na Epístola aos Efésios. São como "meninos inconstantes, levados em roda por todo vento de doutrina" (Efésios 4:14). As Escrituras salvaguardam a nossa posição dando ênfase aos termos negativos bem como aos positivos. Temos na passagem em foco uma perfeita ilustração disso.

Mais uma razão pela qual Paulo faz isso é que ele estava lidando com dificuldades reais que havia nas mentes de muitos naquele tempo. Os judeus, por exemplo, tinham reais dificuldades com relação ao evangelho. Parecia-lhes, à

superfície, que o Velho Testamento estava sendo totalmente repudiado. O apóstolo já tinha feito referência a isso no começo do capítulo 3, mas retorna ao ponto. Ele sabia que os judeus defendiam tenazmente estas coisas. Que criaturas preconceituosas somos nós! Ficamos agarrados aos nossos preconceitos, ou talvez eu deva dizer que os preconceitos ficam agarrados a nós. Pois bem, o apóstolo queria explicar bem esta verdade. E não somente aos judeus de fora, como também a muitos cristãos judeus que ainda viam problemas nestes mesmos pontos.

Há uma ilustração clássica disso – o caso do apóstolo Pedro. Lembram-se do que Paulo nos diz sobre Pedro no capítulo dois da Epístola aos Gálatas? Pedro tinha chegado a entender a verdade acerca da admissão dos gentios. Deus lhe ensinara essa verdade com relação a Cornélio com a visão que lhe tinha dado (Atos, capítulo 10). E Pedro tinha pregado o evangelho aos gentios, e até se defendera por fazê-lo (Atos, capítulo 11). No entanto depois, passado algum tempo, mesmo Pedro de repente começou a desviar-se da verdade. Certos elementos causadores de dissensões e judaizantes chegaram a Antioquia, e os seus argumentos eram tão plausíveis que até Pedro se deixou levar. Os antigos preconceitos vieram à tona, e Paulo teve que resistir-lhe na cara (Gálatas 2:11). Por isso o apóstolo Paulo estava desejoso de que os cristãos judeus que eram membros da igreja em Roma tivessem claro entendimento desta questão. Existiu nestes judeus, apesar de se terem tornado cristãos, a tendência de achar que, de algum modo e afinal de contas, eles eram diferentes dos outros, ocupavam posição superior e tinham privilégios especiais porque eram judeus, embora cristãos. Não podiam entender que a parede de separação que estava no meio tinha sido realmente derrubada uma vez por todas. Pois bem, o apóstolo era sabedor disso, pelo que volta a tratar do assunto.

Minha observação final sobre esta questão consiste em assinalar que o grande apóstolo nunca se limita a meras declarações positivas, porém muitas vezes condescende em

argumentar, em entrar em polêmica, porque sente que deve fazê-lo. Digo isso porque acho que atualmente há muito pensamento frouxo, falso e fraco sobre a questão de polêmica e de argumentação em debate. Ao que parece, a atitude de muitos é: "Não queremos argumentos. Dê-nos a mensagem simples, o evangelho simples. Dê-nos a mensagem positivamente, e não se incomode com os outros conceitos". É importante que compreendamos que, se falarmos desse modo, estaremos negando as Escrituras. As Escrituras estão repletas de argumentação, de polêmica. E o apóstolo vê a necessidade disso aqui. Tendo acabado de fazer o seu arrazoado e tendo chegado àquele clímax tremendo sobre a doutrina da expiação, subitamente pergunta: "Onde está logo a jactância?" "É porventura Deus somente dos judeus? E não o é também dos gentios?" "Anulamos, pois, a lei?" Fazendo isso ele está argumentando, está discutindo; isso é pura polêmica.

A reprovação da polêmica na Igreja Cristã é uma questão muito grave. Todavia essa é a atitude da época em que vivemos. Hoje a idéia predominante em muitos círculos da Igreja é a de que não devemos importar-nos com essas coisas. Contanto que sejamos todos cristãos de algum modo, de qualquer modo, tudo estará bem. Não discutamos doutrina, sejamos cristãos unidos e falemos do amor de Deus. Nisso consiste realmente toda a base do ecumenismo. Desafortunadamente, essa mesma atitude está se insinuando também nos círculos evangélicos mais firmes, e muitos dizem que não precisamos ser demasiado precisos nessas coisas. Entretanto, se alguém começar a fazer objeções a claras declarações acerca da doutrina da expiação, estará começando a argumentar, a discutir. É importante termos claro entendimento da doutrina da expiação. "Ah, mas você está começando a argumentar agora", dizem. "Você não deve argumentar, isso perturba, isso vai causar divisão entre as pessoas".

O que estou tentando mostrar é que, se vocês sustentarem

essa opinião, estarão criticando o apóstolo Paulo, estarão dizendo que ele estava errado, e, ao mesmo tempo, estarão criticando as Escrituras. As Escrituras argumentam, debatem, discutem; estão repletas de polêmica. Vocês não poderão ler esta Epístola aos Romanos, ou a Epístola aos Gálatas ou na verdade qualquer destas Epístolas, sem perceberem isso claramente. Sejamos claros no que queremos dizer. Isso não é argumentar por argumentar; não é manifestação de espírito de contestação; não é condescender em preconceitos pessoais. Isso as Escrituras não aprovam, e, além disso, elas têm muita preocupação acerca do espírito com o qual se entra numa discussão. Ninguém deve discutir por discutir. Sempre devemos lamentar essa necessidade; mas, embora lamentando-a e deplorando-a, quando virmos que um assunto de vital importância está em perigo, devemos engajar-nos na discussão. Devemos "lutar zelosamente pela verdade", e o Novo Testamento nos conclama a fazer isso. O apóstolo Paulo mostra gratidão aos membros da igreja de Filipos, e dá graças a Deus por eles, porque tinham perseverado com ele desde o princípio "na declaração e na defesa da verdade". E não há nada que seja mais completamente contrário ao método do Novo Testamento que dizer: "Sejamos positivos, esqueçamos os termos negativos, jamais discutamos estas coisas". Enquanto os homens e as mulheres não tiverem claro entendimento da verdade, enquanto forem tendentes a deixar-se levar pelo que é falso, devemos contender pela verdade, devemos engajar-nos no tipo de argumentação ilustrado nos versículos que estamos considerando. Devemos saber por que Paulo agiu dessa forma. E me parece que aí temos as razões pelas quais ele o fez.

Examinemos agora as verdades que ele diz. A primeira é a seguinte: que o plano divino de salvação mediante o sangue de Cristo não dá lugar à jactância. É o que afirmam os versículos 27 e 28 (VA): "Onde está então a jactância? É excluída. Por qual lei? Das obras? Não, mas pela lei da fé. Pois

nós julgamos (ou, se vocês preferirem, portanto, nós concluímos) (como diz Almeida) que o homem é justificado pela fé sem as obras da lei". Que quer ele dizer com a pergunta: "Onde está a jactância?" A palavra traduzida por "jactância" é uma das preferidas do apóstolo. Vê-se constantemente em seus escritos. É, por certo, uma de suas grandes palavras, porque a jactância era uma das suas maiores dificuldades antes da sua conversão. De fato eu penso que podemos aventurar-nos a dizer que isso o prejudicou um pouco, mesmo depois da sua conversão. Por isso menciona com tanta freqüência a jactância. Nem sempre vocês verão essa palavra traduzida por jactância, jactar-se na Versão Autorizada (inglesa); muitas vezes, talvez na maioria das vezes, a mesma palavra é traduzida por "glória", "gloriar-se" (coisa semelhante ocorre em Almeida). Vejam, por exemplo, a grande declaração do fim do capítulo primeiro da Primeira Epístola aos Coríntios: "Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor". O que realmente equivale a isto: "Aquele que se jacta, jacte-se no Senhor". Por que Deus planejou a salvação especificamente dessa maneira? É o que Paulo argumenta dirigindo-se aos coríntios. "Bem", diz ele, "para que ninguém se glorie em sua presença."

O apóstolo introduziu essa palavra porque ele sabia que essa era a dificuldade essencial com relação aos judeus, como fora com relação a si próprio. Ele a introduz no capítulo 2, versículo 17: "Eis que tu que tens por sobrenome judeu, e repousas na lei, e te glorias em Deus". O judeu dizia: "Eu pertenço ao povo de Deus. Deus é o meu Deus". Ele se jactava nesse sentido. Ele se jactava da lei, ele se jactava da circuncisão. Ele estava sempre se jactando e se exaltando e desprezando os gentios – aqueles cães sem raça. Jactância! Fanfarronice! E se houve um homem que alguma vez fez isso foi Saulo de Tarso, antes da sua conversão. Releiam Filipenses, capítulo 3, e verão isso com toda a clareza – "Circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, hebreu de hebreus". A coisa aparece em quase cada palavra! Ele sabia a lista muito bem, tinha

pensado nisso com tanta freqüência, tinha-o repetido tantas vezes! Ali estava ele, um fariseu instruído aos pés de Gamaliel, melhor do que a maioria dos demais, com melhor entendimento, "sendo mais excelente do que todos os meus contemporâneos", como ele diz aos gálatas. Jactância! Gabando-se da sua nacionalidade, do seu nascimento, do seu grau de instrução, do seu conheci-mento, do seu entendimento, da sua religiosidade, da sua moralidade – sempre com ostentação e orgulho, e desprezando os outros.

Como sempre, o nosso Senhor retratou o quadro perfeito disso para nós no capítulo dezoito do Evangelho Segundo Lucas, em Sua parábola do fariseu e do publicano que subiram juntos ao templo para orar. O fariseu foi mais à frente, quanto pôde, e disse: "Ó Deus, graças te dou, porque não sou como os demais homens", e se pôs a exibir todas as suas virtudes e todas as suas boas obras. Jactância! Gabolice! Esse era o problema central dos judeus; e continua sendo o problema central dos homens não regenerados.

Por conseguinte, o apóstolo tem que trazer isso à baila. Ele faz esta afirmação sem rodeios, e praticamente diz: muito bem, eu acabei de descrever o plano divino de salvação, coloquei vocês diretamente perante a cruz e perante a morte do Filho de Deus. Vocês entenderam a verdade, ou continuam a jactar-se? Continuam apegados a alguma coisa? Resta-lhes algum vestígio de justiça própria? Haveria algo a que vocês se agarram? Poderiam agarrar-se a isso à luz da gloriosa mensagem do evangelho? Em sua exposição da Lei ele já tinha mostrado com a maior clareza que a Lei nos condena e retira de nós toda e qualquer possibilidade de jactância. "Não há diferença, porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus. Não há um justo, nem um sequer. Todo o mundo é condenável diante de Deus."

Mas a exposição do plano de salvação afasta a jactância de maneira ainda mais gloriosa. "Onde está logo a jactância? É excluída." É retirada de campo uma vez por todas. Que

ninguém a faça reaparecer! Não há lugar para isso neste plano de salvação. Mas o apóstolo não se detém aí. Ele prossegue e pergunta: "Por qual lei isso é verdade? Por qual lei a jactância é eliminada inteiramente, varrida para fora da casa, e a porta é fechada logo atrás? Como foi que isso aconteceu?" Ele não se contenta em dizer apenas que a jactância é excluída, ele conhece aqueles com quem está lidando, conhece a natureza humana em pecado, conhece este preconceito do judeu, este preconceito moral e religioso que nos segue até dentro da vida cristã e continua tentando impedir o nosso avanço. Se você tenta expulsá-lo pela porta da frente, ele procura entrar de novo pela porta dos fundos. Está sempre ali, e você tem que estar sempre varrendo esse mal para fora. Por isso ele insiste – "Por qual lei?"

O fato de que ele emprega o termo "lei" aqui, muitas vezes tem confundido as pessoas. "Será a lei das obras?" "Não", diz ele; é "pela lei da fé". Que é que ele quer dizer com a palavra "lei" aqui? Bem, obviamente ele não se refere à Lei Mosaica, à Lei que Deus deu aos judeus através de Moisés, porque ele emprega a mesma expressão com referência à fé. Não, o que ele quer dizer com lei aqui é "princípio" – com base em que princípio ela é eliminada? Será com base no princípio das obras que o homem acaso pratique? "Não", diz ele, "é com base no princípio da fé". Lei, aqui, equivale a princípio ou sistema. Vocês verão que o apóstolo faz uso do termo "lei" dessa maneira muitas vezes nesta grande Epístola. O que temos aqui, então, é: "Com base em que princípio vocês dizem que a jactância é excluída? No princípio das obras que o homem acaso pratique? Não, é com base no princípio da fé".

Que significa isso? Aqui, de novo, vemos a importância de levantar estas questões e de discuti-las. É pena, mas há certas formas de ensino evangélico popular hoje que alegam que o que o apóstolo diz aqui é muito simples. Dizem elas que significa que Deus deu primeiramente à humanidade a Lei das obras, particularmente aos judeus. Deu-lhes essa Lei e

disse: "Se vocês praticarem essas coisas, serão salvos". Mas eles não as praticaram, ninguém podia praticá-las, todos falharam no cumprimento dessa Lei. Então, que foi que Deus fez? Introduziu uma nova lei. Pôs de lado a primeira lei, que ninguém podia cumprir, e depois veio à humanidade e lhe disse: "Em meu amor vou oferecer-lhes algo mais fácil. Não vou mais pedir que vocês cumpram a lei que foi dada por intermédio de Moisés; vocês não puderam cumpri-la, ninguém pôde. Muito bem, para mostrar o meu grande amor por vocês, agora vou pedir-lhes que façam algo que está dentro da sua competência. Tudo o que agora lhes peço que façam é que creiam em meu Filho, e, se crerem, serão salvos".

Não estou imaginando isso. É o que de fato está sendo ensinado – que o plano de salvação em Cristo é simplesmente que Deus agora está nos pedindo que façamos algo que está ao nosso alcance; é "apenas crer". Ele não mais exige de nós obras que não podemos praticar; agora pede simplesmente que creiamos em Seu Filho. Dizem esses mestres que Paulo chama a isso "lei da fé". A Lei das obras não tem mais aplicação; agora a questão é cumprir "a lei da fé", e isso é algo que podemos fazer.

Ora, essa exposição é impossível; deixem que lhes mostre por que é impossível e por que é completamente errada. O último versículo deste capítulo é, só ele, suficiente para mostrar quão terrivelmente errônea é essa explicação. Paulo pergunta: "Anulamos, pois, a lei pela fé?" Ele está se referindo aí à Lei dada por meio de Moisés, e responde: "De maneira nenhuma" – "longe esteja de nós", "nem pensar". Longe de cancelar ou de anular a Lei, este plano de salvação *estabelece* a Lei. Aquele outro ensino afirma que este plano não estabelece a Lei, que a pôs fora de uso, e colocou em seu lugar outra lei. Noutras palavras, aquela interpretação é exatamente o oposto do que o apóstolo está dizendo na passagem que estamos estudando.

Além disso, se aquele modo de dizer estivesse certo, então a jactância não teria sido excluída. Se você disser que a

diferença entre o Velho Testamento e o Novo Testamento é que antes se exigia que eu praticasse certas obras, e agora simplesmente se exige que eu creia, e, se eu crer, serei salvo, assim estará transformando a fé em obra. Você estará dizendo que as obras cuja prática era exigida anteriormente eram: "Não adulterarás; não furtarás; não matarás"; etc. Agora é simplesmente a fé, é crer. Sim, mas com isso você estará transformando em obras a fé e o crer, e, portanto, uma vez que você crê, você tem algo de que pode jactar-se. Eu creio, o outro homem não crê. A minha fé me salva. Muito bem, a minha obra de fé me salvou.

Por essas duas razões aquela interpretação da frase " lei da fé" é falsa; não exclui a jactância e não estabelece a Lei. Mais duas vezes neste pequeno trecho de argumentação o apóstolo se empenha para dizer que isso está errado; todavia, muitos o ensinam. Dizem que este é um evangelho maravilhoso porque Deus reduziu o padrão e pôs diante de nós algo que está dentro da nossa capacidade. Crendo, podemos salvar-nos. Desse modo a jactância retorna, e a Lei de Deus foi anulada e posta de lado, e foi substituída por outra lei. Acaso vêem vocês a importância da argumentação? Graças a Deus, o apóstolo continuou o seu argumento depois do seu grande clímax no versículo 26. Graças a Deus, ele baixou ao nível da nossa estupidez e definiu claramente esta questão diante de nós, e nos mostrou com que facilidade podemos errar. Não devemos jactar-nos da fé. Se o nosso conceito é tal que nos leva a jactar-nos a seu respeito, está errado. A jactância é excluída em todos os seus moldes e formas. Se de alguma maneira você se orgulhar do modo como você crê, significa que você não crê; está na mesma situação daquele homem religioso que o apóstolo está denunciando. "A jactância é excluída."

Depois, no versículo 28, Paulo reforça isso tudo dizendo-o de outra maneira, mais positivamente. "Concluímos pois", diz ele, "que o homem é justificado pela fé sem as obras da lei." Que significa isso? É uma daquelas frases expressivas

que têm desempenhado importante papel na história da Igreja. O grande Martinho Lutero a traduz nestes termos: "Portanto, concluímos que o homem é justificado pela fé somente, sem as obras da lei". Houve grande discussão entre ele e a igreja católica romana sobre a palavra "somente". Qual é a situação? É que a palavra "somente" não consta no texto grego, não está no texto original. Por que será então, vocês perguntam, que Lutero disse "justificado pela fé somente"? Teve toda a razão de fazê-lo. Ele fez o que Paulo fez – ele estava pregando sobre esse ponto. O que a mensagem ensina é que é pela fé somente, e era isso que Lutero estava desejoso de salientar. Embora não seja uma tradução estritamente acurada como tradução, justifica-se do ponto de vista do ensino.

Que é que o apóstolo está dizendo? "Concluímos pois que o homem é justificado pela fé somente, sem as obras da lei." O que ele quer dizer é que as nossas obras – as minhas e as suas – de nada valem como resposta às exigências da Lei. Não podemos guardar a Lei, e de fato não a guardamos. O plano divino de salvação é um plano que anuncia que a Lei foi guardada e cumprida em nosso favor pelo Senhor Jesus Cristo. Ela ainda mantém as exigências, mas Deus providenciou um meio pelo qual podemos ser salvos, apesar de não praticarmos as obras da Lei, e apesar de não podermos fazê-lo. É isso que ele quer dizer com "sem as obras da lei". No que se refere a mim e a vocês, as obras da Lei não têm nenhuma utilidade para a nossa salvação, porque, como Paulo mostra em ampla extensão nos capítulos 2 e 3, as obras da Lei simplesmente nos condenam. Contudo o plano de Deus em Cristo livrou-nos disso.

Devemos, porém, ser cuidadosos com relação à definição de fé, do que ela realiza e onde ela entra. A fé não é nada mais que o instrumento da nossa salvação. Em parte alguma das Escrituras vocês verão que somos justificados por causa da nossa fé; em parte alguma das Escrituras verão que somos justificados em razão da nossa fé. É aí que erra o ensino que

estive denunciando há pouco; diz ele que somos justificados por causa da nossa fé. As Escrituras nunca dizem isso. As Escrituras dizem que somos justificados PELA fé, ou por meio da fé. A fé nada é senão o instrumento ou o canal pelo qual esta justiça de Deus em Cristo vem a ser nossa. Não é a fé que nos salva. O que nos salva é o Senhor Jesus Cristo e a obra perfeita realizada por Ele. É a morte de Cristo na cruz do Calvário que nos salva. É a Sua vida perfeita que nos salva. É Deus pondo a justiça de Cristo em nossa conta que nos salva. Esta é a justiça que nos salva; a fé é apenas o canal e o instrumento pelos quais a Sua justiça torna-se minha. A justiça é inteiramente de Cristo. A minha fé não é a minha justiça, e eu nunca devo definir a fé ou pensar nela como justiça. A fé nada mais é que o elo que nos liga ao Senhor Jesus Cristo e à Sua justiça.

Ou, para dizê-lo com outra linguagem, nunca devemos pensar na fé como algo que vale em si e por si. Jamais a fé é algo isolado ou só. Nunca se deve divorciar a fé do seu objeto. A fé sempre está ligada a um objeto. O objeto da fé é o Senhor Jesus Cristo, Sua obra perfeita e Sua justiça perfeita; e contanto que vocês se lembrem disso, nunca errarão. Assim, não devemos jactar-nos da nossa fé; não é a fé como tal que nos salva. A fé é tão-somente aquele canal, aquele instrumento, aquele elo que nos liga à justiça de Cristo que nos salva. É a justiça de Cristo que nos salva, e a fé simplesmente a traz a nós. É a Sua justiça que nos salva pela fé, mediante a fé.

Naturalmente, nesta altura somos obrigados a considerar o apóstolo Tiago e seu ensino. "Tudo isso está muito bom", dirá alguém, "mas, como cristãos evangélicos, bíblicos, cremos na inspiração das Escrituras, e cremos na inerrância das Escrituras. Você nos tem imposto esta verdade, "concluímos que o homem é justificado pela fé somente, sem as obras da lei"; e, contudo, aí está Tiago dizendo no capítulo dois da sua Epístola, versículo 24: "Vedes então que o homem é justificado pelas obras, e não somente pela fé". Coloque ambos

os textos, um contra o outro: Romanos 3:28: "Concluímos pois que o homem é justificado pela fé sem as obras da lei"; Tiago 2:24: "Vedes então que o homem é justificado pelas obras, e não somente pela fé". E agora, que dizer da Bíblia? Não deveríamos tornar-nos todos críticos, seguidores da "Alta Crítica", e dizer que as Escrituras se contradizem, e que Tiago e Paulo estão se contradizendo friamente?"

Esta é uma questão muito importante. Até Martinho Lutero caiu nessa armadilha e chamou a Epístola de Tiago de "Epístola de palha". Ele não devia ter caído nessa armadilha. Haveria contradição entre Tiago e Paulo? Vejamos de novo como devemos abordar o nosso estudo das Escrituras. O perigo, é claro, é extrair versículos isoladamente, como eu fiz deliberadamente para mostrar o que não se deve fazer; você extrai Romanos 3:28 e Tiago 2:24. Pronto, aí está a tese provada. Mas fazer isso é ser injusto tanto com Paulo quanto com Tiago. Toda declaração das Escrituras sempre deve ser tomada em seu contexto e no conjunto em que se localiza. Além disso, deve-se ler toda a passagem e procurar descobrir o que o autor está pretendendo expressar. Essa é a chave desse problema. Tiago e Paulo, embora crentes na mesma verdade, tinham em vista duas coisas diferentes; tinham cada um um objetivo imediato diferente. Paulo estava preocupado em mostrar que as nossas obras, sob a Lei, de nada valem na salvação; a preocupação de Tiago era com uma coisa muito diferente. O problema que Tiago teve que enfrentar era que havia pessoas na Igreja Primitiva que falavam em fé de maneira completamente errônea. Ele coloca isso com clareza no versículo 14 do capítulo dois. "Meus irmãos, que aproveita se alguém disser que tem fé, e não tiver as obras?" Tiago estava lidando com um tipo de gente que dizia: "Eu tenho fé, sou crente", e depois essas pessoas saíam dizendo que, devido terem fé e serem crentes, o que elas faziam não tinha importância, e que aquilo que salva o homem é ele dizer que é crente. Noutras palavras, havia na Igreja Primitiva o problema do "fideísmo".

Tiago estava lidando com homens que alegavam que tinham fé – homens que empregavam a palavra "fé", mas que com ela não queriam dizer nada senão assentimento intelectual.

Examinem o modo como Tiago trata disso, e vocês verão claramente o que ele está dizendo. Observem suas ilustrações, nos versículos 15 e 16: "E, se o irmão ou a irmã estiverem nus, e tiverem falta de mantimento quotidiano, e algum de vós lhes disser: ide em paz, aquentai-vos, e fartai-vos; e lhes não derdes as coisas necessárias para o corpo, que proveito virá daí?" Você não ajudará a pessoa pobre que está nua ou sem recursos ou passando fome só lhe dizendo: "Bem, Deus abençoe você, ânimo!" Isso não ajudará ninguém. Só falar de nada vale. Se você realmente quiser ajudar alguém, além de dizer algo, faça algo. Esse é o contexto, esse é o argumento de Tiago. Depois ele faz aplicação disso no versículo 17: "Assim também" – exatamente daquela mesma maneira – "a fé, se não tiver as obras, é morta em si mesma". A seguir ele dá continuidade ao seu argumento no versículo 19: "Tu crês que há um só Deus; fazes bem" – isso é muito bom. Você diz: "Eu creio que só há um Deus". Excelente! "Também os demônios o crêem, e estremecem." Os demônios igualmente dizem que crêem que só há um Deus. Isso não tem valor. Você dizer meramente que crê que há um só Deus não terá nenhum valor, se você não se submeter ao Deus único, se você não obedecer ao Deus único, se você não amar e não adorar ao Deus único. Os demônios não fazem nada disso, de modo que o fato deles dizerem que crêem é inútil.

Esse é o tipo de gente que Tiago tem em mente, e ele dá prova disso no versículo 20: "Mas, ó homem vão, queres tu saber que a fé sem as obras é morta?" Ele está falando sobre esta vã pessoa, este homem que diz: "Eu creio; portanto, uma vez que eu creio, tudo está bem". "Simplesmente crer; isso é tudo." Homem vão, você não percebe o que está dizendo. Depois Tiago prossegue no versículo 24: "Vedes então que o homem é justificado pelas obras, e não somente pela fé". Por

que ele diz isso? Porque essa é a sua conclusão resultante do que ele dissera pouco antes sobre Abraão. "Porventura o nosso pai Abraão não foi justificado pelas obras, quando ofereceu sobre o altar o seu filho Isaque? Bem vês que a fé cooperou com as suas obras, e que pelas obras a fé foi aperfeiçoada. E cumpriram-se as Escrituras, que dizem: e creu Abraão em Deus, e foi-lhe isso imputado como justiça, e foi chamado amigo de Deus." Abraão creu em Deus. Como você sabe? Não passou de uma declaração? Absolutamente não! Ele tomou seu filho e o colocou sobre o altar e estava a ponto de oferecê-lo como um sacrifício. Não foi mera fala; ele fez isso. Esse é o argumento de Tiago. Abraão é uma de suas provas de que a fé não consiste meramente numa questão de dizer, como faz o homem vão, que você crê nalguma coisa. Abraão prova na prática que ele tem fé verdadeira; não essa coisa que é sem obras e que é morta, mas realidade viva, algo real. Noutras palavras, a fé não é o tipo de crença que os demônios têm. Na verdade, fé não é apenas crer em certas coisas. Na fé há sempre o elemento de confiança, o elemento de entrega, o elemento de obediência, o elemento de abandonar-se àquilo em que você crê. Tiago estava preocupado em salientar isso.

Ele o diz em sua mais clara afirmação no último versículo, o versículo 26: "Assim como o corpo sem o espírito está morto, assim também a fé sem obras é morta". Assim é que quando Tiago está argumentando sobre a fé – e de novo notem que se trata de um argumento, de uma discussão do assunto – ele tem em mente um acreditar que é diferente da fé. Fé não é apenas assentimento intelectual. Um homem pode dar assentimento intelectual ao ensino da Bíblia toda e ir direto para o inferno. A fé significa, em primeiro lugar, que você tem conhecimento da verdade. Em segundo lugar significa que você crê na verdade e a aceita. E, em terceiro lugar, significa que você se entrega e se abandona a ela. O que Tiago está dizendo é que se você separa estas coisas, o que você chama de fé é sem valor. É exatamente como tirar o

espírito do corpo; o corpo fica morto, sem vida e inútil. Nunca deve existir uma cunha entre a fé e a entrega, entre a fé e a confiança.

Isso é de enorme importância. Não há nenhuma contradição entre Paulo e Tiago. Paulo está asseverando que esta grande realidade chamada fé nada tem a ver com "obras sob a lei". Tiago está asseverando que a fé é algo muito grande e não significa mero assentimento intelectual, meramente dizer "eu creio". Ambos estão dizendo a mesma coisa, mas olhando de ângulos diferentes. Vocês decerto vêem como isso se torna urgentemente importante para aqueles de nós que se sentem mal acerca da pressão que se faz para levar precipitadamente as pessoas à decisão nas reuniões evangelísticas. É possível levar um homem a dizer precipitadamente: "Tudo bem, eu creio nisso". Você o conduz através das Escrituras e depois lhe diz: "Você crê nisso?" "Creio", ele diz; e depois a tendência é dizer: "Muito bem, você está salvo, você se converteu". Lembro-me do que um homem me disse há anos sobre a sua conversão. Disse que estava numa reunião evangelística. Não estava entendendo bem as coisas, e no fim da reunião ele foi à sala de orientação, e cuidaram dele. Ele disse que um homem falou com ele e com seu amigo, e simplesmente pôs estes fatos diante deles. O consulente esperava por algo mais, porém o homem disse: "Não, você não precisa de mais nada; estas são as declarações simples. Você crê?" Ele respondeu: "Sim, creio". "Ah", disse o homem: "Você está dentro". "Dentro do quê?", perguntou o consulente. "Você está dentro do Reino de Deus", disse o conselheiro. Ele não devia dizer isso. Um homem pode dizer que crê que Jesus de Nazaré é o Filho de Deus, e, todavia, pode estar fora do Reino. No mundo atual há muitos que não são cristãos, mas que dizem que crêem que Jesus Cristo é o Filho de Deus. Isso em nada influi em suas vidas; continuam vivendo como viviam antes. Cristo não é "o Senhor" de suas vidas. Eles nada sabem a respeito da expiação, podem até ridicularizar esta doutrina do

sangue, mas dão assentimento à Pessoa de Cristo. Os demônios podem fazer esse tipo de coisa. O diabo reconheceu Jesus como o Filho de Deus, vocês se lembram. Portanto, crer num certo número de proposições não é fé; não significa necessariamente que estamos no Reino. Eu não me aventuro a dizer que algum homem está no Reino de Deus enquanto ele não me der alguma manifestação do fruto do Espírito, enquanto não me mostrar certos sinais de que tem uma fé viva, de que ele realmente está em Cristo. Pode ser que ele esteja sem saber disso. Tudo o que eu digo é que não me atrevo a dizer que ele está. Não posso dizer que eu sou cristão, ou que alguma pessoa o é, meramente porque dizemos "sim" a diversas proposições intelectuais. Isso, por si só, não é fé. Tiago deixou isso bem claro uma vez por todas; e Paulo afirma a mesma coisa a seu modo. Todo o capítulo seis desta Epístola aos Romanos destina-se realmente a dizer apenas isso, como veremos. Esse é o modo como Paulo diz o que Tiago diz no capítulo 2 da sua Epístola.

Assim Paulo estabelece a sua primeira grande tese – "A jactância é excluída", em todos os seus aspectos e formas. Nem da sua fé vocês devem jactar-se; não nos jactemos de nada. A fé é o instrumento e o canal pelos quais e por meio dos quais a justiça de Jesus Cristo vem a ser nossa, e podemos concluir com Paulo e com Tiago que "o homem é justificado pela fé somente, independentemente das obras da lei", mas "a fé sem obras é morta", e absolutamente não é fé.

9

ABOLIDAS AS DISTINÇÕES

"É porventura Deus somente dos judeus? E não o é também dos gentios? Também dos gentios, certamente. Se Deus é um só, que justifica pela fé a circuncisão, e por meio da fé a incircuncisão. Anulamos, pois, a lei pela fé? De maneira nenhuma, antes estabelecemos a lei." – Romanos 3:29-31

Chegamos aqui à segunda e à terceira deduções da série de três deduções que o apóstolo faz da doutrina da redenção mediante o sangue de Jesus Cristo, exposta como uma propiciação em nosso favor. Ao mesmo tempo, somos levados a lembrar-nos de certas características deste plano de salvação em que o apóstolo se gloria. Já consideramos a primeira, a saber, que toda jactância foi removida, que não há nada do que devamos gabar-nos. "Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor." Este homem, que costumava jactar-se tanto dos seus méritos pessoais, do seu nascimento, de todas as suas realizações e do seu entendimento, este homem que se gabava de todas aquelas coisas, depois passou a vê-las como "esterco" e como "perda". Tudo o que ele pode dizer é: "Longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo" (Gálatas 6:14).

A segunda dedução é a seguinte: o plano divino de salvação aboliu todas as distinções entre as pessoas. Essa é a mensagem dos versículos 29 e 30. "É porventura Deus somente dos judeus? E não o é também dos gentios? Também dos

gentios, certamente. Se Deus é um só, que justifica pela fé a circuncisão e por meio da fé a incircuncisão." No que se refere à salvação, a distinção entre judeus e gentios foi abolida; eles se acham exatamente na mesma situação. Há aqui um ponto mecânico de alguma importância. Notem vocês que a Versão Autorizada (inglesa) diz: "É ele o Deus dos judeus somente?" Mas não deveria ocorrer nenhum artigo aí. Deveria dizer: "É ele Deus de judeus somente, não o é também de gentios?" – não "dos" judeus nem "dos" gentios. "Sim, também de gentios, vendo-se que Deus é um só, que justificará circuncisão" – não "a" circuncisão – "pela fé, e incircuncisão por meio da fé."

A correção só é importante neste aspecto, que alguns poderiam argumentar, com base na tradução da VA, que Deus vai salvar todos os judeus e todos os gentios, que todo o mundo será salvo. Poderiam argumentar no sentido de que o mundo inteiro vai ser salvo. Mas o apóstolo não está dizendo isso. Ele deixou mais que claro que só serão salvos os que têm fé em Jesus Cristo. A salvação é para todo "aquele que tem fé em Jesus", quer judeu quer gentio, quer na circuncisão quer na incircuncisão; isso não importa. Assim, não se trata de "todos" os judeus e "todos" os gentios, porém de judeu e gentio, quem quer que seja, desde que seja crente em Jesus.

Tendo esclarecido essa questão, devemos considerar o que exatamente o apóstolo está dizendo. Em certo sentido ele nos tinha preparado para isso com uma palavra ou expressão por ele empregada no versículo vinte e oito, onde lemos (VA): "Portanto, concluímos que um homem" – aí está, "um homem"* – "é justificado pela fé sem as obras da lei". "Um homem" – o homem que é justificado. Ele se expressara de um modo que agora o habilita a prosseguir e dizer: "O homem

---

* "Almeida: "Concluímos pois que o homem". Note-se que em português, em contextos como o presente, o artigo tem sentido genérico, indefinido. Nota do tradutor.

de quem estou falando, o homem que é justificado pela fé, pode ser um judeu, pode ser um gentio, pode ser da circuncisão, pode ser da incircuncisão". Ele não está falando de todos os judeus e de todos os gentios, mas tão-somente deste homem, do homem que é justificado pela fé. "Concluímos que o homem – um homem – é justificado pela fé."

É interessante notar mais uma vez como o apóstolo retorna e repete com freqüência este ponto que ele está defendendo. Em todo o percurso, desde o versículo 18 do capítulo primeiro até o versículo vinte do capítulo três, o apóstolo se empenha a duras penas em mostrar que a Lei prova que finalmente não há diferença entre judeu e gentio. "Não há diferença", diz ele, "pois todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus." Todavia, ele volta ao ponto e o repete. O que ele está dizendo é, praticamente, que a Lei, em termos negativos por assim dizer, demonstra que não há diferença entre o judeu e o gentio nesta questão da salvação, porque nem um nem outro puderam guardar a Lei. Era pouco importante se era a Lei dada externamente por meio de Moisés, ou a lei, aquele senso moral que havia no coração; tudo havia falhado. Mas agora, diz ele, essa realidade é demonstrada com muito maior clareza pela cruz do Senhor Jesus Cristo. Aí, como vocês podem ver, toda divisão e distinção é abolida inteiramente e para sempre, porque esse é o único meio de salvação. E visto que esse é o único meio de salvação, foram-se todas estas outras distinções. São irrelevantes, e não adianta continuar falando delas. Esse é o argumento na passagem que estamos estudando. Aí está o único meio de salvação dado por Deus, e, portanto, não há nem propósito nem interesse em falar que esta ou aquela pessoa é diferente, nem em falar sobre a Lei; é uma irrelevância total.

No capítulo dois da Epístola aos Efésios Paulo diz isso mais claramente ainda, e mais extensamente. Foi derrubada "a parede de separação que estava no meio". De que modo? "Pelo sangue de Cristo", por Sua morte na cruz. O judeu e o

gentio foram agora aproximados um do outro e unidos em Cristo, e pelo Espírito foram unidos ao Pai. Ambos tiveram que ser salvos da mesma maneira, e *foram* salvos da mesma maneira. Assim a lei de ordenanças foi posta de lado porque Cristo a consumou e a cumpriu, e há então esta igual oportunidade para os gentios. Esse é precisamente o argumento aqui, que a cruz de Cristo rompeu e derrubou para sempre a parede de separação que havia entre judeu e gentio. E criou "dos dois um novo homem, fazendo a paz". Os gentios são agora "concidadãos dos santos, e da família de Deus", e estão sendo edificados juntos neste grande templo do Senhor, no qual habita o Espírito.

Essa é a primeira parte do argumento; mas tem prosseguimento, há outros elementos. Notem como ele coloca o assunto no versículo 30: "Se Deus é um só", diz ele, "que justifica pela fé a circuncisão, e por meio da fé a incircuncisão...". Que significa isso? Às vezes o entendem de duas maneiras diferentes. Alguns dizem que, em vez de: "Vendo-se que há um só Deus que justificará" (VA), deveria dizer: "Vendo-se que Deus é um só, e que este Deus justificará pela fé a circuncisão, e por meio da fé a incircuncisão...". Estou pronto a aceitar essa tradução e a da VA porque acredito que ambas são fiéis.

Portanto, o argumento do apóstolo pode ser expresso nestes termos: o fato de que existe somente um Deus deve significar que a distinção e a divisão entre judeu e gentio já não podem ser perpetuadas. Os judeus inclinavam-se a fazer isso, mas só há um Deus; eles estavam errados. Não há um Deus para os judeus e outro para os gentios. Isso é inteiramente errado, é completamente falso, e esse é, na realidade, o erro do paganismo, com a sua multiplicidade de deuses. Há somente um Deus, e, se há somente um Deus, todos os seres humanos, do mundo inteiro, têm que estar sob esse único Deus, tanto gentios como judeus. Há somente um Deus, e a raça humana é uma e una em sua relação com Ele. Por conseguinte, o

apóstolo argumenta no sentido de que este único Deus providenciou o Seu único meio de salvação; e, portanto, esse meio tem que ser para o judeu, como também para o gentio. Se vocês não admitirem isso, argumenta ele, estarão dizendo que Ele não é o Deus dos gentios. Todavia, se Ele não é o único Deus, tem que existir algum outro Deus para os gentios. Mas isso está errado, e na verdade é blasfemo. Ele é o único Deus e está sobre todos; e todos estão debaixo dEle.

Ou vocês poderão ver isso de outra maneira. O fato de que Deus é um só era o grande argumento do Velho Testamento. Então, devido Deus ser um só, segue-se inevitavelmente que Ele não tem vários e diferentes meios de salvar as pessoas. Ele só tem um meio de salvar as pessoas, e esse é o único meio que vimos considerando. É o meio de que podem servir-se judeus e gentios, porque é o único meio. Deus é sempre coerente e, neste sentido, Ele faz a mesma coisa para todos os que crêem. Assim, o segundo argumento é que, não ver que os judeus e os gentios estão na mesma situação é impugnar o caráter e o ser de Deus. Deus é um só – um só Deus. Ele tem este único meio de salvação, e este é para todos. Nesse sentido dizemos que o Senhor Jesus Cristo é "O Salvador do mundo".

Isso nos deixa com esta questão singular que muitas vezes deixa perplexas as pessoas. Elas perguntam: "Qual é a distinção no versículo 30, onde Paulo diz: "Se Deus é um só, que justifica pela fé a circuncisão, e por meio da fé a incircuncisão...?" Qual a diferença entre "pela" e "por meio de"? Haverá aí algum ponto sutil, quando ele diz que os judeus são justificados pela fé e os gentios por meio da fé? Ao que me parece, a resposta é que não há dúvida nenhuma de que, em última análise, não há diferença substancial entre ambas as expressões. O apóstolo está meramente variando a sua maneira de expressar-se, como ele gosta de fazer, e como, suponho eu, todo orador ou escritor freqüentemente tende a fazer.

Mas permitam que lhes apresente alguma evidência comprobatória para consubstanciar o que estou dizendo. Vocês

poderão ver, por exemplo, na Epístola aos Gálatas, capítulo dois, versículo dezesseis, que o apóstolo emprega termos uns pelos outros: "Sabendo que o homem não é justificado pelas obras da lei, mas pela fé em Jesus Cristo, temos também crido em Jesus Cristo, para sermos justificados pela fé de Cristo, e não pelas obras da lei". Pois bem, nessa passagem vocês notam que na Versão Autorizada (inglesa) (e em ARC) nas duas vezes foi "pela" fé em Cristo. Mas, na verdade, no primeiro caso o apóstolo disse "por meio" da fé – "Sabendo que o homem não é justificado pelas obras da lei, mas por meio da fé de Jesus Cristo". Depois ele prossegue e diz: "temos também crido em Jesus Cristo, para sermos justificados pela fé de Cristo". Ele está falando das mesmas pessoas, está falando de si mesmo e de outros; uma vez ele diz "por meio de", e depois, sobre as mesmas pessoas, diz "pela". É óbvio que não há diferença entre as duas formas de expressão.

Em Gálatas 3:8 há um exemplo ainda mais interessante. Lemos ali: "E, prevendo a Escritura que Deus justificaria os gentios por meio da fé, pregou antes o evangelho a Abraão, dizendo: em ti serão benditas todas as nações". Essa redação é da Versão Autorizada. Infelizmente, essa tradução não é precisa; tem "por meio" da fé onde deveria dizer "pela" fé. A palavra que o apóstolo empregou aí é exatamente a mesma que ele emprega em Romanos 3:30, onde temos "justificará a circuncisão pela fé" (VA). Pois bem, aqui em Gálatas 3:8 ele diz: "Prevendo a Escritura que Deus justificaria os gentios pela fé". Vemos, pois, que não devemos dar muita importância a essa diferença. Não devemos argumentar que, como Paulo afirma que os judeus são justificados pela fé, mas os gentios são justificados por meio da fé, claro está que os gentios não são justificados pela fé. Pois em Gálatas 3:8 ele afirma que os gentios são justificados pela fé. É óbvio, então, que não se trata aí de nenhum ponto relevante.

Todavia, eu, pessoalmente, tenho simpatia pelos que argumentam dizendo que o apóstolo deve ter tido alguma razão

em sua mente para fazer a diferença e a leve mudança. Dizem eles que o que ele estava realmente assinalando era o seguinte: a primeira expressão, traduzida pela, indica a fonte, a origem. O apóstolo está falando sobre os judeus, e deseja fixar este ponto, que "as obras" nunca são a origem. Para evitar esse erro, ele deliberadamente faz uso dessa palavra como uma insinuação ou sugestão de uma origem. Por isso a palavra empregada é *pela*. Ao passo que, no caso dos gentios, eles não corriam o mesmo perigo. Eles não corriam o risco de dizer que poderiam justificar-se pelas suas obras, e por isso ele afirma que o "meio", o "método", a "agência intermediária" é a fé. Vocês podem aceitar ou não isso, como quiserem. Em última instância, não faz nenhuma diferença, porque a proposição fundamental é: "Concluímos pois que o homem é justificado pela fé sem as obras da lei". Contudo, como muitos acham que havia ali alguma distinção sutil, importante e vital, julguei que devia chamar a atenção para isso.

Resumindo, então, a grande tese, o princípio que o apóstolo está salientando de novo é que há somente um meio de salvação, e que esse único meio de salvação é para todos quantos são salvos. Não existe outro meio, não há alternativa. Certamente podemos ver como era importante que o apóstolo estabelecesse este ponto naqueles primeiros tempos da pregação do evangelho. Para os judeus isso era uma verdadeira pedra de tropeço, a idéia de que devia ser pregada a mesma mensagem para os gentios. Essa idéia os ofendia, e assim o apóstolo teve que continuar a repeti-la. Isso era também, como já vimos, uma espécie de dificuldade que permanecia demoradamente nas mentes de muitos judeus que de fato se haviam tornado cristãos. Quando eles ouviam mestres judaizantes que davam ênfase à Lei e à circuncisão, tendiam a retroceder na fé. Vocês se lembram de que até Pedro fez isso em Antioquia, e o apóstolo Paulo teve que repreendê-lo, teve que resistir-lhe na cara. Portanto, era essencial que Paulo deixasse perfeitamente simples e claro que este único meio é para o gentio como

também para o judeu, e que o judeu tem necessidade deste meio, exatamente da mesma maneira como o gentio.

Essa constante repetição e ênfase renovada era essencial naqueles primeiros tempos do cristianismo. Mas é igualmente essencial hoje; e é por isso que estou salientando isso. Existem os que ainda parecem pensar que o evangelho e sua mensagem, como também o cristianismo, não são para todos. Muitas distinções falsas continuam a arrastar-se entre os cristãos. Conheço gente, gente religiosa, por exemplo, que foi criada em igreja e que parece pensar que não precisa do evangelho da salvação, e que outros que lhe são semelhantes não precisam dele também. Essa gente acredita que uma pessoa é cristã porque seus pais eram cristãos, e, portanto, essa gente entende que não necessita do evangelho desse modo. Está pronta a pensar que este evangelho da salvação, e a necessidade de conversão, podem ser necessários em bairros pobres ou em algo semelhante; não, porém, entre pessoas respeitáveis, entre os que foram criados em lares cristãos. Isso é uma negação justamente da verdade em favor da qual o apóstolo está argumentando. Diz ele que todos estão exatamente na mesma situação, todos nós, cada um de nós. Todos necessitamos do mesmo evangelho e precisamente da mesma maneira. O evangelho não é somente para gente boa; tampouco é só para gente má. É para todos. Todos têm necessidade dele. "Todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus." Este é o único meio pelo qual toda e qualquer pessoa pode ser salva. É esta mensagem, é a Pessoa e a obra realizada pelo Senhor Jesus Cristo, que se recebe pela fé; e enquanto não houver essa fé, não pode haver salvação. Isso é essencial para todos. "Concluímos pois que o homem é justificado pela fé sem as obras da lei."

Há outra urgente aplicação dessa verdade que podemos colocar nestes termos: às vezes lemos na imprensa, e de fato, lamentavelmente, em publicações religiosas, sobre o que chamam Congresso Mundial das Religiões. Esse tipo de coisa

é muito popular hoje. E há também uma sociedade ou associação – "A Sociedade (ou Associação) de Cristãos e Judeus". Essa Sociedade realiza uma reunião anual em que cristãos e judeus se juntam para culto em comum e para confraternização. Mas, como digo, a coisa vai além, e se estende ao budismo, ao confucionismo, ao hinduísmo, ao cristianismo – um Congresso Mundial de Espécies de Fé. Este é agora um fato no mundo moderno; é um fato no qual o homem moderno tende a gloriar-se. Diz ele: "Afinal, realmente começamos a entender o amor de Deus. No passado as pessoas costumavam ser muito rígidas e muito estreitas. Criticavam-se umas às outras e se recusavam a ter comunhão umas com as outras. Mas chegamos a ver que há somente um Deus, e todos nós cultuamos o mesmo Deus – o cristão, o hindu, o maometano, o budista, o confucionista, todos nós cultuamos o único Deus. É como escalar um alto monte onde Deus habita, no pico. Os cristãos se aproximam do pico por um lado, os maometanos por outro, e os outros por caminhos diferentes. Por causa dessas diferentes maneiras de aproximação, as pessoas costumavam pensar que não podíamos ter comunhão nenhuma, e por isso não a tínhamos. Mas todos nós estamos indo para o alto do mesmo monte, cremos no mesmo Deus, e, portanto, devemos ter comunhão uns com os outros. Tenhamos, pois, um "Congresso Mundial de Espécies de Fé". Paremos de criticar, é o clamor moderno, paremos de dizer que nós estamos certos e os outros estão errados, que, devido eu ser cristão, somente eu estou certo, e todos esses outros estão errados. Em vez disso, demos graças a Deus pelas diferentes formas de compreensão dessas outras religiões, e vamos juntar-nos e fazer uma fusão das nossas formas de compreensão. Regozijemo-nos em que todos nós, em nossas diferentes maneiras, estamos prestando culto ao único Deus".

Vocês estão familiarizados com esse argumento. Tudo o que temos para dizer a seu respeito é que é um argumento baseado em nada senão na ignorância do que o apóstolo ensina

na passagem que estamos estudando. É justamente uma completa negação daquilo que o apóstolo está dizendo. Diz o apóstolo: "Há somente um Deus". Mas o Congresso Mundial de Espécies de Fé diz isso também. Onde está a diferença, então? É que o Congresso Mundial de Espécies de Fé começa aí, e logo pára. Mas Paulo prossegue, e diz: "Visto que há somente um Deus, há somente um meio de tratar as pessoas no que se refere à salvação". Nisso consiste toda a tese básica do seu argumento. Não há "muitos" caminhos pelos quais chegar a Deus; há somente "um" caminho. Os judeus e os gentios – todos têm que vir por esse caminho, o único caminho. É porque Ele é "um só Deus" que o Congresso Mundial de Espécies de Fé está errado quando diz que o único Deus trata pessoas diferentes de diferentes maneiras. Contrariamente a isso, o argumento de Paulo é que, devido Ele ser um só, Ele tem um só caminho, e já declarou qual é esse único caminho. Ele "propôs" ou "expôs" Cristo publicamente como a "propiciação"; este é o Seu único meio de salvação.

Portanto, não devemos hesitar em fazer estas asserções: há somente um caminho para Deus, há somente um meio de se conhecer a Deus; é em "Jesus Cristo, e Este crucificado". Acaso Ele próprio não o disse? "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem (ninguém pode vir) ao Pai, senão por mim" (João 14:6). O maometano não pode vir a Deus pelo seu próprio caminho, como também nenhum dos outros pode vir por seus respectivos caminhos. Eles não podem adorar verdadeiramente o mesmo Deus porque não estão reconciliados com o mesmo Deus. E, enquanto não forem reconciliados, um cristão não pode ter comunhão espiritual com eles. É preciso que venham a Cristo antes de poderem vir a Deus. Precisam vir a Cristo reconhecendo-O como o Salvador do mundo, e precisam ser reconciliados com Deus por Seu sangue, antes de poderem ser "concidadãos dos santos, e da família de Deus" (Efésios 2:19).

Esse Congresso Mundial de Espécies de Fé e essa Associação de Judeus e Cristãos são uma negação do evangelho; são uma negação daquilo que Deus "expôs" tão claramente. Longe de ser uma indicação de um entendimento mais profundo do amor de Deus, esse modo de ver revela uma completa ignorância do amor de Deus: é uma negação da manifestação mais gloriosa do amor de Deus. É pisotear "o sangue de Cristo", porque afirma que o homem pode ir a Deus, conhecê-lO, adorá-lO, sem ir "pelo sangue de Cristo", que é o único caminho pelo qual o homem pode entrar no santo dos santos (Hebreus 10:19).

Ainda nos surpreenderia que o apóstolo se dê ao trabalho de deduzir estes princípios? Porventura não deveríamos dar graças a Deus por ter levado este homem, pela ação do Espírito Santo, não simplesmente a expor o caminho da salvação, mas também a ter o cuidado de sublinhá-lo e de mostrar que esse caminho é crucial, que sem ele nada mais haveria? Esse é o único caminho; não há nenhum outro. Ninguém conhece a Deus, nem pode ser reconciliado com Ele, nem ser perdoado por Ele, exceto por meio do único e exclusivo caminho que o próprio Deus determinou. "Há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem" (1 Timóteo 2:5).

Nos últimos capítulos de Romanos o apóstolo apresenta uma longa discussão deste assunto. Os judeus, diz ele, ainda pensam que servem a Deus; mas estão cegos, estão na incredulidade; eles estão fora, não dentro. Todos os que estão dentro, estão dentro unicamente pelo "sangue de Cristo". O judeu não pode ser reconciliado com Deus, exceto por Jesus Cristo. Tampouco o gentio. Ambos entram pelo mesmo caminho – "Por ele ambos temos acesso ao Pai em um mesmo Espírito" (Efésios 2:18). E não há outro caminho. Pretextar que você está manifestando espírito de amor ao dizer que tem comunhão com outro homem porque ele crê no mesmo Deus, embora negue a Cristo, é simplesmente você mesmo negar

Cristo, o Senhor. Queira Deus abrir os nossos olhos para esta verdade, e guardar-nos desta sutil ilusão, desta heresia bastante sutil, que, em nome do amor, está negando a suprema manifestação do amor de Deus.

Em terceiro lugar, quero acentuar mais uma coisa que devemos ter em mente. Há outro erro que talvez esteja um pouco mais perto de nós, que temos perspectiva evangélica, do que o que acabei de mencionar. É pena, mas me parece que é um erro que responde por igual negação daquilo que o apóstolo está ensinando na passagem em foco. É o que se pode descrever como erro dispensacional. Refiro-me ao ensino que insiste enfaticamente em que continua existindo uma real distinção e diferença entre os judeus e os gentios. É um ensino que afirma que, embora num sentido ambos sejam um agora, na era do evangelho, não obstante, a antiga distinção fundamental ainda está ali; e voltará a ser enfatizada, pois continua sendo real. Na verdade, alguns vão ao ponto de dizer que ela persistirá na eternidade, que a Igreja estará no céu, e os judeus, sua nação, estará na terra – que esta distinção entre judeu e gentio será perpetuada por toda a eternidade.

Mas não somente isso; esses dispensacionalistas ensinam que há um "evangelho do Reino" que não é o mesmo como o "Evangelho da graça de Deus". Esse ensino conquistou grande popularidade. Sustenta que, quando da primeira vinda do nosso Senhor, Ele, à semelhança de João Batista, pregou o evangelho do Reino. Mas sustenta igualmente que, quando os judeus rejeitaram essa mensagem, Deus introduziu o evangelho da graça de Deus, o evangelho atual que pregamos, o qual declara que tanto o judeu como o gentio podem ser salvos pela fé no Senhor Jesus Cristo. Esse é o evangelho da graça de Deus, que não é a mesma coisa que o evangelho do Reino; e este evangelho da graça, dizem eles, continuará sendo pregado até o término da grande tribulação, e então virá o fim. Há desacordo quanto aos pormenores; alguns dizem que o

fim será mais cedo, e que nesse tempo o evangelho do Reino tornará a vir, e que haverá pessoas que serão salvas por crerem no evangelho do Reino, que os judeus rejeitaram na antigüidade.

Por certo vocês vêem a implicação disso tudo. Significa que haverá na eternidade pessoas salvas, não por terem crido no evangelho da graça de Deus, e sim no evangelho do Reino. Noutras palavras, é possível pessoas serem salvas independentemente da graça de Deus em nosso Senhor Jesus Cristo, e Este crucificado, e por meio dEle.

Não se pode conciliar isso com este ensino claro e simples: há somente um evangelho, o evangelho da graça de Deus. Esse é o único evangelho que admite seja quem for no Reino; esse é o único caminho para entrar no reino de Deus. Há somente um meio pelo qual o homem pode ser reconciliado com Deus, e é mediante esta "propiciação" que Ele expôs no sangue de Cristo. Não há outro, nunca houve outro, nunca haverá outro. Esse é o único meio. Logo, insistir numa perpetuação da diferença entre judeu e gentio, e falar em diferentes tipos de evangelho, é negar o próprio ensino que o apóstolo se esforçou para salientar com grande ênfase. Já não há, nunca mais haverá, "grego nem judeu... bárbaro, cita, servo ou livre" (Colossenses 3:11). A "parede de separação que estava no meio" ruiu por terra; e para todo o sempre.

Qual será a situação? A situação é que os gentios são feitos "co-herdeiros com os santos", com os judeus que creram antes e que foram salvos pela confiança que tiveram no que Deus ia realizar em Cristo. O grande método de salvação de Deus sempre foi pela fé. A distinção entre judeu e gentio desapareceu, e desapareceu para sempre, e nunca mais voltará. Esse é o único meio de salvação, e jamais devemos insinuar, nem mesmo sugerir da maneira mais ligeira, que existe algum outro meio. Há somente um evangelho para os judeus e para os gentios, igualmente. "É porventura Deus somente dos judeus? E não o é também dos gentios? Também dos gentios,

certamente. Se Deus é um só, que justifica pela fé a circuncisão, e por meio da fé a incircuncisão".

Permitam-me recomendar-lhes mais uma vez um cuidadoso estudo destes dois versículos. Acima de tudo, permitam que inste com vocês sobre a importância de desenvolver as implicações das declarações bíblicas. Todos os erros e todas as heresias que já perturbaram a Igreja, sempre resultaram de homens governados por outra coisa que não as Escrituras. Quão sutis são esses erros! No presente eles assumem para o cristão moderno as seguintes formas: há aquela atmosfera, aquele clima de opinião, que quer levar-nos a crer que os nossos pais foram demasiado legalistas e demasiado rígidos, que eles eram austeros demais, mas que nós fizemos esta maravilhosa descoberta acerca do amor de Deus. Começando com isso, logo vão se desprendendo da Palavra de Deus.

Depois, a segunda forma que o erro assume é que ele insiste em que sempre devemos ser positivos. Você não deve ser negativo, não deve criticar o ensino errôneo ou falso. Isso mostra um espírito mau. Afinal de contas, os que estão errados talvez não vejam as coisas claramente, mas o certo é que isso não importa; o que vale é que eles querem ser cristãos. E assim vai adiante o argumento. Você não deve apegar-se muito às particularidades, doutra forma você fica se erigindo como autoridade; e dirá que todos os outros estão errados. Isso é ser crítico, é não ter amor, e assim por diante. A coisa entra dessa maneira sutil, e, antes de você perceber, já negou o evangelho, já "entregou o ouro". Não permita Deus que algum de nós tenha desejo de ser polêmico, ou tenha prazer nisso. Há essa possibilidade, e que Deus tenha piedade de nós, se sobre nós pesa essa culpa. Mas, quando uma mensagem como a de que estamos tratando chama a nossa atenção para estas coisas, não temos direito de ignorá-las, sejam quais forem as conseqüências. Se as ignorarmos, não partilharemos mais dos benefícios do reino de Deus, porque o Espírito Santo nunca honrará

coisa alguma, exceto a verdade.

O argumento que está sendo utilizado diz: "A situação é desesperadora; o povo, multidões estão fora da Igreja Cristã. Tratemos de conquistá-las de algum modo. Não sejamos demasiado particularistas. Vamos levá-las a Cristo e, depois, talvez possamos tentar ensiná-las". No entanto, a questão vital é: teríamos nós entendimento absolutamente claro de que Cristo é o único caminho, e que a salvação em Cristo é somente por meio de Seu sangue, que a justificação somente pela fé é doutrina vital e essencial? Acreditaríamos que não pode haver concessão nestas questões? Elas constituem o alicerce, os fundamentos. Há outras questões acerca das quais não podemos nem devemos ser dogmáticos. Mas nestas é certo que não pode haver divergência. Só esta passagem já é suficiente, e para sempre: "Concluímos pois que o homem é justificado pela fé sem as obras da lei". O sangue de Cristo é essencial; Ele é a propiciação. E isso se aplica a todos. Todos têm que vir desta maneira. Não há comunhão possível entre os que confiam nEle e somente nEle e em Seu sangue, e os que afirmam que conhecem a Deus sem Ele.

Não nos compete julgar, entretanto temos o dever de proclamar a verdade. Quanto a mim, não posso nem orar com um homem que me diz que pode ir a Deus sem o sangue de Cristo. Pois não posso, e creio que ninguém pode. E, portanto, sou impulsionado a dizer que, embora tal homem esteja numa postura de oração ao meu lado, não estamos fazendo a mesma coisa. Como poderíamos? Não! A jactância sumiu; as divisões e as distinções foram abolidas; "o mundo inteiro está condenado", exatamente da mesma maneira, "diante de Deus" (VA). Ninguém jamais poderá conhecer a Deus, e o Seu perdão, e a Sua paternidade, exceto em Jesus Cristo e por meio dos méritos de Seu sangue. Queira Deus despertar-nos para a importância e para a urgência destas coisas. Os reformadores protestantes não morreram em vão, nossos pais não sofreram por estas coisas para nada. Sejamos cautelosos para que, em

nossa ignorância, e com o desejo de sermos afáveis e amáveis, e de mantermos a tal "comunhão", assim chamada, não somente neguemos o Pai, como também neguemos aqueles homens de Deus que defenderam estas coisas até ao ponto de dar a vida por elas. Que Deus tenha misericórdia de nós e abra os nossos olhos, para que vejamos claramente a verdade, nela nos firmemos, vivamos por ela, lutemos zelosamente por ela, e a desfrutemos com todas as suas maravilhosas bênçãos!

10

ESTABELECIDA A LEI

"Anulamos, pois, a lei pela fé? De maneira nenhuma, antes estabelecemos a lei." – Romanos 3:31

Isso nos leva à terceira e última ilustração do que estivemos descrevendo como características do plano da salvação que temos no evangelho. Também podemos descrevê-las como deduções tiradas pelo apóstolo da sua descrição do plano de salvação. Noutras palavras, diz ele que, devido este ser o plano de salvação, devemos sempre deduzir dele que já não há jactância, e que não há diferença entre as diferentes classes de pessoas. Mas isso não é tudo. A terceira dedução é que o evangelho, este caminho da salvação em Jesus Cristo e Este crucificado, este plano de salvação que foi posto em execução porque Deus "o enviou como propiciação pela fé em seu sangue", estabelece a Lei.

O apóstolo expressa esse ponto de maneira interessante. Ele faz outra pergunta retórica: "Anulamos, pois, a lei pela fé?" Mas na verdade a ordem em que Paulo coloca a pergunta é: "A lei, nós a anulamos por meio desta fé?" (ou "por meio da fé?") Pois bem, essa maneira de dizê-lo é melhor: "A lei, nós a tornamos vã ou sem efeito por meio da fé?" Não é "fé", mas "a fé", "por meio da fé". Com a expressão "a fé", naturalmente ele se refere a esta mensagem, a esta mensagem em especial concernente ao caminho da justiça que agora entrou em cena. Ele não está falando da nossa fé; está falando da mensagem –

"Anulamos a lei por meio desta pregação da salvação pela fé em Jesus Cristo?" A mensagem, a fé, a fé princípio, se vocês quiserem, em contradistinção a todo tipo de obras.

Tendo feito essa pergunta retórica, o apóstolo a responde imediatamente com as palavras : "De maneira nenhuma" (VA: "Deus o impeça"), que realmente significam, "Que isso não aconteça", "É inimaginável". O apóstolo está falando asperamente e com franqueza. Ele já tinha empregado a mesma expressão no início deste capítulo, onde ele diz: "Pois quê? Se alguns foram incrédulos, a sua incredulidade aniquilará a fidelidade de Deus? De maneira nenhuma". Ele emprega essas expressões porque havia gente que de fato estava bem disposta a tirar essas falsas deduções. E ainda existem os que estão prontos a tirá-las. Mas isso é tão odioso que ele diz: "Que isso não aconteça, nem pensar, longe de insinuar isso. A coisa é inimaginável". Precisamos, pois, descobrir o motivo desta aversão que o apóstolo sente à simples sugestão de um tal erro. Na verdade, ele mesmo nos dá logo o motivo. Diz ele: "Antes estabelecemos a lei". Longe de anular a Lei, nós a estamos ajudando a firmar-se, a estamos estabelecendo, realmente estamos mostrando a sua importância essencial.

Logo, a nossa tarefa consiste em mostrar que realmente não há nada que melhor se preste para estabelecer a Lei do que esta doutrina de que somos salvos pela redenção que há em Cristo Jesus, que "Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue". Noutras palavras, devemos mostrar e estabelecer o fato de que é somente quando interpretamos este ensino da maneira como vimos fazendo que este versículo tem seqüência. Negativamente, devemos mostrar que outras interpretações deste ensino concernente à expiação não estabelecem a Lei. Esse é o nosso modo final de provar que elas estão erradas. Seja qual for o plano de salvação no qual creiamos, seja qual for a doutrina da expiação que acaso defendamos, sempre deve "estabelecer" a Lei.

Como, pois, havemos de interpretar esta declaração? Ela

tem sido interpretada de duas maneiras. Há os que dizem que o que o apóstolo quer dizer com "a lei" aqui é que se trata das Escrituras do Velho Testamento, e que, portanto, o que ele está dizendo nesta altura é que, ao ministrar este ensino concernente ao Senhor Jesus Cristo e à Sua obra de resgate realizada na cruz, e ao valor do Seu sangue, ele não estava declarando inútil o Velho Testamento, com toda a sua história e com tudo o que ele diz acerca dos judeus. E costumam alegar que essa é a interpretação correta porque, dizem eles, o apóstolo passa imediatamente a dizer, no que conhecemos como capítulo 4 de Romanos em nossas Bíblias: "Que diremos pois ter alcançado Abraão, nosso pai segundo a carne?" Noutras palavras, argumentam eles, o apóstolo retrocede à história do Velho Testamento, e fala acerca de Abraão e de Davi. Certamente, pois, deduzem eles, ele está empregando a expressão "a lei" significando a totalidade do Velho Testamento.

Ora, é certo que às vezes os judeus se referiam a todo o Velho Testamento como "a lei". Acreditando, como acreditavam, que a Lei de Moisés era a coisa mais importante do Velho Testamento, eles tendiam a considerar o livro todo como o livro da Lei. Mas há boas razões para não aceitarmos essa interpretação. Aqui vão algumas delas: em todo o contexto, do versículo 21 em diante, o apóstolo realmente fala da Lei Mosaica, da Lei dada através de Moisés, a Lei Moral e a Lei Cerimonial, especialmente a Lei Moral. É disso que ele está falando, e, portanto, seria estranho se, de repente e sem advertência ou aviso ou indicação, mudasse o sentido da palavra e começasse a usá-la para descrever a totalidade do Velho Testamento. Esse é um bom princípio que sempre devemos ter em mente quando interpretamos as Escrituras. Se um termo foi empregado num determinado sentido em diversos versículos, não é provável que de repente mude de sentido sem nenhuma indicação desse propósito. E o certo é que, neste ponto, não há nenhuma indicação a respeito.

Depois, tomar a outra questão de que nos dizem que o

assunto de que trata o capítulo quatro certamente nos faz retroceder à história passada, notem que ele não começa com a palavra "portanto" ou "pois". Seguramente, se o apóstolo estivesse falando aqui no vesículo 31 da história do Velho Testamento, o que certamente ele faz no capítulo quatro, a palavra de ligação seria "portanto" – mas não é. No capítulo 4 é óbvio que ele está iniciando um novo assunto, como espero mostrar-lhes. Se fosse apenas uma continuação direta do assunto tratado no capítulo 3, do versículo 21 até o fim, o elo natural de ligação seria "portanto".

Sobre essas duas bases devemos rejeitar aquela interpretação e opinar no sentido de que o apóstolo está se referindo aqui à Lei Mosaica, à Lei que Deus deu aos filhos de Israel mediante Moisés, dizendo-lhes quando a deu: "Se vocês puderem cumpri-la, ela os salvará".

A asserção feita pelo apóstolo é que o plano divino de salvação estabelece a Lei; exalta-a, mostra que coisa maravilhosa ela foi. De fato, não existe nenhuma outra coisa que tão bem a estabeleça. Mais uma vez vemos que o ensino hoje corrente, que afirma que sob a nova dispensação a Lei do Velho Testamento foi abolida inteiramente e foi posta de lado – e que agora somos confrontados por uma nova lei, a lei da fé, e que doravante nada temos que fazer senão crer no Senhor Jesus Cristo – vemos que esse ensino é completamente errôneo. Sim, porque, se ensinarmos que a Lei antiga foi realmente posta fora e foi substituída por uma nova lei, é óbvio que não estaremos estabelecendo aquela antiga Lei. Com isso a estaremos rejeitando, a estaremos lançando ao mar. Mas o apóstolo está interessado em dizer exatamente o oposto. Portanto, jamais devemos ensinar que aquela Lei foi ab-rogada, e que tudo o que o pecador tem que encarar agora, e que terá que encarar no tribunal do juízo, é esta nova lei da fé, da confiança em Cristo. Vemos que isso está completamente errado; na verdade, o apóstolo já o deixara límpido e claro no vesículo 27. A explicação não pode ser essa.

Que é que o apóstolo quer dizer então? Como será que este ensino "estabelece" a Lei? Aqui também há atualmente um ensino popular para o qual, infelizmente, sinto-me compelido a chamar a atenção de vocês. É um ensino muito comum, e não vem somente dos que são considerados teologicamente liberais, mas sub-repticiamente aparece também, vez por outra, nos escritos de autores considerados evangélicos firmes. Ei-lo: o que o apóstolo quer dizer, afirmam eles, é que, por meio da nossa fé no Senhor Jesus Cristo, agora somos habilitados a cumprir a Lei. Cristo nos dá força e poder que nos capacitam a observar, honrar e cumprir a Lei, tendo vida virtuosa, a vida cristã. Isso significa estabelecer a Lei.

Que argumento e exposição espúrios! Muitas vezes esse ensino é dado em termos da mensagem do dia da ressurreição de Cristo, que somos salvos pelo Cristo ressurreto; não salvos pela morte de Cristo, e sim pela vida e pelo poder decorrentes da ressurreição. A cruz é passada por alto, e a salvação é descrita dessa maneira. O fato grandioso é a ressurreição de Cristo, o Cristo redivivo, que continua vivo. Se olharmos para Ele e Lhe pedirmos que nos ajude a viver a vida cristã, seremos salvos. E, à medida que vivermos a vida cristã, estaremos incidentalmente honrando a Lei, cumprindo a Lei, e, com isso, estaremos "estabelecendo" a Lei.

Precisamos examinar esse ensino porque, como desejo mostrar-lhes, é inteiramente falso, e negativiza por completo exatamente aquilo que o apóstolo está dizendo. A primeira resposta que se deve dar a esse ensino é a seguinte: neste capítulo três da Epístola aos Romanos o apóstolo não está considerando a santificação, porém tão-somente a justificação. Mas no momento em que se começa a falar sobre a vida cristã, sobre o comportamento cristão e sobre vida virtuosa, está se falando de santificação. O ponto onde aquele ensino realmente chega afinal é que somos justificados porque somos santificados. Esse sempre foi, e ainda é, o ensino católico romano sobre a justificação. Segundo o catolicismo romano,

o homem é justificado diante de Deus porque é capacitado a ter vida virtuosa pela graça e pela nova vida que ele recebeu no batismo, e, habilitado pela graça a viver essa vida virtuosa, ele mesmo se justifica. O ensino que estamos avaliando chega realmente ao mesmo ponto.

Entretanto aqui o apóstolo não está falando da santificação. Ela nem é mencionada. Ele está falando da justificação pela fé. Sem dúvida é preciso que tenhamos claro entendimento disso. No versículo 20 ele dissera: "Por isso nenhuma carne será justificada diante dele pelas obras da lei". Não é por esse meio que se dá a justificação. Qual será o meio? Vemos a resposta no versículo 24: "Sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus". Esse é o meio, e esse é o tema do apóstolo, até o fim do capítulo, como também é o tema do capítulo 4. Assim rejeitamos aquele ensino porque introduz elementos da santificação num parágrafo que só trata da justificação.

Não somente isso, porém; é também uma completa negação do ensino ministrado pelo apóstolo sobre a doutrina da justificação somente pela fé. Como acabamos de ver, isso nos leva de volta à doutrina da justificação pelas obras. O fato de que o Senhor Jesus Cristo nos habilita a ter uma vida que honra a Lei não faz nenhuma diferença neste ponto. Aquela interpretação errônea afirma que são as nossas obras, e quanto mais produzidas melhor, que realmente constituem o meio pelo qual somos justificados. Logo devemos rejeitá-la, porque, como vimos, a tese plena e completa do apóstolo, é que a justificação é essencialmente forense e declaratória. A justificação é a declaração feita por Deus de que somos por Ele considerados justos por causa da justiça do Senhor Jesus Cristo. É uma declaração judicial, forense, feita por Deus de que, embora por assim dizer continuemos em nossos pecados, Ele nos considera justos; Ele nos dá a justiça de Cristo por meio da fé, e nos proclama justos, aceitos e retos aos Seus santíssimos olhos.

O que o apóstolo sustenta aqui é que a maneira pela qual Deus declara justos os que crêem em Cristo estabelece a Lei. Como se dá isso? Eis as respostas: em certo sentido, o apóstolo está apenas repetindo o que o Senhor Jesus Cristo disse no Sermão do Monte. Por certo vocês se lembram da declaração que consta em Mateus 5:17 e 18: "Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas: não vim ab-rogar, mas cumprir. Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem, nem um jota ou um til se omitirá da lei, sem que tudo seja cumprido". E, naturalmente, o nosso Senhor "estabeleceu" a Lei cumprindo-a em todos os aspectos. É isso que o apóstolo está dizendo na passagem que estamos estudando. Ele, por assim dizer, pergunta: "Será que alguém vai insinuar que, por afirmar que o único meio de salvação é em Jesus Cristo e por meio de Jesus Cristo, e Este crucificado – por Seu sangue, que é o preço requerido para resgatar-nos das garras da Lei, do diabo e da morte – alegará alguém que, por pregar isso, estou de um modo ou de outro, pondo inteiramente de lado a Lei e dizendo que ela não tem a mínima importância? Ao contrário, estou asseverando que este meio de salvação e de redenção, acima de qualquer outra coisa, honra por todos os modos a Lei".

Como pode ser verdade isso? Primeiramente, o Senhor Jesus Cristo honrou a Lei por Sua obediência ativa. DEle nos diz o apóstolo, na Epístola aos Gálatas: "Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei" (4:4). Ele deliberadamente colocou-Se, e Deus O colocou, "sob a lei" como homem. Estando, como estava, inteiramente livre de pecado, Ele veio e nasceu sob a Lei. Ele Se dispôs a obedecer e a honrar a Lei de Deus em cada jota e em cada til, e o fez perfeita e completamente. Certamente vocês se lembram da palavra de João Batista, que se mostrou relutante em batizar Jesus e que protestou, dizendo a Cristo: "Eu careço de ser batizado por ti, e vens tu a mim?" "Deixa por agora", disse o nosso Senhor, "porque assim nos convém cumprir toda a justiça". Ele Se

colocou sob a Lei e lhe deu perfeita obediência. Ele nunca pecou. Ele pôde dizer: "Quem dentre vós me convence de pecado?" Disse Ele: "...se aproxima o príncipe deste mundo, e nada tem em mim". Se satanás tivesse achado algo nEle, tê--lO-ia denunciado; se as autoridades tivessem achado algo nEle, teriam feito a mesma coisa. Eles não puderam apresentar nada contra Ele, e por isso tentaram inventar um caso; maquinaram uma mentira que não puderam comprovar. Ninguém podia apontar-Lhe um dedo acusador. Ele nunca pecou, nunca desobedeceu a Deus. Com Sua vida santa e obediente Ele honrou a Lei de Deus perfeita e integralmente.

Mas depois, e de maneira ainda mais extraordinária, como o apóstolo salienta na passagem em foco, Cristo honrou a Lei por Sua obediência passiva na cruz do Calvário. A Lei não somente exige obediência, porém também pronuncia julgamento sobre o seu não cumprimento. E toda a humanidade pecou: "Todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus... Não há um justo, nem um sequer". A Lei exige e reivindica a sua penalidade. Ela tem que ser cumprida em todos os aspectos. Se este plano de salvação não desse a devida resposta à exigência da Lei quanto à punição do pecado e da transgressão, ele não estabeleceria a Lei. Mas ele dá. O apóstolo já o dissera nesta sua grande frase: "para que ele seja justo e justificador daquele que crê em Jesus". Aqui, na passagem que estamos estudando, ele está dizendo isso numa forma ligeiramente diversa, porém é essencialmente a mesma coisa. Tomando sobre Si a punição dos nossos pecados, punição exigida pela Lei, o Senhor Jesus Cristo estava estabelecendo a Lei. Assim, entregando Sua alma como oferta pelo pecado, indo, sendo levado, "como cordeiro ao matadouro" nesta obediência passiva em submeter-Se a Deus para que Este lançasse sobre Ele a iniqüidade de todos nós, sem murmurar ou queixar-Se ou fugir, Ele estabelece a Lei.

Contudo, ainda há outras maneiras pelas quais Ele o faz. Há um bom número de outras coisas que sempre devemos ter

em mente quando consideramos este importante versículo. O Senhor Jesus Cristo, pela obra que realizou, e o próprio Deus, pelo que realizou em Cristo e por meio de Cristo, confirmam e revelam mais claramente do que nunca antes o que a Lei diz acerca da santidade e da justiça de Deus. Nunca percamos de vista esse fato. Uma das funções primárias da Lei era revelar a santidade e a justiça de Deus. Releiam os Dez Mandamentos como são registrados no capítulo vinte do livro de Êxodo, e ali verão que essa é a grande ênfase da Lei. Isso tudo vem resumido noutras partes das Escrituras com a frase: "sede santos, porque eu sou santo, diz o Senhor" É isso que Deus exige de nós. "Eu sou santo, e vocês devem ser santos porque eu sou santo." A primeira função da Lei é fazer com que fique clara para nós a completa, absoluta e indescritível santidade e justiça de Deus. Ora, não há nada que mostre isso tão simples e claramente como o que aconteceu na cruz; e se primeiro e acima de tudo não vemos na cruz uma manifestação da santidade e da justiça de Deus, não a estamos de fato vendo. A cruz estabelece a Lei dessa maneira, e a manifesta.

A cruz o faz, em segundo lugar, desta maneira: ela confirma tudo o que Deus dissera em Sua Lei acerca de Sua santa ira contra o pecado. Deus tinha dito na Lei que Ele odeia o pecado, que o pecado provoca a Sua santa ira, e que com toda a certeza e sem nenhuma dúvida, Ele pune o pecado. Não sou eu que estou dizendo isso; a Lei de Deus o diz. Deus o diz repetidamente – "Odeio estas coisas", diz Ele, e ameaça castigar todos os desobedientes. Se o Seu povo Lhe obedecer, será abençoado; se Lhe desobedecer, será amaldiçoado – montes Gerizim e Ebal – bênção e maldição. Deus fixara com clareza em Sua Lei que Ele certamente puniria o pecado e todos quantos estivessem sob a culpa do pecado. Tudo o que temos neste capítulo três de Romanos assinala isso de maneira admirável. Não há nada em todos os fatos da história, não há nenhum ponto em todo o curso da humanidade, não há nenhum lugar no universo, que tenha tornado tão manifesta a ira de Deus contra o pecado,

Sua ojeriza por ele, e a Sua determinação de puni-lo – nada se compara à morte do nosso Senhor na cruz. Já vimos isso em detalhe quando consideramos a palavra "propiciação". Essa palavra expõe assinaladamente a ira de Deus; e você não estabelecerá a Lei, a menos que mostre a ira de Deus e o seu derramamento sobre o pecado. O que Deus disse que faria, Ele fez, e com isso este plano de salvação estabelece a Lei. Mas o plano de salvação que ponha de lado a propiciação não estabelece a Lei e, portanto, não pode ser o plano verdadeiro.

Igualmente, este plano de salvação confirma tudo o que a Lei disse sobre o pecado e sobre a nossa pecaminosidade. Paulo já nos dissera que a tarefa da Lei é esta: "Pelas obras da lei nenhuma carne será justificada diante dele, porque pela lei vem o conhecimento do pecado". "Sabemos que tudo o que a lei diz, aos que estão debaixo da lei o diz, para que toda boca esteja fechada e todo o mundo seja condenável diante de Deus." A cruz diz isso? Se não diz, ela não estabelece a Lei. Mas ela o diz! O que a cruz diz é que nada senão ela pode salvar toda e qualquer alma; que estamos todos perdidos, desamparados e sem esperança. A cruz proclama isso. Se o nosso conceito sobre a cruz não proclama isso, digo mais uma vez que esse conceito é falso. E aí já é mencionado o meu quarto ponto, a saber, que este plano de salvação confirma a nossa incapacidade total, o nosso completo desamparo e desesperança.

Isso nos leva ao quinto ponto, que é o seguinte: na Lei dada por meio de Moisés temos muita instrução concernente às ofertas queimadas e aos sacrifícios, e lemos que o sumo sacerdote entrava uma vez por ano no santo dos santos do tabernáculo ou do templo e apresentava o sangue – sangue de touros e de bodes. Ele devia oferecer os sacrifícios em favor do povo. Qual seria o sentido disso tudo? Este plano da salvação, Paulo afirma, mostra-nos o significado de todos aqueles sacrifícios, e, portanto, os estabelece, e conseqüentemente estabelece a Lei que os ordenava. Mostra que eles eram apenas

tipos dados por Deus e utilizados por Deus para ensinar o único e exclusivo meio de salvação que haveria de vir – o grande Antítipo. Ao morrer na cruz, Cristo cumpriu perfeitamente o cerimonial levítico, e tudo aquilo que esse cerimonial prefigurava. Ele estabeleceu aquele aspecto da Lei oferecendo a Sua vida como sacrifício pelo pecado. Ele é "o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo".

A sexta maneira pela qual esta salvação por meio de Cristo como propiciação pela fé em Seu sangue também confirma e estabelece o que a Lei dizia é que este plano de salvação confirma que "sem derramamento de sangue não há remissão" de pecados (Hebreus 9:22). Como vimos, há muitas idéias modernas sobre a expiação que repudiam totalmente "o sangue". Mas o próprio Deus tinha mostrado claramente na Lei que "sem derramamento de sangue não há remissão de pecados". Portanto, se este plano de salvação não confirmar e não estabelecer isso, haverá contradição. Todavia, realmente o confirma. O que eu vejo quando contemplo a cruz, e "a água e o sangue que do Seu lado fluíam", é isso – "sem derramamento de sangue não há remissão de pecados". Em todos os aspectos a Lei é estabelecida pelo conceito da expiação que o apóstolo ensina aqui – mas nenhum outro conceito a estabelece.

E assim eu chego ao item final, o sétimo. Só quando observamos a expiação nos termos em que é ensinada na passagem aqui em foco é que temos uma concepção verdadeiramente espiritual da Lei de Deus. Fora disso estamos sujeitos a pensar na Lei em termos de atos, obras e coisas que praticamos ou deixamos de praticar. Mas a Lei é muito maior que isso. Ela é essencialmente espiritual, e toda a sua intenção é levar-nos à posição na qual passamos a "amar o Senhor nosso Deus de todo o nosso coração, de toda a nossa alma, de todas as nossas forças e de todo o nosso entendimento" (cf. Lucas 10:27). A Lei é espiritual e pessoal, e é nesse sumário dado pelo nosso Senhor que nós enxergamos isso. É a minha relação com Deus

que importa, não simplesmente a minha conduta. Não, o que importa é a minha total relação com Ele. E quando vejo isso desse modo, nasce em mim o desejo de cumprir pessoalmente a Lei e de honrá-la. Como Pedro no-lo recorda em sua Primeira Epístola, Cristo morreu "para levar-nos a Deus" (3:18). Não se trata apenas de perdão, e sim da restauração de uma relação pessoal desfeita.

Aí estão algumas das maneiras, as principais maneiras, pelas quais este plano de salvação estabelece, firma, a Lei e lhe presta honra. Torno a dizer que todo e qualquer conceito da cruz que não apresente estes elementos específicos, é errôneo, é falso, e deve ser rejeitado. Realmente devemos discriminar estas questões. Não devemos deixar-nos levar pelo sentimentalismo e acreditar em pessoas que dizem: "Ah, esta é a mensagem da cruz: aí está o Filho de Deus sendo crucificado pelos homens e, todavia, Ele lhes fala desde a cruz e em Sua terrível agonia: 'Ainda os amo tanto que estou pronto a perdoá-los até mesmo nisto que estão fazendo". Se vocês aceitarem esse como o verdadeiro significado da cruz, estarão negando o ensino do apóstolo. Não há "sangue" nele, não há "estabelecimento" da Lei, não há explicação de todas aquelas coisas grandiosas que se acham no Velho Testamento concernentes à Lei, e, na verdade, também no Novo Testamento. Devemos insistir sempre em que todos estes pontos estejam claros em nosso entendimento da expiação. Somente aí se vê a veracidade, a santidade, a inviolabilidade da santa Lei de Deus, que é uma expressão do caráter de Deus.

Aí está, pois, a exposição. Isso nos leva ao fim deste capítulo três, e especialmente ao fim desta passagem clássica sobre a doutrina da expiação. Talvez seja tolice dizer, mas eu ia dizer que, se me perguntassem qual, em minha opinião, é a passagem mais importante e crucial de todas as Escrituras, eu teria que incluir Romanos 3:21-31. Temos aí o âmago, o cerne do evangelho; e a história da Igreja através dos séculos mostra isso claramente. Foi quando os homens e as mulheres erraram

neste ponto que eles caíram nas heresias, desviaram-se, e a Igreja perdeu o seu poder. Esta é a mensagem: "Jesus Cristo, e Este crucificado". Esse é o âmago do evangelho. Por isso realmente não podemos permitir-nos incerteza quanto ao seu ensino.

Examinemos, pois, como numa espécie de nota de rodapé, alguns dos motivos que atualmente os homens alegam para não interpretarem este ensino como nós tentamos fazer. Comumente se fala de três pontos. Há os que não hesitam em dizer, sem nem pedir desculpas: "Concedemos que essa é uma correta exposição do ensino de Paulo, mas, afinal de contas, o apóstolo Paulo era filho da sua época. Ele era judeu e fora educado como fariseu, e seguia aquele ensino judaico e toda a sua doutrina da Lei, do sangue e dos sacrifícios". Alguns até dizem que esse ensino de fato não vinha do Velho Testamento, porém que os judeus o foram incorporando paulatinamente em seu ensino idéias egípcias com relação a sacrifícios e oferendas. Por isso dizem: "A sua exposição está certa, mas Paulo estava errado; ele tinha um conceito errôneo sobre Deus e tinha um conceito errôneo sobre a salvação. Agora nós temos melhor conhecimento. Sabemos que Deus é um Deus de amor, que a ira é incompatível com o amor e que a idéia de que Deus alguma vez instituiu sacrifícios cruentos é simplesmente monstruosa e ridícula". Essa é a explicação que eles dão, que a nossa exposição do ensino de Paulo está certa, mas o próprio Paulo estava errado, e, por conseguinte, todo esse ensino está errado. Não precisamos desperdiçar tempo contestando essas idéias; elas não merecem isso.

Se alguma vez alguém lhes disser isso, o que vocês deverão discutir com ele não é este ensino particular; deverão discutir o sentido do termo "apóstolo". Que é um apóstolo? Faça-o partir daí. Paulo começa descrevendo-se como um "chamado apóstolo". A questão é, que é um apóstolo? Se apóstolo é um homem que foi chamado pelo Senhor ressurreto para receber direta e imediatamente dEle uma revelação e um

comissionamento para sair e pregar com toda a autoridade, bem, neste caso não precisamos dizer mais nada – tudo o que o apóstolo Paulo escreve é correto. No entanto esses homens se projetam a si mesmos e às suas idéias; eles não crêem que as Escrituras são inspiradas, que elas são a infalível Palavra de Deus. E, no momento em que você rejeita a autoridade das Escrituras e dos seus escritores, você pode dizer o que quiser. Noutras palavras, tais homens estão formando um evangelho deles mesmos, e eles não têm por que fazer uso quer do Velho Testamento quer do Novo. Seu uso deles é antes desonesto; sim, pois, o que eles crêem é meramente o que eles e outros semelhantes a eles pensam.

Essa é uma escola; mas há outra, e esta é um pouco mais perigosa. A segunda escola é representada pelo Dr. C. H. Dodd em seu comentário sobre Romanos. O que ele diz é praticamente que, embora seja este o ensino do apóstolo Paulo, todavia, este ensino de Paulo tem sido mal entendido desde aproximadamente o segundo século. Nessa época entraram em cena algumas idéias gregas, e estas monopolizaram as mentes dos chamados "pais" da Igreja. Depois, pior ainda, introduziram-se certas idéias do direito romano, com suas noções de eqüidade, justiça etc. Assim como o cristianismo se espalhou pelo Império Romano, assim as idéias do Império Romano começaram a espalhar-se no seio do cristianismo. A tragédia é que essas idéias gregas e romanas vêm dominando o ensino da Igreja através dos séculos. Dodd faz referência à Idade Média e à Reforma Protestante, quando uma suposta teologia paulina foi reestruturada. Um "suposto" avivamento, vejam vocês, da teologia paulina sob Lutero e Calvino! As antigas idéias de sacrifício já não sobreviviam, e a linguagem derivada delas não foi entendida, diz ele, e assim esta passagem lhes foi incompreensível, pelo que ela foi interpretada segundo as idéias teológicas correntes ou tradicionais. E assim foi até... Até quando? Ah, diz ele, "Em nossa época, estudos recentes do pensamento e da linguagem da antigüidade, tanto do

hebraico como do grego, dão-nos melhor esperança de podermos entrar em contato com a mente de Paulo". Com um certo tom condescendente, ele prossegue e declara que, embora rejeite algumas das afirmações históricas da teologia paulina, deve admitir que elas não foram infiéis à intenção dele, no sentido de que elas habilitaram os homens a crerem razoavelmente, em termos do pensamento do seu tempo, que Deus em Cristo fez tudo o que era preciso fazer para que os homens fossem libertos da culpa do seu pecado, e começassem uma nova vida na poder da graça divina. Ele acrescenta que muitas doutrinas teológicas que, em seus pormenores, devemos considerar alheias ao pensamento de Paulo, não obstante serviram em seu tempo para salvaguardar o evangelho que ele pregava.

É bom lembrar que os "pormenores" a que o Dr. Dodd se refere incluem idéias como as da "ira de Deus" e todas as noções penais, como também o sofrimento vicário, substitutivo, do nosso Senhor, e ainda o grande e determinante ensino concerente à propiciação que, como vimos, é crucial na argumentação do apóstolo. Essas são as grandes doutrinas ensinadas, não somente pelos Reformadores, mas também pelos grandes puritanos, e igualmente pregadas por todos os grandes evangelistas, que são desse modo condescendentemente descartados. Qualquer ensino que diga que a Igreja esteve enganada através dos séculos e que somente nós sabemos a verdade e estamos certos devido aos resultados da pesquisa moderna e ao conhecimento moderno, deve ser imediatamente tido como suspeito. Quando os eruditos modernos vêem os fundadores de seitas dizendo esse tipo de coisa, corretamente os acusam de arrogância. Entretanto parece que não percebem que são culpados precisamente do mesmo erro. Por que será? Porque eles não gostam da idéia de propiciação, porquanto essa idéia não se ajusta às suas idéias filosóficas acerca de Deus e do Seu amor. Não lhes agrada falar a respeito do "sangue" de Cristo. É "o escândalo da cruz" que, em última

análise, explica isso. A cruz foi um escândalo – uma pedra de tropeço – e uma loucura para a mentalidade grega do século primeiro; e continua sendo hoje.

O terceiro e último conceito apresentado atualmente não é tão arrogante como o que acabamos de expor, porém não deixa de ser arrogante. É o ensino que parece argumentar no sentido de que jamais devemos ensinar alguma coisa que provoque objeção por parte da mente moderna. O que nos dizem é que falar sobre "sangue", sobre sacrifícios e sobre ira é inaceitável para a mente moderna e, portanto, não devemos fazer isso. Aí vemos também um ensino muito popular e que está sendo seguido por grande número de pessoas. A mente moderna passa a ser o padrão pelo qual se deve avaliar toda verdade. Os que defendem isso não param para pensar que o que é moderno hoje poderá ser obsoleto dentro de vinte anos. Eles já estão tendo que confessar que certas coisas das quais eles tinham certeza e que eram descritas como "resultados seguros" da erudição há cinqüenta anos, estão erradas. Apesar disso, ainda nos dizem que é a mente moderna que deve determinar essas coisas. Esta mente moderna que é tão delicada que não agüenta falar em sangue e em propiciação, mas pode fabricar e usar bombas atômicas e de hidrogênio, deve ser o nosso padrão!

Estas coisas não são determinadas pelo escrúpulo da mente moderna, graças a Deus. Devemos retornar a uma autoridade legítima, e essa autoridade acha-se neste apóstolo, neste "chamado apóstolo", homem que foi capturado no caminho de Damasco e que afirma que o evangelho por ele pregado não lhe foi dado por homens, nem lhe foi ensinado por homens, mas pela revelação de Deus; o homem que não hesita em dizer: "Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho além do que já vos tenho anunciado, seja anátema" (Gálatas 1:8,9). Que os modernos acreditem no que quiserem. Não há nenhum evangelho fora de "Jesus Cristo, e Este crucificado" – Jesus Cristo, o

Filho de Deus, exposto como "propiciação pela fé em seu sangue", Deus Lhe inflingindo o castigo de nossos pecados, Deus fazendo "pecado por nós" Aquele "que não conheceu pecado"; e isso "para que nele fôssemos feitos justiça de Deus" (2 Coríntios 5:21).

Esse outro ensino não é apenas inteiramente errôneo; o Espírito Santo não o honrará. Não o honra, não pode honrá-lo. Ninguém jamais será convertido mediante tal pregação; e vocês jamais terão algum avivamento resultante desse tipo de pregação. Descartem-se dela, não se envolvam nem um pouco com ela. Agarrem-se firmemente a este evangelho de redenção, de resgate pelo sangue de Cristo, o evangelho que tem sido pregado através dos séculos e sempre foi honrado por Deus o Espírito Santo, não somente na conversão de indivíduos, mas também nos grandes avivamentos que constam na história da Igreja. Custe o que custar, seja o que for que isso signifique para nós, devemos manter-nos firmes na palavra "propiciação", na "propiciação pela fé em seu sangue". Que sejamos ridicularizados, que sejamos ostracizados, que sejamos repudiados como tolos pelos homens e sua pretensa cultura, e seu conhecimento acadêmico, e suas "descobertas recentes". Digam eles o que quiserem. Há um e somente um "evangelho da glória de Deus" – e é este. Somente este salva, somente este justifica. Graças a Deus por isso.

11

ABRAÃO JUSTIFICADO PELA FÉ

"Que diremos pois ter alcançado Abraão, nosso pai segundo a carne? Porque, se Abraão foi justificado pelas obras, tem de que se gloriar, mas não diante de Deus. Pois, que diz a Escritura? Creu Abraão em Deus, e isso lhe foi imputado como justiça."

– Romanos 4:1-3

Aqui não somente temos um novo capítulo, mas também um novo pensamento. Contudo, devemos ter o cuidado de notar que não estamos começando uma parte inteiramente nova desta grande Epístola. O apóstolo ainda dá continuidade ao mesmo assunto de que vinha tratando – a justificação pela fé. Mas agora vai lidar com uma objeção que ele imagina que certas pessoas, particularmente os judeus, poderiam levantar contra o seu ensino.

Por que ele o faz? Creio que pela razão já dada duas vezes por ele, que a grande salvação acerca da qual está escrevendo, e que agora se tornou manifesta na vinda do Filho de Deus a este mundo – com tudo o que Ele fez e que Lhe aconteceu – é algo que havia sido anteriormente testificado através do "testemunho da lei e dos profetas". Vocês certamente se lembram de que ele diz a mesma coisa no versículo dois do capítulo primeiro desta Epístola. Diz ele: "Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para apóstolo, separado para o evangelho de Deus" – e então, entre parênteses (na VA): "O qual antes havia prometido pelos seus profetas nas santas Escrituras". Ele

teve o cuidado de dizer isso logo no começo, e nisso tinha um objetivo. Depois notamos que quando ele anuncia o plano de salvação em Cristo no versículo vinte e um do capítulo três, ele o diz de novo: "Mas agora se manifestou sem a lei a justiça de Deus, tendo o testemunho da lei e dos profetas; isto é, a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo". Assim é que duas vezes ele nos diz de passagem que nunca devemos deixar de observar e compreender claramente o fato de que esta salvação, este plano de salvação, que agora se vê tão límpido e claro em Cristo, tinha sido testemunhado anteriormente pela Lei e pelos Profetas. Na verdade, já vimos que ele fez grande esforço para provar isso. Foi o que ele fez no fim do capítulo três. Ali ele diz: isto não é anular a Lei; eu estou estabelecendo a Lei quando prego o que prego. Eu lhes disse que esta salvação foi testemunhada pela Lei, e eu lhes mostrei que ela cumpre a Lei. Não há contradição.

Mas mesmo isso não é suficiente! Ele vê que deve prosseguir porque imagina alguém levantando uma questão como esta: "Pois bem, este meio de justificação, esta maneira de ser da justiça que você está ensinando, seria algo inteiramente novo? Estará você dizendo que, se bem que a Lei e os Profetas o predisseram e o prenunciaram, é não obstante algo inteiramente novo em si, e era completamente desconhecido sob a dispensação do Velho Testamento?" Esse, parece-me, é o ponto que ele toma agora, neste capítulo quatro. Noutras palavras, sugiro-lhes que o propósito deste capítulo quatro é mostrar que sob a dispensação do Velho Testamento este plano de salvação não somente foi predito, mas foi, naquele tempo também, a maneira pela qual Deus tratava os homens e os salvava.

Este ponto é muito importante; e eu desejo mostrar como o apóstolo o estabelece. O Velho Testamento não apenas profetiza e prediz este meio de tornar justos os homens imputando-lhes a justiça de Cristo, e justificando-os pela fé – esse era o modo como Deus perdoava os homens e os tratava,

mesmo na era da dispensação do velho Testamento. O apóstolo sente-se constrangido a estabelecer este ponto. Por que deveria?

Há pelo menos três razões importantes para essa necessidade. Ele precisava fazer isso, claro, por amor dos judeus. Afinal de contas, o evangelho foi pregado primeiro aos judeus, e muitos judeus tinham crido e tinham sido convertidos, e eram membros da Igreja Cristã. O apóstolo tinha grande desejo de ajudá-los. Sabemos por experiência que quando nascemos de novo e nos tornamos novas criaturas, há uma velha natureza e ela permanece em nós. Ora, aqueles judeus que verdadeiramente foram convertidos e nasceram de novo, durante tanto tempo tiveram o hábito de pensar à maneira judaica que achavam muito difícil romper com esse hábito e libertar-se por completo. Vimos, por exemplo, em Gálatas, capítulo 2, que até Pedro teve dificuldade desse tipo certa ocasião, e teve que ser corrigido por Paulo; quanto mais os crentes comuns, que não eram apóstolos. O apóstolo desejava ajudar tais pessoas. Ao mesmo tempo, ele desejava pregar o evangelho aos judeus que ainda estavam fora da igreja. Estavam fora por que tinham entendido a mensagem do Velho Testamento de maneira completamente errada. Por isso estavam rejeitando o evangelho de Cristo. Paulo expressa isso extraordinariamente na Segunda Epístola aos Coríntios, capítulo três. Diz ele: quando Moisés é lido sábado após sábado, o véu está sobre os seus corações. Eles lêem as Escrituras, mas não percebem o seu significado. Estão espiritualmente cegos. Há um véu diante dos seus olhos. É por causa dessa incompreensão do Velho Testamento que eles achavam que o evangelho estava contradizendo o Velho Testamento. Daí o grande interesse de Paulo em esclarecer e eliminar essa incompreensão dos judeus.

Mais uma coisa: Paulo queria mostrar que, visto que Deus é um só, o Seu modo de tratar os homens no que se refere à salvação é sempre o mesmo. Já vimos algo disso no capítulo três, versículo vinte e nove: "É porventura Deus somente dos judeus? E não o é também dos gentios? Sim, também dos

gentios; se Deus é um só", ou "visto que Deus é um só". E defendemos a tese de que Deus, por causa disso, só tem um meio de salvação para todos. Mas aqui o apóstolo acrescenta outra coisa – não apenas um só meio de salvação para todos, mas também um só meio de salvação em todas as épocas. Obviamente, este ponto é sumamente importante e substancial.

A terceira razão é, creio eu, que o apóstolo ainda tinha em mente a idéia de que este plano de salvação elimina todas as formas de jactância. Ele vai fazer uso desse termo. Diz ele: "Porque, se Abraão foi justificado pelas obras, tem de que se gloriar (de que jactar-se), mas não diante de Deus". E sua preocupação é que a idéia de que alguém pode jactar-se de alguma coisa na presença de Deus deve ser descartada e extirpada uma vez por todas. Permitam-me dizê-lo desta forma: o tema deste capítulo, para expressar-me de maneira mais doutrinária, é que há somente uma aliança da graça, e que em todas as dispensações os homens são salvos exatamente do mesmo modo. A aliança da graça é a mesma no Velho Testamento e no Novo. Há diferença na administração, mas a aliança da graça é a mesma. Há unicamente um meio de salvação, sempre, quer no passado, quer no presente, quer no futuro. Muitas vezes as pessoas ficam confusas sobre este ponto. Há, na verdade, alguns que parecem fazer uma divisão absoluta entre o Velho Testamento e o Novo; há até cristãos que parecem pensar que não há nenhum valor no Velho Testamento. É por isso que nunca me alegrou a prática de imprimir os dois Testamentos separadamente; isso leva algumas pessoas a só lerem o Novo Testamento. Devemos interessar-nos pela Bíblia toda, porque os dois Testamentos são uno. É aí que vemos a sabedoria e a direção do Espírito Santo na condução da Igreja Primitiva, que naquele tempo era mormente gentílica, na incorporação da nova literatura na do Velho Testamento. Há somente uma grande aliança da graça. Os santos do Velho Testamento foram salvos exatamente da mesma maneira como nós.

O apóstolo tem particular prazer em defender este ponto.

De muitas maneiras a sua declaração clássica é a que se acha na Epístola aos Efésios. "Vós", diz ele, "que estáveis separados da comunidade de Israel, e estranhos aos concertos da promessa, não tendo esperança, e sem Deus no mundo, vós, que antes estáveis longe, já pelo sangue de Cristo chegastes perto." E conclui: "Assim que já não sois estrangeiros, nem forasteiros, mas concidadãos dos santos (dos santos do Velho Testamento), e da família de Deus" (Efésios 2:11-22). Qual é a mensagem? No capítulo três dessa Epístola ele afirma que lhe fora comunicado mediante revelação que os gentios haveriam de ser co-herdeiros com os judeus. Jamais nos esqueçamos disso. Nós, gentios, simplesmente fomos introduzidos numa realidade já existente. Não é algo inteiramente novo. Os judeus estavam nisso antes; fomos introduzidos para estar nisso com eles. Somos co-herdeiros com eles, co-possuidores, concidadãos.

Além disso, nesta mesma Epístola aos Romanos, no capítulo 11, ele o diz com maior clareza ainda em sua analogia da oliveira. A oliveira é uma figura da Igreja verdadeira. Havia primeiro os seus ramos naturais – isto é, os judeus. Mas alguns deles foram arrancados devido à sua incredulidade; e agora ramos não naturais, os gentios, foram enxertados nela. Mas a árvore é a mesma, o tronco é o mesmo. Ele usa ali outra figura também; fala dos que pertencem à mesma "massa". É desse tema que ele começa a tratar neste capítulo quatro – que, uma vez que Deus é um só, há somente um meio de salvação, tanto no Velho Testamento como no Novo. E, mais, nunca haverá outro. Há somente um evangelho. Há somente um meio de salvação. Há somente um meio de ser reconciliado com Deus. É sempre a mesma aliança da graça, no passado, agora e no futuro. Nunca haverá um tempo em que o homem poderá entrar no reino de Deus por algum meio ou método que não seja este, e unicamente este.

Sigamos agora o apóstolo à medida que desenvolve o tema. Ele o prova da maneira mais extraordinária. O que ele faz é

escolher duas das mais ilustres – senão as duas mais ilustres – pessoas que já apareceram na longa história dos judeus. Ele toma Abraão e Davi. Ao proceder dessa forma, ele faz precisamente o que Mateus faz no primeiro versículo do seu evangelho. Aqui está: "Livro da geração de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão". São estes os dois que Mateus destaca – Abraão e Davi. Por quê? Abraão foi o pai da nação, o homem de quem proveio toda a nação; ele foi o progenitor original. E Davi, por quê? Porque a Davi foi dada a promessa especial de que de seus lombos procederia o Messias. Deus fez uma aliança com Abraão; repetiu-a, fazendo-a com Davi. Foi por isso que Paulo, escrevendo mais tarde a Timóteo, disse: "Lembra-te de que Jesus Cristo, que é da descendência de Davi, ressuscitou dos mortos, segundo o meu evangelho" (2 Timóteo 2:8). Davi o rei, Davi que, pessoalmente, era aquele maravilhoso tipo do Messias que havia de vir.

Assim, ao tomar Abraão e Davi, é evidente que o apóstolo está tomando os dois exemplos cruciais de toda a longa história do povo judaico. Os judeus tinham muito orgulho daqueles dois homens. Em suas lembranças do passado, sempre se lembravam deles e os elogiavam e os louvavam. "Nosso pai Abraão" – "Davi, o rei", "o suave cantor de Israel", "o homem que foi exaltado e abençoado por Deus." A questão que se deve considerar é a seguinte: como foi que aqueles dois homens vieram a ser tão favorecidos por Deus? Como chegaram àquela posição, àquela situação, em que Deus tão assinaladamente manifestou Seu prazer, Seu beneplácito neles? A resposta do apóstolo é que foi precisamente da mesma maneira e pelo mesmo método pelos quais Ele agora estava redimindo, resgatando e justificando os homens. Primeiro Paulo o mostra na história real de Abraão, e naquilo que as Escrituras dizem acerca de Abraão. Depois o expressa em termos do que o próprio Davi diz no Salmo 32, versículo 2.

Esse é o argumento do apóstolo neste capítulo, e podemos analisar o conteúdo deste capítulo da seguinte maneira: nos

versículos 1 a 5 ele toma o caso de Abraão, dando os fatos e as declarações das Escrituras sobre esses fatos. Nos versículos 6,7 e 8 temos o que Davi disse explicitamente no Salmo 32. Do versículo 9 ao 12 ele assinala que tudo isso tinha acontecido com Abraão antes dele ter sido circuncidado; logo, a circuncisão não pode ser o fator de vital importância. Depois, nos versículos 13 a 17, ele prova que isso ocorreu também antes de ter sido dada a Lei. Na verdade, Deus tinha ordenado as coisas desse modo a fim de mostrar uma vez por todas que a salvação é pela graça, mediante a fé, não pela circuncisão ou pela Lei, porque a graça é o único meio pelo qual a salvação pode ser segura e certa. Do versículo 18 até o fim do capítulo, ele faz uma exposição sobre como esta fé foi manifestada no caso de Abraão e sobre como ela redunda na glória de Deus. No fim ele retorna ao ponto do qual começara originariamente, dizendo: como Deus o fez então, continua fazendo agora. "E, não somente por causa dele está escrito que lhe foi levado em conta, mas também por nossa causa posto que a nós igualmente nos será imputado, a saber, a nós que cremos naquele que ressuscitou dentre os mortos a Jesus nosso Senhor; o qual foi entregue por causa das nossas transgressões e ressuscitou por causa da nossa justificação". Vocês não se sentem tomados de admiração face à maneira maravilhosa pela qual este apóstolo pode pôr em operação um grande argumento? Suas Epístolas sempre me lembram um grande advogado. Ele começa com um esboço geral da sua causa e dos argumentos que pretende empregar. Depois elabora cada argumento em detalhe. E, tendo feito isso, resume tudo e repete a alegação original.

Aí está, em geral, o esquema e a análise deste magistral capítulo que passaremos a considerar. Mas alguém poderia ter em sua mente uma pergunta, talvez mesmo uma possível objeção, e poderia indagar: "Tudo isso é muito interessante, mas hoje em dia a vida é muito cheia de ocupações, e eu tenho muito que fazer; por isso, o que realmente quero é uma mensagem positiva. Tudo o que desejo é saber como ser salvo

e como viver. Realmente não estou interessado em penetrar em toda essa argumentação e toda essa busca no Velho Testamento". Tais pessoas acham que estão perdendo tempo quando tentam seguir uma grande argumentação como esta, e gostariam de deixar de lado o capítulo 4 e passar logo ao capítulo 5, que elas consideram mais prático e mais próximo de nós. Precisaríamos de fato examinar tudo isso? perguntam elas. Minha réplica é que, como vou demonstrar, este capítulo explica a justificação pela fé ainda mais claramente. O apóstolo a expõe com clareza no capítulo 3, porém aqui o faz com maior clareza ainda. Ele não quer correr risco nenhum. Paulo sabia o que é o pecado, conhecia a natureza humana, e sabia muito bem que as pessoas tendem a dizer: "Oh, sim, tudo está bem comigo; estou firmado nessa doutrina da justificação pela fé. Passemos agora à santificação". Mas Paulo não está muito seguro a nosso respeito, e quer garantir-se de que verdadeiramente entendemos o ponto.

A segunda razão é esta: penso que este capítulo é de valor incalculável como chave para o entendimento do Velho Testamento. Às vezes as pessoas ficam confusas quando lêem o Velho Testamento,e então desistem, dizendo: "Realmente não posso incomodar-me com isso tudo; vou direto ao Novo Testamento". Mas é preciso ler o Velho Testamento; e o capítulo 4 de Romanos lança grande luz sobre ele, como espero mostrar a vocês.

Também é essencial que compreendamos o argumento deste capítulo, se de fato quisermos ajudar outras pessoas. Como eu já disse, o apóstolo o escreveu porque desejava ajudar aqueles judeus que bem podiam estar com dificuldade acerca da salvação. Você descobrirá que ainda há pessoas que têm dificuldade a esse respeito; e se realmente as quiser ajudar e quiser poder explicar-lhes coisas, terá que aprender a seguir estes argumentos e, por sua vez, usá-los pessoalmente.

Finalmente, não sei de coisa alguma que seja mais fortalecedora para a fé do que tomar um capítulo como este e

observar o apóstolo retroceder e, por assim dizer, dar uma visão pano-râmica da salvação. Ele a vê no Velho Testamento, e a rastreia, mostrando que ela é a mesma coisa em toda parte. Na passagem que estamos focalizando, sou levado a perceber que a minha salvação não é algo contingente ou incerto ou quase acidental; vejo que Deus a planejou antes mesmo que houvesse tempo, e que Ele já a estava pondo em prática na aurora da história. Ele vem prosseguindo com o mesmo método. E continuará a fazê-lo. Esse é o método de Deus e, portanto, é perfeito. Sempre achei que estas visões panorâmicas fortalecem a fé.

Seu primeiro argumento é acerca de Abraão. Os versículos 1-5 o expõem em termos gerais. Os versículos 6-8 dão-nos a sua confirmação, com base no Salmo 32. No versículo primeiro ele levanta a questão: "Que diremos, pois, ter alcançado Abraão, nosso pai segundo a carne?" A Versão Autorizada coloca vírgula depois de "pai", e penso que faz corretamente. Não é: "Que diremos, pois, ter alcançado Abraão nosso pai segundo a carne?" Não é isso que ele está dizendo. Permitam-me sugerir outra tradução: "Que diremos, então, que Abraão, nosso pai, encontrou segundo a carne?" É isso que ele quer dizer. Não "nosso pai segundo a carne" mas: "Que é que o nosso pai Abraão encontrou com relação à carne, segundo a carne?" Ou, se vocês quiserem, poderão até traduzi-lo assim: "Que diremos, então, que Abraão, nosso pai, alcançou pela carne?"

Qual é o sentido de "carne"? Essa é a pergunta importante. O que ele quer dizer com "carne" é o que é externo e oposto ao que é interno e espiritual. O próprio apóstolo faz uma esplêndida exposição do que ele quer dizer com "carne" na Epístola aos Filipenses, capítulo 3, começando no versículo 3: "Porque a circuncisão somos nós, que servimos a Deus em espírito, e nos gloriamos em Jesus Cristo, e não confiamos na carne". E prossegue, dizendo: "Ainda que (eu) também podia confiar na carne: se algum outro cuida que pode confiar na carne, ainda mais eu". Que é que ele tinha alcançado pela

carne? Eis a resposta: "Circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus, segundo a lei, fui fariseu; segundo o zelo, perseguidor da Igreja; segundo a justiça que há na lei, irrepreensível". É esse o sentido de "carne". A carne é uma coisa na qual o homem é propenso a confiar, no que se refere à salvação. Alguns confiam em sua nacionalidade – "uma vez que sou judeu, pertenço ao povo de Deus; e não preciso de mais nada". Alguns chegam a dizer: "Visto que eu fui criado num país cristão, tudo está bem comigo". Outros confiam na circuncisão ou no fato de que foram batizados quando crianças. A carne é isso. Carne significa obras de alguma espécie, ou algo que diz respeito a nós, ou que é próprio de nós, em que tendemos a confiar para a nossa salvação, algo do que nos inclinamos a jactar-nos.

É esse o sentido de "carne" no versículo primeiro. E Paulo dá continuidade a esse ponto no versículo dois, que a VA traduz: "Porque, se Abraão fosse justificado pelas obras, teria do que se gloriar". Podemos dizê-lo nestes termos: foi Abraão então justificado diante de Deus e aceito por Deus com base no que ele era e no que ele fez? Acaso Abraão, amigo de Deus, foi tão assinaladamente abençoado por Deus por causa do seu caráter e das suas boas obras? Se fosse assim, diz o apóstolo Paulo, ele teria base para gloriar-se diante de Deus. Ele poderia dizer: Deus me tratou assim pelo que sou e pelo que fiz. Ele poderia gabar-se disso e poderia dizer a Deus: "Porque sou assim, tenho direito de ser abençoado". Teria base para gloriar-se na presença de Deus. Contudo Paulo afirma que isso é impossível – "não diante de Deus". Parece-me que o apóstolo estava tão surpreso e tão estarrecido em seu espírito ante a mera sugestão disso, que quase se esqueceu das palavras, dizendo apenas: "não diante de Deus". Ele parece estar dizendo: "Já lhes mostrei fartamente que nenhuma carne pode gloriar-se em Sua presença; todos pecaram e carecem da glória de Deus. Ninguém pode gloriar-se na presença de Deus; é inimaginável. Mas, prossegue ele, não preciso deter-me aqui, não preciso

restringir-me a um argumento geral (versículo 3); tenho uma passagem bíblica específica para provar isso – "Pois, que diz a Escritura?" Note-se de passagem que ele não diz: "Que dizem as Escrituras?" Está no singular – "Que diz esta particular Escritura?"

Sinto-me tentado a fazer uma rápida digressão, mas devo evitar a tentação. Não obstante, em dias como estes, quando muitos criticam as Escrituras, especialmente o Velho Testamento, e Gênesis em particular, é interessante notar que o apóstolo está disposto a basear tudo numa só declaração extraída de Gênesis, capítulo 15: "Que diz a Escritura?"

O que a passagem citada diz é: "Creu Abraão em Deus, e isso lhe foi imputado como justiça". Aí está a prova decisiva. Não há por que especular, não é preciso argumentar em geral. A própria Escritura estabeleceu essa verdade uma vez por todas (Gênesis 15:6).

Essa declaração de Gênesis, capítulo 15, é sumamente importante. Esta é a primeira vez que a doutrina da justificação somente pela fé é exposta com clareza na Bíblia. Teriam vocês pensado sempre que a doutrina da justificação somente pela fé acha-se unicamente no Novo Testamento? Teriam visto que se acha em Gênesis 15:6? Esse é o primeiro lugar em que ela é exposta explícita e claramente, embora apareça antes implicitamente.

É essa crucial declaração que devemos entender bem o que significa. "Abraão creu em Deus." Que significa isso? Nossa primeira resposta é que não se trata apenas de uma questão de dar assentimento intelectual ao ensino sobre Deus e sobre diversas outras proposições. Inclui isso, mas vai além. A palavra empregada pelo apóstolo transmite a idéia geral de confiança e entrega. Abraão, se vocês o preferirem, confiou em Deus e isso lhe foi atribuído como justiça. Mas aqui de novo temos que ser muito cautelosos, tendo em vista a maneira pela qual as pessoas têm interpretado mal justamente essa declaração.

Vejamos algumas dessas interpretações errôneas, e examinemo-nos a nós mesmos à medida que o fizermos. Alguns dizem que o sentido é este: "Abraão creu, e isso lhe foi imputado para justiça". Abraão era um homem religioso, era um homem temente a Deus, era um homem piedoso. Abraão tinha prazer em obedecer a Deus e em fazer o que Deus lhe dissesse, e foi porque ele era esse tipo de homem que Deus o tratou como o tratou. Seria isso justificação pela fé? Seria isso que Gênesis 15:6 diz? Eles argumentam que é, e que esse continua sendo o método de salvação. Se o homem tiver um sério conceito sobre a vida e se dispuser a agradar a Deus e a ter uma vida virtuosa e piedosa, será perdoado e não terá o que temer. É nessa sua intenção que Deus está interessado; e se Deus vir essa intenção, perdoará tal homem e o abençoará. É quase incrível que alguém possa interpretar aquelas palavras dessa maneira, mas muitos o fazem. O que, naturalmente, eles estão fazendo é dizer que somos justificados pelas obras, que somos salvos porque somos boas pessoas, porque somos piedosos, porque fazemos as nossas orações, porque somos religiosos. Isso é pura "justificação pelas obras". Se se pudesse dizer isso de alguém, tal homem teria direito de jactar-se. Ele poderia dizer que, enquanto a maioria não se interessa por Deus, nunca oram e nunca vão a um lugar de culto, ele faz todas essas coisas. Ele é como o fariseu da parábola do fariseu e do publicano que foram orar no templo. Ele foi direto à frente e disse: "Ó Deus, graças te dou, porque não sou como os demais homens... nem ainda como este publicano. Jejuo duas vezes na semana, e dou os dízimos de tudo quanto possuo". É como se dissesse: sou religioso, sou um bom homem; graças te dou por isso (Lucas 18:9-12). Ele estava se jactando. Estava se justificando pelas obras. É óbvio que isso é uma pura contradição de tudo o que o apóstolo está começando a dizer nesta grande Epístola.

Todavia, há quem leia esta Epístola e a interprete daquela maneira. É como a expõe um comentário popular a que já me referi. Ele ensina que tudo o que o Senhor Jesus Cristo

fez quando veio a este mundo foi incentivar os homens a serem piedosos, e dar-nos um exemplo de vida piedosa. Ele foi obediente, e nós devemos olhar para Ele e seguir o Seu exemplo, e então seremos salvos. Isso é uma completa negação de todo o argumento do apóstolo.Como são sutis essas coisas!

Outra interpretação – e esta é a mais comum entre os evangélicos – é, como eu já lhes disse várias vezes, a que foi a posição segundo a qual os homens tinham que guardar a Lei. Agora não é mais assim. Deus aboliu a Lei. Agora, tudo o que você precisa fazer é crer, e estará salvo. O seu ato de crer o salva. Mas isso transforma a fé em obras. Se é a nossa fé que nos salva, temos do que nos jactar e nos gloriar. Nós cremos, ao passo que a maioria não crê, pelo que nos ufanamos disso e podemos gloriar-nos em nossa fé. Isso traz de volta o fator jactância. A frase em foco não pode significar isso, pois significaria que o apóstolo está simplesmente se contradizendo.

Então, que significa? O apóstolo no-lo mostra claramente aqui. Quando a Escritura declara que "Abraão creu, e isso lhe foi imputado para justiça", significa que Abraão foi justificado exatamente da mesma maneira como nos o somos atualmente. Que significa o fato de Abraão crer? Significa que Deus apareceu a Abraão e lhe disse: "Abraão, quero fazer uma aliança com você". Deus fez uma grande aliança com Abraão. Fez-lhe grandiosas promessas relativas a Seu plano de redenção. Disse Ele: "Por seu intermédio... e por meio da sua semente todas as nações da terra serão abençoadas; farei da sua semente uma grande multidão e abençoarei o mundo inteiro por meio de você e da sua semente". Noutras palavras, Deus falou com Abraão a respeito do Senhor Jesus Cristo. Deus revelou a Abraão o meio de salvação em Jesus Cristo, que, disse-lhe Deus, viria dos seus lombos. Leiam Gênesis, capítulos 15, 16 e 17, e verão tudo isso lá. Mas Paulo insere isso tudo neste capítulo quatro de Romanos. Notem o versículo 13, onde ele diz: "Porque a promessa de que havia de ser herdeiro do mundo

não foi feita pela lei a Abraão, ou à sua posteridade, mas pela justiça da fé". Observem depois os versículos 17 e 18: "(Como está escrito: por pai de muitas nações te constituí) perante aquele no qual creu, a saber, Deus, o qual vivifica os mortos, e chama as coisas que são como se já fossem". A que se refere o apóstolo? "O qual, em esperança, creu contra a esperança que seria feito pai de muitas nações, conforme o que lhe fora dito: assim será a tua descendência." Deus apareceu a Abraão quando este estava com noventa e nove anos de idade, e lhe disse: de você e de Sara – anciã que passara da idade de procriar – finalmente nascerá o Messias. Deus lhe anunciou o plano de redenção no Senhor Jesus Cristo. E Abraão creu.

Não somente isso! No episódio do sacrifício de Isaque, Deus o revelou de novo a Abraão. Deu-lhe uma prefiguração da morte na cruz, e lhe mostrou como iria redimir o homem. É evidente que Abraão não podia entender isso plenamente. Mas por certo vocês se lembram do que o Senhor disse: "Abraão, vosso pai, exultou por ver o meu dia, e viu-o, e alegrou-se" (João 8:56). Foi o que o próprio Senhor Jesus Cristo disse. Portanto, quando vocês lerem a frase: "Abraão creu em Deus", não presumam que significa apenas que Abraão creu em Deus e que fazia o que Deus lhe dizia. Vai além disso. Abraão creu no método de redenção que Deus planejou, como eu e vocês. Ele não viu isso claramente, mas o viu "de longe" (Hebreus 11:13). Agora já aconteceu; manifestou-se em sua plenitude. Mas Abraão o viu de longe, perto de dois mil anos antes de acontecer, como posteriormente se deu com Davi, exatamente da mesma maneira. Isto significa crer no plano divino de salvação. E isso consta lá no livro de Gênesis.

Devemos entender que o termo "crer" inclui isso; de outra maneira, não haveria sentido naquela declaração do nosso Senhor – "Abraão, vosso pai, exultou por ver o meu dia, e viu-o, e alegrou-se". Noutras palavras, Abraão foi salvo pela fé exatamente do mesmo modo como nós – sem obras, sem

nenhum mérito. Ele viu que a sua salvação estava inteiramente calcada nos méritos do Filho de Deus, que haveria de vir, e que, segundo a carne, haveria de nascer da sua semente, e também da semente de Davi. Agora vocês podem ver que isso é algo que ilumina todo o Velho Testamento. Mostra a unicidade desta aliança da graça e da redenção. Abraão viu isso. Ele se entregou confiantemente a isso. Esse foi o meio pelo qual ele foi salvo. Ele viu que era esta justiça que Deus ia dar-lhe – de modo que fica excluída toda a jactância.

Também devemos olhar de relance esta outra palavra, a palavra "imputar". "Creu Abraão em Deus, e isso lhe foi imputado como justiça". É uma pena que a Versão Autorizada emprega no versículo 3 a palavra "contado". No versículo subseqüente o verbo utilizado é "considerar", e no versículo 6, "imputar". A verdade é que o apóstolo Paulo empregou exatamente a mesma palavra nos três casos. Portanto, é bom traduzi-la por "imputar" as três vezes (como faz ARC).

Qual é o sentido disso? Trata-se de algo que já consideramos no capítulo três. A palavra "considerar" ou "imputar" significa pôr algo na conta de alguém. Você supre uma deficiência na conta de alguém. Vocês certamente se lembram, por exemplo, do que Paulo diz quando escreve a Filemom acerca de Onésimo. Diz ele: "Se te fez algum dano, ou te deve alguma coisa, põe isso à minha conta... eu o pagarei". O apóstolo não devia nada a Filemom; porém lhe disse que o pusesse em sua conta, como se lhe devesse algo. Isso é "imputar". Empregamos o termo quando temos discussão com alguém. Dizemos: "Ah, mas agora você me está imputando (atribuindo) uma afirmação que eu não fiz". Ou podemos dizer: "Você me está imputando motivos, e não está sendo justo". O que queremos dizer é que o homem está pondo em nossa boca ou em nossa posição algo que não está ali; ele está nos imputando aquilo. A coisa não está ali, mas foi ali posta por alguma outra pessoa.

É exatamente esse o sentido do termo na passagem que

estamos estudando, e constitui a essência desta questão de justificação somente pela fé. É posta em nossa conta. Quando a verdade é que não temos absolutamente nada, Deus introduz a justiça de Jesus Cristo. Ele a imputa a nós, Ele a atribui a nós. Ele simplesmente a toma e a coloca ali, em nossa conta, por assim dizer, e com isso cancela a nossa culpa e o nosso débito. Ele não nos *torna* justos, como já vimos. Nesta questão de justificação, somos deixados exatamente onde estávamos; mas Deus põe Sua justiça em nossa conta e, com isso, cancela a nossa dívida. Ele declara que todas as Suas exigências de pagamento foram satisfeitas. Nunca nos esqueçamos de que a justificação é forense, é judicial. Não nos torna justos; declara que somos justos. E somos declarados justos porque a justiça de Jesus Cristo é posta em nossa conta.

O ponto vitalmente importante até aqui é que devemos ter entendido e compreendido que quando nos é dito que "Abraão creu em Deus" significa que a Abraão foi dado a entender que o plano divino de justificação não é pelas obras, nem pela lei, nem pela circuncisão, nem por nenhuma destas coisas; mas que Deus nos imputa a justiça de Seu Filho e nos habilita a ver isso pela fé. Isso nos vem pela instrumentalidade da fé, porém a justiça é a de Jesus Cristo.

Que doutrina estupenda! E que maravilha que Abraão a viu, viu o dia de Cristo, creu e regozijou-se nisso! Foi assim com Davi, e com outros sob a Lei! Lá estavam eles, sob a antiga dispensação, olhando para o futuro – para o quê? Para o dia em que tudo isso viria a ser cumprido e concretizado. Eles o viram o suficiente para serem salvos por esse meio. Foi isso que os salvou, porque esse é o plano de Deus desde toda a eternidade, e não há nada que possa subvertê-lo. Essa é também a nossa situação – não a nossa justiça, nada em nós. Ainda hoje os salvos são os que olham unicamente para o Senhor Jesus Cristo e se regozijam nEle. "A circuncisão somos nós, que adoramos a Deus em espírito, e nos gloriamos em Jesus Cristo, e não confiamos na carne" (Filipenses 3:3).

12

JUSTIFICANDO O ÍMPIO

"Ora àquele que faz qualquer obra não lhe é imputado o galardão segundo a graça, mas segundo a dívida. Mas aquele que não pratica, mas crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é imputada como justiça. Assim também Davi declara bem-aventurado o homem a quem Deus imputa a justiça sem as obras, dizendo: bem-aventurados aqueles cujas maldades são perdoadas, e cujos pecados são cobertos. Bem-aventurado o homem a quem o Senhor não imputa o pecado." – Romanos 4:4-8

Continuemos nosso estudo da argumentação do apóstolo Paulo neste capítulo quatro.

Já vimos que o que o apóstolo está dizendo é que Deus revelou o plano de salvação em Jesus Cristo a Abraão. Abraão não o entendeu plena e claramente, mas o viu. "Abraão exultou por ver o meu dia, e viu-o, e alegrou-se." O que Abraão fez foi crer neste plano de salvação, nesta justificação pela fé, nesta dádiva de uma certa justiça – e essa justiça é a de Jesus Cristo. Pois bem, esse é o conteúdo da palavra "creu", no referido texto. Este crer não significa apenas que quando Deus disse a Abraão: "Saia da sua terra, de Ur dos caldeus, e vá para Canaã", ele creu em Deus e Lhe obedeceu. Naturalmente isso está incluído, mas há muito mais. O que Deus revelou a Abraão pode ser lido nos capítulos 12 a 18 do livro de Gênesis, e ali vocês poderão ver que foi dada a Abraão uma pré-estréia do evangelho. Deus fez com ele uma aliança em termos de Jesus Cristo. Abraão

creu, e foi isso que o justificou e lhe foi imputado para justiça.

Mas, tendo dito isso, o apóstolo não se contenta em deixá-lo ali. Essa é a declaração básica. Nos versículos 4 e 5 ele prossegue para consubstanciá-la, ou, se lhes parece bem, para expressá-la de maneira ainda mais clara. Ele a expõe, ele a elabora um pouco a fim de que fique clara, além de qualquer dúvida. Como é que ele faz isso? Bem, no versículo quatro ele formula uma proposição geral que deve apelar para a razão e para o entendimento de todos. Ei-la: "Ora àquele que faz qualquer obra, não lhe é imputado o galardão segundo a graça, mas segundo a dívida". Noutras palavras, ele faz uso de uma ilustração simples, tirada da vida comum. Se eu faço um serviço para um homem e ele me paga pelo que fiz, ao pagar-me ele não está sendo bondoso comigo, mas está apenas me pagando o que me deve. Fiz um serviço e lhe apresentei a conta, e ele me paga a conta. Não há por que dizer que o pagamento dessa conta é um ato de bondade, ou de graça, da sua parte. Seria errado ele não me pagar; ele é meu devedor. Prestei-lhe serviço, fiz-lhe um trabalho, e, portanto, quando ele me pagar, não será matéria de bondade ou de graça, e sim de dívida. É questão de cumprimento da lei. Ele não está, por bondade, munificência e generosidade do seu espírito, fazendo algo a mim e por mim que ele não necessitava fazer. É questão de dívida, e poderia levá-lo ao tribunal se ele não me pagasse. Não há bondade ou graça nisso. Praticamente o apóstolo está dizendo que essa é uma proposição geral com a qual todos estão dispostos a concordar.

Depois, no versículo 5, ele o expressa positivamente. No versículo 4 os termos são negativos. No versículo 5, porém, ele diz positivamente: "Mas aquele que não pratica (que não pratica obras, que não produz obras), mas crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é imputada como justiça". Este, não hesito em afirmar, é um dos versículos mais importantes da Bíblia toda. Digo isso do ponto de vista prático, do ponto de vista da evangelização, se vocês o preferirem, ou do ponto

de vista da conversão. É, pois, importante entendê-lo bem. De muitas maneiras, é a mais forte afirmação que este apóstolo fez até este ponto. Aquele que fez as mais claras afirmações acerca da justificação pela fé, nesta passagem vai além de tudo quanto disse em qualquer outro lugar. Para comparação, vejam como ele fala desse assunto no versículo vinte e seis do capítulo anterior; diz ele naquela passagem: "Para demonstração da sua justiça neste tempo presente, para que ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus". Diz esse texto que aquele que crê em Jesus é que é justificado. Mas na passagem que estamos estudando a declaração é muito mais forte. Temos aí a diferença entre "justificador daquele que tem fé em Jesus" e "aquele que justifica o ímpio".

Para vermos a importância da distinção, examinemos os termos. Que homem é justificado? O apóstolo nos diz duas coisas a respeito desse homem. A primeira é que é o homem que "não pratica" – que não faz obra alguma, que não produz obras. O homem de quem ele fala em sua ilustração praticou obra. "Àquele que faz qualquer obra não lhe é imputado o galardão segundo a graça." Entretanto agora, em contraste com aquele que "faz obra" está "aquele que não pratica", que não faz obra. Aqui está um homem que não tem boas obras para mostrar, que não tem nada com que se recomendar. Certamente ele não pode apresentar uma conta e uma fatura, porque nada fez. Ele é um fracasso; não trabalhou e, portanto, não tem obras para apresentar. Essa é a primeira coisa dita pelo apóstolo. É grande o interesse do apóstolo em salientar essa verdade e em salientar o contraste com a outra.

No entanto ele vai além. O homem que é justificado não somente não tem boas obras para mostrar; ele é de fato "ímpio" – "justifica o ímpio". A quem ele se refere? A Abraão. Mas, vocês dirão, Abraão era um homem muito bom. Sei que, num sentido, Abraão era um homem muito bom, mas, não obstante, é certo descrever Abraão, como ele era por natureza, como ímpio. Na verdade, todos nós somos ímpios por natureza. O

apóstolo diz isso claramente no capítulo anterior, onde lemos: "Por isso nenhuma carne será justificada diante dele pelas obras da lei". "Todo o mundo se fez culpado diante de Deus", diz ele. "Todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus" – mesmo Abraão. E estar destituído da glória de Deus, estar sob o domínio da Lei e do pecado, é ser ímpio. Naturalmente, é isso que ele diz em toda parte sobre a totalidade da raça humana. "E éramos por natureza filhos da ira, como os outros também" (Efésios 2:3). "Não há um justo, nem um sequer." São essas as declarações das Escrituras; e quando nos tornamos cristãos, ao olharmos para trás, vemos claramente que nunca fomos justos. Aqueles judeus achavam que eram justos e que agradavam a Deus.

Um perfeito exemplo disso acha-se no relato de uma discussão que houve entre o nosso Senhor e judeus desse tipo no capítulo oito do Evangelho Segundo João. Eles estavam discutindo com o Senhor Jesus Cristo. Deus é nosso Pai, diziam eles. "Temos um Pai, que é Deus." O nosso Senhor replicou, praticamente dizendo: "Não, Deus não é Pai de vocês. Não pode ser, porque, se fosse, vocês não rejeitariam as minhas palavras. Dele eu venho, e, se vocês fossem filhos de Deus, não me estariam perseguindo. Vocês são filhos do seu pai, o diabo" (cf. João 8:33-47). Eles se julgavam justos; pensavam que agradavam a Deus. Mas o nosso Senhor afirmou que eles eram ímpios. Todos nós temos a tendência de fabricar um deus para nós mesmos. Há muitos que pensam que estão cultuando a Deus, quando na realidade estão simplesmente cultuando a si mesmos, prestando culto à sua bondade pessoal. Eles fizeram um deus que lhes é próprio, e quando são confrontados por Deus como Ele Se manifestou na Bíblia, O odeiam, não gostam dEle. Quando Deus lhes diz que eles são tão pecadores e tão desvalidos que não podem salvar-se por si mesmos, eles ficam ressentidos. Quando Deus lhes diz que nada senão a morte de Seu Filho os pode redimir, acham que isso lhes é um insulto pessoal. Para eles a cruz é um ultraje. Pois bem, isso é ser ímpio.

Abraão, então, por natureza, como o resto da humanidade desde a queda de Adão, era ímpio. Isso não significa que antes da conversão somos todos tão maus quanto possível. Não é isso. Mas o que a declaração em apreço diz é que "todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus". A declaração do apóstolo é que Deus justifica tais pessoas. Que é que isso nos diz com respeito à doutrina da justificação somente pela fé? Isso estabelece o fato de que esta é a declaração mais clara jamais feita concernente à justificação. Prova uma vez por todas que a justificação é uma ação totalmente de Deus – "quem crê", diz o apóstolo, "naquele que justifica o ímpio". É Deus quem o justifica. É um ato inteiramente de Deus, e em nenhum sentido se baseia em nossas atividades.

A segunda coisa que isso mostra claramente é algo que já observamos diversas vezes. Devo repeti-lo porque muitos persistem em cair nesse erro. Mostra que a justificação não nos torna justos – "Deus justifica o ímpio". Ele não nos torna justos primeiro e nos justifica depois. O que Paulo diz é que Ele justifica o ímpio, não o ímpio feito ou tornado justo. Os homens são justificados como são, sem obras e enquanto ainda ímpios. Este ponto de vital importância deve ser ressaltado. É justamente aqui que o ensino católico-romano não somente é perigoso, mas é uma completa negação do ensino bíblico. O catolicismo romano ensina que pelo nosso batismo somos feitos justos e piedosos; a justiça nos é infundida, é injetada em nós, introduzida em nós; e porque fomos feitos justos por nosso batismo, somos justificados. Ora, isso equivale a dizer que somos justificados porque somos santificados, o que é exatamente o oposto do que o apóstolo está dizendo. Não, somos justificados enquanto ainda somos ímpios. Eis o prisioneiro no tribunal; é culpado perante a lei. Nada tem que possa pleitear, nada que possa dizer em seu favor. Ali está ele como ele é, no banco dos réus, e é absolvido e declarado livre e justo. "Ele justifica o ímpio." Se o versículo que estamos estudando não nos fizer enxergar o verdadeiro significado da

justificação pela fé, nada o fará. Não há nada que o supere nas Escrituras.

O terceiro ponto é que essa declaração estabelece que se trata de uma questão inteiramente forense, judicial. A justificação é uma afirmação feita por Deus de que agora Ele declara inocente essa pessoa, e que vai vestir-lhe a justiça de Cristo e vai considerá-la justa. Esse é o sentido desse ato. É matéria de lei. Não faz nada com o homem; não o muda; não o torna melhor. Veste-lhe a justiça de Cristo, e Deus o declara justo e reto.

Noutras palavras – o quarto ponto – para empregar o termo que o apóstolo usa tanto, é totalmente uma questão de "atribuir" ou "imputar" ou "pôr na conta de alguém". Permitam-me dizê-lo desta maneira: a doutrina da justificação pela fé não diz que agora Deus nos considera como se fôssemos justos. Isso não é verdade; isso seria uma mentira. Deus não pode considerar como justo o injusto. Não é isso que a doutrina diz. O que ela diz é que Deus imputa a nós a justiça de Cristo, põe-na em nossa conta, e, devido ter feito isso, Ele nos considera justos. Temos a justiça de Cristo. Ele nos vê em Cristo. Deixem que eu use a ilustração que obviamente estava na mente do conde Zinzendorf quando ele compôs o seu grandioso hino sobre este tema. Temo-lo no Hinário da Igreja Congregacional, na tradução de João Wesley. Diz ele:

Jesus, Teu sangue e justiça
Minha veste é, bela e castiça.[*]

É esse o quadro. Lá está um homem, em seus trapos, em sua sordidez. Lá está o pecador culpado, condenado, diante de Deus, o prisioneiro no banco dos réus. Que acontece? Bem, Deus lhe veste este manto de justiça; veste-o com o alvo manto

[*] Literalmente: Jesus, Teu manto de justiça/ minha beleza é, minha gloriosa veste. Nota do tradutor.

da perfeição de Cristo, e agora vê isso e nada mais. Essa é a doutrina da justificação pela fé. Ele põe isso em nossa conta. Mais adiante vamos tirar algumas lições práticas deste ensino.

Que é que vem depois? Nos versículos 6, 7 e 8 ele diz que temos uma maravilhosa confirmação disso; Davi falou a respeito: "Assim também Davi declara bem-aventurado o homem a quem Deus imputa a justiça sem as obras, dizendo...", e então cita o Salmo 32: "Bem-aventurados aqueles cujas iniqüidades são perdoadas, e cujos pecados são cobertos. Bem-aventurado o homem a quem o Senhor não imputa o pecado". O apóstolo Paulo era um poderoso debatedor, inigualável num assunto controvertido. Observem o seu método. Ele já se havia referido a Abraão, e agora apresenta Davi, porque ele sabia o que Davi significava para os judeus. Ele sabia que os judeus connsideravam Davi, o grande rei, como o maior de todos os reis. E sabia da grande promessa concernente ao Messias que tinha sido feita a Davi, e sabia que todos os judeus também tinham conhecimento dela. De fato ele sabia, e os judeus sabiam, que "Davi era um homem segundo o coração de Deus". Davi erguia-se ao lado de Abraão ocupando com ele a primeira posição, na estima dos judeus. Por isso Paulo o cita. E pode provar que Davi diz precisamente o que ele, Paulo, está ensinando.

É interessante notar como o apóstolo utiliza a citação que faz do Salmo trinta e dois. Na verdade Davi falara em termos negativos: "Que felicidade, que felicidade a do homem cujas iniqüidades foram cobertas; a felicidade do homem a quem o Senhor não imputa pecado". Eis aí o homem feliz, o homem bem-aventurado, o homem que está em paz com Deus e cujas iniqüidades são perdoadas. Eis aí o homem cujos pecados são cobertos; algo é posto sobre eles. Notem, porém, esta outra declaração importante: ele é um homem a quem o Senhor não imputa o pecado; Ele não lhe atribui pecado. Que quer dizer isso? O homem cometeu pecado; como então pode ser bem-aventurado? A resposta é que, apesar de ter cometido pecado

e de ser culpado de muitos pecados, Deus não anota pecados na conta desse homem nos livros celestiais de registro. Poderia fazê-lo, tem todo o direito de fazê-lo. Mas, como diz Davi, "Bem-aventurado o homem a quem o Senhor não imputa o pecado". Ele não os põe na conta desse homem; deixa-os fora; cancelou-os; cobriu-os; perdoou-os.

Dá um incalculável apoio à doutrina do apóstolo o fato de que Davi havia dito exatamente isso muito tempo atraz no Salmo 32. Certo é que Davi o diz de maneira puramente negativa. Diz ele: "Bem-aventurado o homem cujas maldades são perdoadas, e cujos pecados são cobertos, a quem o Senhor não imputa pecado". Isso é perdão, e é negativo, e no Salmo trinta e dois realmente não vai além disso. Notem, porém, como Paulo o interpreta. Diz ele: "Assim também Davi declara bem-aventurado o homem a quem Deus imputa a justiça sem as obras". Pois bem, esse é um ponto sumamente importante. Essa é a interpretação que Paulo faz do Salmo de Davi. E, naturalmente, ele está certo. Deus não nos deixa numa posição negativa. Deus não se restringe meramente a perdoar-nos. É possível alguém perdoar você e ainda sentir-se muito distante de você. Alguém que você ofendeu ou a quem você fez algum mal poderá dizer: "Bem, eu não vou levá-lo ao tribunal, não vou puni-lo, vou deixá-lo livre, vou perdoá-lo". Mas isso não significa necessariamente que vocês se reconciliaram plenamente, que você está numa situação de harmonia com o outro, que você foi de fato bem recebido de volta. O perdão é apenas o aspecto negativo, e Deus nunca pára nesse ponto. Deus sempre vai adiante. Deus nunca se satisfaz com nada que esteja aquém da reconciliação. Portanto, a interpretação que Paulo faz do Salmo de Davi está certa por esta razão, que o perdão é o primeiro passo no processo que leva à plena reconciliação. Davi só menciona o primeiro passo, querendo dizer com isso que o primeiro passo certamente levará ao restante.

O próprio apóstolo Paulo, numa frase interessante, faz exatamente a mesma coisa noutro lugar. Na Epístola aos

Efésios, no versículo sete do capítulo primeiro, ele escreve: "Em quem", referindo-se ao Senhor Jesus Cristo, "temos a redenção pelo seu sangue, a remissão das ofensas, segundo as riquezas da sua graça", como se a redenção completa não fosse nada mais que o perdão dos pecados. É o próprio Paulo que constantemente afirma que redenção significa justificação, santificação e libertação final – glorificação! A redenção inclui tudo; e, não obstante, ele parece descrevê-la aqui como se fosse tão-somente o perdão de pecados. É apenas um modo de falar; ele sabe que o primeiro passo implica todos os outros. Assim, num sentido, basta você mencionar o primeiro passo, pois este sugere e como que prenuncia a redenção completa. Aqui Paulo nos lembra que, no Salmo 32, Davi estava fazendo exatamente a mesma coisa. Ele expressa essa verdade em termos de iniqüidades perdoadas, pecados cobertos, e de Deus não nos imputar os nossos pecados.

Permitam-me dizê-lo desta forma: o homem verdadeiramente bem-aventurado é aquele cujo pecado é perdoado como dívida, cujo pecado é de tal modo coberto que Deus nunca mais olhará para ele. É o homem a quem nunca o seu pecado lhe será imputado como crime. Aí está o aspecto negativo. Mas sua bênção vai além; ele é também o homem a quem Deus atribui a justiça de Jesus Cristo. Essa é a doutrina da justificação pela fé. Aqui estamos nós – todos nós – pecadores aos olhos de Deus. Que me diz a doutrina? Diz-me que, estando eu em julgamento, a minha dívida é cancelado, o meu pecado é coberto. Deus lançou o meu pecado "para trás de Si". Nunca mais vai olhar para ele, nunca mais irá vê-lo. Está apagado – está fora da sua visão por toda a eternidade. E nunca será lançado sobre mim como crime. Fui liberto dele completamente. Mas, além e acima disso, Deus põe em minha conta e me atribui a justiça de Jesus Cristo, Seu Filho.

O que o apóstolo demonstrou claramente é que esse foi sempre o modo e o método de Deus tratar o homem em pecado. Foi o que Ele fez com Abraão. Diz Davi que Deus faz isso.

Assim é que da vida dos dois maiores líderes dos judeus temos prova da doutrina da "justificação somente pela fé". Vimos ademais que é sempre uma questão de atribuição, de imputação.

Deixem, pois, que eu exponha mais uma vez esta grande e sobremodo bendita doutrina. Deus não nos atribui os nossos pecados. Mas, vocês poderão dizer, como é que Ele pode fazer isso e continuar sendo Deus? Temos cometido tais e tais pecados; como é possível que Deus não os atribua a nós, sendo que os cometemos e somos culpados deles? A resposta é que Ele os atribuiu ao Seu Filho unigênito, ao Seu Filho bem-amado. Vê-se uma grandiosa exposição disso em 2 Coríntios, capítulo 5, onde o grande apóstolo o declara com simplicidade e clareza. "Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não lhes imputando (não lhes atribuindo) os seus pecados". Bem, que é que Ele faz então? Ele atribui a Cristo os pecados dos homens. Diz ele: "Àquele (Cristo) que não conheceu pecado, (Deus) o fez pecado por nós..." (2 Coríntios 5:19-21). Deus tomou os nossos pecados e, ao invés de imputá-los a nós e pô-los em nossa conta, registrou-os na conta de Seu Filho. Ele os colocou sobre Ele e os puniu nEle. Cristo veio ao mundo para os levar sobre Si. Ele o fez voluntariamente. Veio ao mundo deliberadamente a fim de fazê-lo. É assim que somos salvos e reconciliados com Deus – em vez de atribuir a mim os meus pecados, Deus os atribuiu a Cristo, e os puniu nEle. Como diz Pedro: "Levando ele mesmo em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro, para que, mortos para os pecados, pudéssemos viver para a justiça; e pelas suas feridas fostes sarados" (1 Pedro 2:24). Voltemos a Isaías, capítulo 53: "Nós o reputamos por aflito, ferido de Deus...", "O Senhor fez cair sobre ele a iniqüidade de nós todos". Ao invés de atribuir os nossos pecados a nós, atribuiu-os a Cristo, e Ele os levou sobre Si, como também levou sobre Si o castigo que lhes era devido. Essa é a primeira parte da justificação.

Isso nos leva à segunda parte, que é o inverso do processo

anterior. O primeiro passo é que o nosso pecado é atribuído a Cristo. O segundo é que a Sua justiça é atribuída a nós. Que maravilhoso trabalho de contadoria! Que tremenda manipulação das contas, se é que podemos expressar-nos assim! Nós não tínhamos justiça nenhuma. Ele tem justiça perfeita. Deus atribui a Sua justiça a nós – "Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não lhes imputando (não lhes atribuindo) os seus pecados". E então: "Àquele que não conheceu pecado (Deus) o fez pecado por nós". Por quê? "Para que nele fôssemos feitos justiça de Deus" (2 Coríntios 5:21). Justificação é isso. É, toda ela, ação de Deus. Nós não fazemos absolutamente nada; não podemos fazer absolutamente nada. Não temos obras, nossa justiça não passa de "trapo da imundícia" , é "esterco", refugo. Não temos absolutamente nada. Somos ímpios, estamos em desamparo e sem esperança. Deus é quem faz tudo. A ação é totalmente de Deus. É o que Ele faz com estes nossos pecados, que Ele põe sobre Cristo e os castiga nEle. É o que Ele faz com a justiça de Cristo, que Ele põe sobre nós. Tudo é feito para nós, e nós o recebemos passivamente de Deus.

O cristão, a pessoa salva, é alguém que crê nisso e está ciente disso. É assim que nos tornamos cristãos. O cristão é aquele que, tendo captado esta verdade, não tenta fazer algo para salvar-se. Se você tentar fazer alguma coisa para salvar-se, significa que você não entendeu isto. Claro, compreendendo esta grande verdade, depois terá que lutar com todas as suas forças para agradar a Deus, para fazer tudo quanto puder. Mas isso não o salvará, e você não deve confiar nisso para a sua salvação. O homem que crê nesta verdade arrepende-se do seu pecado, mas não é o seu arrependimento que o salva. Você não é salvo porque se arrepende, não é salvo porque crê no evangelho, embora ambas estas coisas estejam envolvidas na salvação. Você é salvo porque Deus o justifica pela justiça de Jesus Cristo. Não temos como apresentar obra alguma para obtermos a nossa salvação. A fé não é uma forma de obras.

Nada temos do que jactar-nos, absolutamente nada. É inteiramente ação de Deus. O cristão é alguém que crê nesta verdade e nela descansa.

Falemos com clareza. Permitam-me fazê-lo na forma de perguntas. Você é cristão? Aqui está como você poderá descobrir a resposta: você deixou completamente de olhar você ou para si próprio, em todos os aspectos? E você está olhando única, inteira e completamente para o Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, e para o que Ele fez em nosso favor? Você teria a certeza de que é cristão? Eis aqui a resposta: você percebe que não pode fazer nada – absolutamente nada – com vistas a tornar-se cristão? Vou mais longe. Você deixou de tentar fazer alguma coisa? A salvação é, inteiramente, uma dádiva, um dom gratuito de Deus. É dádiva para ímpios. Se você começa dizendo, "Ah, mas... acho que eu devia fazer...", você denuncia a sua situação. No momento em que você diz, "Ah, mas...", você mostra que não é cristão.

Isso me leva ao teste mais penetrante de todos. Você crê, agora, neste instante, assim como está, que veio a ser cristão inteiramente por meio do que Deus fez em Jesus Cristo em seu favor? O fator "tempo" é muito importante. Se você disser: "Mas, agora? Espere um minuto! Você realmente não espera que eu possa decidir isso aqui e agora; não deveria eu parar e decidir que preciso orar mais, que devo ler mais a Bíblia, que devo deixar de fazer certas coisas e começar a fazer outras?" No momento em que você começar a falar desse jeito, estará mostrando que não captou esta doutrina. Se você pensar que ainda tem que fazer algo a respeito, que deve chorar, ou que deve sentir-se pecador, ou que precisa ter maior senso de convicção, ou qualquer outra coisa – não importa o que seja – se você introduzir alguma coisa que deveria estar fazendo, você não enxergou a verdade. Pois a doutrina da justificação nos diz que Deus justifica os ímpios como eles estão – não espera até torná-los virtuosos primeiro, não espera que eles façam coisa alguma. Ele declara que eles não podem fazer nada, que eles

não têm boas obras. Essa é toda a doutrina. Abraão simplesmente creu; nada fez. Davi exclama: "Que bem-aventurança, a deste homem cujos pecados receberam o devido tratamento!" – o que, diz o apóstolo Paulo, significa realmente e em última análise que esse homem aceita esta doutrina segundo a qual Deus lhe imputa justiça. Se você não consegue ver que pode tornar-se cristão imediatamente, neste momento, você não captou a doutrina. No momento em que vê esta doutrina, a pessoa diz: "Sim, bem vejo que me é tão possível tornar-me cristão agora como daqui a mil anos. Se eu me retirasse do mundo e me fizesse monge ou eremita e passasse todos os meus dias em jejum, suor e oração, não estaria mais perto (de Deus) que agora". Deus justifica os ímpios.

Em minhas mãos eu nada tenho;
Somente à Tua cruz eu me atenho.

Apenas como estou, sem nada para alegar,
Senão que o Teu sangue derramaste por mim,
E que me convidas para a Ti achegar-me,
Ó Cordeiro de Deus, eu venho a Ti!

Apenas como estou, sem mais esperar,
Para às manchas de minha alma dar logo fim,
A Ti, cujo sangue as pode limpar,
*Cordeiro de Deus, eu venho, sim!**

Essa é a confissão do cristão. Vocês agora se apercebem de que são ímpios, que são culpados perante Deus, que nada merecem senão castigo e o inferno, que vocês não têm nada que os recomende, que nada poderão produzir que os recomende; mas também vêem que Deus, em Seu infinito

* Tradução quanto possível literal. Para uma versão um pouco mais livre, ver o hinário Salmos e Hinos, Nº. 318. Nota do tradutor da presente obra.

amor e bondade, enviou Seu Filho ao mundo com o fim de livrá-los por Sua vida perfeita de perfeita obediência, por Sua morte expiatória, sacrificial, substitutiva, na cruz, quando levou sobre Si os pecados de vocês e recebeu o castigo devido aos seus pecados, por Sua gloriosa ressurreição e pelo poder da Sua vida infindável. Vocês agora se apercebem de que não lhes cabe fazer nada a respeito, que não têm por que dizer: "Dê-me um momento, dê-me tempo". Vocês agora se apercebem de que se tivessem mil anos a seu dispor, isso de nada lhes valeria. Agora vocês vêem isso. É Deus quem realiza plenamente a obra, e Ele o faz apesar de sermos o que somos. Tornamo-nos imediatamente cristãos graças a esta dádiva a nós, a esta atribuição a nós, da justiça de Jesus Cristo. As nossas iniqüidades são perdoadas, os nossos pecados são cobertos, todo este pecado jamais tornará a ser imputado a nós; e positivamente, e gloriosamente, somos revestidos de uma justiça divina. Estamos, pois, prontos para dizer com o conde Zinzendorf e com João Wesley que, assim revestidos, estamos preparados para enfrentar quem quer que seja e o que quer que seja:

Jesus, Teu sangue e justiça
Minha beleza é, minha gloriosa veste;
Com traje tal, em meio a flamejantes mundos,
Alegre vou erguer a minha cabeça.

Ousado lá estarei, em Teu grandioso dia;
Porque, quem haveria de acusar-me?
Graças a Ti, eu fui plenamente absolvido
Do pecado e do medo, da culpa e da vergonha.

Quando do pó da morte eu ressurgir
Para receber minha mansão no céu,
Minha única justificativa será:
Jesus por mim viveu, por mim morreu.

13

SOMENTE A FÉ

"Vem pois esta bem-aventurança sobre a circuncisão somente, ou também sobre a incircuncisão? Porque dizemos que a fé foi imputada como justiça a Abraão. Como lhe foi pois imputada? Estando na circuncisão ou na incircuncisão? Não na circuncisão, mas na incircuncisão. E recebeu o sinal da circuncisão, selo da justiça da fé, quando estava na incircuncisão, para que fosse pai de todos os que crêem, estando eles também na incircuncisão; a fim de que também a justiça lhes seja imputada; e fosse pai da circuncisão, daqueles que não somente são da circuncisão, mas que também andam nas pisadas daquela fé de nosso pai Abraão, que tivera na incircuncisão.

"Porque a promessa de que havia de ser herdeiro do mundo não foi feita pela lei a Abraão, ou à sua posteridade, mas pela justiça da fé. Porque, se os que são da lei são herdeiros, logo a fé é vã e a promessa é aniquilada. Porque a lei opera a ira. Porque onde não há lei também não há transgressão.

"Portanto, é pela fé, para que seja segundo a graça, a fim de que a promessa seja firme a toda a posteridade, não somente à que é da lei, mas também à que é da fé de Abraão, o qual é pai de todos nós." – Romanos 4:9-16

Ao passarmos a examinar duas séries de versículos deste capítulo, os versículos 9 a 12, e também, sucintamente nesta ocasião, os versículos 13 a 16, tomo a liberdade de lembrar-lhes o que exatamente o apóstolo faz neste capítulo.

Tendo exposto a sua doutrina da justificação somente pela

fé no fim do capítulo 3, no capítulo 4 ele trata de várias objeções que provavelmente os judeus apresentariam contra este ensino. Vimos que era provável que eles objetassem que, certamente, as obras devem desempenhar um papel em nossa salvação. O apóstolo já tratara disso nos versículos 1 a 5 em particular, onde ele mostra claramente que Abraão foi justificado por sua fé, e não pelas obras. Depois ele passa a mostrar que o ensino do Salmo 32 também dá suporte a esta doutrina.

Na seção que agora temos diante de nós, ele trata de mais duas objeções. A primeira é tratada nos versículos 9 a 12, onde ele refuta o argumento de que, mesmo que as obras não sejam assim essenciais, certamente a circuncisão o é. Da terceira objeção ele trata nos versículos 13 a 16, nos quais ele mostra que, da mesma maneira, estar "sob a lei", como somente os judeus estavam, não é a questão vitalmente importante quanto à justificação, e que a promessa a Abraão não só foi feita antes dele ter sido circuncidado, mas também, muitos antes da Lei ter sido dada por Deus mediante Moisés. O argumento dos judeus, com relação à circuncisão, era que ela certamente só pode ser essencial para a salvação; de outro modo, por que Deus a teria dado como um sinal? O apóstolo toma esse argumento e o refuta completamente, como é do seu costume.

Contudo, antes de examinarmos esse argumento, devo fazer uma digressão para comentar o poderoso, tenaz e sutil caráter da incredulidade. Notem que quando um argumento é demolido, outro é edificado imediatamente. Essa é a grande tragédia da humanidade, que insiste em continuar argumentando contra a sua própria salvação. O homem em pecado está sempre ansioso por reivindicar um diminuto crédito. Ele se sente ofendido pela doutrina segundo a qual a salvação é única e exclusivamente resultante do dom gratuito de Deus. Devemos notar, também, a paciência do apóstolo. Ele percebe, como alguém que sustentara essas idéias judaicas, quão profundamente arraigados estavam todos estes conceitos

errôneos, e, por isso, cuida de cada um deles, um por um, de maneira paciente e exaustiva. Em todos os seus argumentos pode-se ver o coração do pastor e o seu grande interesse por seus concidadãos segundo a carne.

Retornado ao nosso texto específico, no versículo 9 vemos que o apóstolo menciona a questão com estas palavras: "Vem pois esta bem-aventurança sobre a circuncisão somente, ou também sobre a incircuncisão? Porque dizemos que a fé foi imputada como justiça a Abraão". Pois bem, ele mostra de imediato que se trata puramente de uma questão de história, da história que podemos ler no Velho Testamento. Mais uma vez se nos faz lembrar o lugar do Velho Testamento e do seu ensino no pensamento e na vida do cristão. Não há nada mais tolo do que pensar que o cristão não tem mais nenhuma necessidade do Velho Testamento. É completamente impossível seguir a argumentação do Novo Testamento, especialmente das Epístolas de Paulo, sem algum conhecimento do Velho Testamento; pois estas questões estão profundamente arraigadas na história que ali se acha.

A resposta a esta questão levantada no versículo 9 é dada de maneira clara e categórica no versículo 10, e é no sentido de que Abraão foi justificado, não quando ele estava "na circuncisão, mas na incircuncisão". Abraão tinha de fato sido justificado e tinha recebido a dádiva da justificação muito antes de ser circuncidado. Sua justiça lhe fora imputada "pela fé", catorze anos antes da sua circuncisão. Há, portanto, um sentido no qual nada mais é preciso dizer; mas o fato é que Paulo prossegue e, nos versículos 11 e 12, dá-nos motivos adicionais que nos ajudam a entender porque a circuncisão foi estabelecida.

Pois bem, a asserção feita nestes dois versículos é sumamente importante e verdadeiramente maravilhosa. Eu sempre achei que é uma das declarações que faríamos bem em ler em voz alta, pois assim teríamos maior probabilidade de lhe dar a devida ênfase, e, portanto, poderíamos entendê-la

melhor. É uma linguagem judicial, e Paulo se faz repeticioso para garantir que não haja nenhum mal entendido. Como ele conhece o coração humano! Por isso não quer correr nenhum risco.

Quais serão, então, os motivos pelos quais a circuncisão foi estabelecida? Primeiro, a circuncisão era um sinal externo dado a Abraão como um selo da justiça que ele tinha recebido catorze anos antes. Ora, "selar" significa autenticar. Isso é ilustrado em toda parte nas Escrituras. Certamente vocês se recordam de que nos é dito em João, capítulo 6, versículo 27 – "porque a este o Pai, Deus, o selou". Todos os comentadores concordam que esta declaração se refere ao batismo do nosso Senhor, e significa que em Seu batismo Ele foi selado publicamente com o sinal da descida do Espírito Santo na forma de uma pomba sobre Ele. A palavra "selar" é empregada exatamente do mesmo modo com referência ao Espírito Santo em Efésios 1:13,14: "Em quem também vós estais, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação; e, tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa. O qual é o penhor da nossa herança, para redenção da possessão de Deus, para louvor da sua glória". O Espírito Santo sela para nós a promessa de Deus da nossa redenção suprema e final e de que receberemos a nossa grandiosa herança na glória. Tendo o Espírito Santo, eu sei que tudo o que Deus me promete já é meu num sentido muito real. Isso tudo foi selado para mim e em mim. O que o apóstolo está dizendo aqui é que, da mesma maneira, a circuncisão foi dada a Abraão como um sinal para autenticar a imputação da justiça a ele catorze anos antes.

Noutras palavras, o ensino é que a circuncisão por si mesma nada fez a Abraão. O principal motivo foi que Abraão precisava receber uma garantia da promessa; a promessa devia ser selada para ele e nele. E assim temos razão para dizer que a circuncisão não desempenhou nenhum papel na justificação de Abraão. Na verdade, dá-se exatamente o contrário. A

justificação é a base sobre a qual a circuncisão é dada. É inconcebível qualquer outra maneira de interpretar a declaração que o apóstolo faz na passagem que estamos estudando.

O segundo objetivo da circuncisão o apóstolo explica no versículo 11, a saber: "...para que fosse pai de todos os que crêem, estando eles também na incircuncisão; a fim de que também a justiça lhes seja imputada; e fosse pai da circuncisão, daqueles que não somente são da circuncisão, mas que também andam nas pisadas daquela fé de nosso pai Abraão, que tivera na incircuncisão". Ora, que significa isso? A declaração central é que Abraão é o pai de todos os que crêem. Ele é o pai, o modelo, o exemplo dominante, o arquétipo, o primeiro de uma grande sucessão.

Para dizê-lo doutra maneira, no caso de Abraão Deus define a justiça e estabelece e declara explicitamente o princípio com base no qual toda e qualquer pessoa pode ser justificada. Não devemos pensar que Abraão foi a primeira pessoa a ser justificada; é patente que seria um erro. Pessoas como Abel, Enoque, Noé e outras foram igualmente justificadas à vista de Deus, porém é no caso de Abraão que Deus torna clara, concreta e explícita a maneira pela qual Ele justifica os homens. Embora sempre tivesse sido este o meio empregado por Deus antes, ainda não tinha sido declarado desse modo, em termos de lei.

Mas nem aí Paulo o dá por encerrado. Ele sabe quão propensos nós somos para entender mal um ensino tão profundo. Por isso ele dá maiores explicações, definindo exatamente quem são os filhos de Abraão. Na passagem em foco temos que examinar duas declarações; a primeira acha-se na segunda metade do versículo 11, onde lemos: "...para que fosse pai de todos os que crêem, estando eles também na incircuncisão; a fim de que também a justiça lhes seja imputada". É óbvio que aí o apóstolo está se referindo especificamente aos incircuncisos, aos gentios. Foi necessário que ele salientasse isso, por causa do conceito defendido pelos

judeus, de que as pessoas não circuncidadas não tinham a mínima possibilidade de ser justificadas. Por isso ele ensina claramente que Abraão é o pai de todos os que crêem, mesmo que não tenham sido circuncidados; e a prova que ele dá está na afirmação de que o próprio Abraão foi justificado pela fé quando ainda era incircunciso, como já vimos, na verdade catorze anos antes de ser circuncidado.

A segunda declaração acha-se no versículo 12, onde lemos: "E fosse pai da circuncisão, daqueles que não somente são da circuncisão, mas que também andam nas pisadas daquela fé de nosso pai Abraão, que tivera na incircuncisão". Temos que ser muito cautelosos ao encarar este versículo porque é um versículo que pode ser mal entendido e mal interpretado, e é o que aconteceu muitas vezes. Alguns o entendem no sentido de, "os que foram circuncidados juntamente com os que crêem". É impossível que o sentido seja esse, pois, se fosse, seria uma tautologia, seria simplesmente uma repetição do que já tinha sido dito. Não! O que o apóstolo está dizendo aqui é que Abraão é também o pai na fé daqueles que pertencem à circuncisão, desde que tenham também crido. Notem como ele se expressa. Ele não diz simplesmente que Abraão é o pai da circuncisão, e fica nisso, pelo bom motivo de que uma pessoa pode ter sido circuncidada e ainda estar perdida. Por isso ele acrescenta a condição de que a pessoa circuncidada, a quem ele está se referindo, também creia, e ande na mesma fé na qual Abraão andava.

Noutras palavras, Abraão não é somente o pai de todos os incircuncisos que crêem, e sim também o pai de todos os circuncisos que andam na mesma fé na qual Abraão andava. É muito importante lembrar a negativa que Paulo coloca neste versículo dessa maneira.

Resumamos o ensino. A circuncisão, em si e de si, nada é. Ser circuncidado não vale nada em si mesmo. O apóstolo afirma isso claramente em Gálatas, capítulo 5, versículo 6: "Porque em Cristo Jesus, nem a circuncisão, nem a incircuncisão, tem

valor algum, mas a fé que atua pelo amor" (ARA). Essa é a maneira certa de entender a circuncisão. Filhos de Abraão são aqueles que têm a fé que Abraão tinha, e somente eles. O não entendimento deste ensino explica em grande parte o elemento trágico, não somente da história dos judeus, mas também da Igreja Cristã. Os judeus em geral falharam completamente não entendendo que a circuncisão é apenas um selo da justiça que é pela fé. Tomaram-na no sentido completamente oposto. Transformaram-na em algo que era meritório em si mesmo e a consideravam como algo pelo qual eles eram justificados. Supunham que estavam em paz com Deus porque tinham sido circuncidados. No entanto, toda a ênfase do ensino do apóstolo nesta grande Epístola é que o que importa não é a circuncisão, porém o princípio da fé. Na verdade, o apóstolo já tinha dito isso no capítulo 2, versículos 28 e 29. "Porque não é judeu o que o é exteriormente, nem é circuncisão a que o é exteriormente na carne. Mas é judeu o que o é no interior, e circuncisão a que é do coração, no espírito, não na letra: cujo louvor não provém dos homens, mas de Deus."

Esta linha particular de argumento que o apóstolo emprega aqui é de grande e vital importância para todos nós. Sua ênfase está em que este princípio de fé é a questão vitalmente importante. Nós, em nossa época e em nossa geração, devemos lembrar-nos de que o nosso nascimento natural, ou o fato de que podemos ter nascido numa família cristã, ou num lar cristão, não nos salva. Devemos compreender, igualmente, que o batismo não nos salva. De igual modo, sermos religiosos não nos salva. Somos salvos e justificados unicamente pela fé; pela mesma fé que Abraão tinha; este é o canal pelo qual a redenção adquirida mediante a obra realizada por nosso bendito Senhor e Salvador nos é comunicada. O batismo não passa de um selo. O ensino da regeneração batismal é clara negação da doutrina da justificação pela fé, e deve ser totalmente rejeitada. Construir alguma coisa sobre o batismo, salvo a selagem em nós feita por Deus da nossa justificação somente pela fé, é negar este

ensino vitalmente importante.

Nos versículos 13 a 16 o apóstolo volta-se para a terceira objeção, que ele sabia estar na mente dos judeus. Eles se agarravam a qualquer coisinha e lutavam contra a doutrina da justificação somente pela fé com todos os argumentos imagináveis. Aqui Paulo trata da relação da Lei com este assunto, e a questão que ele levanta é: será que a Lei justifica? Ou melhor, qual a relação entre a justificação pela fé e a Lei?

Mais uma vez o apóstolo argumenta quase exatamente do mesmo modo; no versículo 13 ele faz uma declaração e asserção categórica: "Porque a promessa de que havia de ser herdeiro do mundo não foi feita pela lei a Abraão, ou à sua posteridade, mas pela justiça da fé" – mais uma vez uma pura e simples declaração da história, de novo da história de Abraão. Contudo, depois o apóstolo vai adiante, passando a elaborar e desenvolver este ponto para nós.

Que é que Paulo quer dizer com a expressão "a promessa"? As palavras diretas que ele emprega aqui não foram proferidas literalmente para Abraão, mas certamente o sentido foi transmitido pelo que lemos primeiro em Gênesis 15:7: "Disse-lhe mais: Eu sou o Senhor, que te tirei de Ur dos caldeus, para dar-te a ti esta terra, para a herdares". Mas ainda mais claramente em Gênesis, capítulo 22, nos versículos 16 a 18, onde lemos que Deus disse: "Por mim mesmo, jurei, diz o Senhor: porquanto fizeste esta ação, e não me negaste o teu filho, o teu único, que deveras te abençoarei, e grandissimamente multiplicarei a tua semente como as estrelas dos céus, e como a areia que está na praia do mar; e a tua semente possuirá a porta dos seus inimigos. E em tua semente serão benditas todas as nações da terra; porquanto obedeceste à minha voz". O apóstolo mostra que está se referindo a essa promessa pelo que ele diz aqui, no versículo 18: "O qual, em esperança, creu contra a esperança que seria feito pai de muitas nações, conforme o que lhe fora dito : assim será a tua descendência".

O ponto importante que devemos captar aqui é que esta promessa foi feita a Abraão quatrocentos e trinta anos antes da Lei ter sido dada a Moisés (ver Gálatas 3:17). Além disso, somos levados a lembrar-nos de que a promessa feita a Abraão foi que ele seria herdeiro do mundo inteiro, e não somente da Terra Prometida. Uma cuidadosa leitura das Escrituras sobre esta questão esclarece que a promessa a Abraão foi muito maior do que meramente com relação a Canaã. Vejam, por exemplo, o que o nosso Senhor disse no Sermão do Monte: "Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra" (Mateus 5:5). Isso só pode referir-se ao que será uma realidade para nós no reino supremo e universal do Senhor Jesus Cristo. Encontramos a mesma verdade em 1 Coríntios, capítulo 6, versículos 2 e 3: "Não sabeis vós que os santos hão de julgar o mundo? Ora, se o mundo deve ser julgado por vós, sois porventura indignos de julgar as coisas mínimas? Não sabeis vós que havemos de julgar os anjos? Quanto mais as coisas pertencentes a esta vida?" Portanto, a promessa feita a Abraão não deve limitar-se à Terra Prometida; estende-se à terra toda. É certo, naturalmente, que a promessa aos filhos de Abraão segundo a carne dizia respeito à Terra Prometida, porém do próprio contexto da passagem que estamos focalizando e doutras porções das Escrituras fica claro que não devemos limitar o sentido unicamente a isso. Estamos lidando aqui com o que será uma realidade para aqueles que são filhos de Abraão "pela fé", para aqueles que são sua semente espiritual.

Isso nos leva à palavra "semente". É também de tremenda importância. Afortunadamente o apóstolo a define para nós em Gálatas 3:16 (VA): "Ora, as promessas foram feitas a Abraão e à sua semente. Não diz: e às sementes, como de muitas, mas como de uma só: e à tua semente, que é Cristo". É aí que obtemos a verdadeira interpretação desta palavra, e é aí que nos são dados o verdadeiro sentido e o entendimento de versículos como os de Gênesis 17:7,8: "E estabelecerei o meu concerto entre mim e ti e a tua semente depois de ti em suas

gerações, por concerto perpétuo, para te ser a ti por Deus, e à tua semente depois de ti. E te darei a ti, e à tua semente depois de ti, a terra de tuas peregrinações, toda a terra de Canaã em perpétua possessão, e ser-lhes-ei o seu Deus". A referência final e definitiva é ao Senhor Jesus Cristo. Ele é a "Semente", e nós só somos semente de Abraão por estarmos em Cristo. Todas as grandes promessas que nos vêm, só nos vêm por meio do fato de que estamos nEle. E, como se nos faz lembrar no capítulo oito desta Epístola, no versículo 17, "E, se nós somos filhos, somos logo herdeiros também, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo". Retrocedendo a Gênesis 3:15, temos a primeira referência à "semente"; depois nada mais ouvimos a respeito, durante séculos, até que esta promessa foi feita a Abraão e à sua semente. A "Semente" é Jesus Cristo, que é o filho de Davi e o filho de Abraão.

O que devemos ter sempre em mente é que o estar em Cristo nos faz semente de Abraão e, daí, "herdeiros segundo a promessa". Não devemos limitar a promessa à terra da Palestina somente, e pensar que os herdeiros da promessa são apenas os judeus, os quais são os herdeiros naturais de Abraão, e os filhos de Abraão somente segundo a carne. Aquilo em que devemos regozijar-nos é o que nos é dito de maneira tão gloriosa em Efésios, capítulo 2, versículos 12 e 13: "Que naquele tempo estáveis sem Cristo, separados da comunidade de Israel, e estranhos aos concertos da promessa, não tendo esperança, e sem Deus no mundo. Mas agora em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, já pelo sangue de Cristo chegastes perto". E também a grande declaração registrada em Efésios 3, versículos 5 e 6, onde, referindo-se à revelação que lhe tinha sido dada a conhecer concernente ao mistério, o apóstolo diz: "A saber, que os gentios são co-herdeiros, e de um mesmo corpo, e participantes da promessa em Cristo pelo evangelho".

Essa é a grande e maravilhosa promessa. Não se aplica somente aos judeus, nem somente à terra da Palestina. Aplica-se a todos os verdadeiros filhos espirituais, aos "filhos da fé".

Não devemos pensar mais nestas questões em termos de judeus e gentios, circuncisão ou incircuncisão, estar ou não debaixo da Lei. Em Cristo Jesus "não há grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, servo ou livre" (Colossenses 3:11; Gálatas 3:28). Graças a Deus, a justificação é somente pela fé, e não é determinada por estas outras considerações. O apóstolo prosseguirá, para desenvolver este argumento concernente à Lei ainda mais minuciosamente.

14

SALVAÇÃO GARANTIDA PELA GRAÇA ONIPOTENTE

"Porque a promessa de que havia de ser herdeiro do mundo não foi feita pela lei a Abraão, ou à sua posteridade, mas pela justiça da fé. Porque, se os que são da lei são herdeiros, logo a fé é vã e a promessa é aniquilada. Porque a lei opera a ira. Porque onde não há lei também não há transgressão.

"Portanto é pela fé, para que seja segundo a graça, a fim de que a promessa seja firme a toda a posteridade, não somente à que é da lei, mas também à que é da fé de Abraão, o qual é pai de todos nós. (Como está escrito: por pai de muitas nações te constituí) perante aquele no qual creu, a saber, Deus, o qual vivifica os mortos, e chama as coisas que não são como se já fossem". – Romanos 4:13-17

Passemos agora ao terceiro argumento do apóstolo referente à questão da justificação somente pela fé. Ele já tratara do argumento concernente às obras e do argumento concernente à circuncisão. Agora ele trata desta objeção, que muitos judeus faziam contra a fé cristã, que parece que vinha permeando todo o ensino do Velho Testamento com relação à Lei. Ele trata deste ponto particular em termos da promessa feita a Abraão e à sua semente. Vimos que "Semente" refere-se à Pessoa do Senhor Jesus Cristo e a tudo o que nEle há. Deduzimos isso do ensino do capítulo três da Epístola aos Gálatas, onde o apóstolo diz: "Não às sementes, como de muitas, mas à tua semente, como de uma só, que é Cristo" (VA). Ademais, vimos que a promessa

referia-se, não somente à posse da terra da Palestina pelos hebreus, mas também ao grande dia que virá, quando "os reinos do mundo (virão) a ser de nosso Senhor e do seu Cristo" (Apocalipse 11:15). É a promessa concernente ao grande e glorioso dia em que "haverá novos céus e nova terra, em que habita a justiça" (2 Pedro 3:13), e Cristo e Seu povo reinarão com glória nesse mundo glorificado.

Passemos agora ao seu preciso argumento. Notem como ele o expressa. Desta vez ele não faz pergunta, ele faz uma afirmação. No versículo 13 há uma declaração categórica de que a promessa não foi feita a Abraão por meio da Lei, mas por meio da justiça da fé. Mais uma vez o apóstolo está apenas afirmando que se trata de uma pura questão de história. A história acha-se naqueles capítulos do livro de Gênesis que falam de Abraão; e é importante ir lá examiná-los. A argumentação geral do apóstolo repousa na história. Praticamente, o que Ele diz é o seguinte: é pura questão de história, a história de que vocês, judeus, gostam tanto e da qual vocês se gabam. É simplesmente um fato da história que quando Deus fez esta promessa a Abraão não a fez, em nenhum sentido, em termos da Lei; foi pura graça; foi simples promessa. Ele não baixou condições quanto ao que Abraão teria que fazer ou não fazer. Foi inteiramente uma questão de promessa.

Falo dessa maneira, primeiro, porque muitas autoridades estão de acordo em afirmar que o que está sendo dito na passagem em foco não se refere tanto à Lei de Moisés como lei em geral. Elas concordam que o original diz: "A promessa de que ele seria herdeiro do mundo não foi feita a Abraão e à sua semente por meio da lei". O original não diz: "*a* lei". "Por meio de lei." Isso é o certo. Contudo, certamente o apóstolo está se referindo aqui mais especificamente à Lei dada por intermédio de Moisés. Assim é que o que ele está dizendo é isto: a promessa foi feita por Deus a Abraão, não por meio da Lei, porque a Lei foi dada só muito mais tarde. Deus fez esta promessa a Abraão quatrocentos e trinta anos antes de ter dado

a Lei, por meio de Moisés, aos filhos de Israel. Como a promessa foi feita antes da introdução da circuncisão, foi igualmente feita antes da introdução da Lei. Assim, a promessa em nenhum sentido foi feita a Abraão por meio da Lei, mas, sim, como o apóstolo já tinha estabelecido, por meio do que ele chama "justiça da fé". Foi inteiramente à luz desta justiça de Abraão, que veio por meio da fé, e não, de maneira nenhuma, por seu esforço para amoldar-se às exigências da lei moral. Essa Lei ainda não tinha sido dada. A distinção traçada no versículo 16 entre as duas espécies de semente – "a que é da lei e a que é da fé" – confirma esta interpretação de que "lei" significa a Lei dada por meio de Moisés.

Depois disso o apóstolo tem outro argumento, o segundo, que ele desenvolve nos versículos 14 e 15. Este argumento se baseia na natureza da própria Lei. O primeiro argumento é poderoso; afinal de contas, a história é importante. Mas este não é apenas uma questão de história. A própria natureza da Lei prova que a promessa não foi feita por meio dela, e sim inteiramente por intermédio da justiça da fé. Qual será este segundo argumento? Mais uma vez ele o divide em duas partes, uma no versículo 14 e a outra no versículo 15; na verdade, ambas estas partes se dividem em mais duas. Veja o versículo 14: "Porque, se os que são da lei são herdeiros" – ora, então, a primeira conseqüência seria: "logo a fé é vã". Que quer dizer isso? Quer evidentemente dizer que, se é pela Lei que a promessa foi feita, e chega a nós, bem, então, não há lugar para a fé. Por que não? Porque a Lei está sempre interessada em obras e feitos. A Lei sempre vem a nós e nos diz: "Se você fizer isto", ou "Você tem que fazer isto, e não deve fazer aquilo" – a Lei sempre se refere às nossas ações, à nossa conduta e ao nosso comportamento. A lei ordena algumas coisas e proíbe outras. O princípio é que a preocupação e o interesse da lei visam sempre aos nossos feitos, às nossas obras, à nossa conduta, às nossas ações, ao nosso comportamento. Portanto, no momento em que você introduz a Lei, você retorna às obras, e

a fé não é levada em conta. A Lei é matéria de mandamentos, positivos e negativos, proibições, vetos e injunções. Assim, no momento em que você introduz a Lei, é o que diz Paulo, a fé é banida, a fé é posta fora. A fé é algo que se opõe às obras.

Mas não somente isso; diz ele na segunda metade deste versículo catorze que há uma segunda conseqüência. Se você introduz a Lei, "a promessa é aniquilada". Como acontece isso? Se você disser que a promessa a Abraão foi feita com a condição de que ele observasse ou guardasse a Lei, isso imediata e automaticamente significaria que a promessa nunca poderia ter sido feita, nem jamais poderia ser cumprida. Por quê? Porque, como Paulo já o tinha provado, nunca se encontrará alguém capaz de cumprir a Lei. Portanto, se Deus tivesse dito a Abraão: "Vou fazer-lhe uma grande promessa, porém com a condição de que você cumpra a Lei", então bem faria em não ter feito a promessa. Ninguém pode guardar a Lei. "Todos pecaram, e destituídos estão da glória de Deus." "Não há um justo, nem um sequer." "Pela lei vem o conhecimento do pecado." Lei significa fracasso. Logo, se a promessa fosse feita utilizando a Lei como meio, então, por assim dizer, o que Deus estaria dando com a mão direita, Ele estaria tirando com a esquerda. Não haveria promessa alguma; não teria valor nenhum. Esse é o argumento do versículo 14. Um argumento duplo, como vocês podem ver, baseado na própria natureza da lei.

Depois, no versículo 15, ele tem mais um argumento, igualmente de duas partes, em termos doutro aspecto da natureza da lei. Qual é esse argumento? Diz ele: "Porque a lei opera a ira". Pois bem, essa declaração é sumamente importante. Diz o apóstolo que o que a Lei de fato produz é a ira; e a ira é exatamente o oposto da promessa de bênção. Ira significa punição. A promessa oferece uma herança, vida, alegria e glória. A ira significa punição e sofrimento. Assim, Paulo argumenta no sentido de que falar de uma promessa feita por intermédio da Lei é uma contradição de termos, porque a lei sempre opera

a ira. Como, porém, a Lei opera a ira? A Lei sempre leva à condenação, como ele o demonstrara fartamente; e, naturalmente, faz isso por causa da nossa pecaminosidade. O que a Lei faz é mostrar a nossa fraqueza e os nossos pecados. Esse foi o efeito da dádiva da Lei. Deus nunca deu a Lei com o propósito de que os homens fossem salvos por ela. A tarefa da Lei foi trazer à luz o caráter do pecado. Foi mostrar "a excessiva gravidade do pecado". As pessoas não tinham claro entendimento do que é o pecado. Deus Se propôs a defini-lo para elas, e Ele o definiu na Lei. A Lei estabelece com exatidão o que é pecado, e portanto salienta a gravidade dele; e com isso a Lei opera a ira.

No capítulo sete veremos o apóstolo ensinando que "a lei opera a ira" noutro sentido, a saber, que, apesar da Lei ser em si mesma santa, boa e pura, visto que eu sou carnal e pecador, ela se torna morte para mim. Ao ordenar-me que eu não faça uma coisa, a Lei provoca em mim um anseio por fazer exatamente aquela coisa – devido eu ser pecador. Quando a Lei vem e me diz: "Você não deve fazer isso e aquilo", ela dirige a minha mente para aquilo e, porque a minha natureza é pecaminosa, cria em mim o desejo de fazê-lo. Assim, em certo sentido, a própria Lei de Deus que proíbe o pecado acaba nos levando a pecar. A razão disso não é que haja algo errado na Lei, mas que há algo terrivelmente errado em nós. Logo, se a promessa fosse em termos da Lei, essa nada produziria para nós, senão ira e condenação.

A seguir o apóstolo suplementa isso e o expõe ainda mais claramente dizendo: "Porque onde não há lei também não há transgressão". Pois bem, essa verdade segue-se do que estive dizendo. Naturalmente o apóstolo não está dizendo que onde não há Lei não há pecado nem falta. Havia pecado e falta antes de Deus ter dado a Lei por meio de Moisés. Mas o que a Lei faz é definir o pecado e torná-lo transgressão. Ela o estabelece. Codifica-o. O efeito visado pela Lei é tornar a nossa culpa ainda mais evidente e óbvia. O apóstolo já dissera isso com clareza

nos versículos 19 e 20 do capítulo três, com estas palavras: "Ora, nós sabemos que tudo o que a lei diz, aos que estão debaixo da lei o diz, para que toda boca esteja fechada e todo o mundo seja condenável diante de Deus. Por isso nenhuma carne será justificada diante dele pelas obras da lei, porque pela lei vem o conhecimento do pecado". Deveria ser óbvio, pois, que, se a promessa fosse dada por meio da Lei, nem uma só pessoa seria beneficiada, porque a Lei nos condena, a todos e a cada um de nós. Ela traz o conhecimento do pecado; ela nos torna a todos inescusáveis e nos deixa no desamparo.

Aí está, então, o seu argumento preliminar com relação a este ponto que trata da promessa. A promessa não veio, diz ele, negativamente, por meio da Lei – versículos 13, 14 e 15. Mas nos versículos 16 e 17 ele vê o ponto positivamente. Que mudança! Que diferença! O aspecto negativo era absolutamente essencial. Tínhamos que ter claro entendimento destes elementos negativos, e por isso ele arrasou a suposição de que a promessa poderia vir por meio da Lei. Ele a varreu do campo. Todavia agora a expõe positivamente, e, de fato, ao mesmo tempo conclui sua grande argumentação sobre o tema da justificação somente pela fé. O que temos do versículo 18 ao fim do capítulo nada mais é, realmente, do que um sermão sobre a fé genuína e concreta de Abraão como essa fé se evidenciou na prática. Pode-se dizer que a teologia termina no fim do versículo 17.

Vejamos o que ele diz nos versículos 16 e 17. Temos aí uma das mais gloriosas, comoventes e ressonantes declarações que se acham em tão grande profusão nos escritos deste vigoroso apóstolo. "Portanto é pela fé, para que seja segundo a graça, a fim de que a promessa seja firme a toda a posteridade" (ou "a toda a semente", VA). Primeiro, tratemos de dar clareza aos nossos termos. "Portanto", diz ele – pelas razões há pouco aduzidas, dado o argumento geral que ele estivera desenvolvendo – "Portanto é pela fé". O que é pela fé? Bem, particularmente a promessa, a promessa que Deus fez a Abraão,

promessa que chega a nós como filhos de Abraão, como filhos da fé. A salvação – tudo o que nos espera como povo de Deus – é pela fé. De fato o apóstolo não diz "é", mas os tradutores acertadamente o suprem, como também o termo "seja", colocando-os em itálico. Vejamos o que de fato o apóstolo disse. Tendo elaborado e exposto os seus argumentos negativos, ele disse: "Portanto pela fé, para que segundo a graça".

Por que deveria ser assim? Por que deve ser pela fé, não pelas obras, não pela circuncisão, não pela lei, não pelas ações – por que deve ser "pela fé" ou "da fé"? O apóstolo dá bom número de respostas, que devemos considerar. A primeira é que deve ser, e é, pela fé para que seja pela graça. Como se dá isso? Que é graça? Já o vimos. Ele já tinha empregado esse termo no capítulo 3, versículo 24, onde diz: "Sendo justificados gratuitamente pela sua graça". Graça é "favor gratuito e imerecido". Graça é bondade mostrada para com alguém que absolutamente não a merece, mas que merece exatamente o oposto. É absolutamente livre, gratuita, é inteiramente imerecida por parte de quem a recebe. Não há necessidade de argumentar sobre isso, diz o apóstolo. "Portanto" – isso está claro, em vista do que ele já estivera firmando e afirmando.

Podemos resumir o ponto da seguinte maneira: é preciso que seja pela fé, ou, de outro modo, não poderia ser pela graça. Há certas coisas que sempre são correlativas, há certas coisas que sempre são entrelaçadas. Eis alguns exemplos: as obras e as ações sempre estão ligadas à Lei, e a ela pertencem. Isso é característico da Lei, como já vimos – feitos, ações, conduta, comportamento. No momento em que você diz "Lei", você pensa nessas coisas; ou, quando você começa a falar em ações, conduta e comportamento, automaticamente pensa na Lei. Mas então, por outro lado, a fé é o correlativo de graça. No momento em que você menciona o termo graça, automaticamente você pensa na fé; ou, se fala da fé, automaticamente pensa na graça.

Esse raciocínio não se limita ao apóstolo Paulo. No prólogo do Evangelho Segundo João temos exatamente a mesma coisa. "A lei", diz João, "foi dada por Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo." Há contrastes – há certos termos que são entretecidos e interligados. O apóstolo atribui tanta significação a isso que vocês verão que no capítulo onze desta Epístola ele o diz com muita clareza no versículo 6. Diz ele: "Se é pela graça, já não é pelas obras; de outra maneira, a graça já não é graça. Mas se é das obras, não é mais graça; de outra maneira, as obras já não são obras" (VA). Se você estiver falando em graça, diz ele, bem, então não fale em obras. Você não deve misturar os termos, não deve contradizer-se. Se é pela graça, deixou de ser pelas obras; de outro modo, a graça já não é graça. Entretanto, por outro lado, se alguma coisa é das obras, bem, então não fale em graça, porque, se o fizer, estará misturando os termos de novo, e as obras já não são obras. Como não se pode misturar preto e branco, não se pode misturar obras e graça. Estas coisas são opostos eternos, e, se você introduzir as obras na esfera da graça, a graça deixará de ser graça. Ou, se você introduzir a graça na esfera das obras, as obras deixarão de ser obras. É uma coisa ou a outra; estas duas nunca podem ser postas juntas.

Eis então o argumento de Paulo: sob a Lei é sempre matéria de mérito, de merecimento. Se você estiver sob a Lei e fizer alguma coisa, apresentará sua conta. Você dirá: pois bem, fiz o que me foi solicitado e, portanto, solicito pagamento. E você terá direito de fazer isso. Estará requerendo recompensa. Sob a Lei é questão de merito, é questão de um homem reivindicar galardão. Mas a graça é, inteiramente, dádiva gratuita de Deus, recebida pela fé. Não há nenhum mérito, não há nenhuma reivindicação, não há nenhuma exigência. Estas duas coisas são polos à parte; estão separadas eternamente.

Disso o apóstolo tira algumas deduções. A primeira é a seguinte: somente o meio constituído pela fé garante que seja

inteiramente de graça, e que, portanto, a glória seja totalmente de Deus, e dEle somente. Na salvação a glória que há é unicamente a de Deus; e, se você introduzir algo que não seja a fé, estará tirando parte da Sua glória. Se você começar a falar sobre obras e sobre a lei, o homem estará fazendo uma reivindicação, e você estará menosprezando a glória da graça de Deus. O princípio da fé leva à graça; e a graça é uma das manifestações da glória de Deus. Esse, garante Paulo, é o meio de salvação; foi como a promessa veio a Abraão. Não há nada de que o homem possa gabar-se, nem mesmo a fé. Se você se gabar da sua fé, se você se gabar do fato de que você crê enquanto outros não crêem, já não será graça; e já não será para a glória de Deus, mas o crédito vai ser para a sua crença. Terá que ser, ou de obras, ou de fé; e se você reivindicar mérito, ainda que por sua fé, estará transformando a sua fé em obras, e estará usurpando parte da glória de Deus, estará diminuindo o princípio da graça e da gratuidade da dádiva. É totalmente de Deus; e é pela fé para que seja pela graça, a fim de que Deus tenha toda a glória.

O apóstolo, porém, tem um segundo argumento. Diz ele que é somente este meio, a fé, que garante o caráter compreensivo da promessa de salvação. Quando digo caráter "compreensivo", quero dizer que é o único meio que garante a inclusão tanto de judeus como de gentios – tanto a circuncisão como a incircuncisão. Diz ele: "É tudo da fé para que seja pela graça, com o fim de (com o objetivo, para que possa garantir) que a promessa esteja assegurada a toda a semente; não somente à que é da lei, mas também à que é da fé de Abraão, que é o pai de todos nós" (VA). Ele afirma que a salvação tem que ser da fé, não somente porque esse é o único meio pelo qual a graça age e pelo qual Deus pode ter glória exclusiva, mas também porque, se fosse pela Lei, seria uma salvação só para os que estão debaixo da Lei. Os que nunca tiveram a Lei e nunca estiveram debaixo dela não teriam nenhuma esperança.Todavia, diz ele, já vimos e estabelecemos que esta é

uma salvação que beneficia tanto os circuncisos como os incircuncisos, tanto os pagãos e os gentios como os judeus. Mas isso só é possível com base na promessa da fé. Se fosse qualquer outra coisa, os gentios estariam fora, estariam excluídos. Mas não é esse o caso; porque esta salvação, esta promessa, não é somente para a semente de Abraão que estava sob a Lei, isto é, para os judeus que foram circuncidados e foram educados sob a Lei, porém que agora criam no evangelho e se haviam tornado verdadeira semente de Abraão. Ele está repetindo e reforçando com outras palavras a tese que já defendera no versículo 11 deste mesmo capítulo: "E recebeu o sinal da circuncisão, selo da justiça da fé, quando estava na incircuncisão, para que fosse pai de todos os que crêem, estando eles também na incircuncisão; a fim de que também a justiça lhes seja imputada". Depois, no versículo 12: "E fosse pai da circuncisão, daqueles que não somente são da circuncisão...". O que lhes traz a bênção não é o fato de que tinham sido circuncidados, mas, sim, que "andam nas pisadas daquela fé de nosso pai Abraão, que tivera na incircuncisão". O que importa não é a circuncisão, e sim o fato de que eles exercem a mesma fé que Abraão exercia.

Pois bem, Paulo está repetindo tudo aqui: "...com o fim de que a promessa esteja assegurada a toda a semente; não somente à que é da lei" – não apenas à semente física de Abraão, os crentes que eram judeus circuncidados e que outrora estiveram debaixo da Lei, porém que agora se tornaram verdadeiros filhos de Abraão, mas também a estes outros que nunca estiveram debaixo da Lei e que nunca foram circuncidados, os quais pela fé, e tendo a mesma fé que Abraão tinha, tornaram-se filhos de Abraão e semente de Abraão, que é o pai de todos nós. Ele é o pai de "todos" os que crêem, sejam judeus ou gentios, bárbaros, citas, escravos ou livres, homens ou mulheres. Ele é o pai de todos os que estão em Cristo, porque são todos "da fé". O ponto é que a promessa foi feita a Abraão inteiramente à parte da Lei. Abraão não estava debaixo

da Lei quando a promessa lhe foi feita, e todos os que são "filhos da fé" tornam-se herdeiros da promessa exatamente da mesma maneira hoje. É sempre pela fé e inteiramente à parte da Lei.

Que maravilhosa verdade é esta para nós! O ponto é que podemos entrar nesta salvação independentemente dos nossos antecedentes. Não importa se você é judeu ou gentio. O princípio é de fé e graça, e continua sendo. Podemos pregar este evangelho a todas as nações, a todas as pessoas. Não importa quem entra num local de culto para ouvi-lo, se é bom ou mau, se vem de um palácio ou da favela, se é altamente religioso ou se é irreligioso, não faz diferença. Essa é a glória da pregação do evangelho. Muitos que vêm ouvir o evangelho foram criados numa atmosfera religiosa, em lares religiosos, sempre freqüentaram igreja e Escola Dominical, nunca perderam reuniões; todavia, podem ser pessoas não regeneradas. Necessitam da mesma salvação da qual necessita o ouvinte que nunca tinha estado dentro de uma casa de Deus. Pode ter vindo de alguma sarjeta; não importa. É o mesmo meio, o mesmo evangelho para ambos os tipos, e ambos têm que vir da mesma maneira. A religiosidade de nada vale; a moralidade não conta; nada importa. Todos estamos reduzidos ao mesmo nível porque é "pela fé", porque é "pela graça". Esse é a grande carta-régia do missionário. É por isso que pregamos o mesmo evangelho exatamente a pessoas que foram criadas religiosamente e a pagãos de países não evangelizados, que nunca viram uma Bíblia e que nunca nem sequer ouviram o nome de Deus. É exatamente o mesmo evangelho para todos, e todos os que crêem têm que vir a Deus por meio de Cristo, do mesmo modo. Por este princípio a promessa é assegurada a "toda a semente", quer judeus quer gentios.

Mas nem mesmo aí nos detemos. Só este meio de graça e de fé garante a consumação da salvação de qualquer de nós e de todos nós. "Portanto, é da fé para que seja pela graça, com o fim de que a promessa seja assegurada a toda a semente."

Somente isto torna "segura" a salvação e garante a sua completitude. A salvação, graças a Deus, é totalmente de Deus; é toda ela da graça de Deus. E é somente por essa razão que ela é certa e segura. A salvação final de vocês, e a minha, na glória, só é garantida por uma coisa: é pela graça e mediante a fé, e não pelas obras ou pela circuncisão ou pela Lei ou por qualquer coisa que haja no homem. A nossa salvação é segura e certa porque se baseia no caráter de Deus, em Sua graça abundante e eterna. Vocês compreendem isso? Se a nossa salvação e a nossa chegada final à glória dependessem nalgum sentido de nós mesmos e de nossas capacidades e faculdades, de nossos poderes e de nossa fidelidade ou de nosso entendimento, nenhum de nós jamais chegaria à glória.

Posso provar isso. Quando o homem era perfeito no paraíso, ele falhou e caiu. No Éden a relação com Deus era baseada na aliança das obras. O homem estava livre do pecado, era perfeito; nunca tinha feito nada contra Deus, e Deus fez com ele uma aliança de obras. Ele disse: você permanecerá aqui, você terá a imortalidade, se cumprir a minha Lei. Mas, mesmo no paraíso, sem nenhum pecado em seu ser, o homem caiu – mesmo quando era perfeito, ele caiu. Que esperança haveria, então, para qualquer de nós, imperfeitos como somos, com o pecado em nossa própria natureza, se a nossa persistência e a nossa perseverança dependessem de nós? Se a nossa salvação definitiva dependesse nalgum sentido ou de alguma forma de alguma coisa existente em nós, nem um só de nós teria a salvação cabal.

Graças a Deus que não depende de nós, mas "é da fé para que seja pela graça, com o fim de que a promessa seja assegurada a toda a semente". Não está em nossas mãos, graças a Deus. Está em Suas mãos, e, portanto, não pode falhar. "Aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao dia de Jesus Cristo" (Filipenses 1:6). "Estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a

profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor" (Romanos 8:38,39). Por causa da minha fé? Não! Mas porque estou em Suas mãos. Não porque eu me seguro nEle, mas porque Ele me segura poderosamente!

No entanto, vocês poderão dizer que isso é tão-somente a teologia de Paulo. Ouçam então o Senhor Jesus Cristo dizer a mesma coisa: "E dou-lhes a vida eterna, e nunca hão de perecer, e ninguém as arrebatará da minha mão. Meu Pai, que mas deu, é maior do que todos; e ninguém pode arrebatá-las da mão de meu Pai" (João 10:28,29). É impossível. É porque estamos nesta mão, na mão de Deus, na mão de Cristo, que a nossa salvação é certa e absolutamente segura.

Mas mesmo agora o apóstolo ainda não está satisfeito. Ele prossegue e torna a dizê-lo, a reforçá-lo e a sublinhá-lo no versículo 17. Há um parêntese aqui; os parênteses estão colocados no início: "(Como está escrito: por pai de muitas nações te constituí)". Esqueçam isso por ora e leiam a declaração continuadamente, assim: "Portanto é pela fé, para que seja segundo a graça, a fim de que a promessa seja firme a toda a posteridade, não somente à que é da lei, mas também à que é da fé de Abraão, o qual é pai de todos nós, perante aquele no qual creu, a saber, Deus...". Que significa isso? Esta é a base, a única e definitiva base da nossa salvação; é a nossa esperança, é a nossa segurança.

Paulo aqui nos leva de volta àquela ocasião histórica em que Deus chamou Abraão e lhe disse: "Saia da sua tenda e fique aqui. Olhe em volta, veja as estrelas no céu. Pode contá-las? Jamais o conseguirá; são incontáveis, inumeráveis. Observe-as! Abraão, eu vou fazer de você o pai de muitas nações, e a sua semente será como aquelas estrelas nos céus e como a areia da praia do mar – inumeráveis". Abraão ficou lá, como Paulo diz, "perante Deus". Deus olhou para Abraão e lhe disse: "Você será pai de toda essa posteridade" ou "de toda essa semente". Ele é o pai de toda a semente "perante Deus" –

ou, se vocês o preferirem, ele é o pai de toda a semente que permanece na presença do Deus em quem ele havia crido.

Noutras palavras, o que Paulo está dizendo é que Abraão, já desde ali, era o "pai de todos" aos olhos de Deus. Naturalmente, ele não o era de fato. Nem de Isaque ele era pai naquela altura. Isaque ainda não tinha nascido, e parecia impossível que viesse a nascer, porque Abraão tinha noventa e nove anos de idade e Sara tinha noventa – o casal não tinha filhos. Contudo, aos olhos de Deus ele já era pai de Isaque e de toda a semente. É isso que "perante Deus" significa. Ele era pai de toda a semente, pai desta progênie infindável, pai de todos os fiéis, pai de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo segundo a carne, porque Ele veio dos lombos de Abraão. Deus via Abraão sob essa luz, ali mesmo onde Abraão estava, sob aquele céu e sob as estrelas que brilhavam sobre ele. Deus viu isso tudo. Deus o viu como o pai da semente, o progenitor desta poderosa raça que haveria de vir, e de quem viria "Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão" (Mateus 1:1).

Como Deus pôde fazer isso? Façamos a pergunta com reverência. Como foi possível que Deus fizesse tal coisa? Como pôde falar com Abraão daquela maneira, quando Abraão era um velho e Sara tinha noventa anos de idade? Não se pode ter filhos nessa idade, conforme o curso da natureza; é impossível. E, todavia, Deus diz isso, Deus o vê. Como é possível? Paulo nos dá a resposta: "Deus, o qual vivifica os mortos, e chama as coisas que não são como se já fossem", o que significa que Deus pôde falar daquele modo a Abraão porque "para Deus nada é impossível" (Lucas 1:37; 18:27); Deus pode até "vivificar os mortos". E Ele o fez. Ele vivificou Abraão, Ele vivificou Sara, para que eles pudessem gerar um filho, o filho a quem chamaram Isaque. No sentido natural, Ele vivificou aqueles dois corpos que estavam "mortos" do ponto de vista da geração de filhos. Entretanto, numa figura, Deus fez a mesma coisa mais tarde, sobre o sacrifício de Isaque. Foi por isso que Abraão nunca vacilou, nem quando concretamente levantou o cutelo

para matar Isaque como uma oferta. Diz-nos o capítulo onze da Epístola aos Hebreus que ele sabia que, mesmo que matasse Isaque, Deus tinha poder para ressuscitá-lo dos mortos. Ele tinha a fé necessária para acreditar nisso. E Deus de fato o fez, num sentido figurado.

Mas está em vista um evento bem maior e mais grandioso, projetado pelo que aconteceu ali com Isaque. O Filho de Deus, a "Semente", veio ao mundo. Todavia os homens O tomaram com mãos cruéis, condenaram-nO e O cravaram num madeiro. Ele morreu, os homens colocaram Seu corpo num sepulcro e rolaram uma pedra sobre a entrada do sepulcro, e o selaram. Mas DEUS vivificou o morto. Ele O ressuscitou dentre os mortos e, por meio dEle, trouxe à luz a vida e a imortalidade. Por isso Deus pôde falar como falou com Abraão. Deus não dá atenção às dificuldades. Ele conhece o Seu poder soberano. Ele "vivifica os mortos". Ele é onipotente.

Pois bem, em segundo lugar, Ele "chama as coisas que não são como se já fossem". Outra tradução diz: Ele convoca as coisas não existentes como se fossem existentes". Que significa isso? Significa, talvez, que Ele as chama à existência. Não há nada ali, mas Deus pode chamar do nada algo à existência. Deus disse: "Haja luz. E houve luz". Não havia nada lá antes, não havia nada senão um vazio, quando Deus disse: "Haja luz". Ele a chamou à existência; chamou-a do nada.

Mas eu creio que há também um outro sentido, igualmente bom, igualmente importante, igualmente glorioso. O termo "chamar" às vezes significa "dar nome a". "Quem a todas chama pelos seus nomes", diz Isaías no capítulo 40. Ele chama todas as coisas pelos seus nomes. Deus pode fazer isso. Noutras palavras, Deus olhou para este velho homem, Abraão, estando ele ao ar livre, contemplando as estrelas, e com Sara ali na tenda, e, por assim dizer, Deus "chamou" a semente à existência e imediatamente deu-lhes nomes – o nome de vocês, o meu. Deus conhecia a semente naquele tempo, e já estava usando os

seus nomes antes deles virem à existência. É por isso que "Ele vê o fim desde o princípio", e o que Ele planeja certamente virá a acontecer. Essa é a razão pela qual Paulo diz no capítulo oito desta Epístola, versículo 29: "Os que dantes conheceu também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho... E aos que predestinou a estes também chamou, e aos que chamou a estes também justificou; e aos que justificou a estes também glorificou". Ele já fez tudo isso. Todavia, eu e vocês ainda estamos na terra; ainda não fomos glorificados. Pode ser, diz o apóstolo, mas para Deus as coisas são diferentes; Ele vê o fim desde o princípio. Aos olhos de Deus já fomos glorificados. Na verdade, na Epístola aos Efésios o apóstolo afirma que eu e vocês já estamos "assentados nos lugares celestiais, em Cristo Jesus" (2:6). Seja onde for que vocês estejam sentados neste momento, se estão em Cristo, eu lhes asseguro que estão também sentados nos lugares celestiais, em Cristo Jesus. Deus os vê lá.

Noutras palavras, o apóstolo está dizendo que Deus pôde ver daquele modo Abraão – sem herdeiro e sem filho nenhum – e falar daquela maneira, sobre ser ele o pai de tão numerosas nações, e o pai de toda a semente, porque Ele é onipotente e onisciente. Foi por haver entendido este ensino e haver captado algo do espírito deste ensino que o autor do seguinte hino pôde cantar:

Juntam-se os apóstolos à multidão;
Fazem retumbar imortal canção.
Em rapto, os profetas ouvem o som
E o aleluia cantam em alto tom.

"Vitoriosos mártires, juntem seus cantares", continua ele a bradar. Bem, que é que eles fazem? "E a onipotência da graça proclamem." "A onipotência da graça!" A morte não é nada para a onipotência. O desamparo e o desespero nada são para a onipotência. "Deus vivifica os mortos, e chama as coisas que

não são como se já fossem." Esta é a carta-régia da nossa salvação. Se isso não fosse verdade, não existiria cristão, nenhum de nós seria salvo jamais!

Como é possível a salvação? Eis a resposta: "E vos vivificou, estando vós mortos em ofensas e pecados" (Efésios 2:1). Se Deus não tivesse o poder de vivificar os mortos e de dar vida aos que não a têm, nós ainda estaríamos mortos em nossos pecados e na incredulidade. Não somos nós que damos início a esse feito. É Deus quem o faz. Ele "vivifica os mortos", como diz o apóstolo, "e chama as coisas que não são como se já fossem". O apóstolo diz a mesma coisa aos coríntios: "Deus escolheu as coisas loucas deste mundo para confundir as sábias; e Deus escolheu as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes. E Deus escolheu as coisas vis deste mundo, e as desprezíveis, e as que não são, para aniquilar as que são; para que nenhuma carne se glorie perante ele". (1 Coríntios 1:27-29). É tudo de Deus. É tudo de graça. "É pela fé, para que seja segundo a graça, a fim de que a promessa seja firme a toda a posteridade." Nada senão a onipotência poderia manter, guardar e garantir a perseverança deste ou daquele. Nada senão a mesma onipotência poderia levar qualquer de nós à salvação final e à glória. Contudo Ele pode. E é por isso que há esperança para o mais vil pecador do mundo. Não me fale dos seus pecados. Eu estou falando da onipotência da graça. A sua vileza não faz diferença. Há tanta esperança para o mais vil como para o melhor e para o mais puro. Fato mais maravilhoso ainda, nada pode deter este processo, nada pode frustrá-lo. O que Deus planejou e Se propôs fazer Ele realizará. A "plenitude dos gentios" chegará, "todo o Israel será salvo", e a obra será consumada finalmente. A promessa é "segura", é "firme" para toda a semente, para toda a posteridade. Isso está garantido porque Deus "vivifica os mortos e chama as coisas que não são como se já fossem". Isso é certo e seguro para toda a semente por causa da onipotência da graça. Graças a Deus é pela fé, e não pelas obras, não pela Lei, não pela circuncisão, não por

coisa alguma existente no homem; é tudo pela graça – é tudo de Deus.

Só à misericórdia devedor,
Canto a misericórdia da Aliança;
Com Tua justiça, nada de temor
Tenho em dar-Te meu ser e oferendas.
Os terrores da Lei e do Senhor
Nada podem fazer-me; a obediência
E o sangue de Jesus, meu Salvador,
Cobrem e ocultam minhas transgressões.

A obra que Seu amor começou bem
Seu poderoso braço acabará.
Sua promessa é Sim, e é o Amém,
E nunca ainda foi destituída
Coisas futuras, e atuais também,
E nada do que há embaixo e do que há em cima
O fazem renunciar ao plano que tem,
Nem me podem cortar do Seu amor.

O meu nome da palma de Sua mão
A eternidade não apagará;
Sempre impresso estará em Seu coração
Com sinais indeléveis de Sua graça.
Sim, até o fim meus passos firmes vão,
Tão certamente como o penhor dado.
Mais felizes, mas não mais seguros estão
Os espíritos no céu glorificados.

"É pela fé, para que seja segundo a graça, a fim de que a promessa seja firme a toda a posteridade." Graças a Deus!

15

A NATUREZA DA FÉ

"O qual, em esperança, creu contra a esperança que seria feito pai de muitas nações, conforme o que lhe fora dito: assim será a tua descendência." – Romanos 4:18

Com os versículos 16 e 17 deste capítulo quatro chegamos ao ponto no qual o apóstolo tratou finalmente de todos os argumentos contra a doutrina da justificação somente pela fé, e enfrentou todas as objeções a essa doutrina que se pode conceber. Ele foi paciente; dedicou tempo; avaliou bem tudo o que se pode dizer contra a doutrina e, tendo considerado tudo isso, diz: "Portanto é pela fé, para que seja segundo a graça (da graça), a fim de que a promessa seja firme a toda a posteridade, não somente à que é da lei, mas também à que é da fé de Abraão, o qual é pai de todos nós, perante aquele no qual creu, a saber, Deus, o qual vivifica os mortos, e chama as coisas que não são como se já fossem".

Contudo, o apóstolo parece sentir que não pode deixar que o assunto fique nisso. Não que ele vá acrescentar argumentos, e sim, que este caso de Abraão é tão grande, tão importante, que ele providencia uma ilustração perfeita para toda a questão da justificação pela fé. Ele parece estar dizendo: "Estou tentando mostrar que a justificação é somente pela fé; e se algum de vocês está em dificuldade quanto ao significado da fé, ou quanto à maneira pela qual a justificação chega a nós por meio da fé, há uma ilustração perfeita disso no que se deu

com Abraão. Temos examinado o assunto em teoria; vejamo-lo agora na prática. Sabem o que é fé? Sabem quais são as características da fé? Volvamos nossa atenção a Abraão, que eu estive utilizando como argumento. Abraão foi justificado pela fé. Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado como justiça. Vejamos o que isso significa exatamente".

Em todas as Escrituras não há nenhuma declaração mais dramática quanto à natureza da fé do que a que temos nestes versículos. Portanto, tudo o que nos cabe fazer é acompanhar o apóstolo à medida que ele nos dá os pormenores e nos mostra a sua importância, e, com isso, nos apresente o grande tema da fé. Isso atenderá a dois propósitos. Como veremos, o objetivo culminante do apóstolo é mostrar a verdade concernente à justificação, como ele diz nos versículos 23 e 24: "Ora não só por causa dele está escrito, que lhe fosse tomado em conta. Mas também por nós, a quem será tomado em conta; os que cremos naquele que dos mortos ressuscitou a Jesus nosso Senhor". Esse é o objetivo por excelência. Todavia, ao mesmo tempo, o que o apóstolo diz aqui sobre a fé que Abraão tinha é sempre próprio da fé, da fé em toda e qualquer aplicação. O que ele diz sobre a fé, não somente é verdade quanto à justificação, porém também quanto à vida, às lutas, à superação de obstáculos – a fé em toda a ampla gama de suas atividades grandiosas. Assim é que, quando estivermos estudando a justificação pela fé, estaremos aprendendo algo sobre a fé mesma e sobre as coisas que sempre a caracterizam. Temos aqui uma das maiores definições de fé que se acham em toda parte das Escrituras, mesmo tendo em mente o grande capítulo onze da Epístola aos Hebreus. Todos os elementos da fé acham-se aqui, dentro de diminutos limites.

A primeira coisa que Paulo faz é lembrar-nos que Abraão tornou-se pai de muitas nações: "O qual, em esperança, creu contra a esperança que seria feito pai de muitas nações, conforme o que lhe fora dito: assim será a tua descendência". Temos aí o ponto de partida, este fato espantoso que realmente se vê na

história de Abraão – que esse homem se tornaria pai de muitas nações. Estamos lidando com a história. Não se trata aqui de teoria; é uma verdade histórica, um fato histórico. É o registro que vocês podem ler no Velho Testamento, a grandiosa narrativa da origem dos filhos de Israel. É por isso que os salmistas e os profetas muitas vezes levavam os filhos de Israel de volta à história. Olhem de novo, eles dizem e reiteram, para a rocha da qual vocês foram tirados, olhem para Abraão, seu pai: vocês são filhos de Abraão, são a semente de Abraão. Esse é o grande fato que ele estava interessado em salientar.

A segunda coisa que eu observo é que o apóstolo afirma que isso veio a ser uma realidade quanto a Abraão em conseqüência de sua fé, unicamente por meio de sua fé. "O qual, em esperança, creu contra a esperança que seria feito pai de muitas nações." Foi como aconteceu. Foi por intermédio de sua fé, pela instrumentalidade de sua fé, que tudo isso tornou-se real a respeito de Abraão.

Examinemos, pois, o assunto nestes termos: que foi exatamente que a fé que Abraão tinha o habilitou a fazer? O apóstolo dá cinco respostas à pergunta. A primeira é que o habilitou a crer na palavra de promessa de Deus, na estonteante promessa que Deus fez a Abraão. Qual foi? Paulo no-la resume numa só frase: "Assim será a tua semente" ou "a tua descendência". Notem os termos em que ele a coloca no versículo 18: "O qual, em esperança, creu contra a esperança que seria feito pai de muitas nações, conforme o que lhe fora dito" (e resume tudo o que Deus disse a Abraão com aquela frase): "Assim será a tua semente". Essa e uma das coisas mais espantosas e estonteantes que Deus disse a alguém. Significa, em primeiro lugar, que Abraão haveria de ter uma progênie muito grande, muito numerosa. Por certo vocês se lembram de que Deus fez uso de duas ilustrações quando lhe falou aquilo. Ele disse: "Como a areia da praia do mar, que não se pode contar, assim será a tua semente." Ou como "as estrelas, se as podes contar". Procurem perceber o caráter estonteante disso. Eis aí um

homem que está chegando aos cem anos de idade, e sua mulher passando dos noventa. Não tinham nenhum filho. Contudo, Deus faz essa estonteante afirmação a ele, acerca da sua progênie natural. A fé, reitero, capacitou Abraão a crer nisso.

Mas isso não esgota a pequena palavra "Assim" – "Assim será a tua semente". Ela inclui isso, entretanto não pára aí. Significa, em segundo lugar, que quando Deus falou dessa maneira com Abraão, ao mesmo tempo lhe estava falando acerca doutra Semente, não somente dos seus descendentes naturais; Ele lhe estava falando de uma em particular. Certamente vocês se lembram do argumento do apóstolo Paulo na Epístola aos Gálatas, capítulo 3, versículo 16, a que nos referimos anteriormente. Diz ele: "Ora as promessas foram feitas a Abraão e à sua semente. Não diz: e às sementes, como falando de muitas, mas como de uma só: e à tua semente, que é Cristo" (VA). Devemos incluir isso. Já o deixei claro quando tratei da primeira parte deste capítulo quatro, mas devo lembrar-lhes isso novamente. A afirmação, a promessa feita a Abraão não se referia apenas à sua semente e progênie natural. Deus definidamente fez a Abraão esta promessa concernente ao Senhor Jesus Cristo. Disse Ele a Abraão que dos seus lombos, dos seus descendentes, procederia aquele grande Salvador, o Messias, o libertador do Seu povo. Procurem recordar como o nosso Senhor deixou isso perfeitamente claro quando disse aos judeus: "Abraão, vosso pai, exultou por ver o meu dia, e viu-o, e alegrou-se" (João 8:56). O apóstolo Paulo inclui isso aqui.

É um grave erro de entendimento da promessa de Deus a Abraão restringi-la à sua semente ou descendência natural e à terra de Israel. O que há de estupefaciente é que Deus ali revelou a Abraão todo o plano de salvação por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor. Abraão não o viu claramente, mas de fato o viu. A Abraão foi dado ver, naquele ponto, que a salvação não é pelas obras, não é por coisa alguma que o homem faça, e sim por um ato de Deus. Deus ia salvar homens enviando Seu Filho, que, segundo a carne, haveria de ser da semente

de Abraão. Portanto, na palavra "Assim" temos incluída, não somente o Senhor Jesus Cristo, comotambém o plano de salvação mediante Sua morte, mediante Seu sangue, mediante Sua crucifixão. Deus revelou a Abraão que Ele O ia "expor como propiciação pelo pecado". Ele repetiu isso, em certo sentido, no incidente relacionado com a ordem dada por Deus a Abraão para que sacrificasse Isaque. Mas Deus o revelou a Abraão, e Abraão o viu – "Assim será a tua semente". Há, porém, nessa palavra um terceiro elemento, algo que o apóstolo vem repetindo neste capítulo, que os gentios também estão incluídos nesta salvação. "Não somente à que é da lei, mas também à que é da fé de Abraão, o qual é pai de todos nós." Portanto, quando Deus lhe disse, "Assim será a tua semente", Ele estava dizendo, como a citação no-lo faz lembrar, que Abraão ia ser pai de muitas nações num sentido espiritual. Só dos judeus ele é pai no sentido natural. Ele não é pai natural daquelas nações gentílicas, mas é seu pai espiritual, ele é "o pai de muitas nações".

A história da Igreja Cristã verificou, comprovou e consubstanciou essa verdade. "Muitos virão do oriente e do ocidente (e de todas as direções), e assentar-se-ão à mesa com Abraão, e Isaque, e Jacó, no reino dos céus" (Mateus 8:11). De todas as tribos, nações e línguas virão e serão a semente de Abraão, filhos de Abraão. Por quê? Porque são filhos da fé. Abraão é o pai de todos os que são justificados pela fé. Logo, a palavra "Assim" inclui tudo isso. A primeira coisa que a fé habilitou Abraão a fazer foi crer nesta promessa estonteante em toda a plenitude que eu acabei de descrever para vocês.

Mas, em segundo lugar, ela o habilitou a crer na promessa baseado na pura Palavra de Deus, e em nada mais. Abraão não tinha coisa alguma a que recorrer quando creu nisso, exceto a simples afirmação feita por Deus. Lá estava ele, como o versículo dezessete já nos fizera recordar, de pé diante de Deus, com as estrelas brilhando sobre ele lá do alto, de pé ali, em sua solidão, e Deus lhe fez aquela tremenda declaração, o Deus

que "vivifica os mortos, e chama as coisas que não são como se já fossem". Deus fez a declaração, e Abraão, com base unicamente nisso, creu. Não havia nada, senão a pura e simples palavra de Deus. Isso sempre caracteriza a fé, e é uma das suas características mais maravilhosas. Há sempre esse elemento de nudez na fé. Ela não pede provas, não as busca; em certo sentido, ela não tem necessidade delas. A fé se contenta com a pura Palavra que Deus fala porque Ele é Deus. "Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado como justiça".

Pois bem, devo desenvolver essa verdade num terceiro ponto. A fé que Abraão tinha capacitou-o a crer nesta fantastica promessa simplesmente com base na Palavra de Deus, e também apesar de todas as aparências em contrário. Isso deve ser acrescentado porque faz parte da narrativa: "...em esperança, creu contra a esperança". O que isso quer dizer é que realmente não havia nenhuma esperança de que acontecesse aquilo, falando num sentido natural; tudo estava contra a sua concretização. Considerem os fatos. Primeiro, o corpo de Abraão estava amortecido, estando ele com quase cem anos de idade, e, segundo, o ventre de Sara estava morto. Onde poderia haver alguma esperança de que Abraão e Sara pudessem ter filho? Não havia nenhuma. Era impossível. Tudo estava contra – o curso da natureza, o curso da vida, tudo. Era uma situação em que não havia absolutamente nenhuma esperança, nenhum vislumbre de esperança, em nenhum aspecto! "Contra a esperança." Como foi então que Abraão creu? Ele creu na esperança que Deus colocou diante dele. É o que significa esta declaração. Não significa apenas: "O qual, cheio de esperança, creu contra a esperança". Significa: "O qual, contra a esperança, creu nesta esperança que Deus estava delineando para ele, neste futuro que ele (Deus) estava desenhando diante dele". Essa é a esperança. A esperança da vinda do Filho de Deus em carne, a esperança da salvação, a esperança de libertação, a esperança da admissão dos gentios – essa é a esperança. O que nos é dito é que Abraão creu nesta esperança, nesta promessa, a despeito

de tudo. Apesar de estar tudo contra ela, e de todos os argumentos da razão se oporem a ela, apesar do senso comum ir fortemente contra ela, e de toda a história da raça humana parecer ridicularizá-la, ainda assim Abraão creu – "em esperança, creu contra a esperança". Esse é também outro importante aspecto da fé. Um real elemento da fé onde quer que ocorra, onde quer que se manifeste.

Entretanto, nem isso exaure as realizações da fé. A fé que Abraão tinha habilitou-o a ter certeza e a estar seguro disso tudo. Essa é a mensagem do versículo 21: "E estando certíssimo de que o que ele (Deus) tinha prometido também era poderoso para o fazer". Ele estava "plenamente persuadido" disso (VA). Ou, se vocês preferirem outra tradução, "Ele estava fortemente convencido disso". Estariam vocês um tanto surpresos em face dessa afirmação? Devemos compreender que a fé, a fé verdadeira, sempre tem entre os seus componentes este elemento de segurança, de certeza e de confiança. É preciso acentuar isso atualmente. A fé não se limita à esperança; fé é estar plenamente persuadido, é estar certo e seguro. Fé não é "assobiar no escuro" para ter coragem. A fé verdadeira é estar "plenamente persuadido".

Como isso é por demais importante, devo apresentar mais algumas declarações extraídas das Escrituras para consubstanciar este ponto. Não é somente nesta passagem que temos tal declaração a respeito da fé. Vejam, por exemplo, a afirmação sobre ela na Epístola aos Hebreus, no versículo primeiro do capítulo onze. Ali nos é dito que a fé "é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não vêem". Significa que a fé é a consubstanciação da realidade pela qual esperamos, é a prova disso. A fé tem um elemento de prova e tem valor de prova; "é a prova das coisas que se não vêem". A fé, se vocês o preferirem, é uma espécie de título de propriedade, e há certeza num título de propriedade. Noutras palavras, não devemos pensar que a fé é algo vago e incerto, indefinido e nebuloso. Não, diz este homem ao escrever aos hebreus; a fé é

aquilo que dá substância. Mas ele repete isso no versículo treze daquele mesmo capítulo. Diz ele: "Todos estes morreram na fé, sem terem recebido as promessas, mas vendo-as de longe e crendo-as e abraçando-as". O que tudo isso quer dizer é que há um elemento de certeza e de segurança na fé. Vocês a têm aqui em Romanos, capítulo 4, e também na Epístola aos Hebreus. Isso é importante porquanto é o que faz diferença entre a fé e a mera crença intelectual. É isso que faz a diferença entre a fé e o chamado "fideísmo" e a credulidade.

Talvez vocês tenham ouvido falar da heresia chamada "sandemanismo", que perturbou a Igreja no século dezoito. Que é "sandemanismo"? É o ensino que declara que tão logo você diga "Jesus é Senhor", tão logo você diga que crê, está salvo. Exclui todo o sentimento e toda a segurança. No entanto, não está certo; isso é heresia. O homem que crê verdadeiramente, o homem que foi regenerado, certamente diz que crê; mas meramente você dizer que crê nestas coisas não é fé. A fé inclui este outro elemento de certeza, de segurança, de confiança. A fé tem conhecimento. Há este elemento de conhecimento que nunca devemos retirar da fé: "Estando plenamente persuadido".

Essa era a fé que Abraão tinha; ele estava "plenamente persuadido", e foi por isso que ele fez o que fez e agiu como agiu. Ele estava certo e seguro da promessa. É importante que guardemos isto para sempre em nossas mentes. Se não, estaremos abrindo a porta para o que se vê muitas vezes, a saber, pessoas concitadas e coagidas, em circunstâncias emocionais, a dizerem que crêem e aceitam o evangelho, e então são declaradas cristãs. Elas se consideram cristãs e assim são consideradas por outros, porém dentro de poucos meses estão negando tudo e dizendo que não há coisa alguma nisso tudo. Afirmam que foram apenas afetadas psicologicamente por algum tempo, e que agora "não vêem utilidade nisso" para coisa alguma. Qual a explicação disso? É que nunca tiveram a fé verdadeira. Diziam que criam, mas isso não é fé; pode não

passar de mero assentimento intelectual. Não há nada que impeça um homem de dizê-lo. Se ele foi persuadido pela argumentação, dirá: "Muito bem, eu creio". Todavia não sente nada. A fé é maior que isso; inclui a sensibilidade, envolve o coração, envolve o homem completo. Ele está "plenamente persuadido" – este é um elemento muito real e essencial da fé. A fé não é apenas "esperar contra a esperança", no sentido geralmente aceito dessa frase; é estar plenamente persuadido; é você "abraçar a promessa" porque está "plenamente persuadido".

Isso nos leva ao último elemento da fé, ou à quinta coisa que a fé que Abraão tinha o habilitou a fazer. Isto é, que, à luz disso tudo, ele agiu com base no que ele creu; ele creu na Palavra de Deus e agiu baseado nela. É muito interessante notar como o registro, no livro de Gênesis, capítulo 17, versículo cinco, nos conta uma das coisas que Abraão fez. Ali vocês lerão que Deus disse a Abraão: "E não se chamará mais o teu nome Abrão, mas Abraão será o teu nome; porque por pai da multidão de nações te tenho posto". É importante o sentido das palavras ali. Abrão significa "pai alto"; Abraão significa "pai de muitas nações". Doravante, disse Deus, não vou chamá-lo mais Abrão; vou chamá-lo Abraão. Ele então passou a ser conhecido como Abraão; fez todo o mundo saber que tinha um novo nome. Ele dizia às pessoas, por assim dizer: "Chamem-me Abraão. Deus me disse que sou Abraão; portanto, não me chamem mais Abrão". Ele agiu com base nisso e nos outros aspectos. Noutras palavras – para completar a citação de Hebreus 11:13 – "Todos estes morreram na fé, sem terem recebido as promessas, mas vendo-as de longe e crendo-as e abraçando-as, confessaram que eram estrangeiros e peregrinos na terra". Isso é declarado no contexto do que nos é dito acerca de Abraão. Abraão creu nisso, e daí em diante sua vida foi vivida com esta persuasão, firmada nessa declaração de Deus. Ele se tornou um "estrangeiro e peregrino". Começou a buscar "a cidade que tem fundamentos, da qual o artífice e

construtor é Deus". Ele mantinha seus olhos postos neste Messias que havia de vir; e, acontecesse o que acontecesse, ele continuava apegado àquela grande promessa. Ele agia com base no que creu, e na promessa da qual ele veio a estar "plenamente seguro". São essas s cinco coisas que a fé que Abraão tinha o habilitou a fazer.

Não obstante tudo isso, ainda não esgotamos o que o apóstolo nos diz. O que em seguida ele coloca diante de nós consiste em mostrar como foi que a fé que Abraão tinha o capacitou a fazer aquelas cinco coisas. Que é que se pode dizer da fé, que é que havia na fé que Abraão tinha que o habilitou daquela maneira a aceitar aquela estonteante promessa simplesmente com base na pura Palavra de Deus? E a se tornar absolutamente seguro dela, e a agir com base nela, e a arriscar por ela todo o seu ser e tudo o que tinha? Como será que a fé faz isso? A resposta do apóstolo é que a fé é algo que torna forte o homem. Eis aí, no versículo 20: "E não duvidou da promessa de Deus por incredulidade". "Ele", diz a Versão Autorizada (inglesa), "foi forte na fé, dando a Deus a glória". Uma tradução melhor diz: "Ele foi tornado forte pela fé", ou "foi fortalecido pela fé" ou "em sua fé". Em qualquer caso a declaração é que a fé nos habilita fazendo-nos fortes, pondo vigor, força e poder em todo o nosso viver, em nosso pensamento e em todas as nossas atividades.

Observem a forma pela qual o apóstolo expressa isso. Tal é sua preocupação com este ponto que ele o coloca primeiro negativamente, e depois positivamente. Negativamente, ele o diz de duas maneiras. Diz ele no versículo 19: "E não enfraqueceu na fé, nem atentou para o seu próprio corpo já amortecido, pois era já de quase cem anos, nem tão pouco para o amortecimento do ventre de Sara". Como foi ele feito forte, como foi ele fortalecido? Não é que ele foi liberto da condição de fraco; ele "não era fraco" (VA). Mas aqui também a tradução é importante. Na Versão Revista (inglesa) a tradução é diferente. A Versão Autorizada diz: "...e não sendo fraco na fé, ele não

considerou seu próprio corpo". A palavra "não" é omitida na Versão Revista, que diz: "sem ser enfraquecido na fé, ele considerou seu próprio corpo". (Cf. Almeida.) A Versão Revista Padrão (inglesa, "RSV") concorda com a Versão Revista, e indubitavelmente está certa. Os quatro manuscritos mais antigos do Novo Testamento não têm a negativa. Eles colocam a declaração na forma positiva. Todos eles dizem que ele considerou seu corpo, mas que não foi enfraquecido na fé quando considerou seu próprio corpo e o amortecimento do ventre de Sara.

Por que me preocupo em argumentar sobre isso? A razão é porque isso faz sobressair outro glorioso elemento e aspecto da fé. Permitam-me demonstrar o que estou querendo dizer. A VA bem poderia dar-nos a impressão de que "não sendo fraco na fé", ele "não considerou" o seu próprio corpo; noutras palavras, ele não pensou nisso nem por um momento, nem considerou a condição de Sara. Todavia, se vocês lerem a história do livro de Gênesis, verão que isso não é verdade. Abraão de fato o considerou, falou consigo mesmo sobre isso. Disse ele: "A um homem de cem anos há de nascer um filho? E conceberá Sara na idade de noventa anos?" (Gênesis 17:17). Sim, ele o considerou, e, por isso, é importante que tenhamos claro entendimento disto. Naturalmente poderíamos interpretar a tradução da Versão Autorizada, "Não sendo fraco na fé, ele não considerou o seu próprio corpo agora morto" como querendo dizer que ele não o ficou considerando e por isso enfraqueceu-se. Mas mesmo isso não seria o bastante; o que de fato o texto diz é: "Sem ser enfraquecido na fé, ele considerou o seu próprio corpo".

Isso põe à mostra o elemento vitalmente importante da fé, que esta não é algo que se recusa a encarar os fatos. Há alguns que pensam na fé dessa maneira, e o resultado é que o homem do mundo diz: "O que vocês, cristãos, chamam fé, eu chamo escapismo". É isso que os homens inteligentes do mundo dizem dos cristãos. Dizem eles que os cristãos não são realistas, que

eles se reúnem em seus edifícios, fecham as janelas e deixam lá fora o mundo e os seus problemas, e depois se persuadem uns aos outros de algumas coisas. Eles afirmam que tudo isso não passa de pensamento egoísta e de escapismo, que tais pessoas não enfrentam os fatos da vida, mas fogem deles. Um homem lê um romance, estes outros crêem na mensagem cristã, dizem eles, porém é tudo escapismo.

Aqui temos a resposta para isso. Abraão encarou os fatos, ele se lembrou de sua idade, como o apóstolo nos diz aqui; e também da idade de Sara. Ele viu os fatos como eles eram, viu-os em sua pior expressão; e, todavia, apesar de ter feito isso, não foi enfraquecido em sua fé. Por quê? Este é o ponto importante. Abraão olhou para os fatos, mas não parou aí. Não ficou apenas olhando os fatos, as dificuldades e os obstáculos. Ele os viu, porém tendo-os observado, olhou para alguma outra coisa, olhou para Alguém mais. O problema da incredulidade é que só vê as dificuldades. Temos uma perfeita ilustração disso no famoso incidente de Pedro andando sobre as águas. Enquanto ele olhou para o Senhor Jesus Cristo, pôde andar sobre as ondas, mas quando começou a olhar para as ondas, e "sentindo o vento forte", começou a afundar. Isso porque só ficou olhando para as dificuldades, "considerou-as" no sentido de que só as considerou, e não considerou mais nada. Isso é incredulidade. A fé não fica girando em torno dos problemas; sobrepuja-os. Vê-os, olha-os de frente, e depois passa por cima deles.

Deixem que eu o diga do seguinte modo: há alguns que pensam que, por serem assaltados por dúvidas, eles não têm fé. Isso é uma completa falácia. Estar inteiramente livre de dúvidas nem sempre significa fé; pode ser presunção ou a espécie de condição psicológica que muitas vezes as seitas produzem. Há um sentido em que podemos definir a fé como algo que capacita o homem a sobrepujar as suas dúvidas e a dar-lhes respostas. Alguns dos maiores santos que a Igreja já conheceu deram testemunho do fato de que foram atacados e

assaltados por dúvidas até o fim de suas vidas. Mas eles não foram enfraquecidos, não se entregaram; dominaram suas dúvidas, venceram-nas, sobrepujaram-nas. Este é um aspecto sumamente importante da fé; a fé considera as dificuldades, porém as vence. Embora considere as dificuldades, não se enfraquece; permanece forte.

Examinemos o outro aspecto negativo. É que Abraão não duvidou ante a promessa de Deus por incredulidade. Qual é a diferença entre isso e ser fraco? O que as Escrituras querem dizer com "vacilou"? Descobrimos a resposta apercebendo-nos por experiência de que a incredulidade ataca ao longo de duas linhas. Já descrevemos a maneira pela qual ela diz: examine os fatos, veja as dificuldades, examine-se a si mesmo, observe a sua fraqueza, a sua idade, veja isto, veja aquilo. Mas quando você sobrepuja isso e segue a segunda linha e diz, "Mas veja a grandeza da promessa". "Se fosse uma promessa comum", diz ela, "na verdade, mesmo que fosse uma promessa extraordinária, você poderia acreditar nela. Contudo, veja o que Deus lhe está prometendo." "Veja bem isso", disse o diabo a Abraão; "veja o que de fato Deus está prometendo a você. Aceito o que você disse a respeito de si próprio, porém veja isto – que a sua semente vai ser inumerável como a areia da praia do mar, como as estrelas do céu, incalculável. É impossível, é bom demais para ser verdade, não pode ser verdade." A grandiosidade da promessa muitas vezes nos faz duvidar.

Qual é o sentido da palavra "vacilar"? É uma palavra muito interessante. Em sua origem significa "discriminar", "julgar" e "avaliar". Mas vai além disso; significa que o homem começa a argumentar consigo mesmo e a discordar de si mesmo. Há aquela voz dentro dele que diz: "Creia nisso". "Ah, mas", diz outra voz, "espere um minuto." E a discussão começa e o homem entra em desavença consigo mesmo. A fé diz: "Creia nisso", e então a razão vem e pergunta: "Você pode acreditar nisso? É bom demais para ser verdade, é grande demais, é vasto demais". E aí você tem o homem discutindo consigo mesmo,

em discordância consigo mesmo. O resultado é que, em vez de andar, ele duvida, fica vacilando, vai para diante e para trás, e de um lado a outro. Está duvidando. Ele crê e não crê. "Eu creio, Senhor! ajuda a minha incredulidade" (Marcos 9:24). Isso é duvidar, é vacilar. Ou é como o homem que Tiago descreve, que é "inconstante em todos os seus caminhos". O homem que duvida, diz Tiago, "é semelhante à onda do mar, que é levada pelo vento e lançada de uma a outra parte" (1:6,8). Ele não tem estabilidade, é de coração dobre, oscilante, vacilante, hesitante. O que o apóstolo nos diz na passagem que estamos estudando acerca da fé que Abraão tinha é que esta era tão grande que ele não duvidava. Não somente não era fraco; tampouco duvidava. Ele se mantinha firme, permanecia ereto, reto, e ia avante caminhando com segurança e com passo firme. Ele não duvidou face à grandiosidade da promessa.

Façamos um resumo do ensino do apóstolo concernente à fé. A fé – esta maravilha – habilitou Abraão, como habilita a todos os outros que verdadeiramente a têm, a fazer certas coisas. Realiza isso fazendo-nos fortes. Impede que sejamos fracos, impede que duvidemos, impede que vacilemos. Não nos esqueçamos dos aspectos negativos; eles são tremendamente importantes na vida, no andar e na luta do cristão, diariamente. Em razão das dúvidas que se apoderam do cristão, o diabo tudo fará para persuadi-lo de que ele nunca teve fé. O diabo trabalhará para que as dúvidas lhe venham. Estas são o que Paulo chama em Efésios, capítulo 6, "dardos inflamados" que o maligno atira em nós. Mas, se você se mantiver protegido pelo escudo da fé, os dardos serão apagados. Não confunda tentação com pecado. Não confunda as dúvidas atiradas em você pelo diabo com a incredulidade. A questão é: que é que você faz com as dúvidas? Elas virão a você, como vieram a Abraão. Abraão considerou o problema, porém, apesar de considerá-lo, não foi fraco, não foi enfraquecido, e, apesar de ver a estonteante promessa, não vacilou, não duvidou. Graças a Deus por estes aspectos negativos.

16

A FÉ GLORIFICANDO A DEUS

"O qual, em esperança, creu contra a esperança que seria feito pai de muitas nações, conforme o que lhe fora dito: assim será a tua descendência. E não enfraqueceu na fé, nem atentou para o seu próprio corpo já amortecido, pois era já de quase cem anos, nem tão pouco para o amortecimento do ventre de Sara. E não duvidou da promessa de Deus por incredulidade, mas foi fortificado na fé, dando glória a Deus; e estando certíssimo de que o que ele tinha prometido também era poderoso para o fazer. Pelo que isso lhe foi também imputado como justiça." – Romanos 4:18-22

Até aqui estivemos examinando o que eu descrevi como a atividade negativa da fé. Não a desprezem, antes dêem graças a Deus por essa atividade. Mas, afinal de contas, é tão-somente negativa. Agora podemos ir adiante e considerar a positiva, que, obviamente, é a mais importante e constitui realmente o que explica a atividade negativa. É por causa do aspecto positivo que se pode ter os dois aspectos negativos. Qual é a atividade positiva da fé? Acha-se na frase: "Ele... foi forte na fé, dando glória a Deus" (VA). Devemos ver com clareza a tradução aqui. Uma tradução melhor do que "foi forte na fé" seria "foi feito forte" (ARC: "foi fortalecido"). Abraão não deu lugar à fraqueza, não duvidou, mas, antes, foi "feito forte" – feito forte, fortalecido, ou na fé ou pela fé (cf. ARA). Creio que estas duas formas são certas. Ele foi fortalecido em sua fé, como também foi fortalecido pela sua fé. Este é um ponto interessante, na

verdade, fascinante. É uma espécie de círculo, e é muito difícil decidir qual deve ser colocado primeiro. Num sentido é como a velha questão da galinha e do ovo. A fé nos fortalece e, posto que nos tornamos fortes, temos mais fé.

A afirmação é que "ele foi fortalecido em sua fé". Qual foi o segredo da força de Abraão? Segundo o apóstolo, foi que ele deu glória a Deus. Essa é a resposta, esse é o segredo de uma fé forte. De fato vou além e digo que isso pertence à própria essência da fé. A fé, em última instância, é aquilo que dá glória a Deus. Noutras palavras, quando damos glória a Deus, nós nos fortalecemos, e a nossa fé se torna mais forte. E isso, indubitavelmente – como o apóstolo nos mostra claramente aqui, e o autor da Epístola aos Hebreus o faz praticamente da mesma maneira, no capítulo onze – indubitavelmente foi esse o segredo de Abraão e de sua extraordinária fé. Abraão, em vez de só ficar vendo as dificuldades em termos do seu corpo e da idade de Sara, em vez de duvidar face à grandiosidade da promessa, sim, Abraão, em vez de tropeçar nessas duas coisas, olhou para Deus e "viu" Deus. Esse é o real segredo da fé. A principal explicação dos problemas e dificuldades que muitos de nós experimentamos na vida é que, em vez de mantermos os nossos olhos firmemente postos em Deus, ficamos olhando para nós e nossas fraquezas, e para a estonteante grandeza da vida para a qual fomos chamados. Olhamos para estas coisas, e nos enfraquecemos e nos pomos a duvidar. Abraão não duvidou, e a razão disso é que ele deu glória a Deus. Ele manteve seus olhos postos em Deus e ficou olhando para Deus.

Mas devemos analisar isso um pouco mais. Que sentido tem, exatamente, dizer que ele deu glória a Deus? Significa que Abraão considerou Deus, considerou quem e o que Deus é. Foi assim que ele deu glória a Deus. Não significa primariamente algo que Abraão tenha dito ou feito. Isto seguiu-se. Abraão glorificou a Deus simplesmente compreendendo quem e o que Deus é. Noutras palavras, ele contemplou os

gloriosos atributos de Deus e meditou neles. É assim que se glorifica a Deus. Glorificamos a Deus compreendendo algo da verdade sobre Ele, adorando-O por isso e entregando-nos a Ele à luz disso.

Abraão considerou a eternidade de Deus – que Deus é. Embora Deus não o tivesse definido plenamente ainda naquela altura, como posteriormente fez a Moisés, Abraão teve algum conhecimento do fato de que Deus é Jeová, Eu Sou o que Sou, o Deus auto-existente e eterno. Ele meditou nisso e o considerou, e nisso persistiu. Ele também pensou na majestade de Deus e a evocou. Não há em Deus nada que seja tão glorioso como a Sua majestade. Leiam as Escrituras e verão que aqueles homens de Deus, aqueles grandes homens de fé, estavam constantemente celebrando a majestade e a glória de Deus. Em muitos aspectos a glória de Deus é o Seu atributo supremo. Deus é pleniglorioso,* sempre repleto de glória inefável, além da nossa possibilidade de compreensão, além da nossa imaginação. Sua habitação é a luz inatingível, vive Ele "coberto de esplendor e circundado de louvor".

Deus imortal, invisível,
O único sábio.
Em meio à luz inacessível,
Oculto aos nossos olhos.

Senhor tão bendito e glorioso,
O Ancião de Dias,
Onipotente, vitorioso,
Teu grande nome exaltamos.

Abraão pensou nisso tudo. Depois lembrou-se de outro atributo de Deus – Sua onipresença. Deus está em toda parte;

* Permita-se-me este neologismo, que evita a insatisfatória expressão "cheio de glória". Nota do tradutor.

não há nenhum lugar em todo o cosmos em que Ele não esteja. Pensem nos muitos lugares das Escrituras onde a onipresença de Deus é celebrada. Vejam-na no Salmo 139: "Se subir ao céu, tu aí estás; se fizer no Seol a minha cama, eis que tu ali estás também". "Para onde me irei do teu Espírito, ou para onde fugirei da tua face?" É impossível. Deus está em toda parte; preenche todo o universo. Abraão pensou e meditou nisso. Depois, a onisciência de Deus. Deus conhece todas as coisas. Não há nada que Deus desconheça. Ele conhece o fim desde o princípio. Todas as coisas estão sempre presentes diante dos Seus olhos e do Seu perscrutante exame. Ele conhece todas as coisas, e nada acontece em parte alguma, nem aconteceu, que Ele não somente o saiba, mas que não o saiba de antemão. Sua onisciência! Seu pré-conhecimento!* Seu conhecimento é completo, sem lacuna, sem mancha, sem defeito algum! Tudo Lhe é conhecido.

Vem então Sua onipotência. Não há limite para o Seu poder – absolutamente nenhum limite. Na verdade, vocês se lembram, está relacionada com Abraão a afirmação, a pergunta feita: "Há alguma coisa difícil para o Senhor?" Existiria alguma coisa que Deus não possa fazer? E a resposta é: "Nada". "Para Deus nada é impossível." "Para Deus todas as coisas são possíveis." Não há nada que Ele não possa fazer, não há nada que possa privar-se ou esquivar-se dEle. Seu poder é absoluto,

---

* A palavra "presciência", muitas vezes empregada em lugar de "pré-conhecimento", mata o rico significado bíblico e teológico da palavra "conhecimento", que inclui mais do que o mero saber intelectual, inclui um envolvimento pessoal, amoroso. "O Senhor conhece o caminho dos justos" (Salmo 1:6), e não o dos ímpios. Intelectualmente, por assim dizer, Deus conhece muito bem o caminho dos ímpios; sabe muito bem qual é. Mas, conhecer no sentido real da palavra, Deus conhece o caminho dos justos, e não o dos ímpios. "O Senhor conhece os que são seus" (2 Timóteo 2:19), Deus Se envolve amorosamente com eles, Deus os ama. Nota do tradutor.

é eterno, é ilimitado. Não existe, em nenhum sentido, nenhum limite para o poder de Deus. Abraão pensou nisso tudo.

Há também Sua retidão, Sua justiça, Sua verdade, Sua santidade, Sua imutabilidade, Sua coerência eterna e sempiterna. São estes os principais atributos do ser e do caráter de Deus. O que o apóstolo diz na passagem que estamos estudando é que o que Abraão fez foi olhar para Deus, e ele viu estes atributos, e continuou a contemplá-los. Foi assim que ele deu glória a Deus.

Depois, tendo-os contemplado, deduziu algumas coisas deles. Não é difícil segui-lo com a imaginação à medida que ele o fez. Podemos ouvi-lo dizer a si próprio: "Bem, Deus me fez esta afirmação extraordinária, Deus me fez esta promessa admi-rável, que eu, nesta idade, com quase cem anos, e Sara nas condições em que está, vamos ter um filho que será o meu herdeiro, que será a minha semente, e de quem e por meio de quem todas as nações da terra serão abençoadas. Deus disse isso. Algo espantoso, estupendo. Sim, mas tendo olhado para Deus e para os Seus eternos atributos e características, e tendo-os contemplado e adorado, posso deduzir que, uma vez que Deus é quem é e o que é, Ele jamais faria uma promessa leviana e relaxadamente, e muito menos sem pensar".

Isso é o que há de tremendo nisso tudo. Todos nós fazemos promessas, porém, que lástima, nem sempre as cumprimos! A razão é que as fazemos sem pensar bem no que dizemos. Estamos bem dispostos, e assim prometemos isto ou aquilo. Não refletimos, não consideramos as possibilidades, as dificuldades, as repercussões do que poderia acontecer. Fazemos as nossas promessas leviana e impensadamente, e depois não as cumprimos, e aí está o problema. Mas nada disso se pode dizer de Deus. Porque Deus é quem é e o que é, Ele nunca faz uma promessa sem ver, do começo ao fim, todos os fatores e todas as circunstâncias e situações concebíveis. Ele sabe exatamente o que está fazendo; Ele nunca faz promessa leviana, relaxada ou impensadamente.

Segundo, Abraão sabia que Deus não muda de opinião. E isso porque Ele é Deus, porque Ele é quem e o que Ele é. Deus, nos é dito, é "o Pai das luzes, em quem não há mudança nem sombra de variação" (Tiago 1:17) – Ele é sempre e para sempre o mesmo. Portanto, o que Deus promete, certa e seguramente cumprirá. A melhor exposição disso nas Escrituras é, certamente, a que se encontra na Epístola de Paulo a Tito. No versículo dois do capítulo primeiro ele fala de "Deus, que não pode mentir"; Deus, que não pode mentir, nunca Se contradiz, nunca volta atrás no que diz, nunca muda de opinião! Sua eterna retidão, integridade e fidedignidade torna isso impossível. Abraão deduziu isso. "A promessa", ele deve ter raciocinado, "é segura e certa porque Deus sabe o que está fazendo, e, mais que isso, Deus nunca voltará atrás. Deus não muda de opinião, não muda Seu ponto de vista, não muda Seu propósito." E, além e acima de tudo, Deus tem capacidade e poder eterno que O habilitam a levar à concretização tudo quanto Ele Se propôs fazer – "E estando certíssimo de que o que ele tinha prometido também era poderoso para o fazer". Ou, nas palavras de Toplady:

A obra que Sua bondade iniciou bem,
O braço de Sua força inteirará;
A promessa de Deus é Sim e Amém,
E ainda não falhou, nem falhará.

Aí estão, imagino eu, as três deduções principais; e, vendo-as com clareza, Abraão esteve em condições de dizer a si mesmo que, como estas coisas eram verdadeiras, nada mais importava. Sim, ele considerou seu corpo, e considerou o amortecimento do ventre de Sara. Ele sabia que o que lhe fora prometido era contrário à natureza e que, do ponto de vista humano, era pura impossibilidade; mas no momento em que lhe vieram esses pensamentos, ele lhes respondeu, dizendo: "Estou ciente disso tudo, e sei que é verdade; porém Deus

sabia de tudo isso antes de fazer a promessa. Deus sabia que eu estava com quase cem anos de idade, Deus sabia toda a verdade sobre Sara e sua idade e suas condições físicas. Não adianta ficar olhando estas coisas. Deus tem pleno conhecimento delas todas; todavia, à plena luz desse conhecimento, Ele disse isso. Não posso ver como poderá acontecer. No entanto Deus é onipotente, nada é difícil para o Senhor. "Para Deus nada é impossível" (Lucas 1:37). O que importava para Abraão era que Deus tinha falado, que Deus tinha feito uma promessa; e porque foi Deus que falou, e porque foi Deus que fez a promessa, Abraão diz: "Não há necessidade de considerar mais nada. Estarei perdendo tempo se ficar levantando estes arrazoados e estas impossibilidades. A única coisa que importa é que Deus falou". "Ele deu glória a Deus."

Não há nada mais importante para nós do que termos isso em mente, especialmente se lhe virmos o aspecto negativo. Não há nada que tanto insulte a Deus como não crer nEle. É isso que é terrível na incredulidade; é um insulto a Deus. Como é maravilhosa esta maneira de ver a fé e de definir a fé. A fé é aquilo que sempre glorifica a Deus. A fé é crer em Deus simplesmente e unicamente porque Ele é Deus. Não há nada que O glorifique mais do que essa fé; nada é tão ofensivo a Deus como não crer em Sua palavra.

Essa é a grande lição da passagem que estamos focalizando; e vocês poderão ver que os homens que, mais do que todos os outros deste mundo, glorificaram a Deus, foram os grandes homens "de fé". Vocês poderão ver também que, talvez, nenhum grupo de homens foi chamado para suportar tantas privações, dificuldades e tentações como o grupo destes mesmos homens de fé. Por quê? É óbvio que a razão é que foi no meio das suas tribulações, provas e dificuldades que a sua fé sobressaiu mais gloriosamente. Ou, para dizê-lo com outras palavras, é justamente quando tudo está indo contra eles, "para arrastá-los ao desespero" no nível natural, que eles glorificam a Deus mais que todos os outros homens, porque, apesar de

todas estas coisas, eles continuam crendo, continuam inabaláveis, não vacilam, não caem por causa de incredulidade. Assim, quanto mais dura é a prova, mais eles dão glória a Deus. Quanto mais difícil se torna a situação, mais eles persistem em olhar para Ele, e maior é a medida em que eles dão glória a Deus.

Aí está, pois, o sumário do ensino nesta altura, que é a fé que em última instância dá glória a Deus, por enxergar a verdade a Seu respeito e por confiar nEle total e absolutamente, custe o que custar. Isso é fé. E, segundo o apóstolo, é a fé em sua essência. Era essa a fé que Abraão tinha. É nisso que Paulo está interessado. Ele destaca esse ponto e o emprega como ilustração, porque nesse homem e no que ele fez vemos perfeitamente delineados os principais elementos e características da fé.

Nesta altura, parece-me que é bom que consideremos alguns problemas e dificuldades. Se eu deixasse o presente assunto sem maior amplitude, estou certo de que algumas pessoas não somente ficariam um tanto confusas, porém até poderiam ficar desanimadas. Devo, pois, deixar claro que esta passagem evidentemente ensina que existem graus de fé. Os próprios termos empregados sugerem isso. O termo "forte" e o termo "fraco" (ou seus correlatos) indicam a existência de graus de fé, ou, se vocês o preferirem, graus na fé. As Escrituras colocam diante de nós estes grandes, estes notáveis exemplos de fé. Este é o método característico do ensino escriturístico. Quase invariavelmente é feito destaque de ilustrações notáveis, extraordinárias, como Paulo faz aqui, no caso de Abraão. Nenhum homem glorificou a Deus mais do que Abraão o fez, e é por isso que Paulo o destaca na passagem em foco.

O método bíblico consiste em pôr diante de nós a fé como realmente ela é em sua essência, como deveria ser sempre. As Escrituras fazem isso, não somente com a fé, mas também com muitos outros aspectos da vida cristã. Deixem que eu lhes dê um exemplo negativo. Vejam o caso de Ananias e Safira. Ambos

foram mortos porque mentiram ao Espírito Santo. Entretanto não se segue que todo aquele que mentir ao Espírito Santo cairá morto imediatamente. Não é o que acontece. Mas o caso de Ananias e Safira é posto diante de nós para que vejamos a coisa em sua essência, aprendamos a lição e estejamos advertidos. O Dilúvio é outro exemplo da mesma coisa. Também aquelas "cidades da campina" viveram como viveram, não deram ouvidos às advertências feitas por Ló, e a conseqüência foi a destruição de Sodoma e Gomorra. Temos aí notáveis ilustrações cujo propósito é ensinar-nos o princípio de um juízo final vindouro.

Sugiro-lhes que é exatamente a mesma coisa aqui, em relação à fé. O caso de Abraão mostra a fé em sua melhor expressão, a fé como deve ser. O apóstolo declara que era "fé forte" ou que "ele era forte na fé". Mas isso nos leva a ver que há graus de fé, ou variações na fé. Permitam-me aduzir algumas outras ilustrações para estabelecer a tese que eu estou defendendo. Por certo vocês se lembram do que o nosso Senhor disse a Pedro naquela famosa ocasião em que se deu o andar sobre as águas. O que o nosso Senhor lhe disse foi: "Homem de pequena fé" (Mateus 14:31, ARA). Ele não disse a Pedro que este não tinha fé nenhuma; acusou-o de "pouca" ou "pequena fé". Todavia pouca ou pequena fé sugere que existe a possibilidade de "mais" ou "maior fé", e mais ainda, uma abundância de fé. Ou vejam outro exemplo. Vocês se lembram de como os discípulos estavam no barco com o nosso Senhor. Ele estava cansado e foi para a popa do barco, e dormiu. De repente levantou-se um temporal, começou a entrar água no barco, e eles começaram a apavorar-se. Os discípulos, aterrorizados, acordaram o Senhor e Lhe disseram: "Mestre, não te importa que pereçamos?" E o nosso Senhor, repreendendo-os, disse-lhes: "Onde está a vossa fé?" Aí também se vê a sugestão de uma limitação. Encontra-se a mesma idéia no caso do jovem endemoninhado no sopé do Monte da Transfiguração, quando o pai, perplexo, bradou: "Eu creio,

Senhor! Ajuda a minha incredulidade". Ele tinha fé, ele cria, e, todavia, estava ciente da sua fraqueza. Pede ajuda, pede forças.

Em acréscimo a estes exemplos práticos, há o ensino explícito ministrado pelo nosso Senhor. Vejam, por exemplo, Mateus 17:20: "Se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: passa daqui para acolá – e há de passar; e nada vos será impossível". Se vocês tiverem "fé como um grão de mostarda". É a menor semente de todas. Alguém pode ter esse volume de fé, ou pode ter mais – de novo a sugestão de graus de fé. Ou vejam o caso da mulher siro-fenícia, que persistiu insistindo, embora o nosso Senhor a estivesse, digamos, desanimando, e procurando prová-la. Por fim, o nosso Senhor voltou-Se para ela e lhe disse: "Ó mulher! Grande é a tua fé!" Tome-se outro caso, o do centurião que enviou a mensagem ao nosso Senhor acerca do seu servo que estava doente, e que disse que o nosso Senhor não precisava ir à sua casa, mas bastava que dissesse "uma palavra". E o nosso Senhor disse: "Nem mesmo em Israel encontrei tanta fé". Grande fé, fé forte! Há, depois, aquela frase de Hebreus 10:22: "Cheguemo-nos com verdadeiro coração em inteira certeza de fé". Você pode ter apenas a fé suficiente para levá-lo a Deus; porém, quão diferente é isso da "inteira certeza de fé", e da "ousadia santa"!

É importante que reconheçamos estas distinções, traçadas pelas próprias Escrituras. Posso expor isso empregando vários princípios. Primeiro, fé fraca é coisa que existe. Mas, segundo, lembremo-nos de que uma fé fraca é, não obstante, fé. É muito difícil expressar isto; porém o próprio fato de você dizer que tal fé é fraca constitui uma afirmação no sentido de que, afinal de contas, é fé. "Mas", você dirá, "se um homem tem alguma fé em Deus, só pode ser uma fé absoluta." Isso é verdade no sentido em que um broto de carvalho tem a mesma essência dessa árvore, entretanto sem dúvida não é igualmente forte. Assim, a nossa fé pode ser fraca e, contudo, pode ser fé

real. Não se lhe pode dar outro nome. Não é incredulidade. Mesmo que seja a bruxuleante luz de uma vela, ainda é luz; assim é a fé, por fraca que seja. É, se lhes parece bem, a diferença entre a criança e o adulto. Não se pode dizer que uma criança, um bebê, não tem força nenhuma. Tem alguma força, mas é bem pequena comparada com a de um homem, ou comparada com a força de um atleta, ou com a de alguém que pratica exercícios especiais. Embora a criança pareça não ter força nenhuma, em contraste com esse grande homem e seus músculos poderosos, não obstante você terá que reconhecer que a criança tem força – ela pode mover os lábios, pode fazer certas coisas. Ela tem força, embora pequena.

O terceiro princípio é que há dois fatores, certamente dois fatores muito importantes, que determinam a força da nossa fé. O primeiro é o nosso conhecimento de Deus. Sempre é esse o fator mais importante da fé – o nosso conhecimento de Deus. Foi o conhecimento que Abraão tinha de Deus que fez dele o homem que ele foi, e foi também o que fez grande a sua fé.

O segundo elemento é a nossa aplicação do que sabemos. Isso também é muito importante. "Se sabeis estas coisas", disse o nosso Senhor, "bem-aventurados sois se as praticardes" (João 13:17, ARA). Isso pode ser aplicado à fé. O mero conhecimento teórico que nunca se aventura a agir baseado no que sabe e crê, nunca será uma fé forte. Assim é que, em acréscimo ao nosso conhecimento, é preciso haver a aplicação do conhecimento. No barco, durante a tempestade, os discípulos estavam deixando de aplicar a sua fé, e foi por isso que o nosso Senhor os interrogou daquele modo particular. Perguntou Ele: "Onde está a vossa fé?" (Lucas 8:25). Vocês têm fé, mas onde está? Por que não a aplicam a esta situação? Que é que vocês estão fazendo com a sua fé? Deixaram-na em casa? Por que ela não está aqui? Por que não está sendo aplicada neste ponto? Vocês têm fé, porém por que não a estão aplicando a esta situação na qual vocês se acham? O problema desses discípulos é que eles não fizeram uso da fé que tinham; não pensaram. Ficaram olhando

para as ondas e para a água que estava invadindo o barco. Eles tiravam a água, mas entrava mais, e eles diziam: "Estamos arruinados, vamos naufragar; vejamos se Ele pode nos salvar". E Ele diz: "Onde está a vossa fé?" Em acréscimo ao nosso conhecimento de Deus, há este elemento vitalmente importante, que é a aplicação daquilo que sabemos.

Há outro aspecto deste assunto que eu devo mencionar, tendo em vista as dificuldades que ele causa a tanta gente, e que é a diferença entre fé e temeridade. Muitos são os que se sentem infelizes quanto a esta questão de fé por sua incapacidade de perceberem essa distinção. Talvez possamos ilustrar o que estamos querendo dizer tratando em especial da questão de "cura pela fé". Há duas passagens das Escrituras concernentes a este assunto que causam bastante confusão e muita infelicidade. A primeira é a conhecida declaração de Tiago, capítulo 5, versículos 13 e seguintes: "Está alguém entre vós aflito? Ore. Está alguém contente? Cante louvores. Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da igreja, e orem sobre ele, ungindo-o com azeite em nome do Senhor; e a oração da fé salvará o doente, e o Senhor o levantará; e, se houver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados". A outra é a do Evangelho Segundo Marcos, capítulo 11, versículos 20-24. Relaciona-se com o incidente da maldição lançada sobre a figueira sem frutos. "E eles, passando pela manhã, viram que a figueira se tinha secado desde as raízes. E Pedro, lembrando-se, disse-lhe: Mestre, eis que a figueira, que tu amaldiçoaste, se secou. E Jesus, respondendo, disse-lhes: tende fé em Deus; porque em verdade vos digo que qualquer que disser a este monte: ergue-te e lança-te no mar; e não duvidar em seu coração, mas crer que se fará aquilo que diz, tudo o que disser lhe será feito. Por isso vos digo que tudo o que pedirdes, orando, crede que o recebereis, e tê-lo-eis".

Há muitos que se vêem em grande dificuldade por causa dessas duas passagens. Geralmente a experiência que tiveram é que, ou eles mesmos estiveram doentes, ou alguns dos seus

entes queridos, e crendo nelas puseram-nas em operação. Fizeram aquela "oração da fé" e realmente acreditaram que "tudo o que pedirdes, orando, crede que o recebereis, e tê-lo--eis". Não somente oraram a Deus pedindo cura, mas, de acordo com o ensino que tinham recebido, foram ao ponto de agradecer a Deus o atendimento já feito. É assim que eles entendem essas duas declarações das Escrituras. Você crê que recebeu o que pediu, você afirma que só pode ter acontecido aquilo, e, assim, não continua pedindo; você dá graças a Deus por Ele já o ter atendido. Mas, desafortunadamente, não ocorre a cura, e aquelas pessoas ficam perplexas. O exemplo mais notável disso, de tudo o que a respeito encontrei, tanto em minha experiência pessoal como em minhas leituras, é o que se acha na *Vida de Andrew Murray* (*Life of Andrew Murray*), da África do Sul. Ele defendia a opinião de que os cristãos nunca devem recorrer a médicos ou a meios. Ele ensinou e praticou isso durante anos. Houve uma ocasião em que ele deveria sair de viagem para pregações. Ele tinha um sobrinho que desejava muito ir com ele, mas o pobre jovem sofria dos pulmões, tinha tuberculose. Era evidente que não estava em condições de ir. Então os dois conversaram a respeito, e Andrew Murray lhe disse: "Você crê que Deus pode curá-lo, não crê?" "Sim", respondeu o sobrinho. "Bem", disse Andrew Murray, "vamos a Deus com fé, crendo." Então citaram as passagens aqui referidas, oraram a Deus pedindo a cura, e terminaram dando graça a Deus pela cura que eles sabiam que já se havia dado. Eles "tomaram posse dela pela fé". Foi assim que eles interpretaram os citados versículos. E então partiram, confiantes e certos de que o jovem fora totalmente curado e que tudo estaria bem. Mas três semanas depois ele estava morto.

Há muitos exemplos e ilustrações semelhantes. No momento não estamos discutindo cura pela fé como tal. A mesma coisa se pode dizer de muitas outras questões – oração por bom tempo, oração por algum cargo, ou oração pedindo

que algo aconteça em nossa vida ou em nossa experiência, oração para que os filhos tenham sucesso. As pessoas estão constantemente em dificuldade com relação a estas coisas. Penso que há duas causas principais disso. A primeira – e esta transparece claramente na fé que Abraão tinha – é que essas pessoas entendem mal o que a Palavra de Deus promete. Ora, Abraão, ao contrário, tinha claro entendimento disso. Abraão sabia que Deus tinha falado, que Deus tinha feito aquela promessa específica. Não havia dúvida a respeito, e Abraão creu. Contudo, quanto àqueles amigos, há confusão em suas mentes sobre o que Deus disse. Há alguns que ensinam que nunca é da vontade de Deus que algum dos Seus filhos fique doente. Mas isso é antibíblico. E se essas pessoas crêem nisso e agem baseadas nisso, estão fadadas a entrar em dificuldades. Se nunca é da vontade de Deus que algum dos Seus filhos fique doente, segue-se que sempre deve ser da vontade de Deus que nós sejamos curados e estejamos bem. Elas agem com base nisso e oram firmados no poder dessa fé, de modo que, quando não ocorre a cura, ficam em dificuldades. Ficam em dificuldades porque a sua teologia é errônea.

Deus não prometeu que o Seu povo estaria sempre bem. Há claro ensino nas Escrituras de que Deus pode usar uma doença para castigar-nos e punir-nos para o bem das nossas almas. "Há entre vós muitos fracos e doentes", disse o apóstolo Paulo, por causa da vida pecaminosa deles (1 Coríntios 11:30). Às vezes Deus castiga por meio da enfermidade. Não quer dizer que toda enfermidade é castigo. Mas pode ser. Só estou contestando o argumento que afirma que nunca é da vontade de Deus que Seus filhos adoeçam, e que Sua vontade é que eles estejam sempre bem. Digo e repito que esse ensino é antibíblico e que, conseqüentemente, os que defendem essa idéia seguramente vão ter problemas quando tentarem exercer sua fé daquela maneira.

Há também os que são culpados de entendimento errôneo do caráter da fé. Ao que parece, eles consideram a fé como

algo pelo que eu e vocês podemos "interessar-nos", para usar a expressão comum. Noutras palavras, você lê um livro sobre estas questões, ouve um discurso ou um sermão, e diz: "Ah, isso me interessa, isso eu gostaria de fazer". Contudo, não se pode fazer isso com a fé. Você não pode "interessar-se" pela fé. Você pode "interessar-se" por seitas, e muitos se interessam por seitas; mas não pode fazer isso com a fé, pela simples razão de que a fé é o que é. É muito perigoso pensar que a pessoa pode "interessar-se" pela fé. "Isso não seria maravilhoso?" diz alguém. "Veja essa gente! Ouça o que esse homem tem para contar: "mil e um milagres", ou alguma coisa igualmente maravilhosa. Assim, as pessoas se decidem a tomar interesse pela fé. Todavia não parece funcionar no caso dessas pessoas. Por quê? Porque entenderam mal o sentido de fé. Você não pode assumir a fé como quiser e quando quiser. Você não pode tomar a fé a sangue frio, por assim dizer, e decidir que vai ser "um homem de fé".

Menos certo ainda é dizer da fé – "Fé? Ora, não há dificuldade com relação à fé. Todos nós temos fé. Quando você se assenta numa cadeira está exercendo fé em que a cadeira vai agüentá-lo. Quando você viaja de trem ou de ônibus, está exercendo fé". O argumento é que todos nós temos fé, e que tudo o que temos de fazer é exercer essa fé, que é inata na natureza humana, no que se refere a crer em Deus. Mas é isso que eu chamo de aplicação da "lei da probabilidade matemática". Quando me sento numa cadeira, faço isso porque estou agindo sobre o princípio de que todas as probabilidades são de que ela não vai quebrar naquele momento. Poderá quebrar em qualquer outro momento. Essa é a lei da probabilidade matemática. Quando viajo de trem ou de ônibus, estou fazendo a mesma coisa. Não estou exercendo fé no ônibus ou no motorista. Estou simplesmente firmado no conhecimento – em geral inconscientemente – de que novecentos e noventa e nove vezes em mil, provavelmente muito mais que isso, vai ser bastante seguro. Isso não é fé. Isso é

natural; e a fé não é natural. A fé é espiritual (sobrenatural), é dom de Deus. Somente os cristãos têm fé. Se você não é cristão, não pode ter fé. Não é possível ter fé sem ser cristão. É impossível. A fé não é algo natural no homem.

Outro modo negativo de dizer isso é que a fé não consiste apenas em persuadir-nos à moda do coueísmo* e da auto-sugestão, ou afirmando desesperadamente que nós cremos de fato. Dizer "Creio nisto, vou crer nisto" não é fé. Tornem a ver Marcos 11:22-24. A proposição que é tão mal interpretada é esta: "Por isso vos digo que tudo o que pedirdes, orando, crede que o recebereis, e tê-lo-eis". Eis uma interpretação comum dessas palavras: quero uma coisa e começo a orar para obtê-la. Eu procuro me persuadir de que realmente creio que vou recebê-la, de que devo crer nisso. Muitos chegam ao ponto de dizer que, tendo dado a conhecer a Deus um pedido, você deve parar de pedir, deve acreditar que já recebeu o que pediu, e deve dar graças a Deus por isso. Eles dizem que isso tem que acontecer. Mas nem sempre acontece. Por quê? Porque em muitos casos a pobre alma não acreditou verdadeiramente que receberia o que pediu, porém estava tentando persuadir-se de que o receberia. Que coisa mais diferente! "Crer", segundo a declaração do nosso Senhor, significa certeza e segurança, e a confiança resultante. E não podemos comandar isso a nosso bel-prazer.

No que vai dar isso positivamente? Podemos dizê-lo mais ou menos assim: a fé é algo que nos é incrustado, é algo dado. Eu creio que quando Deus falou com Abraão, Ele lhe estava dando a fé para crer na promessa. Não foi nenhuma coisa natural existente em Abraão que respondeu a Deus. A fé é dada, é incrustada em nós, e, portanto, é algo que sempre leva a uma tranqüila confiança em Deus e a um tranqüilo apoiar-

---

* De Émile Coué (1857-1926), um mestre da auto-sugestão como método de cura de doenças. Nota do tradutor.

-se em Deus. Não há pressão, não há tensão onde há fé. A fé, como vimos anteriormente, sempre tem este elemento de segurança e de confiança. "Estando certíssimo" (ou, VA: "Estando plenamente persuadido") em sua mente, é o que se nos diz. Foi isso que caracterizou Abraão. Abraão tinha certeza, sentia-se seguro. Esse fator está sempre presente na fé. Se houver pressão ou tensão, ou se você está só tentando, ou está precisando agarrar-se a isso e procurando persuadir-se, pode estar absolutamente certo de que não é fé. A fé é a substância das coisas que se esperam, a prova das coisas que não se vêem. A grande característica daqueles maravilhosos heróis da fé era que eles tinham certeza. Havia esta profunda segurança baseada em seu real conhecimento de Deus.

Noutras palavras, e para dar uma interpretação daquela passagem de Marcos, capítulo 11, que começa com a exortação: "Tende fé em Deus", não há dúvida de que a tradução de Hudson Taylor é a certa, é a tradução fiel dessa passagem. Hudson Taylor costumava dizer que não se deve traduzir essa frase por "tende fé em Deus", e sim, por "Firmai-vos na fidelidade de Deus". A referência é a Deus. Fé é apegar-se à fidelidade de Deus, e enquanto você fizer isso, não poderá errar. A fé não olha para as dificuldades. A fé não olha nem para si mesma. Vou além: a fé nunca se interessa por si mesma e nunca fala de si. Essa, para mim, é uma boa prova. Eu sempre desconfio de quem fala da sua fé. Essa é uma característica das seitas. Seus seguidores sempre dirigem a atenção para si mesmos e para o que estão fazendo ou fizeram. Você tem que "pensar positivamente", ou tem que fazer isto, ou aquilo, ou o que mais seja. A ênfase é sempre ao próprio indivíduo. Mas a fé não olha para si ou para a pessoa que a está exercendo. A fé olha para Deus, fixa-se na fidelidade de Deus. A grandeza da fé não está no que eu estou fazendo, porém na fidelidade de Deus. Abraão "deu glória a Deus". A fé só está interessada em Deus, fala sobre Deus, louva a Deus e enaltece as virtudes de Deus. Sempre e em última instância, a medida do poder

do homem de fé é a medida do seu conhecimento de Deus. Não há nenhum princípio mais vitalmente importante que esse.

A fé sempre glorifica a Deus. Não há nada daquela agitação que está sempre presente na seitas, e noutras correntes que nem sempre são conhecidas como seitas mas que realmente pertencem a elas. Na fé não há nada de febril, nada de agitação. A grande característica de Abraão, aquele homem de Deus, aquele cavalheiro notável, aquele homem que prosseguia calmamente, acontecesse o que acontecesse – sua grande característica é que ele era "amigo de Deus" (cf. Isaías 41:8). Ele conhecia tão bem a Deus que foi se tornando cada vez mais parecido com Deus. Havia um vestígio da eternidade nele. Quando um homem é amigo de Deus, é homem de grande fé, homem de fé forte; não é fraco e não vacila. Não se trata de coisa alguma que haja nele; trata-se do seu conhecimento de Deus e dos atributos de Deus. Ele conhece tão bem a Deus que pode firmar-se nesse conhecimento. E é as orações de tal homem que são respondidas.

É, pois, evidente que não é algo que se pode simplesmente tomar. Se você quiser ser um homem de fé, se quiser ser um homem de fé forte, terá que compreender que isso sempre será resultado da sua transformação num certo tipo de pessoa. Você não poderá ter fé forte sem santidade e sem obediência a Deus. Se você deseja saber como ter fé forte, aqui está o método. É mediante um profundo e intenso conhecimento da Bíblia e, por meio dela, o conhecimento de Deus; não é absorver de repente uma idéia e decidir-se a tomar interesse pela fé. Se você deseja ter fé forte, leia a Bíblia; do começo ao fim. Concentre-se na revelação que Deus deu de Si mesmo e do Seu caráter. Preste atenção também, e especialmente, na profecia, e depois veja o cumprimento das Suas promessas. É assim que se desenvolve fé forte – estar firmado nisso tudo. A seguir leia as porções históricas da Bíblia, e as narrativas sobre os grandes heróis bíblicos. É por isso que o autor da Epístola

aos Hebreus nos dá aquela galeria de retratos de grandes santos no capítulo onze. Diz ele: vejam estes homens, que eram como nós. Qual era o segredo deles? Era que eles conheciam a Deus, davam glória a Deus e confiavam inteiramente nEle e em Sua Palavra. Ponha a sua mente a refletir nisso, fique dizendo isso a você mesmo; medite nisso. Essa é a maneira de desenvolver fé forte. Geralmente é um processo, e normalmente leva tempo, a menos que lhe seja dado de repente por Deus, com algum propósito específico. Acima de tudo, significa conhecer a Deus pessoalmente; orar, passar tempo em Sua presença, esperar nEle.

E então, finalmente, você aplica tudo isso na prática a casos particulares, conforme surjam em sua vida e em sua experiência. "Ele não duvidou, mas deu glória a Deus." Esse é o segredo da fé. É a nossa ignorância de Deus que constitui o nosso maior problema. Portanto, não pense demais em sua pequena fé; pense mais em Deus. Lute por conhecer a Deus, procure compreender a verdade sobre Ele, e, quando agir assim, você verá, talvez para sua surpresa, que a sua fé está se tornando forte, e você ficará admirado consigo mesmo. Queira Deus capacitar-nos, a todos nós, a procedermos assim, por Sua graça!

17

RESSUSCITOU PARA A NOSSA JUSTIFICAÇÃO

"Ora não só por causa dele está escrito, que lhe fosse tomado em conta, mas também por nós, a quem será tomado em conta; os que cremos naquele que dos mortos ressuscitou a Jesus nosso Senhor; o qual por nossos pecados foi entregue, e ressuscitou para nossa justificação." – Romanos 4:23-25

Tendo exposto detalhadamente a grande e magistral análise da fé que o apóstolo Paulo fez, devemos lembrar-nos agora de que ele não estava só interessado em descrever e definir a fé, e nada mais. O que lhe interessa particularmente é a "justificação" pela fé. Ele tomara a ilustração da fé que Abraão tinha, não somente para ilustrar essa fé em si, mas particularmente para nos mostrar que Abraão foi justificado pela fé, e que "sua fé lhe foi imputada como justiça". É o que ele expressa no vigésimo segundo versículo. Abraão é a primeira pessoa em cujo caso esta grande doutrina da justificação pela fé é declarada e salientada de maneira explícita; e já vimos, nas partes anteriores do capítulo, a importância que há em compreender isso.

Tendo tratado disso, o apóstolo prossegue nos versículos 23 a 25 e diz uma das coisas mais importantes que qualquer ser humano pode considerar. Falando destes versículos, Martinho Lutero diz: "Nestes versículos todo o cristianismo está compreendido"; e não há dúvida de que ele está certo.

Esta é uma das tremendas declarações feitas por Paulo acerca da justificação. Naturalmente, não é o único caso; já vimos outros nas partes anteriores desta Epístola. Aqui ele está dando andamento ao seu vigoroso argumento acerca da justificação pela fé, e o expõe neste luminoso clímax: "Ora", diz ele, "não só por causa dele está escrito, que lhe fosse tomado em conta, mas também por nós, a quem será tomado em conta; os que cremos naquele que dos mortos ressuscitou a Jesus nosso Senhor." Praticamente o que ele diz é o seguinte: estou citando a fé que Abraão teve, não somente para ressaltar a fé que Abraão teve, e nem tampouco somente para ressaltar o fato de que Abraão foi justificado pela fé; faço isso, mas o meu real propósito não é simplesmente dizer coisas acerca de Abraão. O que se deu com Abraão é o que se dá com todo aquele que está em Cristo. O que se deu com Abraão simplesmente constitui o mais notável e dramático exemplo e ilustração do método operacional da justiça de Deus, do plano da salvação, de todo o processo divino da justificação pela fé.

Portanto, a declaração a respeito de Abraão não se deve restringir a Abraão. O que é verdade a respeito de Abraão é verdade a respeito de todo aquele que foi ou será reconciliado com Deus. Este é o único meio pelo qual Deus justifica o homem, este é o método pelo qual Deus reconcilia os homens conSigo. Não há outro. Por isso Paulo nos diz que não devemos olhar para Abraão e considerar o seu caso como algo excepcional ou estranho ou singular. "Não só por causa dele está escrito", mas também por nossa causa, por causa de todo aquele que crê do mesmo modo que Abraão creu. Se crermos como Abraão creu, seremos justificados como Abraão foi justificado. Tendo nos dado um pouco de história, Paulo retorna àquele grande tema e faz uma das suas profundas declarações com respeito a todo o método da justificação somente pela fé.

Em que consiste esta fé que justifica? Essa é a questão. Ou, se vocês preferirem ver isso de forma diferente: como pode

o homem ser justo para com Deus? Essa foi a antiga pergunta de Jó (9:2). Essa é a maior pergunta que o homem pode jamais enfrentar – como pode o homem ser reto para com Deus? Como pode o homem saber se os seus pecados estão perdoados? Como pode alguém aproximar-se de Deus em oração com confiança? Como pode alguém enfrentar a morte sem temor? Como pode alguém pensar no Juízo sem desespero e sem alarmar-se? Estas questões estão compreendidas nesta grande pergunta: como pode o homem ser justo para com Deus? Esta é, como Lutero salientava constantemente, a questão crucial. Esta é realmente a essência do cristianismo, de modo que não admira que Lutero diga o que diz. Foi o seu redescobrimento desta verdade que levou à Reforma Protestante. Este é o protestantismo essencial, como também é o cristianismo evangélico em sua essência. É óbvio que estes versículos são de suprema importância.

Em que consiste esta fé que justifica? Eis as respostas do apóstolo: primeiro, é uma fé que crê em Deus e glorifica a Deus. Notem como ele repete isso. Diz ele: "Também por nós (está escrito), a quem será tomado em conta; os que cremos naquele que dos mortos ressuscitou a Jesus nosso Senhor". Esta fé, da qual ele está falando, é uma fé em Deus, e é sempre uma fé que glorifica a Deus. É uma fé que crê em Sua Palavra. É uma fé que se preocupa acima de tudo em agradar a Deus e em glorificar o Seu santo e glorioso nome.

Às vezes tenho o receio de que há hoje muita coisa que passa por fé e que nunca sequer menciona o nome de Deus. Estou pensando naqueles que só falam sobre o Senhor Jesus Cristo, sempre se referem a Ele e nunca a Deus o Pai. Todavia, notem que na grande definição que o apóstolo dá desta fé que justifica, ele o faz em termos de crer em Deus. Estas coisas são sutis, e o diabo não se preocupa nem um pouco quanto ao que cremos, contanto que possa confundir-nos.

Assim sucede que, enquanto alguns dão toda a ênfase a Deus e não vêem necessidade nenhuma do Senhor Jesus Cristo, outros dão toda a ênfase ao Senhor Jesus Cristo, com a exclusão

do Pai. É trágica a constante tendência de fazer violência à grande doutrina da Trindade. Da mesma maneira, ou o Espírito é negligenciado, ou, no outro extremo, toda a ênfase é dada a Ele. Assim nos inclinamos a desviar-nos. Devemos manter estas verdades sempre na ordem em que se vêem nas Escrituras. Tudo começa com Deus; tudo deve terminar com Deus. Toda a obra realizada pelo Senhor Jesus Cristo destina-se a levar-nos a Deus, a reconciliar-nos com Deus. Foi Deus que O enviou para realizar essa obra; logo, tudo deve centrar-se supremamente em Deus. Este é o ponto de partida da verdadeira fé. Este é o ponto de partida de todo o cristianismo. Primordialmente, não parte de mim e das minhas disposições e sentimentos subjetivos, nem de nada do que me acontece; não parte nem mesmo do Filho de Deus, nem do Espírito Santo, mas parte sempre de Deus o Pai. "Os que cremos naquele que dos mortos ressuscitou a Jesus nosso Senhor."

Esse é o ponto de partida. Entretanto, em segundo lugar, o apóstolo passa a definir a questão ainda mais rigorosamente; esta fé crê em Deus particularmente em termos da ressurreição do Senhor Jesus Cristo. Ele a restringe a isso porque aqui está realmente interessado na maneira pela qual o homem é reconciliado com Deus. "Mas também por nós, a quem será tomado em conta; os que cremos naquele que dos mortos ressuscitou a Jesus nosso Senhor." Ter fé é crer em Deus, porém não é somente crer em Deus de modo geral. Há muitos que crêem em Deus, mas isso não os torna cristãos. Um judeu ortodoxo, ou um maometano, não é cristão por essa mesma razão. A fé que caracteriza o cristão, a fé justificadora, é a fé que crê em Deus de um modo particular, em termos do fato de que Ele ressuscitou o Senhor Jesus Cristo dentre os mortos.

O que o apóstolo quer dizer com isso é que Deus disse algo muito especial e peculiar na ressurreição. Lembremo-nos de que Abraão foi justificado desse modo, que Deus lhe fez uma declaração particular. Abraão já tinha crido em Deus em geral, todavia eis que chegou o dia em que Deus lhe disse algo

especial e peculiar, e Abraão creu nessa palavra. Foi isso que o justificou. Foi isso que "lhe fo imputado como justiça". Exatamente da mesma maneira, argumenta o apóstolo, Deus disse algo peculiar e especial ao ressuscitar o Seu Filho, o Senhor Jesus Cristo, dentre os mortos; e a fé justificadora é a fé que crê nisso. Portanto, não é uma simples crença geral em Deus; é esta crença peculiar na Palavra de Deus que nos vem mediante a ressurreição.

A implicação evidente disso é a suma importância da fé no fato da ressurreição. Não seria extraordinário que alguém se extravie e se afaste dessa verdade? Há os que ensinam, e se dizem mestres de doutrina cristã, que crêem na ressurreição física do Senhor Jesus Cristo dentre os mortos. Esta fé é uma fé "naquele que dos mortos ressuscitou a Jesus nosso Senhor". Não é uma fé que meramente acredita que Jesus, que foi crucificado, morto e sepultado, continua existindo no reino espiritual. Não é o que Paulo está dizendo. Ele não está ensinando meramente a persistência da vida do nosso Senhor além do véu. Não, é mais particular, é uma fé baseada no fato da ressurreição corporal e literal do nosso Senhor. Certamente vocês se lembram de como, no grande capítulo quinze da Primeira Epístola aos Coríntios, o apóstolo argumenta extensamente sobre este assunto. "Se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e é vã a vossa fé." E também, "ainda permaneceis nos vossos pecados". Isso é central e vitalmente importante para o cristianismo. Não é matéria para discussão. É crucial; sem ela jamais haveria fé cristã e Igreja Cristã. Na passagem de Romanos que estamos estudando o apóstolo a coloca em pleno centro. No capítulo dez desta Epístola o veremos dizer a mesma coisa de novo: "Se com a tua boca confessares ao Senhor Jesus, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dos mortos, serás salvo". Vemos então que este homem, este cristão, esta pessoa justificada, este homem a quem é imputada a justiça, é o homem que crê em Deus. Ele crê

também, particularmente, no que Deus lhe disse na ressurreição de Jesus Cristo.

Isso nos leva ao terceiro ponto: que é que ele crê que Deus disse na ressurreição de Jesus Cristo? Esta é uma pergunta crucial. O apóstolo responde dizendo: "Cristo por nossos pecados foi entregue, e ressuscitou para nossa justificação". Analisemos isso: que é que Deus diz ao ressuscitar o Salvador Jesus dentre os mortos? A primeira coisa que Ele diz é que Jesus é o Senhor. Notem os termos: "Os que cremos naquele que dos mortos ressuscitou a Jesus nosso Senhor" – não "nosso Salvador", mas "nosso Senhor" – "Jesus nosso Senhor". Ele está asseverando que a ressurreição é uma proclamação de que Jesus é o Senhor! Noutras palavras, quando Deus O ressuscitou dentre os mortos, estava fazendo uma proclamação, e a proclamação foi: "Este é Meu Filho unigênito". O apóstolo já tinha dito isso, é claro, mas o repete. Estas coisas precisam ser repetidas porque todos nós estamos sujeitos a nos desviar delas. Pensamos que conhecemos uma coisa, e no momento seguinte a negamos. O apóstolo tinha dito isso nos versículos três e quatro do capítulo primeiro, quando apresentou o seu evangelho, dizendo: "Acerca de seu Filho, que nasceu da descendência de Davi segundo a carne, declarado Filho de Deus em poder, segundo o Espírito de santificação, pela ressurreição dos mortos – Jesus Cristo nosso Senhor". Na passagem que estamos estudando ele está simplesmente dizendo tudo isso de novo. E precisamos ter claro entendimento disso. É a ressurreição que estabelece definitivamente o fato de que Jesus é Deus, que Jesus é o Filho de Deus, o Filho eterno de Deus. É a prova final da doutrina da Pessoa de Cristo, das duas naturezas numa Pessoa. Essa é a primeira grande verdade que Deus diz na ressurreição.

Quem é cristão? Que se pode dizer verdadeiramente do homem que foi reconciliado com Deus e justificado pela fé? Pelo menos se pode dizer que é uma pessoa que crê que Jesus de Nazaré é o Filho de Deus. Em parte ele crê nisso

à luz da ressurreição. Ele entende isso claramente, e é preciso que seja assim. Você não pode ser cristão se não tem claro entendimento da doutrina sobre a Pessoa do nosso Senhor, e se não crê que Ele é o Senhor da glória, o Filho eterno de Deus, da mesma substância do Pai. Isso envolve toda a maravilha e todo o mistério da encarnação.

O apóstolo continua então, e trata de outras duas coisas. A próxima é que este mesmo Jesus "por nossos pecados foi entregue". Que estupenda declaração! Devemos examiná-la cuidadosamente e em detalhe. Notem que ele não diz meramente que "Jesus morreu". É um fato que Jesus morreu, porém não é esse o modo como o cristão expressa o que ele crê. A questão vital é: como você vê essa morte? Lamentavelmente a Versão Revista Padrão inglesa ("RSV") traduz assim o texto: "foi executado" – "O qual foi executado por nossas transgressões". Mas Paulo não escreveu que Ele foi executado ou morto por nossos pecados ou transgressões. Isso é certo, contudo o apóstolo diz mais que isso. A tradução "foi entregue" está certa. "Por nossos pecados foi entregue." É a mesma palavra que veremos mais adiante, no capítulo 8, versículo 32: "Aquele que nem mesmo a seu próprio Filho poupou, antes o entregou por todos nós". Pois bem, a Versão Revista Padrão não diz ali "foi executado por nós" ; diz: "o abandonou por todos nós"; é, pois, incoerente com ela mesma. Por que tirar algo dessa expressão, "entregou" ou "foi entregue"? Receio que, mais uma vez, é pelo que significa – que o Filho de Deus realmente foi entregue à morte. Por quem? Aquele versículo do capítulo oito diz: "Aquele (Deus) que nem mesmo a seu próprio Filho poupou" – foi Deus o Pai que O entregou. E é isso que o apóstolo está dizendo aqui no capítulo quatro: "O qual por nossos pecados foi entregue", e foi Deus o Pai que O entregou por nossos pecados. Notemos isso. Não é meramente que o Senhor Jesus Cristo morreu, mas que Ele foi entregue à morte, foi abandonado para morrer.

A palavra subseqüente é a palavra "por" – "entregue por

nossos pecados". Significa "por causa de" nossos pecados. "Por" é uma palavra muito forte, palavra sumamente importante em toda esta questão da expiação. Foi por causa dos nossos pecados que Deus entregou Seu Filho unigênito à morte.

Depois vem a palavra "pecados". Significa transgressões, violações da Lei, rebelião deliberada e desobediência, delito, transgressão. O apóstolo está afunilando a sua definição. Começamos com a crença em Deus, mas particularmente crença no que Deus declara e faz na ressurreição. E o que Ele faz é dizer que Jesus de Nazaré é Seu Filho unigênito. Ele O ressuscita dentre os mortos e O proclama Seu Filho. Mas isso imediatamente levanta a questão: se Jesus é o Filho de Deus, por que Ele morreu? Por que o Filho de Deus morreu na cruz? Não podia ter evitado isso? A resposta é, diz o apóstolo, que Deus O enviou para a cruz por causa de nossos pecados. Nós, que cremos nEle, sabemos que Ele morreu por nossos pecados, que Ele foi entregue por nossas transgressões, por nossos delitos.

Mais uma vez, esta é a grande e clássica doutrina da expiação. Já a temos encontrado no capítulo três, versículos 24 e 25. "Sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus, ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue, para demonstrar a sua justiça pela remissão dos pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus." O apóstolo retorna a ela; e todo cristão verdadeiro deve fazer sempre a mesma coisa, pois é aí que ele vê o modo como Deus o perdoou e o salvou e o reconciliou conSigo. Deus entregou Seu próprio Filho por nossos pecados. Paulo o diz de novo em 2 Coríntios 5:21: "Àquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus". Mas o profeta Isaías já o dissera; está lá em Isaías, capítulo 53: "O Senhor fez cair sobre ele a iniqüidade de nós todos"; "...ao Senhor agradou moê-lo".

"Entregue por nossos pecados." Que significa isso? Significa que Ele foi entregue à punição que a culpa de nossos

pecados merece. Deus tomou os nossos pecados e os colocou sobre Ele; e os puniu nEle. "Ah", você poderá dizer, "mas foram os homens que crucificaram Cristo." Eles foram tão-somente os instrumentos. Como Pedro expõe em seu sermão no dia de Pentecoste, registrado em Atos, capítulo 2, no versículo 23, embora tenha sido feito pelas mãos cruéis de homens e dos governadores dos judeus, foi segundo o "propósito deter-minado e pré-conhecimento de Deus" (NVI). Foi Deus quem enviou Cristo à cruz. Essa foi a razão pela qual o nosso próprio Senhor disse que tinha que ir para lá. Ele "manifestou o firme propósito de ir a Jerusalém" (Lucas 9:51). Ninguém e coisa alguma poderiam dissuadi-lO. Era o único meio. Foi Deus quem O entregou, lançou sobre Ele os nossos pecados, e com isso O fez pecado por nós. Todas essas expressões dizem exatamente a mesma coisa. O nosso Senhor se dispôs a fazer isso voluntariamente, dizendo: "Eis-me aqui, envia-me". Ele Se submeteu por querer, voluntariamente. Há, pois, um sentido em que podemos dizer que Ele levou sobre Si os nossos pecados. No entanto, aqui o apóstolo mostra o outro lado, enfatiza o outro aspecto. Deus, como o Juiz Eterno, colocou os nossos pecados sobre Ele e lhes deu tratamento definitivo, uma vez por todas. É isso que o cristão crê, e crê nisso porque é proclamado na ressurreição. O Filho de Deus morreu porque era esse o meio, o único meio, de lidar com os pecados. E Deus deu o devido tratamento aos nossos pecados ali. "Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não lhes imputando os seus pecados" (2 Coríntios 5:19).

O próximo passo, o último, é o seguinte: "e ressuscitou para nossa justificação". Qual é o sentido disso? Vocês notarão que no próximo capítulo, no versículo nove, o apóstolo diz: "Logo muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira". Estaria se contradizendo? Noutras passagens nos é dito que somos justificados pela morte de Cristo; em Romanos, capítulo 4, nos é dito que somos justificados pela ressurreição. Haveria contradição nisso?

Patentemente não. Não se pode separar a morte da ressurreição. Alguns há que tolamente o fazem, e até chegam ao ponto de dizer que em Corinto Paulo só pregou sobre a morte de Cristo, e não sobre a ressurreição. O argumento deles é que ele diz: "Nada me propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado" (2:2). Mas essa Epístola é tomada, toda ela, pela ressurreição. O próprio apóstolo lhes lembra, no capítulo quinze, que tinha pregado a morte e a ressurreição (1 Coríntios 15:1-4). Claro! Não se pode separar estas coisas; elas se pertencem mutuamente; porém é útil diferenciar os diversos aspectos por amor da clareza intelectual.

A ressurreição é a proclamação do fato de que Deus está plena e completamente satisfeito com a obra realizada por Seu Filho na cruz. Vocês recordam como o nosso Senhor bradou na cruz: "Está consumado". Ele sabia que estava tudo terminado, e o povo O ouviu dizer: "Está consumado". Mas Ele morreu, e Seu corpo foi colocado num túmulo; e o povo ficou pensando que estava "consumado" noutro sentido. Mesmo alguns dos Seus seguidores pensaram isso, e diziam: "Ah, é o fim". "E nós esperávamos que fosse ele o que remisse Israel" (Lucas 24:21), que ia libertar-nos e introduzir o Reino, porém está terminado, Ele está morto, Ele está enterrado". Todavia Ele ressurgiu do sepulcro: "Deus O ressuscitou dos mortos", e, ao ressuscitá-lO dentre os mortos, Deus estava fazendo uma tremenda proclamação. É que Seu Filho tinha sofrido a plena penalidade dos nossos pecados, que Ele está plenamente satisfeito, que Sua Lei foi plena e completamente vindicada. Se Deus não O tivesse levantado do túmulo, poderíamos tirar a conclusão de que o nosso Senhor não foi capaz de suportar a culpa dos nossos pecados, que isso foi demais para Ele, e que Sua morte foi o fim. Mas Ele foi levantado dentre os mortos; e, ao ressuscitá-lo, Deus estava proclamando que Seu Filho tinha completado a obra, que fora feita plena expiação, que Lhe fora feita a devida propiciação e que Ele estava completamente satisfeito. A

ressurreição declara isso, e é nesse sentido que Ele "ressuscitou para nossa justificação". É ali que vemos isso claramente. A obra foi realizada na cruz, porém na ressurreição está a proclamação de que ela é suficiente.

Além disso, as Escrituras declaram que o nosso Senhor, tendo ressurgido dentre os mortos, e tendo aparecido durante quarenta dias a testemunhas escolhidas, ascendeu ao céu; como é dito em Hebreus 4:14, Ele "penetrou nos céus". Essa é uma referência ao cerimonial do Velho Testamento. Uma vez por ano o sumo sacerdote entrava no Lugar Santíssimo levando consigo o sangue dos animais sacrificados para representar o povo e fazer expiação por seus pecados. Ele aspergia o sangue no assento da misericórdia (propiciatório). Todo o povo ficava esperando do lado de fora, e para eles a questão era: "Irá Deus aceitar esta oferta, este sacrifício? Aceitará Ele este sangue da expiação?" E ficavam esperando e ouvindo. De repente eles ouviam o tinir das campainhas na orla da veste do sumo sacerdote, e então ficavam sabendo que ele estava saindo vivo e que tudo estava bem, que a oferta que ele fizera tinha sido aceita. Cristo é o nosso grande Sumo Sacerdote. Ele entrou no céu, oferecendo o Seu próprio sangue; e permanece ali, e o fato de que Ele permanece ali é uma prova de que Deus O aceitou e aceitou a Sua oferta em nosso favor. E ali está Ele, "vivendo sempre para interceder por eles" (Hebreus 7:25). Ali está Ele, sempre proclamando que Ele suportou a culpa e o seu respectivo castigo. Sua presença ali, por si só, faz intercessão por nós.

Mais que isso, porém. Tendo entrado no céu, Ele recebeu em nosso favor, e como nosso representante, todas aquelas grandes e ricas dádivas que Deus tem para o Seu povo. Toda graça que recebemos e que possuímos vem de Cristo. Por certo vocês se lembram do que João diz no prólogo do seu evangelho: "E todos nós recebemos também da sua plenitude, e graça por graça". Todas as dádivas de Deus para o Seu povo estão em Cristo. Ele entrou e as recebeu todas para nós, e nós as

recebemos dEle. A ressurreição proclama tudo isso.

Esta é, pois, a declaração que a ressurreição faz: ela proclama que Jesus Cristo é o Filho de Deus; que Ele morreu, e teve que morrer, para fazer expiação pelos nossos pecados; que, ademais, Ele ressuscitou e assentou-se à destra de Deus o Pai na glória. Ao ressuscitá-lO, Deus faz essa grande proclamação. Essa é outra maneira de dizer que "Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo". É desse modo que Deus nos salva; e é por isso que o cristão, conseqüentemente, crê. Ele crê que o único meio de salvação é o que Deus providenciou; crê que Deus enviou Seu Filho, Seu Filho unigênito, do céu à terra como Jesus de Nazaré; crê que Ele O sujeitou à Lei; crê que o Filho cumpriu a Lei perfeitamente; crê que Deus lançou sobre Ele os nossos pecados e a nossa culpa, e que os puniu e lhes deu tratamento definitivo, para sempre; e crê que Deus está plenamente satisfeito.

É dessa fé, diz praticamente o apóstolo, que estou falando. Como na antigüidade Abraão creu no que Deus lhe disse, eu e vocês devemos crer nisso, porque é isso que Deus está dizendo na ressurreição. Esta é a fé cristã, fé especial, particular. É isso que faz do homem um cristão. Não só crer em Deus, nem meramente ter uma vida virtuosa e tentar seguir a Cristo. É ver que sua salvação completa está em Jesus Cristo, e nEle crucificado e ressurreto dentre os mortos, e crer nisso, e confiar somente nisso. É isso que "nos é imputado como justiça". Ou, para empregar a linguagem que o apóstolo emprega alhures, o cristão crê que Deus imputou (atribuiu) os seus pecados a Jesus Cristo, e que Deus também atribuiu a ele, cristão, a justiça de Cristo. A justificação é a declaração que, do trono da glória, Deus faz que todos os que crêem em Jesus Cristo desta maneira são perdoados gratuitamente, que todos os seus pecados são apagados. Mais: que Ele os reveste da justiça de Jesus Cristo, Seu Filho. Na ressurreição Deus declarou que todo aquele que crê dessa maneira no Senhor Jesus Cristo é justo e reto aos Seus olhos. Isso é "justificação pela fé". É um ato jurídico,

forense; é a declaração que Deus nos faz, quando ainda estamos em nossos pecados, como já nos fora dito no versículo cinco deste capítulo: "Aquele que não pratica, mas crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é imputada como justiça". Cristão é o homem que crê no que Deus lhe diz quando traz Cristo redivivo dentre os mortos. Ele crê que quando apenas olha para Cristo e confia somente nEle para a sua salvação, está diante de Deus plena e gratuitamente perdoado, que em Cristo ele é justo e, de fato, é um filho de Deus.

Finalmente, deixem que eu o expresse de maneira mais direta e mais prática. Faço isso porque o apóstolo introduziu em sua argumentação o exemplo de Abraão; e eu introduzo o exemplo de Abraão com o fim de mostrar o que tudo isso significa em detalhe e na prática. A fé que Abraão tinha, como já vimos, habilitou-o a fazer as seguintes coisas: ele creu na promessa de Deus; ele o fez única e inteiramente com base na Palavra de Deus; ele creu, apesar de tudo o que havia em contrário. Ele esteve confiante e seguro, "estando certíssimo de que o que ele tinha prometido também era poderoso para o fazer". Portanto, foi com base nisso que ele agiu. Ora, a fé cristã é sempre desse modo, e sempre deve ser assim. Procurei fazê-los lembrar-se de que existe isso de fé fraca e fé forte, porém os fatores aqui mencionados precisam estar presentes; se não estiverem, não é fé cristã. Assim é que se chega a isto – o verdadeiro cristão, o homem cristão, é aquele que repousa com tranqüilidade e segurança nesta Palavra, nesta promessa de Deus, como fez Abraão na antigüidade. A Abraão foi feita a atordoante promessa de que por meio da sua semente as nações do mundo seriam abençoadas, e que dele viria o Messias. E ele creu nisso. Eu e vocês temos que crer em algo igualmente atordoante, que Cristo foi entregue por *nossos* pecados, e foi ressuscitado para *nossa* justificação. O cristão é alguém que repousa nesta Palavra de Deus que lhe vem mediante a ressurreição de Jesus Cristo, e em tudo o que isso inclui. Está tudo ali – a encarnação, a vida, a obediência, a morte, o

sepultamento, a ressurreição, a ascensão.

Obviamente, o crente é alguém que pára de justificar-se ou de tentar justificar-se por suas obras ou por qualquer outra coisa. Você gostaria de saber com certeza que tem a fé justificadora? Aqui está a maneira de encontrar a resposta: nalgum sentido você está olhando para si mesmo? Nalgum sentido você estaria confiando, mesmo na mais diminuta medida, em algum bem que você já fez, ou em algo que você alguma vez foi? Você estaria pondo sua confiança em sua fé? Você acha que é a sua fé que o salva? Seria isso? Seria essa a sua justiça? Se é, você não está salvo, você não é cristão, porque o cristão olha só e inteiramente para a justiça de Jesus Cristo. Toda a sua justiça está em Cristo. A fé cristã é uma fé que olha somente para o Senhor Jesus Cristo, e para nada e para ninguém mais.

Permitam-me ressaltar o ponto dizendo o seguinte: o cristão é um homem que, como Abraão na antigüidade, crê na Palavra de Deus apesar de tudo o que ele sabe a respeito de si mesmo. Acaso vocês se lembram do que nos é dito acerca de Abraão? "E não enfraqueceu na fé, nem atentou para o seu próprio corpo já amortecido, pois era já de quase cem anos, nem tão pouco para o amortecimento do ventre de Sara". Abraão creu no que Deus disse, a despeito do fato de que sabia que estava com noventa e nove anos de idade, e a despeito do fato de que sabia que o ventre de Sara estava amortecido, e que, no sentido natural, não lhes seria possível terem um filho. Que é fé justificadora? É a fé que crê no que Deus diz em Cristo, a despeito de tudo quanto eu sei a respeito de mim mesmo, dos meus pecados passados, da minha pecaminosidade presente, a despeito do fato de que eu sei que continuo tendo uma natureza má dentro de mim, que me faz dizer com Paulo: "Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum" (Romanos 7:18). Fé justificadora é aquela que capacita o homem a crer na Palavra de Deus a despeito de tudo isso, a crer na Palavra de Deus a despeito de

conhecer sua fraqueza, sua propensão para a queda, sua propensão para o fracasso – fé justificadora é isso.

Devemos lembrar-nos sempre desta analogia de Abraão. Como é proveitosa e animadora! A fé que Abraão tinha era uma fé que se firmava na Palavra de Deus e dava glória a Deus, apesar de tudo o que ele sabia a respeito de si mesmo. A minha fé, e a de vocês, deve ser igual à dele. De nada adianta dizer: "Eu de fato gostaria de crer nisso, mas tenho sido um terrível pecador". Se você diz isso e introduz esse "mas", você não é cristão, de modo nenhum. O cristão é o homem que diz: "Sim, que lástima, é verdade; tenho sido um pecador vil, horrível e sem esperança; contudo, eu creio e eu me mantenho justo na presença de Deus em Cristo". Ele pode encarar o seu passado, pode olhar para dentro de si e ver a vileza, a corrupção do pecado permanecendo ainda nele, e quando o diabo lhe diz: "Você pensa que tem direito de dizer que é cristão?", ele responde: "Sim, penso. Apesar do fato de que tudo isso é a pura verdade a meu respeito, eu sei que sou justo em Cristo". Ele não olha para si mesmo em busca de justificação; ele olha para Cristo e para tudo o que ele é em Cristo. Ele crê nesta Palavra acerca da ressurreição, na proclamação feita por Deus ao ressuscitar Cristo dentre os mortos. Ele olha para isso, apesar de tudo. Se você não pode fazer isso, v ocê não tem a fé justificadora. Fé é este confiante protesto contra toda e qualquer voz que nos ataca vinda de dentro de nós e do inferno. A fé levanta-se com Paulo no capítulo 8 e diz: "Quem intentará acusação contra os escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica". Quem nos condenará à luz disso? Nada nem ninguém. Isso ocorre apesar do que sabemos acerca de nós mesmos, do que a Lei sabe acerca de nós, do que o inferno sabe acerca de nós. Portanto, pare de falar dos seus pecados passados, pare de falar da sua pecaminosidade atual. Nesta questão de justificação você não precisa mencionar nada disso. Simplesmente fique como está na justiça de Jesus Cristo, e, estando nEle, creia na

estonteante Palavra de Deus a respeito de você.

Essa é a palavra final – Abraão não vacilou face à grandeza da promessa. O diabo virá a você, e vozes no seu interior lhe dirão: "Como é possível que eu diga uma coisa dessa natureza? Vejam esta vida na qual estou entrando como se vê no Sermão do Monte, vejam as vidas dos santos, e a vida de Jesus Cristo. Eu sou tão fraco, estou falhando constantemente – como posso?" Você deve dizer simplesmente: "Eu creio nesta palavra da ressurreição, eu creio na antiga palavra dita a Abraão. Aquele homem estava morto fisicamente, por assim dizer, como também o ventre de Sara. Mas Deus lhe disse que eles teriam um filho. Ele creu em Deus, e eu creio em Deus. Eu creio nisso, apesar de ser fraco, desvalido, desesperançado, vil e sem forças; creio neste Deus da ressurreição, neste Deus que pode "dar vida" às coisas que não são, "que vivifica os mortos, e chama as coisas que não são como se já fossem". Eu creio que ele pode chamar à vida, dentro de mim, um novo homem e uma nova natureza, e dar-me força e poder". Isso é fé cristã. Fé justificadora é isso. É fé que habilita o crente a atrever-se a crer na pura palavra de Deus, que um dia ele estará "sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santo e irrepreensível". Graças a esta fé ele pode crer "que aquele que em nós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao dia de Jesus Cristo" (Filipenses 1:6), e pode permanecer confiante e desafiar tudo e todos. Possuindo-a, ele não mais teme a morte e o túmulo. Na verdade, ele já não teme o juízo final, porque sabe que "passou do juízo para a vida" em Cristo Jesus.

Isso soa como se o crente estivesse se jactando; mas é humildade extremada, porque ele olha inteiramente para fora de si mesmo e totalmente para o Senhor Jesus Cristo. É aquela fé pela qual o crente descansa na palavra, na proclamação, na declaração de Deus quando Ele ressuscitou Jesus nosso Senhor dentre os mortos. À semelhança de Abraão, você nunca deve olhar de novo para si mesmo, nem para coisa alguma que com verdade se possa dizer de você. Você foi justificado a despeito

disso tudo; foi o que Deus fez em Cristo. Olhe para isso, descanse nisso, esteja confiante nisso. Levante a cabeça com ousadia; sim, digo-o com reverência, vá para a presença de Deus com "santa ousadia" e "em inteira certeza de fé"; não ousadia baseada em você, mas em seu Mediador, em seu grande Sumo Sacerdote, nAquele que Deus ressuscitou dentre os mortos a fim de fazê-lo saber que os seus pecados receberam o devido tratamento na cruz, uma vez e para sempre, e que Ele o vê como Seu filho querido.

Ousado lá estarei, no Teu grandioso dia,
Pois a acusar-me ainda, quem se atreveria?
Absolvido estou, graças a Ti, Senhor,
Da culpa e da vergonha, do pecado e temor.
– Zinzendorf
(Da tradução inglesa por João Wesley)

Os terrores da Lei e de Deus o terror
Nada podem fazer-me nem pôr-me culpa;
A obediência e o sangue do meu Salvador
Minhas transgressões todas para sempre ocultam.
– Toplady

Romanos

Há muito tempo o Dr. Lloyd-Jones é reconhecido como expositor minucioso de passagens bíblicas e em nenhum lugar se vê com maior vantagem o método dele do que na sua exposição de *A Epístola aos Romanos*. A série sobre esta, possivelmente a mais grandiosa de todas as Epístolas, foi pregada originalmente às sextas-feiras à noite na Capela de Westminster desde outubro de 1955 até março de 1968, e entrará na história como um marco no meio do século XX.

Este, o primeiro em inglês, trata de capítulo 3:20 a 4:25. Neste, o pregador caminha passo a passo através do raciocínio gigantesco do apóstolo Paulo sobre a expiação e a justificação, todavia a detalhada exposição não ofusca uma visão clara da Epístola na sua totalidade.

[redacted]

De fato, é mostrado constantemente ao leitor como cada seção se ajusta ao tema integral do plano de salvação provindo de Deus.

A Epístola aos Romanos tem um profundo significado para os dias atuais e a forma sermonária, dirigida diretamente ao ouvinte, torna cada exposição clara e cativante.

Nascido no país de Gales, o Dr. Lloyd-Jones estudou no hospital São Bartolomeu (Londres) e posteriormente praticou a medicina como assistente do famoso Lorde Horder. Depois de deixar a medicina em 1927, ele se tornou o ministro de uma igreja presbiteriana em Aberávon, no sul de Gales. Permaneceu alí até 1938, quando então mudou-se para Londres a fim de participar do ministério na Capela de Westminster, junto com o Dr. G. Campbell Morgan. Esse ministério durou por 30 anos, até Dr. Lloyd-Jones aposentar-se em 1968. A partir daí ele passou a exercer um ministério de pregação mais amplo e a escrever livros até pouco antes da sua morte em 1981.

PES

PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS
Rua 24 de maio, 116 – 3º andar – salas 14-17
01041-000 – São Paulo – SP